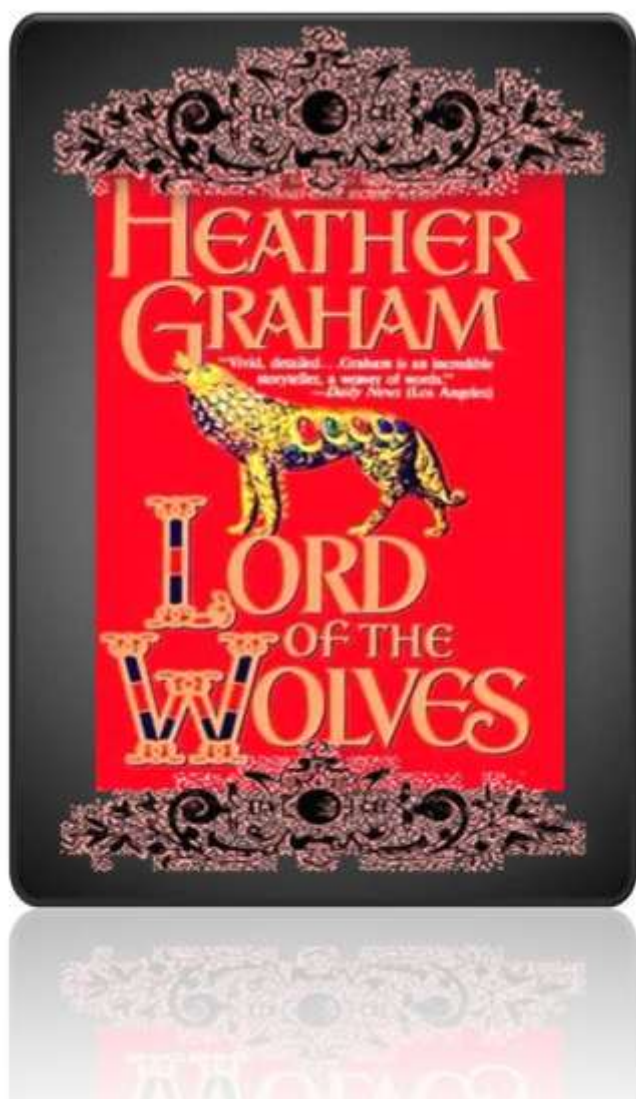




ROMANCES HISTÓRICOS

Heather Graham

TERCEIRO LIVRO DA TRILOGIA VIKING



O SENHOR DOS LOBOS



Tradução/Pesquisas: GRH

Revisão Inicial : Ana Claudia.

Revisão Final: Ana Paula G.

Formatação: ๕๕ NĪTA ๕๓๕.







Nota da Revisora Ana Claudia:

Adorei o livro, apesar da mocinha mimada, egocêntrica e algumas vezes muito chata, vale à pena ler, pois o mocinho compensa os defeitos dela. Mesmo sendo um feroz guerreiro ele também é paciente e carinhoso e além de tudo tem pegada. As cenas hot não são muitas, mas são muuuuuito quentes.

Nota da Revisora Ana Paula:

Só uma palavra: AME!!!!!!!!!!!!!!

RESUMO

No século IX Melisande, uma indômita condessa gaulesa, deve contrair casamento com Conar MacAuliffe, um viking chegado da Escócia e conhecido como Senhor dos Lobos.

Melisande sente imediatamente uma irresistível atração pelo belo escocês, mas fiel a sua natureza rebelde se mostra distante e esquiva. Entretanto, quando Conar parte para a guerra, a saudade se apropria dela.

Mais tarde as adversidades e um inimigo comum unirão para sempre o casal.



Heather Graham, especialista em novela histórico-romântica, conseguiu situar repetidamente seus livros na lista de títulos mais vendidos do New York Time.

“Um relato vívido, cheio de detalhes... Heather Graham é uma extraordinária narradora, tece as palavras de uma maneira magistral.”

Los Angeles Daily News



Este livro é dedicado às amigas da infância, com gratidão pelas lembranças íntimas e as noites compartilhadas, e por todas as histórias que nos contamos e os sonhos que entretecemos.

A Patty Hil McVay, Patty Barbara Holland, Debbie Coule Dombroski, Marsha Wagner Penna, e em especial a Ann Dulaney Ahern, que nunca deixou de nos fazer rir.

A Sherri Adair Tatum, Brenda Hunt Causey e Carol Zebrowski Thompson, com um agradecimento especial pelo maravilhoso apoio que sempre me deram.

E muito especialmente a Debbie Durfey Crair; se a amizade for ouro, a sua é de 24 quilates.



PREFÁCIO

O SANGUE DO LOBO

Ano de 865

Costa do Eire

Terra da Scotia

O alto garoto estava tenso, com o coração agitado pela indignação. Tinha o cabelo de um loiro dourado e já era mais forte do que o normal para a sua idade. O vento soprava com violência, mas ele suportava seus embates como se lhe dessem vigor.

Sua mãe tinha reprovado sua conduta e o tinha acusado de comportar-se como um viking.

Mas ele era um viking!

— Olhe o mar, filho — disse seu pai. O rei apoiou as mãos em seus ombros. — Olhe como rompem as cristas das ondas. Imagina que são nossos navios. Uma grande frota de navios ligeiros, resistentes, navios que sulcam as águas, capazes de fazer frente a qualquer tormenta! Olhe suas esculturas de proa, filho, cabeças de dragão com os dentes à mostra, as bocas abertas como se rugissem. Veja as esculturas, a arte com que são construídas. Ninguém pode negar: Somos os senhores do mar.

— Vikings pai — disse ele sorrindo. — Somos vikings. E nossos navios ainda navegam por aqui.

— São os melhores navios, como demonstramos em quase todo mundo. É um mundo no qual freqüentemente sofremos ataques, e no qual freqüentemente



fazemos alianças. Por isso necessitamos navios resistentes — comentou o rei pensativo. — Sim, com efeito, somos vikings, noruegueses por um lado, e irlandeses por outro. Às vezes não é prudente recordar isto a sua mãe, filho.

O garoto sorriu. Sua mãe era uma princesa irlandesa, dos pés à cabeça. Tinha-lhes ensinado as grandes leis da hospitalidade de seu país, e também as leis Brehon, o conjunto de normas pelas quais se regia a Eire e que eram à base da civilização dos povos. Tinha cuidado para que aprendessem arte e história, língua e religião. Entretanto, o garoto não tinha certeza se sua mãe importava-se realmente que seu pai fosse um viking. Em todo caso, seu pai era um grande homem. Talvez no passado tenha sido um invasor, mas ficara para lutar pela terra que tinha invadido e por sua gente.

O garoto estava ali porque sua mãe tinha-lhe enviado para ver seu pai.

Colocou-se em confusões por culpa de Leith, que lhe tinha tirado sua espada recém esculpida, a bela espada que seu avô tinha desenhado para ele.

Leith sempre tinha tudo, ou achava que tinha. É que Leith era o primogênito, o herdeiro de seu pai. Reinaria naquelas terras tão férteis e verdes, tão formosas, naquelas terras que tanto amavam. Sabia. Compreendia-o, inclusive amava a seu irmão. Leith tinha sido educado para ser rei; era mais velho e mais sábio que ele, circunspeto e, como sua mãe, muito reflexivo e com um grande sentido da justiça.

Mas tinha tentado tirar-lhe a espada.

Pior ainda, a briga tinha começado na capela, durante a missa. Sua mãe o tinha pegado pela mão e tirado da igreja, pousando nele seus olhos verde esmeralda com profunda ira.

— Leith me tirou a espada — ele protestou com a mandíbula apertada e o olhar aceso. Deveria ter se desculpado, é obvio. Adorava a sua mãe e lamentava decepcioná-la.



Mas não estava disposto a desculpar-se.

— A terra pertence a ele. Dubhlain pertence a ele — havia dito ele energicamente, elevando a pequena espada de madeira que levava na mão. — Defenderei até a morte seu direito de reinar nela contra todos os invasores. Mas esta espada, mãe, é minha!

“Que paixão e que segurança há em suas palavras!”, pensou a rainha. Seu filho era tão orgulhoso, tão decidido!

Ficou angustiada, porque se deu conta de repente, apesar da juventude de seu filho, de que seria como seu pai. Amaria a seus irmãos e irmãs e honraria a terra em que tinha nascido.

Mas necessitaria mais, ansiaria mais, lutaria por mais.

A rainha tinha visto nele, com certo desgosto, uma versão em miniatura do grande Lobo da Noruega; seus outros filhos se pareciam com ele, mas talvez nenhum tanto como aquele. Tinha o cabelo de ouro puro, as sobrancelhas muito arqueadas, e os traços de um homenzinho, com feições finas e duras.

Seus olhos recordavam o frio azul nórdico do povo de seu pai, um azul luminoso, direto, penetrante. Era apenas um menino, mas era tão difícil apartar os olhos de seu olhar! Tinha os gestos de seu pai. Era alto, quase tanto como ela, e seus ombros prometiam umas costas largas.

E sua vontade...

Sua vontade era de ferro.

— Não sou o primogênito, mãe — tinha explicado com impaciência brandindo a espada de madeira que com tanta determinação tinha recuperado. — Mas não deixarei que me tirem tudo!

— É filho de um rei conhecido em todo mundo civilizado — replicou ela. — E...



— E deixarei minha marca nesse mundo — ele interrompeu em um tom desafiante.

— Seu comportamento de hoje é imperdoável — disse ela elevando os braços com fúria. — Está se comportando como um viking!

— Meu pai é um viking, mãe.

Ela respirou profundamente para tentar dominar-se. Tinha sobrevivido uma vez a esse temperamento. Teria que voltar a lutar contra ele?

— Um viking muito irlandês, filho, domesticado pela terra, por...

— Por você? — ele perguntou com atrevimento.

Ela, surpreendida, abriu desmesuradamente seus olhos esmeralda e se pôs a rir.

— Não, não acredito. E não te ocorra dizer semelhante coisa a seu pai. É um viking, mas um viking civilizado que lê, pensa e reflete; um homem justo, capaz de aprender tudo sobre um povo.

— Viking, apesar de tudo.

— Muito bem, meu jovem Lobo! Seu pai viking foi ao escarpado, assim vá contar-lhe suas penas.

Erguendo-se em toda sua altura, e cheio de fúria outra vez, começou a andar.

— Filho — chamou sua mãe e, quando ele se voltou para ela, sussurro-lhe. — Te amo muito.

Estas palavras dissiparam parte de sua fúria. Depois de sorrir a sua mãe, tinha retomado a marcha, e quando ultrapassou as muralhas que rodeavam seu lar, correu através dos verdes campos para o escarpado onde estava seu pai.

Ali o encontrou, era o guerreiro por definição. Estava erguido, olhando ao mar, com um pé apoiado em uma rocha.

— Sente falta, pai?



— Não, filho, porque encontrei meu lugar no mundo — respondeu olhando-lhe. Suspirou — . Acusam os vikings de muitas coisas más, com razão em muitos casos. Mas eu nunca saqueei estas terras, filho. Vim para conquistá-las, sim, mas sempre para construir algo nelas. Converti esta terra em uma terra forte, e ela me deu...

— O que, pai?

— Deu-me beleza e paz. Um lar. E deu a sua mãe.

O garoto sorriu. Estava junto a seu pai, calçando botas de couro, apoiado em uma rocha, os braços cruzados sobre o peito, os olhos azuis fitando o mar. Sentia seu chamado, como sentia o chamado das lendas dos deuses de seu pai, os grandes guerreiros que celebravam banquetes no Valhalla, o furioso Odin que cavalgava pelos céus com seu cavalo de oito patas.

— Navegar pode ser bom — murmurou seu pai— . Bom para explorar. Bom para viver como um viking. Para empunhar sua espada em defesa de outro, talvez, para encontrar o lugar que te corresponde.

Seus olhares se cruzaram.

— Eu quero navegar por estes mares — exclamou o garoto com paixão, ao mesmo tempo em que jogava a loira cabeleira para trás e elevava a espada de madeira para o céu, para a morada dos deuses de seu pai, Odin e Tor, para a tormenta, os raios e os trovões. Sua capa se agitou ao vento. Fechou os olhos e sentiu o ar marinho. — Navegar por estes mares — repetiu mais suavemente. — E encontrar meu lugar no mundo, e reinar nele. Serei a lei e levarei a paz. Não posso ser o rei de Dubhlain, como meu pai, mas serei seu filho. Vou ser chamado de Senhor dos Lobos, pai, como o grande lobo da Noruega. Lutarei pelo bem...

— E pelo que é seu? — perguntou o rei, divertido, embora já soubesse que assim seria.



— E pelo que é meu sempre! Lutar é a forma de conquistar uma terra, não é assim, pai?

— Bom, filho, é uma das formas de conquistar uma terra. — Sorriu. — Também pode se casar para consegui-la.

“Casar-se por ela, ou lutar por ela”, refletiu.

— E às vezes, filho — disse o rei com um sorriso— , deve fazer exatamente as duas coisas.

O garoto voltou a olhar o mar.

— Viverei como um viking, e encontrarei o lugar que me corresponde, custe o que custar, lutando contra meus inimigos ou contra minha esposa.

Estalou um relâmpago no céu. O rei elevou o olhar. “Mergwin teria chamado isso de presságio”, pensou o rei norueguês de Dubhlain. Teve uma sensação estranha, não de desgosto, mas sim como um aviso. Soube, sem necessidade de voltar-se, que Mergwin estava às suas costas, olhando sucessivamente ao garoto e ao céu. Suspirou.

— Bem, mago, o que vais dizer-me?

Mergwin, com o cabelo branco e a longa barba flutuando ao vento, olhou ofendido ao rei.

— Não sou um mago, Olaf da Noruega.

— Está certo, druida e mestre das runas. — replicou o rei com voz lenta.

O garoto olhou ao ancião e lhe dirigiu um breve sorriso; em seguida voltou a olhar o mar com intensidade.

— Zomba de mim depois de tantos anos, senhor de Dubhlain? — perguntou Mergwin.



— Fale, então. — sorriu o rei. — Uma vez me disse que Leith teria uma vida larga e agradável, e que reinaria com sabedoria. Prometeu que Eric nasceria em um dia de tormenta. O que tem que me dizer sobre Conar?

— Como vou saber senhor dos vikings. O que quer que faça? Que sacrifique um cordeiro e reze aos antigos deuses? Eu sou como seu filho, meio irlandês, meio norueguês! Entretanto, ao olhá-lo hoje, vejo apenas o norueguês. Fecha os olhos, grande rei. Imagina como será seu filho quando for homem!

Olaf não estava realmente seguro de ter fechado os olhos, mas por um momento acreditou ver seu filho transformado em um homem, majestosamente alto e loiro, com uma musculatura firme e um corpo vigoroso, um guerreiro capaz de desafiar a qualquer inimigo de deuses ou homens.

— Sim, meu senhor, este filho viajará como você. — Predisse Mergwin com voz suave. — Será poderoso, forte e sagaz. E navegará.

— Aonde ira? — perguntou o rei.

Mergwin vacilou e franziu o cenho.

— Suas viagens o levarão ao sul, através do canal, e em seguida encontrará o que busca.

— E depois?

— Depois terá que lutar para conservá-lo. E... Para conservá-la. Não será fácil. Virão inimigos, e ao final terá que travar uma batalha como nunca se viu outra.

— Conservá-la? Mergwin, quem é ela?

O druida encolheu os ombros, olhou ao garoto que se erguia frente a ele, alto, firme e orgulhoso, com os olhos azuis treinados para esquadrihar o mar.

Suspirou. Brilhavam-lhe os olhos quando seu olhar cruzou com o do soberano de Dubhlain.



— Não devo sacrificar um cordeiro à maneira dos antigos druidas, não é assim, senhor? Não. Isso não estaria bem. — Pegou uma bolsa que pendia do cinto de sua túnica e a agitou ligeiramente—. Recorda senhor, que como seu filho, eu sou em parte viking e em parte irlandês, e que essa é a razão de minha força. Para ele, então, devo utilizar as pedras vikings.

Viking! Olaf fechou os olhos, com a repentina certeza de que seu filho viveria como seus antepassados, cruzando os mares em direção a terras longínquas onde encontraria uma mulher, uma mulher contra quem combater, com quem casar-se; talvez suas vidas corressem perigos constantes, porque estariam enfrentando-se, lutando entre si...

Tinha desejado a paz para seus filhos. Mas aquele não era um mundo pacífico.

Olhou ao garoto e teve a certeza de que, por mais que lhe doesse, teria que vê-lo partir.

Mergwin se agachou de repente, agitou a bolsa e jogou no chão as runas de madeira finamente esculpidas.

O vento ululou. Outro relâmpago sulco o céu.

— Em efeito, O chamarão de Senhor dos Lobos, como seu pai — disse Mergwin.

Olaf olhou ao seu filho e em seguida ao chão, para examinar os símbolos de cada um das pequenas peças de madeira. Mergwin elevou o olhar para ele sorrindo zombadoramente.

— Assim será. Assim decidiu o relâmpago, como se o próprio Odin tivesse gravado as palavras no firmamento.

Olaf emitiu um grunhido e cruzou os braços.

— E me diga, ancião, que mais gravou Odin no firmamento? Aonde o levarão seus navios? E quem é essa mulher?



— Paciência, senhor, paciência — disse Mergwin com um sorriso malicioso. Elevando uma sobrancelha, primeiro olhou ao jovem alto que se encontrava na borda do escarpado e em seguida a Olaf. — Vejamos o que dizem as runas. Como os vikings, para um príncipe viking...

— E a mulher? — insistiu Olaf.

— Sim. A mulher. É muito formosa — disse Mergwin.

— Mas feroz, suponho.

— Como uma tempestade! — concordou Mergwin sorrindo. Mas a risada congelou nos olhos e sua voz se tornou reflexiva e grave. — Sim, esperam-lhes tormentas, seus inimigos serão milhares e para vencer a todos, eles deverão sobreviver...

— Sobreviver a que?

Mergwin acariciou a barba.

— A si mesmos, suponho.

— Segue lendo — ordenou o rei.

E ali, no escarpado íngreme e batido pelo vento, predisse o futuro do garoto e da que seria sua mulher.

PRIMEIRA PARTE



A SENHORA E A TERRA.

INICIA-SE A BATALHA

CAPÍTULO 01

Primavera do ano 885

Costa da França

— Melisande! Melisande! Seus navios chegaram!

Ao escutar estas palavras, Melisande, que tinha estado andando de um lado a outro em uma atividade febril, ficou paralisada no meio de seu quarto da torre, imersa repentinamente em muitos temores e esperanças.

Nunca tinha acreditado que ele retornaria!

Mas ao ouvir Marie do Tresse que anunciava a chegada dele aos gritos do passadiço de madeira, frente à porta aberta da torre, não lhe cabia dúvida de que vinha cumprir a promessa de recuperar o que era dele.

Olhou um momento a cara ansiosa de Marie, soltou a cota de malha delicadamente esculpida que levava na mão, atravessou com precipitação a sala e correu pelo passadiço do muro de pedra para esquadrinhar o mar por cima do passadiço.

Sim, em efeito, dirigia-se para a costa.

Tinha vindo pela primeira vez em um dia como aquele. Parecia que tinha passado tanto tempo! Será que ia surpreendê-la sempre na adversidade? Sempre tinha que se perguntar se vinha em seu resgate ou para liquidá-la por completo.

Dessa vez não havia dúvida: tinha vindo pelo que considerava dele.



Sentiu frio e calor. Tocou a face com o dorso da mão, e notou o rosto ardendo e a mão gelada.

“Meu deus! — pensou — Vem para cá! Vem para cá!” estremeceu. Parecia que tinha transcorrido muito tempo desde a última vez que o viu! Como se não tivesse o bastante com mil dinamarqueses sob as ordens do aborrecido Geoffrey, às portas de seu castelo! E agora ele! Depois de tanto tempo. Talvez tivesse esquecido a maioria das coisas que tinham ocorrido.

E talvez recordasse tudo!

Que situação tão grotesca! Os dinamarqueses não lhe inspiravam nem a metade do medo que o infundia ele!

Não. Medo não.

Sim! Tinha medo! Medo por tudo o que tinha feito.

E medo pelo que sua chegada significava.

Já estava muito perto. Podia ver seu navio, via a ele!

Era uma nave extraordinária, com uma enorme escultura de proa em forma de dragão, que ele comandava da mesma forma que muitos anos atrás, quando o viu pela primeira vez.

Calçava as mesmas botas, apoiava um pé no leme e levava os fortes braços cruzados sobre o peito musculoso.

Atrás dele se agitava, sacudida com força pelo vento marinho, uma capa vermelha, fechada no ombro com um antigo broche gravado com símbolos celtas. O vento alvoroçava também seu cabelo abundante e loiro como o sol.

Ainda não podia ver seus olhos, mas tampouco precisava vê-los; conhecia-os muito bem.



Sim. Recordava sua cor, um azul assombroso e penetrante. Azul do céu, azul marinho, mais profundo que o cobalto, mais resplandecente que uma safira. Olhos que ao olhá-la a transpassavam e despiam sua alma.

— Então não ia vir? — perguntou de forma zombadora às suas costas uma voz masculina e sonora.

Voltou-se com rapidez. Ragwald estava junto a ela na passarela, velho como a lua, resmungava como uma avó. Fez-lhe um gesto de advertência com o dedo.

— Não pode descumprir um pacto com um homem como ele.

— Eu não fiz nenhum pacto. Foi você.

— Fiz isso para salvar nossas vidas — recordou Ragwald com grande dignidade. — E graças a Deus que o fiz, pois parece que você vai necessitar de um homem de novo. Mas também pode ser que o jovem chefe viking esteja zangado e não venha com ânimos de ajudar, não é?

— Me escute! — começou Melisande, disposta a lhe recordar que ele era apenas um conselheiro, e ela, a condessa, e que lhe correspondia, portanto, a última palavra. Mas se interrompeu mordendo nervosamente o lábio inferior. Havia um perigo mais imediato. Quando se inclinou para olhar para baixo da sua posição estratégica na muralha da fortaleza, viu que seus homens já tinham entrado em combate.

De que forma estranha as coisas ocorriam! Os inimigos contra quem combatia, eram os mesmos do longínquo dia que o viking tinha chegado pela primeira vez, e justo quando seus navios se aproximavam, sulcando as águas com suas grandes esculturas em forma de dragão, achava-os encetados em uma nova luta.

Tudo era estranho: o dia estava cinza, estalavam os relâmpagos e ressoavam os trovões. Estranha era sua inclinação a apresentar-se ante ela em semelhante



tormenta, como se fosse um deus, lançando raios como se dando rédeas soltas a sua própria fúria.

“Como ele virá? — Pensou Ragwald. — Terá vindo nos aniquilar ou nos resgatar uma vez mais? Um viking norueguês se aproxima para lutar contra vikings dinamarqueses!”

Por um momento Melisande se perguntou com tristeza como era possível que vivesse em uma terra tão anárquica. Desde menina adorava ouvir seu pai falar sobre o grande imperador Carlos Magno, sobre seu amor pelas artes, a astrologia... E a paz!

Mas Carlos Magno, como seu pai, tinha morrido. Seu reino tinha acabado fazia quase um século, e muitas coisas tinham mudado após isso. Carlos o Gordo reinava em Paris. Mas não estava ali, achava-se em algum lugar da Itália enquanto os dinamarqueses saqueavam a costa e se dirigiam para Rouen, para ficar segundo todos os indícios.

Uma vez mais, os inimigos de Melisande se uniram aos dinamarqueses, para tentar lhe arrebatá-lo que, por direito, pertencia-lhe.

Tinha lutado contra eles antes. Desde aquele dia, anos atrás, em que seu pai morreu, tinha aprendido a não gritar quando via um homem cair sob uma espada inimiga. Tinha aprendido a não tremer ante os gritos de guerra, e, sobre tudo, a não fugir. Ela era tudo o que restava a seu povo, e tinha aprendido a mandar.

O homem que se aproximava da costa com seus navios nunca teve a intenção de que ela governasse. Mas tinha passado muito tempo desde seu primeiro encontro, e tinham ocorrido muitas coisas depois.

Coisas que sem dúvida o fariam desejar estrangulá-la com suas próprias mãos. Quase podia senti-las no pescoço.



Esse pensamento lhe produziu calafrios. Sentiu-se incrivelmente frágil. Tinha jurado que não queria saber nada dele, entretanto, sua mera lembrança a fazia tremer.

Aí estava precisamente o problema! Não se atrevia a lhe mostrar sua fragilidade, nunca ousaria compartilhar com ele suas impressões nem abrir seu coração. Nunca poderia deixá-lo saber que ele enchia seus dias, sua vida, que seus pensamentos nunca se separavam dele.

Especialmente nesse momento. Não podia ser frágil, nem permitir-se o luxo de pensar em si mesma em tais circunstâncias.

Não devia temê-lo. Temer seu contato, pensar nele, aborrecê-lo, esperá-lo, ansiá-lo. Não podia odiá-lo, amá-lo, desprezá-lo, desejá-lo...

Percebeu então que seus homens estavam em apuros, em graves apuros. Do passadiço via como mudava a posição dos guerreiros, vislumbrava a certeza de uma derrota que eles não podiam apreciar.

— Deus nos proteja! — gritou Melisande — . Oxalá alguém venha em nossa ajuda! Devo me apressar. Olhe Ragwald! Nossas tropas estão dispersando!

O ancião a agarrou pelo braço.

— Pare! Não vá! Deixa que chegue o viking! Um dos dois bandos vencerá ou os dinamarqueses ou os noruegueses. Deixa que sejam eles quem lute! Fique aqui a salvo esta vez!

Melisande se separou dele, primeiro com fúria, com pena depois.

Ragwald a amava. Nesses escuros dias, o afeto era um sentimento muito pouco freqüente.

— Recordou-te, querido conselheiro, que você me enviou a lutar pela primeira vez. Sou a condessa! Defenderei este lugar! Tem razão em algo, devemos deixar que



os vikings lutassem entre si. Mas primeiro tenho que tirar nossos homens da armadilha em que caíram.

— Espera! — gritou Ragwald — . Olhe! Seus navios estão encalhando!

— Não posso esperar Ragwald — disse arrastando-o até a borda da ameia de onde assinalou a praia que se estendia a seus pés. Seu pai tinha construído uma fortaleza excepcional. Uma obra murada, um castelo. Estas construções abundavam na região desde o último século, época em que os vikings tinham iniciado suas constantes incursões, mas a sua era um exemplo magnífico do que devia ser uma construção de defesa. Estava situada sobre uma colina, com um porto seguro e uma praia diante dos altos muros de pedra. A maioria dos castelos ou fortificações era de madeira, mas seu pai tinha reconhecido a tempo a grande vantagem da pedra: não se incendiava, dentro das muralhas do castelo estava à promessa da segurança. Havia um grande pátio central com espaço suficiente para homens e animais, ferraria, coqueiras para os esplêndidos cavalos de guerra, oficinas para os artesãos, cozinhas. À esquerda e à direita das muralhas, descendiam profundos precipícios, formados por grandes escarpados que se elevavam sobre o mar. Das ameias, a vista parecia interminável, e postando-se em cima deles se podia obter muita informação. Sim, a engenhosa construção da fortaleza a tinha mantido incólume inclusive nas ocasiões que as tropas que tinham ficado para defendê-la eram de um número reduzido de homens.

Melisande aproveitou plenamente a vantagem que lhe dava sua privilegiada posição.

— Olhe Ragwald! Aí está Philippe, e ali Gastón; suas forças se estão dispersando, entretanto se acham tão encetados na batalha que não podem perceber. Devo ir!



— Melisande! Não! — repetiu o ancião. Segurou-a por braço quando se pôs a correr. Olhou-a nos olhos e, por uma vez, Ragwald pôde ver neles um brilho de medo.

Medo Melisande? Melisande não temia nada.

“Exceto ao viking”, pensou Ragwald em silêncio. Sempre lhe tinha inspirado medo. Enfurecia-a e a fascinava ao mesmo tempo. Talvez tivesse suficiente sentido comum para temê-lo nesta ocasião, e para rezar para que tivesse vindo em sua defesa. Embora não estivesse seguro que fosse assim, porque afinal, ela tinha desobedecido todas e cada uma de suas ordens.

Além disso, estava disposta a tomar sua espada e montar em seu cavalo Guerreiro para combater.

— Não o faça — advertiu ele, enquanto a agarrava uma vez mais com força.

— Devo fazê-lo — gritou ela com uma voz rouca que denotava desespero, os olhos muito abertos e uma expressão selvagem no olhar, sucumbindo à tempestade de suas emoções.

— Não...! — começou Ragwald de novo. Mas ela já escapava dele e se afastava correndo pela ameia em direção à torre. — Melisande! Melisande!

Seu nome ficou no ar e o eco pareceu repeti-lo como uma brincadeira.

Não importava. Foi-se. Ragwald caminhou ansioso de um lado a outro do passadiço, o ponto mais alto da fortaleza. De lá via o pátio central, a muralha, as paredes exteriores, os campos que se estendiam além das portas do castelo, e inclusive o mar.

Dez minutos mais tarde viu Melisande. O coração do ancião deu um tombo.

Estava montada em Guerreiro diante das portas. Vestia a cota de malha dourada que tinha estreado fazia já muitos anos.

Estava como a primeira vez que se pôs à frente de seus homens.



Ragwald percebeu que os navios vikings tinham atracado. De onde estava divisava seu chefe, que chegava num navio de guerra cônico. Estavam desembarcando os cavalos. Aí estava também o seu, Tor, enorme e majestoso, musculoso e ágil como seu amo.

O viking não necessitou dar ordens. Seus homens estavam preparados. Lançaram-se diretamente dos navios à praia, correndo para o combate corpo a corpo ou saltando sobre suas montarias vikings, cavalos que tinham suportado uma e outra vez as travessias marinhas.

Em um momento estavam imersos na batalha.

Ragwald se agarrou com força a borda do passadiço. Melisande também estava na refrega. Longe dos reforços, ia e vinha de um grupo de homens a outro, agitando a espada elevada e ordenando a seus homens que se reagrupassem. Os dinamarqueses, com seus traidores aliados francos, superavam-lhes em numero, talvez houvesse mil deles por cada duzentos soldados de Melisande.

E, conforme Ragwald tinha ouvido, chegavam mais. Milhares mais. Havia rumores de que pretendiam sitiar Paris.

Mas a cidade importava pouco nesses momentos. Melisande tinha agrupado a suas tropas. Ragwald ouviu um grito. Ela estava guiando aos homens para o interior das muralhas da fortaleza. Ordenou aos guardas que subissem grandes caldeirões de azeite fervendo e os jogassem sobre os invasores que se atrevessem a lhes seguir.

As portas abriram-se e as tropas defensoras entraram com Melisande à cabeça.

— Agora!— Gritou Philippe aos homens que se encontravam nas ameias das muralhas exteriores da fortaleza.

Ragwald fechou os olhos. Ouvia gritos de agonia. Os primeiros atacantes se retiraram, repelidos por cascatas de azeite fervendo.



E ali, imóvel, ouvindo os gritos, estava Melisande. Acabava de entrar em seu campo de visão. Estava no pátio, pálida e ereta sobre seu cavalo, enquanto seus homens se precipitavam atrás dela para o interior da fortaleza e giravam ao seu redor.

“Odeia isso — pensou. — Odeia as batalhas. Odeia a guerra.” Tinha percebido no dia em que seu pai morreu, e desde então a paz era para ela seu bem mais prezado.

Mas o que ocorreria se ela perdesse?

Se os dinamarqueses saíssem vitoriosos, as conseqüências seriam terríveis: saques e pilhagens, assassinatos e violações. Nada mais.

E as terras e a fortaleza iriam parar nas mãos de Geoffrey, assim que seus aliados no combate se levassem sua parte da pilhagem.

A sorte de Melisande seria funesta.

E se vencesse o viking?

Melisande consideraria sua situação igualmente desgraçada. Mas seu povo viveria, a fortaleza permaneceria. Fosse qual fosse o destino de Melisande, a vitória do viking seria mais benéfica para sua gente: não haveria pilhagens, nem roubos, nem violações, nem mortes. Melisande sabia e, por isso, aceitaria sua sorte.

— A moça! — Gritaram do exterior das muralhas. — Dêem-nos à condessa Melisande e haverá paz!

Ragwald, do passadiço da torre, via a cena com grande clareza. Era o próprio Geoffrey quem gritava. Tinha saído no encalço de Melisande, mas os guardas, das ameias, o mantinham a distancia com a ameaça dos caldeirões de azeite fervendo. Estava sobre seu cavalo, com os traços deformados pela ira, detido ante as muralhas, enquanto os homens de Melisande lutavam valorosamente para entrar na fortaleza



atrás dela. Logo se congregaria junto a Geoffrey um número suficiente de seus homens e seriam mais numerosas as hostes que arremeteriam contra as muralhas.

Alguns pereceriam no intento.

Outros, sem dúvida, conseguiriam.

Não havia mais de seis metros entre Melisande e seu inimigo, mas a grande muralha de pedra da fortaleza os separava.

Entretanto, a situação continuava sendo difícil. As portas ainda não tinham sido fechadas e asseguradas. A ameaça do azeite fervendo não deteria Geoffrey nem aos dinamarqueses por muito tempo. Não quando o troféu estava quase ao seu alcance.

— É Geoffrey! — Gritou Philippe, detendo seu cavalo junto ao de Melisande.

— Maldito canalha! Veio pedir o mesmo que seu pai antes dele!

Melisande não podia ver como Ragwald às tropas situadas frente à muralha, mas ouvia os gritos com suficiente clareza, e aos cavalos de guerra dar coices com impaciência. Os homens de Geoffrey seguiam agrupando-se, cada vez mais perto das muralhas. Logo uma multidão de impetuosos guerreiros se lançaria contra as portas da fortaleza e nada poderia detê-los.

— Derrubaremos os muros! — gritou Geoffrey ameaçador. — Todos os homens cairão e perecerão. — Assegurou — Melisande os superamos em número!

— Era assim até um instante atrás. Mas a situação mudou.

— replicou ela.

— Sim, chegou o viking, mas chegou a tempo para te salvar? Tenho a alguns de seus homens aqui fora Melisande. Os que não conseguiram chegar à fortaleza. Se tentar nos queimar, também atingirá seus guerreiros. Agora mesmo a vida de um deles esta em perigo.



Melisande olhou para Ragwald, que estava acima, no passadiço da torre. Este, a sua vez, olhou para onde se encontrava Geoffrey: em efeito, um de seus homens tinha uma afiada faca ao pescoço de um prisioneiro.

Ragwald olhou para Melisande e viu em seus olhos que queria saber a verdade. Assentiu.

A condessa se voltou rapidamente para Philippe, sem poder dissimular sua ansiedade.

— Tenho que ir. Não há nada a fazer.

— Muitos homens morrem no campo de batalha, Melisande. Pela sorte de um só guerreiro...

— Philippe! Começarão a avançar a qualquer momento. Mataremos a nossos próprios homens para afastar aos seus. Mais e mais dos nossos perecerão. Se me entregasse...

— Não! — gritou Philippe.

Melisande esporeou a seu cavalo em direção à porta. Desprezava profundamente ao Geoffrey. Odiava-o mais que a ninguém no mundo. Enquanto Guerreiro continuava avançando, negava a si mesma com todas suas forças que pudesse entregar-se a um ser tão infame.

O pai de Geoffrey tinha assassinado ao dela, para apossar-se da fortaleza. Chiam-lhe os dentes.

Não. Acontecesse o que acontecesse, não podia fazê-lo. Porque o viking estava aí fora, e se chegasse a inteirar-se de que se entregou voluntariamente, fossem quais fossem as circunstâncias...

Precisava ganhar tempo.

Deteve seu cavalo e dirigiu seu olhar, além de onde se encontrava Ragwald, nas muralhas interiores que se elevavam ao fundo do pátio, para os parapeitos dos



muros exteriores onde se alinhavam seus guardas. A maioria deles tinha os caldeirões de azeite preparados, mas vários dos melhores arqueiros não tinham soltado ainda as armas. Seu olhar se cruzou com o de um deles.

— Acredita que poderá alcançar ao homem que ameaça a um dos nossos? — perguntou com voz pausada.

— Sim, condessa — ele assegurou.

— Faça-o então. Quando tiver ficado livre, ordene a nossos homens que se apressem. Assegure-se de que entrem, embora arrastem detrás de si a algum inimigo. Depois dê a ordem para que fechem as portas. Rápido!

O arqueiro se voltou. Elevou rapidamente seu arco e apontou.

Ouviu-se um grito.

— Adiante, soldados! — Bradou do passadiço um de seus capitães. Uma turba de homens se precipitou para o interior, onde prosseguiu a refrega.

— Fechem as portas! — gritou ela.

— Melisande! — exclamou Ragwald repentinamente— . Olhe! Chegaram. Estão conosco.

Soou um grito, um grito de raiva e surpresa, profundo, sonoro. “É a voz de Geoffrey”, pensou ela e, por um momento, degustou o prazer de sabê-lo vencido.

O viking tinha alcançado a seu inimigo.

Melisande ouviu o ruído espantoso e metálico das armas ao se chocar. Sentiu o som, ainda mais atroz, das espadas afundando-se na carne.

— Não, Melisande! — exclamou Ragwald de repente.

Da sua posição privilegiada no passadiço da torre, via perfeitamente como se desenvolvia a batalha. Sim, o viking tinha chegado e Geoffrey se retirou a galope da cena da refrega e abandonou os seus homens e à multidão dos dinamarqueses no meio do combate.



Eram muitos para o viking, que tinha separado suas forças em dois grupos: a metade de seus homens tinha somado à temerária corrida que havia posto a salvo às hostes de Melisande, enquanto a outra metade ficou atrás para lutar na retaguarda. A primeira onda de homens era muito inferior em número aos dinamarqueses. O plano do viking era reforçar a guarda na fortaleza e depois procurar proteção nela para retomar a luta de dentro das muralhas.

Mas Melisande tinha ordenado fechar as portas...

Fechar as portas a ele e a seus homens.

“Meu deus!”, rezou Ragwald elevando um momento o olhar ao céu para voltá-lo imediatamente para a batalha que se estava liberando ante ele.

Talvez houvesse uma possibilidade...

Porque agora podia ver o guerreiro que tinha vindo em sua defesa.

Chamavam-no de Senhor dos Lobos, como a seu pai antes dele, conforme tinha ouvido dizer Ragwald. E agora entendia por que. Frente a dificuldades aparentemente sem solução, dava amostras de uma destreza e uma coragem fora do comum. Brandindo sua espada, cavalgava sem hesitação ali onde a batalha era mais virulenta, abatendo a seus inimigos antes que a maioria deles tivessem tido tempo de dar-se conta de sua presença. Das filas dos dinamarqueses saíam alaridos enlouquecidos; alguns investiam contra ele, jogando espuma pela boca, como se contava que faziam os invencíveis guerreiros normandos. Mas todos, sem exceção, caíam esmagados pela força de seus golpes. Cada vez mais homens se lançavam sobre ele. Gritou algo que Ragwald não ouviu, mas que logo compreendeu. Enquanto ele continuava brigando, seus homens trouxeram um aríete. Alguns dos vikings mantinham aos dinamarqueses ocupados, enquanto outros golpeavam com o aríete a porta que fazia tão pouco lhes tinha fechado o caminho.



Ragwald se precaveu bruscamente de que tinha estado boquiaberto contemplando a operação.

— Melisande! — gritou. Mas ela, que estava bradando suas próprias ordens, não podia ouvi-lo no fragor da batalha. Ragwald abandonou apressadamente o passadiço, atravessou correndo a torre de Melisande e se precipitou escada abaixo até a grande sala. Fora, no pátio exterior rodeado pela paliçada, homens, mulheres e crianças, vacas, patos e porcos corriam atropeladamente para o abrigo das grandes muralhas; as mães arrastando a seus filhos, os camponeses aferrando-se a seu prezado gado. Um burro zurrou, os frangos chiavam e grasnavam enquanto voavam de um lado a outro. Ragwald, coberto com sua cômoda e velha capa cinza, que lhe dava o peculiar aspecto de um pássaro gigantesco, apressou-se para Melisande e suas tropas, que nesse momento estavam desmontando, preparando-se para guarnecer as muralhas.

— Esta aqui! — gritou— . É ele quem esta tentando jogar a porta abaixo e lutando contra os dinamarqueses! Deixaste-lhe fora!

A expressão de Melisande mudou ao compreender o que tinha ocorrido, e seus olhos brilharam com horror. Não tinha pretendido lhe negar a entrada; mas nunca lhe acreditaria.

— A porta! — gritou. Mas era muito tarde. O pesado aríete de madeira atravessou a parte mais fraca da estrutura de pedra.

Os vikings sabiam o que faziam. Sim, o senhor Conar sabia o que fazia.

Viu Philippe, ainda montado, cavalgar com rapidez para deter a nova horda que lhes vinha em cima.

— Chame Philippe! — ordenou Ragwald rapidamente.

— Não virá!



— Virá se você disser que o necessita junto a você. Não deixe que seu viking irlandês seja recebido por um atacante, em troca, se for eu a me aproximar saberá que não tenho intenções de lutar contra ele. Chame Philippe. Rápido!

— Philippe! — gritou Melisande. Ele se voltou e Cavalgou com rapidez para ela, que logo compreendeu a sabedoria das palavras do Ragwald. O ancião corria para a porta destroçada, agitando os braços desesperadamente.

Um dos vikings avançou com dificuldade sobre os escombros e ia diretamente para Ragwald como se fosse lhe atravessar com sua espada. Melisande afogou um grito quando o ancião se deteve.

O viking tinha sido o primeiro a entrar! Ia montado em um grande garanhão, negro como o ébano, e usava um capacete que ocultava totalmente a expressão de seu rosto e fazia seus olhos ainda mais penetrantes.

— Venceram-lhes! Geoffrey bateu em retirada! — exclamou Philippe de repente. Pondo-se a rir, com gargalhadas de profundo alívio. — Temos a alguns de seus homens presos na fortaleza. Venha, condessa! Tenho que pô-la a salvo rapidamente e acabar com este assunto. Meu Deus! Atacam-nos de novo...!

— Não, Philippe, não — Melisande o reteve suavemente pelo braço. — Ragwald está com o Lobo.

— Então nos salvamos da praga dos dinamarqueses.

Melisande guardou silêncio, convencida nesse momento de que não havia mal maior que o viking que cavalgava confiante e arrogante por sua fortaleza, com seus fulminantes olhos azuis e suas longas costas. O homem que tinha vindo para tomar-lhe tudo e que não toleraria nenhuma oposição.

Por um momento um sentimento de culpa lhe apertou o peito. Tinha uma dívida com ele, por uma batalha liberada fazia tempo. Mas já lhe pagara, lhe pagara bem! O que ele trazia para ela agora era o insensato acordo que tempos atrás



Ragwald tinha feito com ele. Recordou que esse acordo era provavelmente o que tinha salvado suas vidas.

Nada disso importava. A culpa não atenuava de modo algum o terror que parecia ter se instalado nela. Não podia deter os tremores que a sacudiam. Nunca tinha podido fazê-lo quando ele estava perto. Nem combater o calor ardente, nem o frio gelado que sua presença despertava nela. Sentia violentos calafrios nas costas.

“Não há diferença alguma — pensou — entre um canalha e outro”

Mas, em seu interior, sabia que não era certo. Geoffrey era cruel, desumano e ardiloso como seu pai.

Enquanto que o...

Ele simplesmente queria cortar seu pescoço.

Apesar de seus esforços, Melisande não podia suportar sua arrogância, nem a elegante mulher loira que viajava com ele para todo lugar, nem a humilhação de agüentar suas constantes ordens.

Enfurecia-a seu modo de exigir, de tomar o que desejava, de mandar.

Recordou que, entre outras coisas, agora teria que enfrentar a sua ira: ela o tinha desafiado e ele estava a ponto de apanhá-la de novo.

Começou a suar. Cerrou os olhos, e tentou não pensar nele, ignorar sua presença.

Impossível. Estava ali. As lembranças a assaltaram como se por suas veias corresse ferro fundido.

Respirou profundamente e, procurando forças, esforçou-se por endireitar-se. Era a condessa. Era-o desde morte de seu pai. A terra pertencia a ela. A fortaleza era dela.

E Por Deus que as conservaria!



— Quantos vieram com ele, senhora? — perguntou Philippe, que continuava a seu lado.

Os vikings eram tão impressionantes montados sobre seus cavalos como a bordo de seus navios de proa de dragão. Pareciam ter sido treinados pelo próprio Satã. Enormes, hábeis no manejo de maças e tochas, musculosos, intrépidos, temerários, perigosos.

Tinham-na salvado uma vez. Melisande sabia como lutavam!

E à cabeça desses homens, estava ele.

— Tenho que levá-la a torre, condessa — murmurou Philippe, sem apartar o olhar do combate. Era evidente que as tropas de Geoffrey deviam render-se ou morrer, mas a luta continuava no pátio. Parecia que o mais seguro para ela era ficar a salvo agora que sua intervenção tinha deixado de ser necessária.

— Posso cuidar de mim mesma Philippe — assegurou. — vá ocupar-se dos homens.

Philippe não ficou muito satisfeito com sua decisão, mas Melisande não lhe deu tempo para discutir. Dirigiu-se para a escada que levava para sua torre e correu escada acima tão rápido como lhe permitia o peso da cota de malha. Necessitava de tempo, desesperadamente. Como o saudaria? Tinha que dar-lhe as boas-vindas? Não havia algum modo de escapar?

Não sabia se realmente queria fugir dele. Talvez, por fim, tivesse chegado o momento para eles.

Alguns dos degraus estavam quebrados. Uma tocha de guerra tinha caído na pedra com tal força que a tinha rachado. Melisande saltou sobre a brecha e seguiu correndo para seu quarto da torre.

Deteve-se e despiu rapidamente a cota de malha.



Era uma covardia. Mas havia a possibilidade de que ele não a tivesse visto no campo de batalha; se fosse assim, ele não pensaria que tinha fechado as portas de propósito.

“Idiota” — chamou a si mesma— Covarde!””. Tinha de lembrar que ela era condessa nessa terra, enquanto ele era apenas o filho mais novo de um rei que estava tentando fazer fortuna à custa da herança que por direito pertencia a ela. Não tinha porque temê-lo, assim como tampouco estava obrigada a dirigir-se a ele com humildade.

Ao despir-se da cota de malha tinha deixado cair sua espada. Recolheu-a e olhou incomoda a seu redor. Seus olhos tropeçaram com a cama, com suas cobertas frescas, limpas e sua manta de pele de urso. Sacudiu-a um tremor e ela engoliu em seco.

Não queria que a surpreendesse ali. Correu para o passadiço e olhou para baixo, para o pátio.

Seu coração disparou. Assaltaram-na uma vez mais os calafrios. Sentiu ondas de calor e frio, de fogo e gelo. Ficou imóvel e seu olhar se encontrou com o dele.



CAPÍTULO 02

Melisande!

Montado em seu enorme cavalo de guerra, Conar MacAuliffe sustentou o olhar escrutinador da mulher.

“Finalmente!”, pensou.

Ali estava a pequena harpia, em todo seu esplendor.

Estava desejando pôr-lhe as mãos em cima.

Em meio da refrega, que por sorte já estava aplacando, por fim pode deter-se e procurá-la com o olhar. Descobriu-a lá encima, em um dos últimos degraus da escada que levava às ameias e que tinha ficado à vista ao ir se dissipando a fumaça provocada pelo azeite fervente e as flechas incendiárias. Nunca ninguém o havia observado com semelhante desprezo. Perguntou-se como se atrevia a tal ousadia, quando a proteção de seu castelo de pedra tinha demonstrado ser inútil frente a ele, quando havia demonstrado seu direito a governar a fortaleza, quando tinha ficado patente que ele tinha saído vitorioso.

Melisande não tremia. Talvez pensasse que a distância que os separava a protegia, embora pudesse alcançá-la facilmente em poucas passadas; só tinha que desmontar e saltar a escalinata de pedra que levava a torre.

Mas parecia que sua proximidade não a preocupava. Continuava olhando-o com ar de superioridade, e ele, inconscientemente, ficou observando-a. Fazia tempo que não a via. Era uma mulher extraordinária. Era alta para seu sexo; embora tivessem estado ao mesmo nível, ela não teria tido que elevar muito a vista para olhá-lo nos olhos. Tinha uma abundante cabeleira, negra como o ébano, de um negro



profundo como uma noite sem lua, brilhante e polido; caía-lhe ondulada, como uma cascata, pelas costas. Sua face, ao contrário, era branca como o marfim mais fino, salvo as bochechas, belamente rosadas sem necessidade de artifícios. Também seus lábios, perfeitamente desenhados, tinham um soberbo tom escuro. Nenhuma deusa, nenhum anjo cristão podia superá-la em formosura.

Talvez fosse comparável a uma deusa, pois era bem sabido que essas criaturas eram por natureza temperamentais e caprichosas, mas, certamente, não era um anjo, não pelo que ele sabia dos anjos. Apesar de sua grande beleza, não havia nela humildade, nem vestígio algum de capacidade de entrega. Não, essa beleza não era um anjo, não podia ser. Não com aquele olhar nos olhos nem com esse orgulho que a fazia manter-se tão ereta. Mas ele já sabia que a humildade não era uma de suas virtudes.

Não tinha mudado. Não era muito distinta da moça que conheceu tempos atrás. Mostrou-se tão vitoriosa esse dia! Sorriu ao recordar que tinha saído vitoriosa graças a ele.

Entretanto, aquele dia tinha sido diferente, tinham unido suas forças e ela tinha crescido com a vitória.

Hoje, ela utilizara sua ajuda, e em seguida lhe fechara a porta no nariz! Mas ele a tinha derrubado e Melisande tinha perdido.

Jurou a si mesmo que nunca permitiria que escapasse dele outra vez, que voltasse a empregar a malícia, a força ou a ira contra ele, que a inteligência ou as armadilhas lhe permitissem se dar bem.

Sorriu, decidido a ver de novo a cor de seus olhos, que conhecia bem. Conar a conhecia.



Levantou a viseira do capacete, para que ela pudesse vê-lo, enquanto se perguntava se com isso desapareceria de seus olhos aquele olhar desafiante. Não foi assim.

Desmontou com agilidade de seu fiel garanhão e começou a subir pelas escadas. Não se deu conta de que ainda levava a espada na mão até que sentiu seu peso. Não importava, ela tinha tirado a formosa cota de malha que tinha usado durante a batalha, mas continuava portando sua elegante espada. Refugou o assunto de sua mente enquanto continuava aproximando-se mais dela.

Melisande mudou ligeiramente de postura para poder observá-lo enquanto subia. Usava um vestido de uma cor malva muito clara que realçava o brilho de seu cabelo.

Conar sorriu ao mesmo tempo em que se perguntava por que Melisande tinha tirado a cota de malha que usava quando saiu à frente de seus homens. Pensaria que ele não a tinha visto em meio da batalha?

Nada disto voltaria a ocorrer.

Faria o necessário para que ela o entendesse. Teria que lhe fazer entender muitas coisas esta vez.

Estudou uma vez mais seu vestido e observou como lhe sentava.

Parecia feito de uma malha líquida que tremia e oscilava com cada um de seus sutis movimentos. Melisande havia se virado levemente, apenas o necessário para não perdê-lo de vista enquanto se aproximava. Ele saltou de um degrau a outro e se deteve finalmente frente a ela. Separados apenas por uma pequena pilha de alvenaria rota que havia caído ao chão.

Ela elevou o queixo.

Era uma criatura ainda mais soberba do que ele recordava. Tinha envelhecido muito bem. Tinha ossos finos, seu rosto era oval, com maçãs altas, o queixo delicado



e perfeitamente moldado, mesmo quando o mantinha irritantemente alto. Seus lábios, de um formoso tom rosado, eram perfeitamente desenhados, e eram carnudos, ainda que apertados como os tinha agora. Tudo nela era belo. Mas mais chamativo ainda que seus ossos, sua tez, ou inclusive as perfeitas proporções de sua face, era o maravilhoso encanto de seus olhos; grandes, separados dentro das finas linhas de seu rosto. Podia vê-los com tanta clareza agora!

Nunca tinha visto olhos como aqueles. Iam além do azul. Não eram do malva de seu vestido, mas de um tom mais profundo. Um violeta que agora parecia tão selvagem como o céu dessas noites em que os deuses parecem estar livres, em que ameaça tormenta, ou em que os trovões e os relâmpagos enchem tudo. Sim, seus olhos poderiam desafiar ao próprio Odin, não conheciam o medo; olhos desafiantes e audazes, que clamavam sua vitória.

Mas ela não tinha vencido.

Ele tinha sido o vitorioso.

E Melisande era seu troféu, apesar da expressão orgulhosa de seu rosto.

Apertou as mandíbulas com tanta força que lhe chiaram os dentes. De repente sua proximidade lhe era dolorosa. Melisande sempre tivera certo poder sobre os homens. O velho Ragwald sabia e por isso a tinha enviado para comandar as tropas naquele longínquo dia. Conar estava seguro de que não tinha visto uma mulher tão cativante em todo o império cristão. Nem fora dele. Tinha algo mais que beleza. Algo que o fez decidir, quando a viu pela primeira vez, a encerrá-la em um convento, que o fizera sonhar com ela noite e dia, que o tinha mantido insone e envolto em suor muitas, muitas noites. Algo que lhe fizera desejar correr atrás dela quando soube que tinha retornado. E que agora acendia em um violento desejo. Talvez sempre tivesse ardido entre eles um fogo profundo e virulento, e talvez ao tocá-lo ele se condenou



para sempre às noites de dor que o acompanharam desde a primeira vez que a viu. Talvez fosse esse fogo o que agora fazia tão doce a espera.

Perguntou-se se essa magia nasceria da expressão desafiante de seus olhos ou de uma força que ela mesma desconhecia essa sensualidade a flor de pele que havia em todos seus movimentos, em seu olhar, inclusive no ódio que desprendiam seus olhos.

Talvez a origem de todo o encantamento estivesse no fato de que a havia tocado, de que conhecia todos e cada um dos fascinantes matizes de seu corpo de mulher. E esse conhecimento se transformou em uma febre que vivia com ele, lhe deixando uma permanente sensação de fome insatisfeita.

Nunca o perdoaria por ser o que era.

Mas isso não importava. Não essa noite. Nunca voltaria a importar.

— Ah, Malisande, que cálida acolhida me dispensou depois de tão longa ausência! — disse suavemente.

— É uma pena que não tenha podido te acolher de forma ainda mais calorosa, meu senhor viking. Havia tantas flechas incendiarias ao redor! Machuca não ter encontrado uma para penetrar seu frio coração nórdico.

— Suas palavras me ferem, Melisande.

— Oxalá fosse certo! — murmurou.

— Melisande, talvez te convenha fingir cortesia. Depois de tudo, pensando no que fez, não entendo por que vacilo o que me detém. Deveria estar te apertando o pescoço com força...

— Houve uma batalha aqui hoje.

— ... Deixando sua doce pele nua sob minhas mãos. Sim, segundo todas as minhas leis, e inclusive segundo as tuas, tenho todo o direito do mundo de fazê-lo. Não quer reconsiderar sua saudação? — Perguntou.



Melisande sorriu com doçura, embora seus olhos azuis continuassem consumidos por um fogo abrasador.

— Minhas palavras foram “Seus desejos são ordens”.

Ele soltou uma sonora gargalhada, enquanto se apoiava na espada.

— Não acredito que essas tenham sido suas palavras, Melisande — murmurou. Devorou-a com os olhos— . Mas te prometo condessa, que para todos os efeitos, será como se, efetivamente, as tivesse pronunciado.

— Não faça promessas que não possa cumprir viking.

— Melisande, sempre cumpro minhas promessas. De resto talvez deva recordar que nasci no Dubhlain.

— Seus navios são vikings.

— Os melhores — concordou ele. Entrecerrou os olhos. Sua voz se endureceu.

— Entendi que estava a ponto de te entregar a nosso inimigo, Geoffrey.

Ficou tensa. Não se havia dado conta de até que ponto seus homens estavam dispostos a falar com ele e a reconhecer sua autoridade.

— Em realidade... — deteve-se ao sentir a fúria que a invadia. Negou com a cabeça. — Em realidade nunca tive intenção de fazer algo semelhante. Maldito seja! Não entende? Queria salvar a vida de meus homens...

— Se voltar a fazer algo assim...

— O que acontecerá?

— Não hesitarei, tirarei sua roupa e arrancarei sua pele a tiras.

— Nunca ousaria fazer tal atrocidade.

— Atreve-te a me pôr a prova?

— E que aconteceria se Geoffrey me raptasse? — perguntou com frieza, sem que seus olhos deixassem de emitir raios.



— Nesse caso teria que refletir atentamente sobre as vantagens que me traria te resgatar ou não. Em qualquer caso, você é meu troféu, não dele. Talvez, depois de tudo, tivesse que te salvar. Nunca deixo que ninguém me arrebate o que me pertence.

— Não necessito seus favores — disse ela, com os olhos ardendo ainda com violência. — Se tivesse prestado a mínima atenção às minhas suplicas, eles nunca teriam chegado tão longe.

— Se você tivesse prestado a mínima atenção às minhas advertências, não se encontraria em perigo!

— Mas o castelo...

— Este castelo não é mais que madeira e pedra!

— Madeira e pedra cheia de gente! — gritou.

— Cheguei a tempo, condessa — exclamou com ferocidade, desviando o olhar. Uma vez mais, quase tinha chegado muito tarde. Tentou dominar sua ira. Não lhe devia nada!

— Então, — murmurou ela fazendo esforços para que não lhe tremesse a voz — veio para ficar um tempo?

— Ah, Malisande! — sorriu lentamente — . Nenhuma palavra de agradecimento. Nenhum “chegou bem a tempo”. Apenas, “Quanto tempo pensa ficar? Espero que não seja muito”. É obvio, sei que teria se sentido mais afortunada se um dinamarquês tivesse me alcançado o coração com uma flecha. Infelizmente, não pude te satisfazer.

Melisande entrecerrou os olhos. “Uma verdadeira pena”, Suspirou, mas rapidamente formulou as palavras adequadas.

— Obrigado por ter chegado tão oportunamente — murmurou. Baixou os olhos um momento, e quando os elevou de novo ardiavam com autentico furor. —



Embora, pensando bem, senhor, pergunto-me que diferença pode haver entre um viking e outro.

Ao demônio!

Ela sempre ignoraria o que lhe interessava, e sempre saberia como lhe ferir profundamente.

Voltou a apertar os dentes, decidido a dominar sua fúria e a não manifestar emoção alguma. Obrigou-se a sorrir.

— Se isso for o que pensa — disse com voz tranqüila — . Suponho que não lhe ofenderei se, ao ter que negociar, mas adiante com o Geoffrey ou com algum chefe dinamarquês, ofereço sua majestosa pessoa em troca de alguma concessão.

Tinha conseguido feri-la. Viu como se incendiavam seus olhos azuis. A ira se apoderou dela com tal rapidez que não teve tempo de reprimir sua fúria. Ainda tinha na mão sua elegante espada, elevou-a bruscamente, com intenção de lançar um golpe mortal, e só à rapidez de seus reflexos de guerreiro permitiu parar o golpe. A resposta de Conar foi igualmente rápida. As espadas de ambos brilharam no ar um momento e seus olhares se cruzaram, o dela cheia de raiva. De repente, Melisande gritou ao perder o equilíbrio no degrau quebrado. Soltou a espada e procurou segurar-se na parede, mas suas mãos só encontraram pedra lisa. Conar deixou cair sua arma e, afirmando as pernas, alcançou-a pouco antes que caísse no piso inferior. Segurou-a com força pela cintura e a atraiu violentamente para si. Ela deu um grito entrecortado e deixou a cabeça cair para trás. O olhar que lhe lançou bastou para que renascessem em Conar os tempestuosos sentimentos que ardiam em sua memória.

Sorriu lentamente; por mais vezes que a salvasse, sempre o odiaria.

Apesar disso, enquanto a segurava junto a ele, recordou. Recordou o tato de sua pele, a flexível perfeição de suas formas. O invadiu, como um relâmpago, um



desejo ardente, violento, doloroso, que pôs todo seu corpo tenso. Falou-lhe com rapidez, muito consciente de que não tinha tempo de ocupar-se dela como ansiava.

— Insensata! Daria sua vida para acabar comigo. Bem, condessa, por mais que o lamente, o de hoje é um mero vislumbre do que nos espera. Que Deus me ajude...!

— Mas você não acredita em Deus, não é? — Zombou.

Apertou-a com mais força. Cravou-lhe as unhas nos braços com desespero, mas sabia que não lograria desfazer-se de seu abraço. Apertou os dentes e ficou imóvel. Seus olhos brilhavam de ódio quando ele a sacudiu para fazê-la calar.

— Vamos nos apresentar juntos, querida. Tem meia hora para te preparar, e depois desça ao pátio para me dar as boas vindas, de forma que os dois juntos saudemos meus homens e a sua gente. Já houveram suficientes mortes. Não deixarei que acrescente nenhuma mais.

— Eu nunca sacrifiquei a meu povo — replicou irada. — Ao contrário, sacrifiquei-me por ele.

— Pobre mártir! Mas, afinal de contas, esse é o destino das deusas, Melisande.

— Solte-me! — ordenou.

— Que tentação! Deixar-te cair pelas escadas até o piso inferior! Destruir sua beleza e semelhante doçura sem igual! Por desgracia, Melisande, tem que aceitar a idéia de que nunca te deixarei.

— Não teme que te apunhale durante a noite? — perguntou friamente, ainda lutando contra a força de seu abraço.

Que calor desprendia! Como vibrava seu corpo! O movimento de seu peito ao respirar era tremendamente provocador. Sua voz, rouca pela respiração ofegante, era muito sedutora.

Inclinou-se para ela, sem deixar de sorrir.



— Quando acabar com você esta noite, condessa, não poderá mover nem um dedo. Juro-lhe isso.

Ela empalideceu ao ouvi-lo. Sua pele adquiriu um tom lívido, mas se recuperou rapidamente e o golpeou com força na tíbia desprotegida. Conar conseguiu com muita dificuldade afogar um grito de surpresa e subiu um degrau sem afrouxar seu abraço. Sorriu com amargura ao notar que ela se aferrava com desespero a ele para não cair escada abaixo a uma morte segura.

Em alguns passos, chegou a seu quarto na torre. Deixou-a cair sobre a cama e provou de novo o prazer agriado de vê-la levantar-se de um salto com o coração lhe pulsando freneticamente no alvo e comprido pescoço.

— É possível? Melisande tem medo do contato de um viking? Talvez o recorde com muita clareza. O que é Melisande? Medo ou desejo? Espera ou terror? Não tema, querida, agora não tenho tempo para seu caloroso abraço. Mas não te impaciente tampouco. A noite será longa.

— Impacientar-me! — engasgou-se — . Condenará aos dois...!

Interrompeu-se com um grito afogado: ele havia avançado sobre ela e, aferrando-a, atraíu-a com violência para si.

— Condenação ou salvação, querida, ou talvez um pouco de ambas as coisas. Não acredito que você ache tão ruim, mas, apesar de tudo, sou dono e senhor aqui, e se cumprirá minha vontade viking.

Ela lançou um grito de fúria.

— Serpente do mar! Canalha...!

— Estou desejando me jogar outra vez em seus braços — lhe assegurou. — Esta noite, Melisande, não poderá escapar.

Soltou-a. Ela caiu sobre a cama, mas se levantou de um salto e retrocedeu, afastando-se dele.



— Não pretendia fugir de você — exclamou com frenesi. — necessitavam de mim aqui, e você decidiu não me seguir. Insistiu em que era necessário em outro lugar.

— Na casa de meu pai! — recordou-lhe ele furioso—. Embora você não tenha para mim outra denominação que não seja “viking”, sou um príncipe de Dubhlain e, como tal, tenho muitas responsabilidades.

— Pois bem, eu tenho apenas estas! — replicou apaixonadamente.

— E delas nos estamos ocupando agora — respondeu—. Quando tiverem concluído as celebrações, necessitarei um banho. E você também. Diga a seus serventes que preparem o necessário.

— De maneira nenhuma! — começou, fazendo um esforço para que não lhe tremessem os lábios.

— Conar!

Sobressaltaram-se. Da porta, um homem lhe chamava. Era Swen de Windsor, a mão direita de Conar. Sempre estava a seu lado, a suas costas, quando o necessitava. Era alto, ruivo, com uma agradável cara sardenta que não deixava transparecer a grande força que era capaz de desenvolver em combate.

— Senhora — ao ver Melisande fez uma rápida reverência.

— Swen — murmurou ela.

— Conar, precisamos de você. Não sabemos que quer fazer com os prisioneiros.

— Já vou — replicou Conar, sem deixar de olhar Melisande.

— Espera! — gritou ela. Teve um momento de hesitação, algo incomum nela—. O que...? O que pretende fazer com eles?

— Com os prisioneiros?

— Não pode... — tragou saliva—, não pode executá-los.



Conar baixou a cabeça um momento. Não queria fazê-lo. Mas eram perigosos. Seguiam sendo inimigos.

— Conar!

— Meia hora — disse ele.

— desejo-te uma morte lenta e dolorosa! — disse ela entre dentes.

— Meia hora. E se sentir algum afeto por sua gente, nem sonhe em me desafiar esta vez — voltou-se e seu manto ondulou atrás dele. Tocou ao Swen no ombro e o conduziu para fora.

A porta se fechou com uma batida atrás deles.

— Por todos os deuses! — praguejou Conar com ferocidade. — Esta mulher é a pior harpia de todo o mundo conhecido!

Swen o olhou de relance.

— Vamos Senhor dos Lobos! — disse com ligeireza— . Não acredito que seus sentimentos sejam tão hostis.

Conar lhe dirigiu um olhar assassino. Swen respirou fundo.

— Bom, talvez não devesse ter casado com ela — disse despreocupadamente. — Embora, afinal de contas...

— Afinal de contas o que? — perguntou Conar imperiosamente.

— Também é a harpia mais formosa de todo o mundo conhecido. — sorriu. — E pode ser encantadora.

— Com qualquer um menos comigo - resmungou Conar.

— Como?

— Tinha um grande patrimônio — explicou Conar com irritação. Fez um gesto com a mão — A aceitei quando era pouco mais que uma menina por culpa desse condenado Ragwald... — vacilou e em seguida adicionou lentamente. — E porque cheguei muito tarde para salvar a seu pai. Meu tio tinha prometido que eu lutaria a



seu lado. Mas chegamos muito tarde. Mesmo assim — olhou ao Swen com olhos ardentes, — era pouco mais que uma menina então, e nunca imaginei que...

— Que pudesse segurar o lobo pelo rabo — sugeriu Swen, esboçando um sorriso, que apagou rapidamente de seus lábios ao ver que Conar não parecia estar de humor para brincadeiras.

Não o havia estado desde que Melisande conseguiu retornar à fortaleza a bordo de um navio de um dos parentes de Conar. Era sua terra, sem dúvida. Pertencia-lhe por nascimento. Contudo...

Tinha enganado a todos, claro, jurando que tinha o consentimento de Conar.

E ao voltar ele...

— Era uma menina! — bradou de repente.

“Mas uma menina preciosa”, pensou Swen, que, em vista do sombrio humor de Conar decidiu guardar silêncio. Melisande sempre tinha despertado em Conar emoções muito profundas. Sempre, desde dia que descobriu que a esposa que tinha ganhado em uma troca era uma criatura mal humorada e independente, decidida a administrar pessoalmente sua vida e sua herança.

Suas relações tinham sido tormentosas desde o começo.

Estavam condenados a que seguissem sendo-o. Agora tinha chegado o momento. Melisande tinha crescido, mas não parecia haver percebido ainda de que Conar tinha vindo para ficar. Tinha que ficar. Formava-se uma autentica tormenta, com os dinamarqueses agrupando-se aos milhares para saquear o território.

Por isso, por Melisande e suas propriedades, Conar devia ficar a frustrar seus planos.

— Bem, Conar — murmurou Swen, incomodo, tentando aplacar sua ira de algum jeito — , tenho que dizer que sempre te comportaste com grande sabedoria, enviando-a primeiro ao convento até que alcançou a maturidade...



— Ela considera que foi a pior das torturas — grunhiu Conar.

Swen guardou silêncio por um momento. Perguntava-se se Conar não havia interpretado mal seus próprios motivos: Melisande era muito jovem quando se conheceram, mas já então era muito atraente. Era cativante. Talvez o que Conar pretendia era afastar-se de suas próprias tentações, afastá-la dele.

Swen fez um gesto ausente com a mão.

— Como ia dizendo, sempre te comportaste com grande sabedoria...

— Isso acabou! — jurou Conar com violência jogando faíscas pelos olhos — Isso acabou!

Por um momento, Swen se perguntou o que custaria mais a Conar, vencer aos dinamarqueses ou a sua esposa.

Em qualquer caso, todo parecia indicar que os próximos dias seriam longos. Por que havia algo indubitável que poucos homens podiam perceber e certamente, Melisande não sabia, por maior que fosse a fúria que despertara nele, ela tinha chegado ao coração do líder.

— Procure Ragwald. Providencie para que reúna a sua gente na ladeira que leva a praia. Cuidarei dos prisioneiros e me reunirei com Melisande no pátio. Logo ela e eu iremos juntos ante os homens.

— Muito bem — respondeu Swen, lhe dirigindo um olhar escrutinador.

Conar sorriu de repente.

— Ela virá, não tema. Não porá em perigo a sua gente. Isso fala em seu favor.

Swen se apressou a cumprir suas ordens. Conar o observou afastar-se, logo se endireitou cansadamente e assoviou a Tor. O negro garanhão respondeu a sua chamada imediatamente e se aproximou trotando.

— Oxalá as mulheres fossem tão educadas, não é, amigo? — sussurrou ao cavalo. Em seguida montou e Cavalgou rapidamente para o exterior das muralhas.



Seus prisioneiros, vinte e cinco no total, formavam um grupo muito variado. Aproximadamente a metade era de dinamarqueses, que o olhavam com uma hostilidade assassina, a outra metade seguidora do cretino do Geoffrey, empenhados em pegar o que não lhes pertencia.

“Deveria fazer que os decapitassem”, pensou Conar. Nenhum deles parecia digno de seguir com vida. Enquanto os olhava, um francês se separou do grupo e correu para ele. Caiu de joelhos diante de Conar e se aferrou a seus pés.

— Piedade, grande Senhor dos Lobos! Suplico-lhe que tenha piedade! Enganaram-nos, hão-nos...

— Mata-o, Conar de Dubhlain! — gritou um dos dinamarqueses na língua de seu pai. — Mata-o ou nós teremos que fazê-lo!

Conar olhou para Able, Brion e Sigfrid, a quem tinha encomendado a custódia dos prisioneiros.

Sentiu que aumentava a tensão ao recordar a suplica de sua mulher de que não matasse aos prisioneiros. Ela nunca acreditou que lhe horrorizassem tais coisas. Mas já deveria saber quão perigosos podiam ser os homens de Geoffrey, e sobre tudo os dinamarqueses. Suspirou.

— Separem-nos para começar. Que o ferreiro faça grilhões para todos eles. Levem aos dinamarqueses ao fosso da parte oriental, sob a torre, e aos demais ao casarão que fica ao leste dos campos. Se assegure de que estejam todos presos, porque não podemos nos dar o luxo de permitir que nos dêem problemas agora. Devem estar sob vigilância até que decidamos que fazer com eles.

— Há alguns feridos — disse Brion.

— Enviem a algumas mulheres para ocupar-se deles. Mas não baixem a guarda.



— Deveríamos decapitá-los e acabar com o assunto — disse Sigfrid dando de ombros.

— No momento viverão. Quando os prisioneiros estiverem controlados, nos reuniremos na ladeira da praia. Há muito que celebrar. Minha esposa e eu estamos juntos e esta formosa terra estará segura em nossas mãos. Haverá muito pelo que lutar depois, mas esta noite tenho intenção de desfrutar. Espero que todos façam o mesmo.

Cavalgou de novo cruzando a muralha ruída e pensou que precisavam fazer reparos urgentes. Tinha chegado assim que pode, e mesmo assim talvez tivesse sido muito tarde. A travessia que o tinha levado até ali tinha aplacado parte de sua cólera inicial. Contudo, cada instante do trajeto tinha sido um suplício de ira e paixão. Se havia sentido corroído pelo desejo e enfurecido pela facilidade com que Melisande se apropriou de seus sentimentos, e o temor de que algo pudesse lhe ocorrer não tinha feito nada a não ser intensificar sua fúria.

Por fim estava ali. Nenhuma força divina ou humana poderia lhe deter essa noite.

Quando chegou ao pátio, ela estava esperando. Estava montada em seu magnífico cavalo Guerreiro, um animal enorme, sobre o qual parecia ainda mais majestosa.

Pensou o mesmo que o ancião Ragwald tinha pensado tempos atrás: os homens a seguiriam.

— Vamos — disse.

Seus olhos azuis lançaram chispas. Conar sorriu enquanto esporeava Tor. O seguiu de perto.

Chegaram à ladeira. Ali estavam todos reunidos, tal como tinha ordenado: seus guerreiros navegantes, os ferreiros, os artesãos com suas mulheres e filhos; o padre,



sua gordinha esposa e seus rebentos descalços; todos estavam ali. Formavam um grupo estranho; alguns falavam as 3 línguas, irlandesa, nórdica e francesa; outros entendiam só uma delas.

Tomou a mão de Melisande e sentiu que ficava tensa; queria que a soltasse, mas nada deixou transparecer de seus sentimentos.

— Reunimo-nos hoje como era nosso destino há muito tempo — gritou. — Ganhamos esta batalha, mas a luta não terminou, porque nossos inimigos tentarão saquear estas terras, daqui até Paris. Devemos permanecer unidos e lhes fazer frente. Assim como Melisande e eu nos reunimos hoje, vocês também se uniram. Esta noite triunfamos. Celebrem conosco!

Uma ovação seguiu a suas palavras. Todos gritaram, também o fizeram aqueles que não entenderam suas palavras.

Repetiu seu discurso em irlandês, a língua de sua mãe, e em seguida falou em francês, a língua de Melisande. Mas ela tinha se adiantado, e se dirigia a seus homens em um tom fluido e melodioso. Estava decidida a demonstrar que tinha o poder.

“Não sobre mim, querida, não sobre mim!”, se prometeu Conar em silêncio. Já o tinha enganado muitas vezes. Tinha-lhe roubado a alma!

Essa noite tudo mudaria.

Ela o olhou com olhos assassinos.

— Sorria querida. Levante a mão em um gesto elegante e sorria.

Ela compôs um lindo sorriso. “Angelical” pensou Conar divertido. O povo a aclamava com veneração, como correspondia. Usava a cabeleira solta, como uma capa sobre o manto de ouro que lhe caia sobre as costas e a garupa do cavalo. Seu rosto, com aqueles olhos resplandecentes, continuava sendo o mais formoso que jamais se atreveu a imaginar.



Melisande o olhou, mantinha impassível o sorriso forçado. Saudou com um gesto da mão à multidão. Embora sorrisse com extrema doçura, resmungou umas palavras só para ELE.

— É um canalha — disse sem mudar de expressão.

Ele esboçou um agradável sorriso e saudou com a mão à multidão.

— Seus elogios me chegam à alma, Melisande.

— Duvido de que a tenha.

— Pena que suas flechas não sejam tão cortantes como suas palavras — disse com frieza — . Sem dúvida nenhuma, nos haveria superado a todos, dinamarqueses, noruegueses, irlandeses, suecos... Por desgraça, ninguém é aqui tão certo com suas armas de ferro ou de madeira como você com sua língua de aço.

— Assim é — retrucou sem deixar de sorrir e saudar a multidão — . Seria melhor ter cuidado com esse aço. Poderia ocorrer que acabasse com sua força e seu poderio e te deixasse feito migalhas.

— Tenho que correr o risco de me expor a sua língua, condessa — disse Conar sorrindo.

— Será perigoso, advirto-lhe isso.

— Me fortaleço ante o perigo.

— Se fortalece com o poder.

— Seja como for, venci. Reinarei sobre esta terra, e sobre você. Beije-me, pois, querida harpia — replicou.

— Antes beijaria a um sapo!

— Não acredito!

Seguiram sorrindo ante a multidão, saudando todos para lhes demonstrar que suas casas estavam unidas.

— Melisande, amor meu, exijo um beijo ante esta boa gente.



— Um beijo? — perguntou. — Tome cuidado, viking, minha língua poderia te cortar em pedaços.

— Estou disposto a me deixar despedaçar por essa língua, ponha-a onde quiser.

A pesar do clamor da multidão, Conar ouviu chiar os dentes de sua mulher. Melisande aproximou seu cavalo e o ofereceu seus lábios de rubi.

— É uma criatura infernal! — Ela assegurou.

Ele se inclinou e roçou seus lábios com os dela, muito ligeiramente, aspirando seu doce aroma, aquietando-a de novo.

A multidão enlouqueceu de júbilo.

— Vê como nos aprovam?

— Maravilhoso — replicou Melisande com um sorriso fingido de adoração. — Não me inspira mais que desprezo.

— Cuidado, querida! Estou cada vez mais seguro de que esta noite resultará muito mais agradável se te amordaçar.

— Pensei que lhe excitava o perigo de minha língua.

— Esta noite lhe demonstrarei isso, não o duvide.

— É um infame!

— E você uma harpia!

Seus lindos olhos ficaram vedados um momento por suas escuras pestanas e logo voltaram a resplandecer ardentes nos de Conar.

— Então, senhor, agora que alcançou o que se propôs, talvez seja o bastante prudente para me deixar em paz.

— Obtive o que me tinha proposto? Minha querida esposa! Ainda nem comecei. Mas o farei. Não esqueça que estamos casados. Diz-se que os vikings violam e maltratam a todas as mulheres, assim não seria um viking se não fizesse o mesmo



com minha esposa. Olhe! Ali vai o padre. Saúde-o com alegria, Melisande, que veja quão felizes somos por estar juntos.

Ela agitou a mão, sem deixar de sorrir.

— Senhor dos Lobos! — zombou. — Não é mais que o senhor nórdico dos dragões e do esterco — disse em voz alta.

Conar Suspirou.

— Meu irmão é inglês, parente por casamento do Alfredo o Grande — disse. Não elevou a voz, mas sentiu como ia sendo invadido pela ira. — E meu avô materno foi um dos maiores reis irlandeses de todos os tempos.

— Sem dúvida. E sem dúvida nega ser um dos açougueiros do mar.

— De modo algum — assegurou. Tor se aproximou tanto de sua égua que teve que puxar as rédeas para dominar ao cavalo — . Açougueiros do mar, diz? Isso é o que chamaria ao povo de meu avô paterno. Não se preocupe. Não negou que sou um deles. São grandes navegantes.

— Grandes invasores, grandes assassinos...

— E conquistadores, não esqueça. Nem por um momento pensaria em renegá-los.

— Não conquistaste nada.

Sentiu que seu próprio sorriso se alargava e esporeou a seu cavalo de guerra para aproximar-se de Melisande.

— Justamente o contrário, querida, e te dará conta disso. Prometo-lhe.

Cheio de raiva. Esticou a mão e a agarrou bruscamente, com violência. Esta vez Conar a beijou com ardor, obrigando-a a separar os lábios, e invadiu a boca dela com a língua, com uma ânsia devoradora. Quando ela tentou protestar, atraiu-a para si. Seus cavalos se chocaram. Levantou-a da sela e a estreitou em seus braços. Ela cravou-lhe os dedos nos braços com frenesi, lutando para soltar-se dele.



Mas ele não a soltou.

Provou seu sabor, o sabor de seus lábios, e recordou. Preencheu a boca dela com a força de sua língua.

E recordou.

Sentiu o calor violento e vibrante de seu corpo, o movimento de seu peito, sua respiração. Ela se retorceu tentando liberar-se, mas o a mantinha bem presa, apertava sua boca contra a dela, exigindo sua rendição, enquanto o clamor da multidão enchia seus ouvidos como a corrente de seu próprio sangue.

Ela afrouxou a pressão de seus dedos. Seus lábios se entreabriram, deixou de resistir. Ele separou sua boca da dela e viu o violento brilho de seus olhos, olhou seus lábios úmidos e entreabertos, e sentiu que lhe adiam as vísceras.

— Viking ou não, será minha, Melisande! — Ele repetiu.

Saudou a multidão uma vez mais, agitando sua espada em um gesto triunfal. Ela gritou, aferrando-se a ele enquanto Tor se elevava sobre as patas dianteiras, dava meia volta e galopava para as muralhas da fortaleza, em direção à torre principal.

CAPÍTULO 03

— O que está fazendo? — gritou ela. Sua cabeleira de ébano agitada pelo vento se enredava ao redor de ambos.

— Já esperei muito tempo para violar e saquear!

Ela o olhou, primeiro pálida, avermelhando depois lentamente.

— É cedo ainda! Devem restar muitas cerimônias por...

— Cerimônias privadas unicamente, querida esposa. Ou pretendia escapar de mim? E eu que desejei tanto te ter a meu lado!

Deixou-se cair do cavalo, arrastando-a consigo.

— Não! — gritou ela com frenesi.

Mas ele ignorou seus gritos e subiu pelas escadas rotas para o corredor, em direção o quarto da torre.

Havia uma grande cama com lençóis limpos de linho, o fogo estava aceso e diante da lareira se estendia um tapete de pele. Frente ao fogo tinham disposto a banheira de madeira, que desprendia um leve vapor. Conar soltou Melisande surpreso de que tivesse obedecido a sua ordem.

Olhou a banheira um instante, e em seguida despiu a cota de malha sem grande esforço. Estava tão acostumado a ela que não sentia seu peso. Voltou-se para ela para olhá-la.

— Ah, Melisande! — disse arqueando as sobrancelhas. Ela retrocedeu, afastando-se dele. Conar sorriu. — Quem tomará banho primeiro? Se for eu, você sem dúvida desaparecerá. Você foi muito amável ao obedecer minha ordem de que trouxessem aqui a banheira!



— Pode estar seguro de que não fui eu quem deu essa ordem.

— Então seus servos são muito mais sensatos que você, querida. Quer te banhar antes ou depois de mim?

— Não tenho a menor intenção de me banhar. Estou convencida de que há mil coisas das quais ocupar-me primeiro.

— Talvez devesse te banhar primeiro — disse ele suavemente. — Tenho a estranha sensação de que está ansiosa por fugir de mim, e talvez não esteja disposta a correr nua pelos corredores. Embora, como me recordaste, tanto faz um viking ou outro. É possível que não te importe em provocar o ataque de outro viking faminto ao fugir de mim.

— Quero que apodreça viking! — disse ela elevando o queixo.

— Acabo de achar a solução! — disse Conar estendendo os braços para ela. — Nos banharemos juntos.

Melisande gritou, mas era muito tarde. Suas mãos já estavam sobre ela, rasgando a elegante capa dourada que lhe caia sobre os ombros. Levantou-a do chão e a jogou sobre a cama e, enquanto ela lutava, arranco-lhe os sapatos e as meias. Ela se retorcia como uma serpente lhe dificultando o trabalho.

Mas Conar estava muito decidido, e a suavidade da pele nua de Melisande sob seus dedos lhe incitava a lutar com mais brio.

Ela ficou quieta de repente, com os olhos muito abertos.

— Por favor! — murmurou.

Conar esboçou um sorriso e, com o polegar, acariciou com ternura os lábios e as bochechas de Melisande.

— Lembro que me disse essas palavras, com o mesmo tom, em outra ocasião...



Pela forma em que empalideceram suas bochechas, Conar soube que ela também recordava. Sua atitude mudou bruscamente.

— Saia de cima de mim, canalha!

Seu sorriso zombador se acentuou.

— Como desejar querida!

Levantou-se imediatamente e a sentou sobre seus joelhos. Bastaram alguns segundos para arrancar-lhe o precioso vestido malva dos ombros. Rasgou com a pressa a suave combinação que usava por baixo.

Não lhe importava. De repente a tinha nua em seus braços, nua e perfeita com sua cintura fina, seus quadris largos, suas longas pernas, seus seios cheios, coroados de vermelho, e seu sedutor triângulo negro. Os cachos de sua cabeleira os enredavam a ambos como uma suave teia. Por um momento teve a impressão de que o toque dela era mais do que podia suportar. Sentiu os batimentos enlouquecidos do coração de Melisande, sua respiração entrecortada, o fogo que a invadia. Desejou ficar unido a ela para sempre nesse abraço.

Golpeou-lhe o peito com os punhos. Conar a levantou recordando que não tinha escolha.

Não podia deixar que ela seguisse comportando-se como no passado. Que fugisse dele, lutasse contra ele ou se mantivesse a distância, porque isso podia significar a morte, ou a captura. Conar não podia se permitir o luxo de ter que negociar por ela.

— Não é possível que seja meu marido! — gritou atravessando com as unhas o fino colete de pele que levava sobre os ombros. — Não pode ser! — murmurou. — Não consentirei que me dominem em minha própria casa! Era só uma menina, não foi minha escolha, nunca tive intenção de...!



— Ah, Melisande! Que inocência! Nunca teve intenção de fazer nenhuma das coisas que me fez, não é assim? — disse ironicamente.

Melisande recordou com desespero que, pelo contrário, fazia muitas daquelas coisas com intenção. Esse homem despertava nela tantas emoções! Era muito poderoso, muito forte, muito rápido; suas respostas irônicas eram muito velozes, o punho de aço com o qual assinalava suas ordens muito implacável. Ele a tocava de uma forma sedutora, exigente, poderosa.

Havia muitas coisas em sua vida que eram alheias a ela, muitas. Muitas mulheres ansiosas por conhecê-lo. E seria tão fácil amá-lo! “Nunca! Jamais!”, jurou a si mesma.

Inspirou profundamente. Sentia-se enjoada. Recordou que tudo tinha ocorrido da mesma forma que a última vez. O paraíso e o inferno, ambos juntos, como ele tinha prometido.

Recordou as coisas que lhe tinha feito.

Tudo o que ela tinha tentado esquecer...

— Juro Por Deus que te arrancarei os olhos! Solte-me!

Conar obedeceu, soltou-a na água fumegante da banheira. Ela submergiu e cerrou os olhos um momento pedindo a Deus que lhe desse forças.

Quando os abriu, Conar tinha se despido. Depressa.

Sua boca secou e sentiu que não podia respirar. Era formidável em sua cota de malha. Mas era até mais impressionante nu.

Talvez fosse todas as coisas que afirmava ser, mas seu aspecto era o de seu pai, viking dos pés a cabeça. Media quase dois metros, devia ultrapassar em uma cabeça ao comum dos homens, e cada momento do tedioso treinamento para a guerra tinha ficado marcado na estrutura muscular de seu corpo. Suas costas eram muito largas, seus braços bronzeados e fortes, seu peito ondulado e tenso, seu estômago liso e



duro, suas pernas longas, torneadas e musculosas. O pêlo acobreado e dourado que cobria o peito descia em uma linha fina que corria quase invisível por todo seu abdômen e se espessava de novo mais abaixo. Sacudiram-na de novo os calafrios e suores que com tanta facilidade a invadiam quando ele estava perto. Estava preparado para cumprir todas suas promessas. Seu sexo parecia tão musculoso e duro como o resto de seu corpo, tão arrogante como o mesmo.

Sentiu que um fogo abrasador explodia em seu interior e desprezou a si mesma por isso. Tentou jurar uma e outra vez que nunca cederia a ele.

Mas já havia cedido.

Porque a fascinação que lhe inspirava era tão grande como sua fúria. Porque a tinha cativado desde o primeiro momento. Porque o desejava muito mais do que o odiava.

Conar queria que ela se entregasse. Essa noite.

Encarou-o e elevou o queixo.

— Sabe que pode me forçar — conseguiu dizer com frieza — . Mas não poderá me seduzir.

Ele arqueou ligeiramente o lábio superior, em um gesto surpreendentemente sensual para um homem de seu tamanho. Seus olhos azuis, emoldurados pela abundante cabeleira dourada, resplandeceram zombadores enquanto se aproximava da banheira por detrás de Melisande e se inclinava sobre ela.

— Não importa, nós vikings gostamos da força. É nossa especialidade.

Melisande sentiu o calor de seu fôlego no pescoço. Deu um grito afogado quando ele se meteu na banheira e seus pés se tocaram. Conar se sentou e a água transbordou por cima da borda da banheira. Olhou-a fixamente.

— Ah! A felicidade conjugal!



Melisande apertou os dentes e lhe jogou água nos olhos, decidida a levantar-se. Em um segundo ele estava de pé junto a ela. Saiu da banheira, mas o a pegou nos braços e voltou a lançá-la sobre o leito e a recostar seu corpo robusto sobre ela. Entrelaçando seus dedos com os de Melisande, Conar manteve seus braços presos na cama. Imobilizou-a com seu corpo musculoso, úmido e brilhante e colou seus lábios aos dela.

Como da outra vez, tentou voltar à cabeça, mas sua força era descomunal. Conar não afastou à boca da sua, separou-lhe os lábios com a língua, e a introduziu firmemente em sua boca. Melisande lançou um gemido de protesto.

Rezou para que o fogo se apagasse.

A língua de Conar encontrou a sua, absorveu-lhe. Entrou mais e mais profundamente em sua boca, úmida e ardente. Notou a mão dele sobre seu seio, acariciou-lhe o bico com a palma. Era uma mão grande, de dedos longos, que percorria seu corpo, explorava seu torso, acariciava seus quadris, suas nádegas. Sentiu que perdia o fôlego, mas ele continuava beijando-a. Melisande não se deu conta de que ele tinha deixado suas mãos livres. Seus dedos amassavam os lençóis.

Ele afastou sua boca da dela e a olhou nos olhos. Em seguida colou os lábios no pescoço, em um beijo úmido. Acariciou com a ponta da língua o vale entre seus seios. A pressão da cabeça de Conar sobre seu peito diminuiu quando ele beijou um de seus mamilos, lambeu-o, brincando com a ponta da língua. Melisande suspirou, soltou o lençol e lhe acariciou a cabeça, enredando os dedos em sua cabeleira.

Conar continuou deslizando-se para baixo sobre seu corpo, lhe acariciando com as mãos os quadris e as nádegas, levantando-a por detrás. Lambeu-lhe as coxas e ela emitiu um gemido abafado, estremecendo-se, retorcendo-se para escapar de seus braços. Conar havia jurado que não teria piedade, e estava cumprindo sua



palavra. Sentiu intimamente o impulso de sua língua. Sua boca faminta acariciava, exigia, excitava, penetrava mais profundamente, retirava-se, brincava, evocava.

Melisande Suspirou seu nome, que tão poucas vezes pronunciava, em uma suplica profunda e intensa. Sentiu que seu corpo voltava a cobri-la, acariciava-lhe os braços, beijava-a de novo. De repente, Conar se ergueu apoiando-se sobre seus fortes braços.

Olhou-a com seus olhos azuis abrasadores.

— Força? Ou sedução? — murmurou.

Ela voltou a fechar os olhos, tremendo, dolorida.

— Força! — mentiu.

Ele Riu, com uma gargalhada de triunfo. E, apesar de tudo, a abraçou com infinita ternura quando, por fim, a tomou.

Melisande tremeu violentamente quando seu sexo penetrou profundamente nela enchendo-a por completo. Abraçou-o mordendo o lábio inferior. Sentiu que morria um pouco. Como se ele a acariciasse desde o ventre até o coração. Conar se moveu muito devagar ao princípio, levando-a com ele. Com tanta facilidade! Em poucos instantes ela começou a mover-se suavemente para seguir seus movimentos, estremecendo-se de desejo cada vez que seus impulsos pareciam lhe afastar dela. De repente foi como se o fluxo do mar se estrelasse ao redor deles e caísse em cascata sobre os dois; os movimentos suaves se converteram em uma tormenta, os dela tão desenfreados como os de Conar, seu desejo igualmente violento. Ele, nesse mágico momento se moveu dentro dela, e um orgasmo assombroso explodiu em seu interior, como um golpe na escuridão, como se caíssem estrelas do céu. Sufocou um gemido e ficou tremendo, sentindo o delicioso contato de seu corpo bronzeado, firme, úmido e brilhante sobre o seu. Sentiu a extrema tensão do corpo de Conar, e depois seu relaxamento, e em alguns segundos o sentiu cair a seu lado.



Melisande saltou da cama, furiosa, envergonhada, odiando-o e odiando-se. Antes que pudesse afastar-se, os dedos surpreendentemente longos de Conar a agarraram pela mão.

— Aonde pensa que vai, condessa?

Puxou o braço tentando soltar-se.

— Preciso me banhar agora mesmo — disse sem encará-lo.

Surpreendeu-se quando ele a soltou imediatamente e se ergueu lentamente na cama até recostar-se nos travesseiros de plumas de ganso junto à cabeceira esculpida da cama.

Entrelaçou as mãos por detrás da cabeça e a olhou. Suas palavras lhe tinham ferido, estava segura disso, mas Conar não parecia perder nunca o domínio de si mesmo. Não deu amostras de aborrecimento.

— Por favor, amor meu — disse, — não se acanhe. Adiante!

Ela se afastou bruscamente dele. A cabeleira murcha caia-lhe como uma capa sobre as costas. Deixou-se cair na banheira, desejando seu calor, mas a água já estava esfriando. Tremula, levou os joelhos ao peito.

— Você não pode ir agora?

Escutou-o levantar-se, sentiu que se aproximava em silêncio para a banheira. Ajoelhou-se detrás dela e lhe levantou uma mecha de cabelo.

— É cruel, Melisande. Fria e cruel. Dou graças a todos os deuses, também ao teu, é obvio, por não te amar. Inclusive seu grande Deus se apiedaria de mim se chegasse a me apaixonar por você, porque pisoteia impiedosamente o coração dos homens. Todos seus homens e, pelo visto, todos os meus, estão dispostos a morrer por você. Inclusive minha irmã e meu irmão, deixaram-se enganar por suas artimanhas. Tolos!

— São mais corteses...



— Mesmo sendo vikings?

— Vê-se que têm algo de sangue irlandês nas veias.

Conar riu suavemente, embora houvesse certa amargura em sua risada.

— A cruel não sou eu! — exclamou. — Eu não sou cruel! Não sou eu quem ordena e exige e...!

— E conquista? — sugeriu em voz baixa.

— Já disse que você não conquistou nada — murmurou Melisande.

Sentiu que os dedos de Conar deslizavam por seu pescoço. Sentiu essa carícia em todo o corpo, em contraste com a água fria, como se tocasse as partes íntimas que ele conhecia tão bem, tocava tão profundamente.

Ela mordeu o lábio. Não queria desejá-lo, não podia, mas era impossível lutar contra ele.

— Por favor, vá!

— Por desgracia, tenho que ir agora. Há coisas das quais devo me ocupar. Mas não tenha muita saudade de mim; voltarei. Não acredito que esteja suficientemente cansada para que possa confiar em você durante toda a noite. Ainda não.

— Pare de brincar! Não poderá comigo, viking!

Conar se levantou. Estendeu a mão para alcançar sua roupa, as meias, a camisa de linho, o colete de pele. Deixou a cota de malha onde tinha caído, mas quando calçou as botas de pele de cervo, agachou-se para pegar a espada.

Melisande se sobressaltou ao sentir o aço sobre seu ombro. Conar levantou-lhe o queixo com a ponta da espada, e a obrigou a olhá-lo.

— Assim serão as coisas de agora em diante, Melisande — advertiu muito suavemente, atravessando-a com seus olhos azuis. — Não estou mais brincando. Acabaram-se os jogos. Tudo o que possa ter visto em sua curta vida não é nada em



comparação com o que nos aguarda. Precisarei de toda minha atenção, e não terei tempo para me ocupar de você como no passado.

— Se ocupar de mim? — exclamou ela com aborrecimento — . Não entende nada! Tive que vir aqui porque você não podia fazê-lo! Esta é minha terra, este é meu castelo!

— Lamento discordar, querida. Foi entregue a mim, junto com sua fortaleza e suas terras, em um campo de batalha faz muito tempo. E desde então...

— Não é mais que um odioso tirano! Um viking! Um...!

— Precisa dizer mais? — Zombou ele. Levantou bruscamente a espada, deixando-a um momento sem respiração. Afastou com a ponta da arma uma longa mecha que lhe cobria o peito e deixou que a cabeleira úmida deslizesse sobre sua espada.

— Acabou-se, Melisande; não haverá mais desaparecimentos e, sobre tudo, não voltará a vestir sua cota de malha dourada, Geoffrey poderia ter te capturado hoje.

— E se o tivesse feito?

— Todos nós teríamos tido que morrer por sua honra. Todos os valorosos homens a quem diz ter grande estima. Embora pense que um viking é igual a outro, lamento ter que informar-lhe de que foi comigo que casou. Aliás, Geoffrey não é um viking, mas um dos teus.

— Bem poderia ser um viking!

— Claro! Porque esse termo engloba tudo o que é abjeto e malvado, não é assim, Melisande?

Encostou a ponta da espada no peito da mulher. Ela apertou as mandíbulas bruscamente e a empurrou para um lado.

— Creio que sim.



Conar se ajoelhou junto a ela.

— Quero que saiba que voltarei.

Melisande se perguntou em silêncio se ele estaria com a formosa loira, a leitora de runas, e a corroeu o ciúme que tanto odiava. Que queria dela se já tinha com ele a essa outra mulher que sempre o acompanhava em todas as suas viagens? Odiava com toda sua alma sentir ciúmes. Mas agora que Conar havia tornado a tocá-la, perguntou-se, embargada pela dor muito relutantemente, se, inclusive aqui, acariciaria a outra mulher da mesma forma.

— Está seguro de que quer passar a noite aqui?

— Como? — perguntou ele.

— Onde está...? — se interrompeu. Não queria pronunciar seu nome.

— Onde está quem?

— Ninguém. Agora saia.

— A quem te refere? — Rugiu Conar.

Ela apertou os joelhos contra o peito com mais força.

— Brenna! A leitora de runas. Sua viking.

— Ela também é meio irlandesa.

— Malditos sejam todos! — gritou Melisande com fúria. Mas sua explosão o fez rir.

— Então está com ciúme, querida?

— Jamais. Simplesmente aliviada por que precisam de você em outro lugar — mentiu com descaramento.

— Se for por isso, não tema. Não precisam de mim em nenhum lugar esta noite, Melisande. — O tom brincalhão desapareceu subitamente de sua voz. — Melisande, me escute. A batalha acaba de começar. Não pode imaginar quão duro será o futuro.



Não parecia ser consciente de quão duro havia sido o passado.

— Melisande!

Ela afastou o cabelo do rosto e o olhou com frieza e irritação.

— Volte, então! Não tenho força para te expulsar.

— Não, não tem — disse ele.

— Saia!

— Só quero que saiba que tenho o sono leve — disse suavemente. — Se despertar com uma adaga no pescoço, responderei sem hesitação como um viking.

Melisande piscou.

— Já se comportou como tal.

— Com grande prazer. Enfrentamos a um futuro inescrutável, Melisande. A partir de agora, fica advertida. É minha esposa. Ajude-me, então! Por seu deus e por todos os deuses do povo de meu pai, não volte a pôr sua vida em perigo! Geoffrey te cobiça assim como cobiça esta fortaleza. Só temo uma coisa desse homem: o que possa fazer para consegui-las. Obedeça-me, Melisande! Faça o que digo. Escute minhas palavras. Obedeça minhas ordens.

Melisande lhe lançou um olhar fulminante.

— Não posso ser sua esposa agora. Há muitas coisas entre nós! Não...

— Pode começar por sair da água — a interrompeu bruscamente. Solto a espada, levantou Melisande e a tirou da banheira. Ela o golpeou ferozmente, mas não pôde evitar que a soltasse na cama. Conar se sentou escarranchado sobre ela. — Está ficando enrugada e isso não é bom — disse, entrecerrando os olhos. — Além disso — acrescentou mais suave — , está tremendo como um frango. — Ficou em silêncio. Em seguida deslizou o polegar por sua bochecha e lhe acariciou o lábio inferior. — Você goste ou não, Melisande, assim serão as coisas a partir de agora. Odeie-me o quanto quiser condessa, mas vim para ficar. — Aproximou-se dela e



murmurou: — E voltarei. Sou seu marido, dormirei com você, deitarei com você, todas as noites de agora em diante.

— Não conte com que esteja aqui te esperando! — Gritou ela apaixonadamente.

— Conto precisamente com isso — advertiu ele.

Melisande apertou os dentes. Sentiu os olhos cheios de lágrimas, mas não choraria. Mordeu o lábio inferior e olhou para outro lado, decidida a não dizer uma palavra mais até que ele se fosse.

Por fim Conar se levantou. Ela se encolheu, afastando-se rapidamente dele, e não se voltou para olhá-lo enquanto ele recolhia sua espada e saía do quarto da torre.

Agarrou uma das peles que havia sobre a cama e se sentou, tiritando, aterrada de pensar no que havia ocorrido no que lhe reservava o futuro. Ele voltaria essa noite. Para dormir ali, para fazer inacreditavelmente real seu casamento. Para recuperar o que era dele, para tomar posse disso. Estremeceu. “Dou graças a Deus por não amá-la”, ele havia dito. “Deus, Deus! Não deixe que o ame! Não deixe que o ame!”, pensou.

Prometeu a si mesma que nunca o faria.

— Odeio você! — gritou com todas suas forças. Era infantil, mas de repente se sentiu muito menina e abandonada. — Odeio você! Odeio você! Odeio você!

Escondeu o rosto entre as mãos, sem saber o que sentia. Odiava-o, o amava, o temia...

Desejava-o.

E o amava também.

Mas tantas coisas os separavam!



Conar havia dito que a batalha estava a ponto de começar. Tinha vindo para deitar-se junto a ela, para dormir com ela.

Voltaria.

Não!

Como o odiava!

O amava.

Não! Não! Jurou-se que não o amaria.

Sobressaltou-se ao ouvir um ruído no quarto. “Voltou sigilosamente, a sua maneira”, pensou.

Voltou-se, consciente de que com sempre estava cautelosa.

Mas não era Conar quem havia entrado tão sigilosamente no quarto. O susto lhe cortou a respiração e sentiu que um grito subia-lhe pela garganta ao ver quem era.

Geoffrey Sur-le-Mont, seu mais odiado inimigo, alto, magro, de rosto belo e cruel, olhos de um dourado avelã, cabelo liso e negro. Estava ali, olhando-a fixamente enquanto ela se agasalhava com as peles.

Respirou profundamente, disposta a gritar como uma possessa, mas não tinha nenhuma possibilidade. Enquanto olhava para Geoffrey, uma mão a segurou, lhe tampando a boca. Lutou ferozmente, chutando e retorcendo-se, mas eram três homens no total, Geoffrey e seus dois capangas mais hábeis, Gilles e Jon do Lac.

— Canalhas! — gritou entrecortadamente, depois de conseguir liberar-se um momento, mas Geoffrey havia rasgado o lençol e a amordaçou imediatamente.

Seguraram-na, ataram-lhe as mãos às costas, enrolaram-na nas peles e a levantaram. Gilles a pôs sobre seus largos ombros e Geoffrey, riu entre dentes, puxou seu cabelo e levantou-lhe a cabeça até que seus olhares se encontraram. — Disse



que a teria, Melisande, e vê? Cumpri minha palavra. E terei esta fortaleza também, juro Por Deus!

Melisande moveu a cabeça violentamente. Geoffrey afrouxou a mordaça um par de centímetros.

— Ele matará você! — disse com voz tremula.

— Você acha? Ouvi parte de sua conversa. Não acredito que se de conta imediatamente de que foi raptada, querida Melisande. Não esqueça que ameaçou não estar aqui quando ele voltasse. Conar é plenamente consciente de que sua presença não te enche de alegria. Não, Melisande, quando perceber, se é que o faz, de que não foi por sua própria vontade, será muito tarde.

— Nunca sairá deste castelo comigo! — Disse ela entre dentes.

— Verá como saio. Meus amigos dinamarqueses são surpreendentemente parecidos com os guerreiros noruegueses do Lobo. Fingiremos estar bêbados e passaremos entre eles. É noite de celebrações, Melisande! Você e eu também teremos algo que celebrar! Isto é o que teria que ter ocorrido faz já muitos anos.

— Morrerá Geoffrey! Ele o cortará em pedaços!

— Ele fará se não nos apressarmos, conde Sur-le-Mont— disse Gilles olhando nervosamente ao redor. — Devemos ir.

Nesse momento Melisande percebeu que não haviam voltado a lhe colocar a mordaça, então respirou fundo e começou a gritar, mas lhe cobriram a boca imediatamente.

— O que fazemos se voltar a gritar? — perguntou Jon.

— Não o fará — prometeu Geoffrey.

Havia previsto o necessário para garantir seu silêncio: enquanto falava, pegou um candelabro de bronze que estava sobre o baú ao pé da cama de Melisande e lhe golpeou com força a cabeça. Melisande não teve tempo para queixas ou lamentos.



Despertou algum tempo depois. Ainda estava amarrada e envolta em peles, jogada sobre um cavalo. Havia conseguido escapar do castelo com ela, e só Deus sabia onde se encontravam.

— Ah, está acordada, querida! — disse Geoffrey com sua voz rouca. — Logo chegaremos. “Aonde?” perguntaria se pudesse. Pois bem, dirigimo-nos para as ruínas da antiga fortaleza romana de onde seu pai tirou grande parte da pedra com que construiu seu maravilhoso castelo. Conar não a encontrará ali. E se o fizer..., tenho um grande contingente de dinamarqueses o esperando. Dirigem-se para Rouen, e dali a Paris, para saquear quanto possam. É só o que lhes interessa, e o só que interessa a mim, querida, é o poder... E você. Por isso o viking deve morrer.

Batendo contra o cavalo, atada como estava, Melisande não podia responder.

Geoffrey deteve bruscamente sua montaria, saltou ao chão, baixou-a do cavalo pardo sobre o que a havia carregado e tirou a mordaça. Melisande tropeçou nas peles em que estava envolta.

— Uma capa! — ordenou Geoffrey enquanto a segurava para que não caísse ao chão completamente descoberta.

Não lhe tinha importado que seus soldados a vissem nua quando o haviam ajudado a seqüestrá-la, mas agora, como se tivesse recuperado o decoro, precisava ver coberto o objeto de sua cobiça.

Ele a voltou de costas, desatou-lhe as mãos e a fez girar em volta de novo. Deram-lhe uma capa e a pôs sobre os ombros justo no momento em que a pele caia ao chão. Alguém a recolheu. Melisande manteve o olhar fixo em Geoffrey.

— Ele o matará — disse. — o despedaçará de tal maneira que ninguém poderá reconhecê-lo. A menos que me deixe ir agora...

— Ah, Melisande! Está realmente tão segura de que virá buscá-la? Acredita de verdade que a ama o suficiente para arriscar tudo?



Continuou encarando-o com frieza.

— arriscou sua vida por mim em muitas ocasiões.

— Pode ser. E pode ser que tenha arriscado sua vida por seu cobiçável patrimônio.

— Virá por mim!

— por que te ama? — perguntou Geoffrey ironicamente.

— Virá porque lhe pertença.

Geoffrey negou com a cabeça, irritado por sua tranquilidade.

— Não esta vez, assegurou-lhe isso. Esta vez não virá. Ele sacrificaria tudo se o fizesse.

Virou-a de costas de um empurrão e tornou a subi-la sobre o cavalo marrom. Ela se endireitou com dificuldade, tentando manter-se sentada sobre a sela. Temia quebrar uma perna e comprometer com isso qualquer possibilidade de fuga.

Geoffrey a encarou enquanto tomava as rédeas de seu cavalo.

— Gilles está a sua direita e Jon a sua esquerda. Um só movimento e um deles lhe atravessará a perna com uma flecha, de forma que não poderá andar durante uma semana. Não necessito que ande para nenhuma das coisas que desejo de você.

Melisande olhou à frente.

— Quanto demoraremos?

— Daqui se vêem as ruínas à luz da lua. Ali adiante. Não falta muito.

Não muito. Muito pouco. Chegariam logo.

E, em efeito, havia um grande contingente de dinamarqueses ali. Eram tão altos! Havia acampado entre as antigas pedras, quase invisíveis entre as sombras.

Tinha reservado um lugar para ela, ao final de um lance das antigas escadas que se fundiam na terra. Geoffrey ordenou que a baixassem ali. Gilles e Jon a



arrastaram enquanto ela lutava. Gilles gritou quando Melisande o mordeu e a empurrou sem olhar escada abaixo para o frio e úmido porão. Melisande caiu sobre a pedra gelada.

Levantou a cabeça. Geoffrey a olhava, sereno, sorridente.

— Tenho que me ocupar de nossas defesas, Melisande, mas voltarei assim que possa.

Melisande engoliu em seco. Quantas vezes havia tentado resistir a Conar?

Havia lutado contra ele, desejando-o sempre, mas tão assustada! Primeiro com medo e depois com fascinação. E em seguida sofrendo por sua ausência, atormentada pelos ciúmes, pelo medo constante, sem que a abandonasse nunca a dor, a ânsia, o desejo. O amor.

E agora isto! Desejou morrer.

— Virá por mim — disse ao Geoffrey — . Virá para me buscar.

Geoffrey tornou a rir.

— Veremos.

Voltou-se, saiu e uma pesada porta se fechou atrás dele. Melisande ficou sozinha na escuridão.

Envolveu-se na capa que lhe haviam emprestado apertando-a com força contra seu corpo, e reprimiu um soluço.

— Virá! — gritou de novo. Viria. Era o Senhor dos Lobos. Nenhum homem jamais o havia vencido ninguém arrebataria o que lhe pertencia.

“Deus meu! O amo com loucura, não deixe que morra não me abandone com o Geoffrey. Terá que vir! Faça que venha!”

Melisande se perguntou se Conar poderia esquecer tudo aquilo e ir salvá-la apesar de tudo, se a desejaria o suficiente, apesar de tudo.



Apoiou a cabeça nos joelhos, gelada e assustada, e sentiu que a assaltavam as lembranças enchendo-a de calor.

Sim, se odiavam.

Mas, a sua maneira, se amavam também.

Parecia que havia passado tanto tempo desde seu primeiro encontro, um dia muito parecido ao de hoje...

SEGUNDA PARTE

ANTES...

CAPÍTULO 04

Verão do ano 879Costa da França

— Já esta aqui! — gritou Melisande — Papai chegou!

Durante a semana anterior, tinha passado horas vigiando todos os dias à antiga via romana, porque seu pai havia prometido que estaria de volta para seu décimo terceiro aniversário, e ela sabia que, como sempre, cumpriria sua palavra.

Ragwald, que estava sentado em sua cadeira de estudo, com a cabeça apoiada nas mãos e aparência cansada, ficou em pé imediatamente esquecendo que sua jovem pupila tinha estado lhe exasperando como nunca. A volta de seu senhor o enchia de alegria, porque corriam tempos muito traiçoeiros para os viajantes. Não era apenas que os dinamarqueses e outros vikings acoisassem constantemente suas costas e rios, mas que, para defender-se deles, muitos barões, senhores, condes e latifundiários enriquecidos tinham iniciado uma forma de vida nova em certo sentido. Ragwald era velho, e sua memória lhe dizia que as coisas não haviam mudado tanto, a força militar sempre tinha sido de capital importância. Mas havia sido durante esse século, com a chegada dos vikings, quando havia surgido o neofeudalismo. Os grandes senhores construía agora suas fortalezas ou castelos,



treinavam aos homens mais capazes para que lutassem por eles e davam alojamento a vassalos, homens e mulheres, que trabalhavam suas terras. Estes produziam os mantimentos e contribuía com presentes em troca de proteção. Com todos esses castelos e fortalezas erguendo-se nos campos, a lei havia ficado nas mãos de quem tinha a força necessária para impô-la. Os viajantes eram assaltados com frequência e freqüentemente desapareciam sem deixar rastro.

Ragwald se reuniu com Melisande no muro do passadiço para observar com ela a chegada de seu senhor e seu pequeno destacamento ao castelo. Sorriu. Não deveria haver-se preocupado tanto. O conde Manon do Beauville era um dos nobres mais poderosos da região e, na opinião de Ragwald, sem dúvida um dos mais inteligentes. Para começar, havia tomado Ragwald a seu serviço há já muitos anos.

Mas havia mais, o conde Manon era um nobre com uma mente aguda, um homem que olhava o passado para aprender com os erros e acertos de outros. Havia estudado aos romanos e as repercussões que sua chegada havia tido nos povos conquistados. Havia descoberto os múltiplos usos da pedra. Sua fortaleza se contava entre as melhores da região. Os muros interiores, o pátio e, como era habitual, os edifícios principais estavam situados em uma colina; ao redor desta estrutura central se havia erguido uma muralha, rodeada a sua vez por um grande fosso. Havia quatro torres no castelo que olhavam, respectivamente, ao mar, o leste, o oeste e o sul. Entre a muralha exterior e as torres se elevavam passadiços de madeira e pedra que davam às tropas uma excepcional capacidade para lutar do interior. Poucos assaltantes haviam conseguido aproximar-se muito do castelo, porque os homens do conde eram destros no manejo de flechas incendiárias e caldeirões de azeite fervente. A força despertava respeito naqueles dias, e o conde Manon e sua gente haviam conseguido viver dentro dos muros do castelo em um oásis de paz. Nunca



havia sido atacados por compatriotas em busca de glória, e haviam repellido sem problemas os ataques quase inevitáveis dos dinamarqueses, a maioria dos quais tinham como único objetivo o saque. Outros, em troca, acudiam em busca de suas terras; eram filhos não primogênitos que não tinham futuro algum em seus países de origem. Quando se encontravam em combate com o conde Manon, abandonavam em seguida a luta em busca de presas mais fáceis.

Havia tanto território desprotegido junto à costa!

Ragwald levou a mão à testa para protegê-la do sol e contemplou ao conde Manon que nesse momento atravessava os campos pelo atalho, montado em seu enorme garanhão que se chamava Guerreiro. O continuava um grupo de cavaleiros, todos armados e com escudos. Dois deles levavam a insígnia azul e vermelha do castelo em que figuravam os carneiros selvagens do Beauville; era o estandarte que o avô do conde havia escolhido quando servia a Carlo magno.

O próprio conde era um homem muito atraente; alto, de cabelo escuro, sulcado apenas por umas poucas mechas cinza. O azul profundo de seus olhos contrastava com sua tez bronzeada pelo sol. Cavalgava com graça, muito ereto. Ao ver sua filha e Ragwald lhe esperando com tanta impaciência, saudou-lhes com a mão, sorriu e esporeou seu cavalo.

— Pai! — gritou Melisande com entusiasmo. Desceu correndo do passadiço.

— Melisande! — Ragwald correu atrás dela. — Por todos os Santos! — Gritou aborrecido levantando as mãos. — Melisande, é a herdeira de uma fortaleza. Trata de se comportar com um pouco de dignidade!

Estava falando com o ar. Deixou cair os braços com resignação e a seguiu pelas escadas da ala central até o pátio.



As grandes portas haviam se aberto para o conde, que entrou a cavalo. Sua filha se precipitou para ele, jogando-se sobre Guerreiro em sua ânsia de alcançar seu pai.

— Melisande!

O conde Manon passou uma perna sobre a garupa do animal e saltou ao chão com agilidade, para estreitar entre seus braços a sua filha.

— Querida! Senti tanta saudade!

— Você voltou! — exclamou ela transbordante de alegria.

O conde assentiu. Ragwald observou que examinava a menina com o cenho ligeiramente franzido. Era natural, nos poucos meses que havia estado ausente Melisande havia mudado. Faltavam alguns dias para fazer treze anos. Havia crescido muito. Ultrapassava já em estatura a muitos homens. A cabeleira, negra como o azeviche, lhe caia pelas costas em ondas suaves e escuras. Seu rosto não era mais o de uma menina; tinha os traços finamente esculpidos, ossos perfeitos e uma pele excelente; podia rivalizar com qualquer beleza clássica das lendas gregas ou romanas. Ragwald observou que estava adquirindo rapidamente forma de mulher, e pensou que teria que recordar logo ao conde que não havia feito planos de casamento para Melisande.

No momento, a felicidade que despertava em pai e filha aquele reencontro era tão profunda que decidiu manter-se a distância enquanto o conde falava de presentes e a menina perguntava com insistência como havia sido tudo e, é obvio, exigia todos os detalhes sobre os lugares aos que lhe tinha levado sua viagem.

Ao mesmo tempo em que relatava suas aventuras, o conde passou um braço sobre os ombros de sua filha e o outro sobre os de Ragwald, e os três se dirigiram para a torre principal, a torre da comemoração. No andar de baixo, escavado na terra, armazenavam-se mantimentos e armas. As habitações se encontravam no



andar superior, e o do meio estava ocupado por um grande salão com uma enorme lareira e uma mesa maciça de carvalho. No salão se celebravam as grandes reuniões, mas também se utilizava para os encontros íntimos da pequena família.

Todo mundo estava encantado com a volta do conde, do mais insignificante de seus vassalos até os mais prósperos arrendatários. Os serventes se reuniram para vê-lo e puseram o máximo esmero na preparação de sua primeira refeição. Enquanto lhe davam as boas vindas, ele lhes contava histórias sobre Paris, sobre a peregrinação que havia iniciado ali, sobre as visitas que tinha feito com o rei da Borgonha.

Já era tarde. Os serventes haviam se retirado. O conde estava sentado ante o fogo em uma das enormes cadeiras de carvalho e contemplava a sua filha enquanto esta atiçava o fogo. Ragwald observou que continuava com as bochechas rosadas pelo prazer e a excitação que havia provocado a volta de seu pai.

— Gerald nos visitou com freqüência durante sua ausência — disse Ragwald. Tratava-se do conde a quem pertenciam às terras vizinhas, que davam ao mar.

— Ah, sim? Para comprovar que tudo corria bem nas minhas propriedades? Se tiver duvida sobre a capacidade de Philippe e Gastón para velar pela segurança desta fortaleza, é que não conhece a têmpera de meus homens — disse o conde sorridente.

Ragwald não devolveu o sorriso.

— Não confio nesse homem.

— O que acha que busca? — Perguntou o conde.

Ragwald encolheu os ombros. Olhou distraidamente para Melisande.

— Não sei. Talvez ande atrás de sua filha.

Melisande, que continuava atiçando o fogo, sobressaltou-se e girou sobre seus calcanhares para olhá-lo, franzindo seu delicado nariz em um gesto de desagrado. “Uma psicóloga muito perspicaz para sua idade”, pensou Ragwald.



Também o conde franziu o cenho.

— Gerald é mais velho que eu!

— A idade nunca foi obstáculo para o casamento. E talvez não queira Melisande para si, mas para seu filho Geoffrey.

— Geoffrey eu gosto até menos — murmurou o conde.

Melisande, a quem estas palavras produziram um claro alívio, olhou ao Ragwald com um brilho de triunfo nos olhos.

Ragwald a ignorou e seguiu dirigindo-se ao conde.

— A pequena é sua única herdeira...

— E se promulgaram numerosas leis que dispõem que não há razão pela qual uma filha não possa herdar quando não existem descendentes homens — disse com firmeza o conde Manon.

Ragwald Suspirou. Os nobres podiam ser tão obcecados quando queriam!

— Aí é precisamente onde queria chegar, conde — disse ele. Esta é uma fortaleza poderosa, nenhum homem dos que a conhecem ousou atacá-la, e os estrangeiros que invadiram a região abandonaram seu empenho de saqueá-la por outras presas mais fáceis. Alguém poderia cobiçar a sua filha e suas propriedades, conde Manon!

O conde observou Melisande.

— Só tem doze anos...

— Quase treze. E é freqüente que as crianças já estejam casadas ao nascer.

— Prometidas — corrigiu Manon.

— Qual o problema? — replicou Ragwald com impaciência. — Muitas meninas se casam a sua idade.

— Pois ela não o fará — disse o conde obstinadamente. —

A menos que...



Melisande deu um salto e se postou atrás da cadeira de seu pai, sem deixar de olhar fixamente ao Ragwald.

— Não sabe querido tutor — disse a menina com doçura, enquanto acariciava os ombros de seu pai, que o rei Carlo magno não casou a nenhuma de suas filhas, mas sim as manteve em sua casa, a seu lado, decidido a não compartilhá-las com ninguém?

Ragwald fez um gesto com a mão.

— Sim, senhorita, e que triste vida levaram essas pobres garotas! Porque não se casaram, mas tiveram amantes e filhos ilegítimos com eles.

Ela o olhou franzindo o cenho.

— Ragwald, minha educação foi tão boa como a que teria recebido um filho homem...

— E acha que será tão forte como um homem?

— Não senhor! Serei tão forte como qualquer mulher! — sorriu. — Você me ensinou a força de meu sexo, Ragwald. Se lembre da Fredegunda, a esposa do rei Chilperi. O manipulou para que este repudiasse a sua primeira esposa e depois ordenou sua morte, além de organizar todo tipo de assassinatos políticos quando chegou ao poder.

— Em efeito. E de muito lhe serviu! — Replicou Ragwald. — Ao final foi torturada e acabou seus dias no cadafalso!

— Não me refiro a isso, quero dizer que ela causou tanto caos como qualquer rei homem.

Ragwald moveu a cabeça com cansaço. O conde Manon observava a sua filha com expressão divertida e afetuosa.

Era uma jovem extremamente brilhante, sempre sedenta de saber e, apesar de sua juventude, muito consciente de que os homens de seu pai esperavam que se



casasse e a seguir cedesse o poder a seu marido. Mas Melisande estava decidida a aferrar-se ao que considerava dela e só dela.

— O que dizem as estrelas, astrólogo? — perguntou o conde com certa ironia.

A astrologia era uma ciência antiga. Às vezes parecia que o conde a respeitava por isso, mas em outras ocasiões se dizia que a considerava um mero entretenimento, como as velhas lendas romanas em que o deus Júpiter se convertia em algum animal para seduzir a mulheres mortais.

Em outro momento Ragwald havia saído logo em defesa do estudo das estrelas, mas essa noite, de repente, se sentia incapaz disso. Era estranho, mas havia estado como cego nos últimos tempos. Sabia, olhando a lua, quando subiria a maré; observando-a crescer e minguar podia prognosticar quando reinaria a concórdia e quando a tensão, quando nasceriam as crianças e quando enlouqueceriam certos homens. Mas não era capaz de predizer nada, absolutamente nada, do que lhes reservava o futuro imediato, só via um buraco escuro e atroz. E isso o mantinha terrivelmente assustado.

— As estrelas dizem que sua filha deve casar-se por sua própria segurança — disse com seriedade.

— É possível — respondeu suavemente o conde sorrindo a Melisande. — Mas para mim continua sendo uma menina. E eu gostaria conhecer sua opinião sobre os poucos homens que tenho em mente.

— A opinião de uma menina? — replicou Ragwald em tom desafiante.

— A opinião de uma menina educada — respondeu com voz doce Melisande, que o olhava com uma expressão divertida e triunfante.

Ragwald iniciou um gesto de admoestação com o dedo, mas depois optou por entrelaçar com força as mãos às costas. Sua jovem pupila era muito precoce!



O conde ficou olhando fixamente o fogo, deleitando-se no extraordinário desdobramento de cores, escutando por um momento o ranger e o crepitar do fogo.

— Gostaria muito que se casasse por amor — disse pensativo.

— Por amor! — disse Ragwald dando um salto de assombro que fez que seu velho manto ondeasse ao redor dele como se estivesse dançando uma dança pagã.

— Por amor! Deus nos proteja! A quem pode ocorrer o um requisito tão absurdo para um casamento de conveniência?

O conde Manon sorriu. Em seguida olhou a sua filha, ao velho mentor e, de novo, ao fogo.

— Eu estava apaixonado por sua mãe — replicou pensativamente sem levantar a voz. — Tanto que nunca pude voltar a me casar quando a perdi. O amor é algo maravilhoso, Ragwald. Deveria prová-lo uma vez.

— Está brincando — disse o conselheiro depreciativamente.

— Meu esta pai falando muito a sério — assegurou Melisande.

Ragwald negou com a cabeça, enquanto elevava os braços com perplexidade.

— Conde Manon, deve recordar que casou com lady Mary porque seu pai ordenou. O amor veio depois — pigarreou discretamente. — Acredito meu senhor que é o... A convivência o que cria essa maravilha do amor.

— Mesmo assim, isso é o que quero para minha filha.

— Mas, senhor...

Não falemos mais do assunto por esta noite. A viagem me esgotou e tenho presentes para ambos.

Levantou-se e se dirigiu sem mais delongas a um dos baús que os serventes haviam subido à torre principal. Cortou com uma faca a corda que o mantinha fechado e o abriu de um golpe. Primeiro sacou uma bolsa de pele e a deu a Ragwald.

— Aí tem astrólogo! Isto o manterá ocupado durante um tempo.



Ragwald olhou a bolsa, e em seguida ao conde.

— E bem, meu bom conde? O que é?

— Abre-a! Não o morderá — prometeu o conde. — Está cheia de ervas medicinais. Comprei-as a um medico grego que estava a serviço da princesa da Borgonha, um homem muito inteligente. Procedem de diversos lugares do mundo.

Ragwald sorriu encantado com o presente. A química era outra ciência que lhe interessava sobremaneira. Fascinavam-lhe as propriedades curativas das ervas e o estudo de suas combinações. Esqueceu por um momento sua determinação de velar pelo bem-estar do futuro de Melisande.

— E isto é para você, querida filha — disse o conde tirando uma cota de malha.

Ragwald deixou suas ervas a um lado e contemplou a cota. Era magnífica. A malha era finíssima, por isso seria muito difícil de atravessar. Mas, mesmo assim, era um objeto formoso, decididamente feminino. Era adornada com um elegante desenho feito em ouro que lançava deliciosos brilhos à luz da luz.

— Pai! — exclamou Melisande. — É magnífica!

— É obvio, é para cerimônias — disse.

— Para cerimônias — repetiu ela enquanto segurava a cota nas mãos com gesto quase reverente.

— A usará muito em breve, porque quero que cavalgue comigo pela fortaleza para aprender todo o necessário sobre como dirigi-la.

— OH, pai! — brilhavam-lhe os olhos quando lhe jogou os braços em volta do pescoço.

Ele a beijou na testa.

— Agora deve ir dormir porque estou esgotado.



— Claro, pai, claro! — disse ela, temerosa de ter contribuído de algum jeito a seu cansaço. — Agora que está em casa, não importa. Terei você toda a manhã, e muitas horas depois. Durante dias, e semanas, e...!

— Acredito que seu pai falou para ir deitar-se, Melisande — disse Ragwald olhando-a.

Melisande sorriu e inclusive lhe deu um beijo na bochecha.

— Também te amo, Ragwald. Durmam bem — voltou a beijar e abraçar seu pai e correu para seu dormitório sem soltar a cota de malha.

Ragwald olhou de novo ao conde e emitiu um profundo suspiro.

— Senhor, há muitos homens que acham que a queda do império romano talvez se deva a aparição dos direitos legais da mulher.

O conde Manon soltou uma gargalhada.

— Quem pensa assim devem ser homens muito burros.

Ragwald se inclinou.

— Vivemos em uma sociedade feudal, conde Manon. Esta fortaleza depende de sua força, de sua destreza. A função de uma mulher consiste em trazer ao mundo os filhos de seu marido, em ocupar-se da administração da casa...

— Maneja a espada muito bem, observei-a com seus professores.

Ragwald suspirou profundamente. Para o conde, o mundo girava ao redor de Melisande.

Mas o conde não compreendia. Também Ragwald amava à pequena, por isso se preocupava com ela.

Tem uma grande inteligência, um grande talento. Mas, por melhor que seja um homem mais forte que ela a vencerá. O senhor comprou a cota de malha para que possa ir à guerra com seus homens? Suportará que receba uma ferida de uma



espada, que lhe abram a cabeça com uma maça? Talvez as flechas não possam atravessar sua armadura, mas podem alcançá-la no pescoço!

— Não tenho a menor intenção de que vá à guerra. É uma armadura cerimoniosa, para os cérebros masculinos — insistiu o conde apontando a cabeça com o dedo. Deu de ombros. — Além disso, minha filha tem razão. Há mulheres que governaram esposas por seus maridos, mães por seus filhos. E quase sempre...

— Quase sempre, como vimos, terminaram mal.

— Nem sempre. Nós dois sabemos história, astrólogo!

— E que acontecerá com Melisande? — raciocinou. — Quer que passe a vida sozinha, defendendo sua propriedade

— Não. Quero que seja forte e tome suas próprias decisões. Tem grande destreza no manejo da espada...

— Estupendo! Todos elogiarão sua força quando for abatida por um homem com o dobro do peso!

— Sim, mas venceria a um homem frágil.

— Ela odeia a guerra.

— Todos deveríamos odiá-la.

— Ragwald se afundou em sua cadeira ao mesmo tempo em que emitia um grunhido.

— Resta algo desse excelente Borgonha, senhor? Sinto uma tremenda necessidade de beber.

O conde Manon soltou uma gargalhada.

— Claro, Ragwald, claro que sim! — levantou-se, atçou o fogo mortiço e encheu uma taça de vinho para seu velho amigo e conselheiro e outra para si. — Não sou tão negligente como pensa, Ragwald. Talvez tenha levantado essa questão



delicada de propósito. De fato, estive considerando atentamente a uns quantos homens que poderiam ser dignos de minha filha.

— Quais são?

O conde Manon coçou o queixo.

— Um deles é o sobrinho de um velho amigo, um príncipe irlandês...

Ragwald o interrompeu com uma exclamação engasgada.

— O filho do Lobo da Noruega?

— O filho do homem que tomou e construiu Dubhlain e que conquistou de passagem à filha do grande rei, o Ard-Ri — continuou o conde suavemente. Em seguida se reclinou na cadeira e olhou fixamente para Ragwald. — Tenho inimigos, alguns deles ardilosos e poderosos. Somos presas de constantes invasões. Quem melhor para derrotar ao invasor que um descendente dessa mesma estirpe de guerreiros?

Ragwald moveu a cabeça com perplexidade sem deixar de observar ao conde.

— Acredito que o senhor enlouqueceu... — se interrompeu. O conde e ele eram amigos íntimos, mas pareceu-lhe não ser muito prudente sugerir a seu senhor que suas palavras raiavam a demência. Negou com a cabeça. — O senhor falou de amor. Melisande tem sido testemunha de inumeráveis invasões, conhece todas as lendas. Acha sinceramente que poderia apaixonar-se por um viking?

O conde Manon deu de ombros.

— É um irlandês, um príncipe do Eire. Dependendo como se olha Ragwald, a jarra de vinho pode estar meio vazia ou meio cheia. É melhor saborear o vinho que contém que amargar-se porque não tem mais. Este vinho é de uma qualidade excelente.

— A relação me escapa.



— Bom, ainda veremos — disse o conde com um sorriso, isso é tudo. Ainda veremos. Pensei muito e muito cuidadosamente nisso. Visitei as famílias nobres de por aqui, estudei a seus filhos... Não estou totalmente cego; Gerald me jura sua amizade, e sei que está interessado em Melisande, não sei si para ou para seu filho. Você não deixa de me repetir que o que preciso é poder. Precisamente por isso procurei a um príncipe meio viking e o convidei a nos visitar. Quero que se conheçam. Se tornarem-se inimigos, não pensaremos mais no assunto.

— O que vai pensar uma menina de um homem? — disse Ragwald com desdém.

— Conar de Dubhlain não é tão velho, ainda não tem vinte e um anos; entretanto, combateu ao lado de seu pai e seus tios em numerosas batalhas e tem fama de ser um dos melhores espadachins do mundo.

— Estou seguro de que isso bastará para que ganhe o coração de Melisande!

— De fato, já estive aqui antes, faz muito tempo. Seu tio navegava freqüentemente por estas costas, mais como comerciante que como invasor. Em uma dessas ocasiões, juramos manter a paz entre nós, por isso Conar, pela honra de sua família, se sentirá obrigado a nos respeitar e a ajudar a minha filha em qualquer dificuldade.

— A honra de um viking! — exclamou Ragwald com desprezo.

— Este é um viking singular. Seu irmão é parente por casamento do rei Alfredo de Wessex. Muitas das filhas casadouras das casas que visitei ficariam encantadas de que as seqüestrasse um viking sempre que fosse Conar. Não há ninguém como ele, meu amigo.

Ragwald estremeceu. Uma estranha sensação de frio o invadiu. Suspirou.

— Quando chega nosso viking irlandês?



— Logo. Mas, é obvio, terão que passar anos antes que consinta que Melisande se converta na esposa de alguém.

Ragwald, surpreso, estremeceu de novo; o arrepio que o sacudiu havia sido mais violento que o anterior. Tentou não pensar nisso.

— Sim, anos. Tem razão, é uma menina — concordou. — Uma menina muito bonita que esta adquirindo formas magníficas, mas ainda assim uma menina.

O conde soltou uma gargalhada.

— Ragwald, não me fará mudar de opinião. Estou certo nisto!

— Rezo para que assim seja.

Ambos ficaram olhando as chamas. A pesar do calor que desprendia o fogo, Ragwald continuava sentindo-se gelado.

Que estava havendo?

As estrelas não haviam lhe dito nada. Nada podia acontecer. Sorriu ao conde, se sentia confortado por sua volta, e este lhe devolveu o sorriso.

— É agradável ter uma noite tranqüila, não é mesmo, Ragwald?

— Concordo.

Nenhum dos dois podia imaginar que era a ultima noite que passariam juntos.

Porque o conde havia se equivocado.

A tragédia e as circunstâncias iam mudar todos os planos que haviam feito essa noite.

Melisande se casaria antes de seu aniversário.

De fato, estaria casada antes que tivessem transcorrido vinte e quatro horas.

CAPÍTULO 05

— Pai!

Melisande havia dormido pouco nessa noite e havia levantado cedo. Tremendo pelo ar fresco da manhã, foi para o passadiço para ver o despertar da fortaleza. Os soldados que haviam feito a guarda da noite dormitavam com a cabeça inclinada sobre o peito. Abaixo, os padeiros e suas esposas haviam começado com sua jornada há algum tempo, e o aroma doce do pão recém amassado assando-se impregnava o ar da manhã, atenuando, graças a deus, outros aromas menos agradáveis. Ouviam-se os golpes do martelo do ferreiro sobre o fundo da canção de uma das ordenhadoras. Em fim, um dia comum.

De repente viu que se aproximava pelo leste um cavaleiro. Cavalgava pelo vale, do território do Gerald. Arqueou uma sobrancelha com curiosidade. O próprio Gerald havia vindo com muita frequência enquanto seu pai esteve ausente. Sua visita não teria nada de excepcional. Não gostava de Gerald, e desprezava o seu filho mais velho Geoffrey, de vinte anos. Melisande, com apenas doze anos, se sentia muito mais amadurecida que ele. Pelo que pôde ver, passava os dias martirizando os cães de caça ou tentando tomar de seus irmãos e irmãs menores qualquer bugiganga que tivesse o mínimo valor. Era alto e bem formado, um jovem sem dúvida atraente, mas havia uma luz em seus olhos, um esgar em seus lábios, que a sentiu-se profundamente incomoda. Sua mãe tinha morrido há anos, e sua casa parecia um lar de feras. As pessoas faziam previsões e conjecturas a respeito de quando Gerald tomaria uma nova esposa, e ocorreu a Melisande que ele talvez tivesse postos os olhos nela. Os servos murmuravam sobre o assunto frequentemente.



Estremeceu ao pensar nisso. A jovem Marie do Tresse, sua donzela pessoal, havia-lhe ensinado com muita seriedade tudo o que teria que saber, embora, em rigor, Melisande havia deduzido grande parte de sua informação da observação do comportamento dos animais. A idéia de estar com Gerald daquela maneira provocava-lhe violentas ânsias de vômito. Mas a sensação não durava muito porque confiava plenamente na força de vontade e a determinação de seu pai. Talvez Gerald pensasse que o natural era que suas duas famílias se unissem, mas ela não compartilhava essa mesma opinião.

Tampouco consideraria a possibilidade de casar-se com seu filho. Estava segura de que sua idéia de uma noite amena seria entreter-se jogando os ossos do jantar no focinho de seus cães.

Tranquilizou-se pensando que seu pai nunca consentiria tal coisa.

Mas o cavaleiro se aproximava, e Melisande se sentiu inquieta. Traria alguma mensagem de Gerald relacionada com ela? Causaria problemas ou inclusive luta entre eles a firme negativa de seu pai?

Afastou-se do passadiço e correu em direção à torre onde estava o quarto de seu pai. Era um quarto enorme em cujo centro havia uma grande cama com dossel e, do outro lado, frente a ela, uma lareira ante a qual havia uma cadeira, mesas e bancos para que o conde pudesse receber visitas em seus aposentos pessoais. Seu pai já se levantara e estava embainhando a espada na capa que lhe pendurava da cintura.

— Pai! — gritou jogando-se sobre ele. Mas o conde a tranqüilizou em seguida.

— Já vi o cavaleiro. Vou sair para recebê-lo.

Melisande vacilou.

— Pai, de verdade, não estive considerando a possibilidade de arranjar...

O conde riu. Deteve-se para beijá-la na cabeça.



— De verdade, Melisande, nunca. Agora deixa que vá ver o que ocorre aí fora. Ele diz que considero que minhas terras e minha filha são superiores e, nisso, filha, tenho que lhe dar a razão — disse sorridente. Mas seu sorriso se desvaneceu. Olhou Melisande nos olhos com gravidade e lhe acariciou a bochecha — . Realmente é superior! Vi você crescer e se converter em uma jovem muito mais amadurecida do que corresponde a sua idade. Trata com bondade aos animais e tem um coração generoso para com nossa gente. Dependem de nós. Todos dependem de nós. Assim é o mundo no qual vivemos! E você, que não liga para suas coisas, sempre se preocupa pelas dos outros. Enche-me de orgulho, Melisande. Qualquer homem que a corteje terá que demonstrar que é digno de você.

Melisande ficou nas pontas dos pés e, lhe jogando os braços ao pescoço, beijou o seu pai na bochecha.

— Se é assim, é porque tenho ao mais sábio e bondoso dos pais.

Então percebeu que havia alguém a suas costas. Girou sobre seus calcanhares e viu Philippe, o capitão do guarda da fortaleza, que olhava com expressão grave ao conde.

— É Gerald. Não quis entrar e pede uma audiência com você. Adverte-nos de um perigo e quer que saia do castelo para que só você possa ouvir suas palavras.

Ragwald se aproximou rapidamente por trás de Phillipe.

— Eu não gosto disso, conde Manon, eu não gosto nada disso.

Manon Suspirou profundamente.

— Adverte-nos de um perigo. Bem! Devo sair e ver de que perigo se trata.

la começou a andar, mas se voltou e beijou uma vez mais a sua filha com ternura.

— Recorda sempre minhas palavras, Melisande.



Caminhou com rapidez para as escadas de pedra que levavam do passadiço da torre ao pátio inferior. Alguém já havia preparado seu intrépido cavalo, e o conde montou com agilidade.

Deu a ordem de que abrissem os portões e saiu.

Melisande ficou no passadiço, olhando inquieta o que ocorria lá embaixo. Todos os olhos do castelo estavam fixos na reunião que acontecia nas portas da fortaleza. Melisande pensou depois que esta deve ter sido a razão pela qual todos demoraram tanto a perceber o perigo.

Outros cavaleiros se aproximavam nesse momento pelo escarpado.

Deu-se conta de tudo muito tarde e muito rápido. Gerald havia deixado seu pai a certa distância das portas do castelo. Havia vindo sozinho como chamariz. Seu pai o havia seguido de boa fé, mas agora os cavaleiros o atacavam com intenções funestas. Eram tantos! Melisande os observou e percebeu que muitos deles não eram francos, que nem todos eram homens de Gerald. Eram vikings. Usavam capacetes cônicos, botas de couro com cós de pele, escudos de madeira esculpidos de forma ligeiramente diferente. Eram vikings. Como os que haviam saqueado a costa, como os que os homens de seu pai haviam repellido uma vez das muralhas do castelo. Vikings que cavalgavam com Gerald! Sozinhos, nem eles nem Gerald podiam vencer a seu pai. Eles tinham a força que faltava a Gerald. E este podia chegar até ele, lhe enganar... E os vikings não!

Melisande começou a gritar. Por um momento viu os olhos de seu pai. Embaixo, no pátio, também os guardas haviam percebido do perigo. Ouviam-se gritos e ordens, alguns homens montavam em seus cavalos e outros se punham a correr a pé.

Era muito tarde! Melisande viu com clareza. Gerald desembainhou a espada e atacou seu pai, e este, excelente espadachim, aparou o primeiro golpe, o segundo e o



terceiro. Mas, então, os cavaleiros que galopavam ladeira abaixo estavam já sobre ele. Uma dezena de espadas reluziu ao sol, e o aço se tingiu de vermelho.

Melisande voltou a gritar ao mesmo tempo em que caía de joelhos. Todos os homens de Manon lutavam bravamente. Mas era muito tarde! Havia visto seu pai cair do cavalo. Os portões se abriram e uma turba de homens, confusos, saiu da fortaleza dispostos a lutar de forma selvagem, uivando, gritando.

Seu chefe havia sido derrubado.

Viu Guerreiro entrar trotando pelas portas, perdido, enquanto os cavaleiros saíam a galope da fortaleza. E soube a verdade com toda certeza.

Seu pai estava morto!

Reclinou-se no muro do passadiço, tentando respirar, tentando superar a dor e o vazio que a faziam cambalear. Nada no mundo podia havê-la ferido tão profundamente, nem produzido uma sensação tão imensa de dor e agonia. Seu pai estava morto, e ela não podia viver sem ele. As lágrimas molharam as bochechas e exalou um soluço dilacerador.

Mas não havia ninguém perto que pudesse ouvi-la. Ragwald havia descido do passadiço revoltado pela brutal traição do ataque.

A dor que a afligia era tal que a princípio não pôde pensar em nada mais. E, entretanto, foi pensar em seu pai o que, por fim, deu-lhe forças para ficar em pé. Gerald havia planejado assassiná-lo para cercar combate depois, sabendo que, morto Manon, havia destruído o coração da fortaleza e privado aos que moravam nela do principal elemento que lhes servia de guia. Não tinham a quem seguir agora. Restava, é obvio Philippe, seu capitão, mas o combate seria distinto no coração de todos os homens.



Ragwald havia instruído Melisande em temas militares e legais. Sabia que o inimigo sempre tentava eliminar ao líder e criar assim confusão entre os combatentes.

Isso era precisamente o que havia feito Gerald. Havia obtido que lhe abrissem as portas; mesmo que se fechassem de novo, o mal estava feito. Havia constituído além disso uma força poderosa aliando-se com os guerreiros vikings.

Com Manon morto, a guarda do castelo combatia sem moral.

Gerald venceria. Havia assassinado o seu pai, e a seguir se apoderaria de tudo. Ninguém poderia detê-lo, sobre tudo uma vez que jurasse obediência ao rei de Paris, porque ninguém podia dedicar-se a resolver conflitos insignificantes em uma terra selvagem em que o castelo mais forte ditava sempre sua própria lei.

Ficou em pé com decisão. Gerald havia planejado matar seu pai, condená-la ao destino que lhe aprouvesse e apoderar-se de tudo que seu pai havia criado. Não podia permiti-lo. Antes a morte!

Inclinou-se sobre muro do passadiço e olhou para o pátio. Ali estava Guerreiro, só e desamparado. Apoiou-se no muro e se lembrou da formosa cota de malha dourada que seu pai lhe dera. Para cerimônias! Havia uma cerimônia essa noite; de algum jeito, teria que trazer seu pai à cripta e velar seu cadáver. Teria que viver para isso, e, não sabia como, vencer a Gerald.

Elevou a vista ao céu.

— Meu Deus, me ajude a matá-lo! Faça com que o veja morrer hoje ou deixe que morra no intento!

Afastou-se da muralha e correu para seu quarto na torre. Vestiu a cota de malha e começou a andar, mas caiu de joelhos.

— Deus, qualquer que seja o meio pelo qual me ajude, serei grata! Por qualquer meio, limpo ou sujo, tenho que derrotar Gerald! Aceitarei qualquer castigo



que me imponha, arderei nos infernos se isso for o que desejas, mas, suplico-lhe, me ajude a vencê-lo!

Ficou em pé e pegou a espada que encaixava na bainha finamente decorada que ia com a cota de malha. Balançou-a com um estremecimento súbito e violento. Não queria morrer! Mas seu pai já estava morto, e não estava tão segura de que lhe interessasse a vida sem ele. Tinha medo. Então recordou as palavras de seu pai: “Tenha um coração generoso para com nossa gente. Dependem de nós. Todos dependem de nós...”

Que recompensa havia prometido Gerald aos homens que lutavam por ele? A roupa que usavam os habitantes do castelo, os pratos nos quais comiam, as poucas jóias que pudessem encontrar? Os cálices de prata e as cruzes douradas da capela? As ordenhadoras, as costureiras, as donzelas, as cozinheiras?

Assassinariam quantos homens pudessem e escravizariam aos demais. Melisande não se atrevia a pensar no futuro que Gerald havia planejado para ela.

Talvez fosse preferível morrer.

Com essa idéia em mente, endireitou-se. Dedicaria sua vida a odiar Gerald e aos vikings. Por longa ou curta que esta fosse.

Mais abaixo, do passadiço, Ragwald percebeu um novo elemento que dava uma aparência diferente à luta que se desenvolvia ante seus olhos. Aproximavam-se ondas de bestas marinhas. Cada vez que a crista espumosa de uma onda rompia na água, divisava-se de novo a chegada dos navios. Eram navios com cabeças de serpente. Enchiam o horizonte, esculturas de proas dragão, com os dentes à mostra. Navios dragões. Navios vikings.

Subiam e baixavam sobre as águas uma e outra vez. Pareciam saltar sobre as ondas, suas proas em forma de dragões se elevavam bravas sulcando o mar



enraivecido. O dia, que havia amanhecido ensolarado, tornava-se agourento; o horizonte se cobria de nuvens cinza; os relâmpagos sulcavam o céu, como se os grandes deuses normandos, Odin e seu filho Thor, tivessem se unido com ânsia de vingança e agora, cheios de fúria, cavalgassem sobre as nuvens do dia cinza e ventoso lançando, uma atrás da outra, setas de fogo douradas.

Proas de dragão...

Ragwald examinou os navios que se aproximavam. Sem prestar atenção ao que acontecia ao redor, desceu correndo as escadas de pedra até o pátio e pediu aos gritos um cavalo. Trouxeram-lhe um e saltou veloz sobre a sela. Ordenou que abrissem as portas e cavalgou através da massa de homens que lutavam corpo a corpo. A perplexidade o havia feito esquecer o medo. Galopou até a praia e desmontou. Fico ali de pé, sem se importar com o combate que continuava a suas costas, como se fosse imortal, deixando que o vento marinho lhe enredasse as mechas grisalhas sobre o rosto enrugado, olhando o mar com uma expressão repentinamente viva em seus olhos cinza.

Estava atônito, não podia compreender como ele, entre cujos talentos estava a astrologia, entre muitas outras curiosas maravilhas, não havia previsto a grande catástrofe que nesses momentos caia sobre eles.

Primeiro Gerald, e depois isto!

Olhou os navios, os magníficos, espantosos navios com suas grandes esculturas, dragões rugindo, e suas velas de listas vermelhas e brancas.

Voltou-se para observar o que acontecia em terra.

Como podia profeta algum exigir algum crédito quando não havia previsto um dia desgraçado como o que estavam vivendo? Sim, havia sentido calafrios a noite anterior, mas não havia intuído nada do que estava ocorrendo! Poderia ter advertido Manon de tudo isso!



E agora vinha a fúria do mar!

Com o conde morto, assassinado por uma multidão de homens, destroçado por suas espadas, e suas maças, com uma tocha de guerra quase separando sua fina cabeça de seu corpo de guerreiro! Estavam em graves apuros. Ragwald sabia de onde havia tirado Gerald sua força, havia negociado com alguns dos piratas dinamarqueses que apossavam sem descanso as costas e rios da França.

O povo da região devia saber, todos naquelas terras deviam saber! Gerald era um primo longínquo que cobiçava há muito tempo o feudo de Manon, onde altas rochas rodeavam um porto seguro, onde a areia das praias se convertia imediatamente em terra fértil. Manon havia trabalhado muito bem quando tomou a fortaleza de madeira e a converteu, lentamente, mas sem descanso, em pedra. Uma pedra cuja brancura se acentuava com o contraste do azul do mar, do céu e dos ricos tons da terra.

Mas que nova desgraça se aproximava? Navios vikings que sulcavam o mar saltando sobre as ondas? Aproximavam-se rapidamente, ameaçadores como uma centena de cavalos.

Ragwald dirigiu seu olhar uma vez mais terra adentro; quase tudo estava perdido. Com o conde morto, o pânico havia tomado seus homens, que estavam começando a fugir. Eram bons soldados, guerreiros leais; mas, em suas cabeças e corações, eram acima de tudo humanos.

Perguntavam-se se restava algo pelo qual lutar, uma vez que Manon não estava, e a resposta, sem dúvida, era que o melhor era procurar proteção no bosque, resgatar a esposas e filhos e escapar com eles.

Os homens necessitavam um líder, alguém a quem seguir alguém por quem lutar e morrer.

Tudo o que restava era a jovem herdeira do conde.



Sua filha.

Ragwald respirou profundamente. Olhou o mar e tentou pensar. O que importavam aqueles navios se os homens de Manon não podiam refazer suas forças depois do ataque de Gerald? Devia começar pelo princípio, combater ao inimigo com ordem.

Subiu em seu cavalo, deu meia volta e galopou através dos grupos de soldados que ainda lutavam em direção às portas da fortaleza de pedra, que nesse momento estavam fechadas.

Dentro do castelo restavam poucos homens capacitados para combater. Não havia mais opção a não ser render-se. Se não vencesse os homens de Gerald, o fariam os dragões normandos.

— Preciso de Melisande! — Gritou à sentinela. — Tragam-me Melisande!

Houve certa hesitação. A pequena devia de estar em seus aposentos esperando notícias do combate, talvez com Marie do Tresse, talvez com outra das mulheres; alguém estaria consolando-a, escondido com ela.

Ragwald esperou com expressão decidida. Sim, estaria imersa na dor, mas ele a conhecia melhor que ninguém. Se ele a chamasse, viria.

Uma das mulheres da cozinha, lívida de terror, apareceu pelo passadiço.

— Não pode enviar uma menina para liderar uma batalha de homens, Ragwald! — gritou consternada.

“Agora que os homens morreram, não resta nada mais que uma menina”, pensou.

E, entretanto, já não podia vê-la como a uma menina.

Ouviu sua voz, suave, melodiosa, feminina e, apesar de sua juventude, cheia de força.

— Abram a porta! Sairei!



Alguém correu a pesada barra, as portas se abriram, e ela saiu.

Melisande!

Ragwald notou que estava tremendo. Tinha amado a seu pai com paixão, mas por suas bochechas de marfim não corria uma só lagrima. Não cavalgava sobre sua pequena égua Mara, mas sobre Guerreiro, o grande garanhão do conde morto. Ao vê-la dessa maneira, Ragwald se deu conta de repente que, realmente, havia crescido. Era alta para sua idade e seu aspecto era tremendamente majestoso.

Usava a armadura que os três haviam admirado tanto na noite anterior, a impressionante cota de malha, ricamente decorada em ouro e prata. A cabeleira, abundante, espessa, chegava-lhe abaixo dos joelhos e flutuava ao redor dela. Tinha a figura de um líder, alguém por quem os homens estariam dispostos a lutar e a morrer.

— Ouviu as notícias? — Perguntou Ragwald suavemente. — Seu pai morreu. É a condessa.

Ragwald viu como o lábio inferior tremia, viu seus lindos olhos azuis alagados em lágrimas, mas soube que não verteria nenhuma, não nesse momento.

— Esperam-nos acontecimentos terríveis — prosseguiu com doçura, — mas é nossa única oportunidade. Acha-se capaz de cavalgar ante seus homens?

Tinha medo, não havia duvida, mas o temor só brilhou em seus olhos um momento. Elevou o queixo.

— Sou a condessa e... — teve um instante de hesitação, então ambos ouviram súbita e claramente, o duro golpe de uma espada que atravessava pele e ossos e o grito agonizante de um homem. Empalideceu, deixando entrever sua pena pelo homem, mas se refez rapidamente. — Sou a condessa e comandarei a nossos homens.



Ragwald sentiu um repentino desejo de chorar. Um arrepio percorreu as costas ao tomar consciência uma vez mais da beleza da menina, que havia sido sua pupila e se convertia rapidamente em sua senhora. Se perdessem a batalha, se fosse capturada, que seria dela? Encontrava-se em algum ponto desse estranho período entre a infância e a idade adulta, tão inocente, tão terna, tão deliciosamente adorável.

Ragwald havia refletido muito antes de tomar esta decisão; aparentemente, também Melisande o havia feito. Só havia uma opção: devia cavalgar a frente de seus homens.

— Vamos, condessa — disse inclinando-se ante ela. — Vamos, e reagruparemos nossas tropas.

Avançaram juntos. Alguns homens fugiam do fragor do combate correndo para o refúgio do espesso bosque.

— Deve chamá-los, falar... — começou Ragwald. Mas não parecia necessário que lhe ensinasse nada mais.

Melisande os chamou aos gritos.

— Amigos! Devemos seguir lutando! Não devemos entregar estas terras aos homens que traíram meu pai! Não podemos deixar que roubem nosso sustento, que nos governem, que nos matem!

Os que haviam iniciado a fuga se detiveram. Ouviu-se o ruído de espadas que se chocavam com estrondo e um homem caiu derrubado ante Philippe, o fornido capitão do guarda, que correu para Melisande.

— Condessa! O que temos a ganhar? Embora possamos com este canalha, olhem o que se aproxima pelo mar! Chegam mais e mais dragões!



Melisande viu por fim os navios que Ragwald havia acreditado mais oportuno não mencionar, e seus olhos azuis se abriram desmesuradamente ao perceber a multidão de navios que sulcavam o mar em sua direção.

— Talvez não tenham vindo para lutar — disse Ragwald de repente. Alguém devia ir recebê-los, suplicar sua ajuda, lhes oferecer alguma recompensa. — Formam um estranho grupo. Se forem noruegueses em lugar de suecos ou dinamarqueses, lutarão conosco e não contra nós.

A ansiedade se apoderou dele. Teria que ir ao encontro dos vikings. Havia sido o conselheiro do conde Manon durante anos, havia trazido e levado mensagens, negociando a paz em múltiplas ocasiões. Teria que ir!

E Melisande, resplandecente com sua cota de malha dourada, devia ficar e guiar a suas tropas à vitória, lutar até que chegasse ajuda. Sim! Os vikings combateriam com eles! Não podia ser de outra maneira!

— Vikings grotescos! — gritou Philippe de repente. — Olhem além do dragão, aquele junto ao timão!

Foi a primeira vez que Melisande viu Conar MacAuliffe e, surpreendentemente, aí começou sua hostilidade com ele. Porque, independente de que Ragwald conseguisse ou não convencê-lo a se unir a eles, seu aspecto, por trás daquele rosto de dragão, pareceu-lhe insuportável.

Nunca havia visto um homem semelhante.

O dia se estava fazendo cada vez mais tormentoso. O céu era cinza e o vento soprava sem piedade, mas ele se mantinha de pé, firme, sem se mover apesar da violência com que o mar encrespado se agitava ao redor. Olhava para a praia, com os braços cruzados sobre o peito e um pé calçado em uma bota de couro e pele, apoiado no timão. A escassa luz que se filtrava através das nuvens cinza refletia em sua cabeleira loira. Sobre a cota de malha usava um manto muito similar ao que



Melisande havia visto nos irlandeses que uma vez haviam visitado seu pai. Ele o prendera ao ombro com um grande broche de desenho celta. Sua vestimenta era estranha, viking, sim, mas havia algo que a diferenciava da vestimenta tradicional dos corsários do mar. Seu navio sulcava a água como ferro em brasa. Algo selvagem e cru se manifestava em sua postura e a forma em que seu navio avançava.

Tinha um ar de confiança absoluta, de arrogância, e em sua imobilidade, na forma impassível e firme em que se mantinha em pé havia uma dignidade especial.

Melisande teve de repente a certeza de que olhava diretamente para ela. Era impossível que pudesse ver seus olhos, porque ela não conseguia ver os dele, mas estava segura de que a olhava fixamente, de que a via como uma menina e nada mais.

— Viking grotesco! — disse Ragwald antes de sufocar um grito. — É ele! Deus, que perfeito imbecil fui! É ele!

Melisande o olhou assentindo com os olhos; em efeito, estava se comportando como um perfeito imbecil.

Ragwald a olhou ofendido.

— É Conar MacAuliffe, filho do Lobo, neto do Ard-Ri do Eire, parente político de Alfredo do Wessex.

Melisande compreendeu em seguida. Alfredo do Wessex era o melhor rei que haviam conhecido nesse lado do canal da Mancha. Havia lutado por seu povo sem ceder terreno em inumeráveis batalhas, e havia obrigado aos dinamarqueses a aceitar tratados.

E aquele homem era seu parente?

Philippe gritou de repente, para lhes advertir de um perigo maior. Apontou para a crista que se elevava ao sudeste de onde se encontravam para as terras de Gerald.



— Aí vem o próprio Gerald, o canalha, com mais homens. Covarde! Monta uma armadilha para seu pai, comprova que foi assassinado e em seguida se retira a um lugar seguro até que a batalha esteja quase ganha. Só agora vem! E nossas forças estão já quase dizimadas!

— Melisande — advertiu Ragwald com firmeza, — tem que chamá-los de novo, reúna os homens ao redor de você. Eu irei procurar ajuda.

— Desses pagãos do mar? — gritou ela.

— Jovem, não pode compreender, explicarei isso depois. Mas, de momento, sim, a ajuda virá desses pagãos do mar!

— Ragwald!

Não havia tempo.

— Chame-os de novo, condessa! — Instruiu. — Terá que lutar duro agora!

De repente, encontrou-se sozinha. Havia centenas de homens, vivos e mortos, pulverizados pelo campo de batalha, mas ela estava sozinha. Seu pai partira. Seu querido pai! Um homem maravilhoso, alto e bondoso, que havia sido sua vida, que lhe ensinara a comportar-se com dignidade, tinha lhe apoiado e amado com um amor mais profundo que o que poderia sentir por um filho homem. O homem que lhe dera a incrível coragem que possuía estava morto.

Era impossível!

Não podia estar morto! Era muito alto, muito forte para estar morto. Era seu protetor, ele parecera sempre tão invencível como um deus. Não se atrevia a olhar para o lugar onde jazia sem vida.

Todos dependiam dela!

Agora era a condessa. Por mais calafrios que lhe produzisse a idéia de cavalgar sobre Guerreiro e proteger seus homens, devia cumprir com seu dever.



Gerald havia fingido ser amigo de seu pai. O traíra, e pretendia tomar a fortaleza e ocupá-la com os seus. E só Deus sabia que ele conseguiria se não o derrotassem!

Abriu a boca disposta a chamar seus homens e agrupá-los de novo. Por um breve instante se sentiu rasgada pelo panorama que havia ao redor dela. Sua boca secou. Não conseguia articular palavra. Os cadáveres se amontoavam no chão, cadáveres de homens como seu pai, homens fortes que há um momento estavam vivos, respiravam, sorriam, riam. Agora jaziam no chão, destroçados, esquartejados, banhados em seu próprio sangue.

Sentiu que não poderia fazê-lo. Não poderia avançar!

Mas tampouco podia deixar seu pai sem vingança!

Desembainhou sua pequena espada e a agitou no ar.

— Por Deus e por nossos direitos, amigos! Por meu pai assassinado, por nossas vidas! Adiante!

CAPÍTULO 06

Melisande não teve consciência de ter tomado uma decisão, e talvez não chegasse a fazê-lo, mas Guerreiro, tão habituado ao combate, saltou subitamente para frente.

E assim se encontrou, a poucos dias de seu décimo terceiro aniversário, dirigindo a suas tropas para a luta. Para se proteger do açoite do vento e de seu próprio terror, Melisande se aferrou ao pescoço de Guerreiro. Não desejava atacar ninguém com a espada que acabara de empunhar. Não queria sentir como fraturava os ossos, como se fendia na carne, nem queria notar que a manchava o sangue cálido, úmido e viscoso do inimigo. Mas sobretudo não desejava sentir em sua carne o frio aço de outra espada.

Muito tarde! Por toda parte ouviu o terrível som do entrecocar das espadas e os gritos de guerra dos homens; também chegaram a seus ouvidos gemidos desesperados, às vezes dos guerreiros mais poderosos, e recordou que todos eram de carne e osso.

Guerreiro, seu grande cavalo, não retrocedia, à espera de suas ordens. Ela estava sentada na sela aferrando com os dedos tensos sua formosa espada. Percebeu então que um dos homens de Gerald, um soldado fornido de cabeleira ruiva e olhos ferozes, dirigia-se para ela. Gritou e empunhou a espada com mais força. Alguém o atacou por trás e o homem caiu... Sobre a espada de Melisande. Seus olhos se dilataram fixos nos dela, e não chegaram a fechar-se: morreu com uma expressão de perplexidade no olhar.



Melisande não se atreveu a deixar escapar o gritou que lhe subia pela garganta, não se atreveu a deixar que sua gente visse o pânico que a dominava. Sufocou o grito. Guerreiro saltava impaciente de um lado a outro.

Melisande ouviu Philippe a seu lado.

— Temos que bater em retirada! Dê a ordem, condessa! Superam-nos em número. Devemos nos pôr a salvo em algum lugar! Que Gerald fique com a fortaleza!

— Não! — gritou Melisande. Uma vez mais, estava fazendo esforço para não chorar. Gerald os traíra e tinha assassinado a seu pai, a quem ela devia tudo. Sua cobiça não tinha limites; queria tudo, inclusive as vidas e o sangue dos homens do conde Manon.

Gastón de Orleáns se aproximou a galope de onde se encontrava Philippe.

— Devemos tirar a condessa daqui. Ela é tudo o que resta agora. Olhe como os homens a seguem! Deve continuar viva!

— Acredito que devemos nos render — disse Philippe em seguida. — fizemos o que pudemos. São muitos!

— Por Deus bendito! — disse Gastón, mais enrugado, mais velho, e talvez mais sábio que Philippe. Aproximou seu cavalo ao do outro, tentando, sem conseguir, que sua conversa chegasse aos ouvidos de Melisande.

— Mãe de Deus! Não entende? Gerald aproveitará qualquer desculpa para matar a condessa. Então ficará com tudo. Não há rendição possível! Teremos que fugir!

— Assassiná-la! — repetiu Philippe. Em seguida negou com a cabeça. — Quer Melisande para si, sempre cobiçou à pequena e suas terras. Talvez não importe, talvez se nos rendemos não se atreva a lhe fazer mal.

— Pense o que acontecerá se ela opuser-se a ele? Sabe que o fará. — Gastón a olhou de esguelha e se interrompeu.



Melisande mordeu o lábio inferior. Ao ouvir as palavras de Gastón tinha tomado consciência da perigosa situação em que se encontravam.

Sua gente tinha saído em sua defesa, tinha respondido a sua chamada, mas não eram suficientes. E agora, enquanto Gastón falava com Philippe, teve consciência de que lhes ameaçava um novo perigo, pois eles três estavam ficando separados dos outros.

Viu de novo Gerald e recordou com amargura que eram parentes longínquos; seu pai e ele eram primos em segundo grau. E o tinha assassinado, depois de ter desfrutado de tantos anos de sua generosidade.

Olhou-o com um ódio profundo.

Era um homem grande, como seu pai, alto e bem formado, ligeiramente mais velho, com o rosto mais magro, e esse esgar nos lábios que nunca tinha inspirado confiança. Algo no sorriso de seus lábios finos a tinha feito sentir-se sempre incômoda em sua presença. Recordou que, desde menina, tinha-lhe sido muito desagradável beijar sua bochecha e que sempre o tinha feito o mais rapidamente possível.

Agora sabia por que.

A expressão triunfal com que a estava olhando lhe provocou vontade de gritar.

Sobressaltou-se ao perceber que o ruído que a rodeava tinha trocado. Em seguida compreendeu por que era tão estranho o que ouvia: o entrecocar das espadas parou. Tinham cessado os gritos. Só ouvia o súbito som do silêncio. Todos os olhos estavam fixos nela e Gerald. Olhavam e esperavam.

Gerald, sentado em seu garanhão manchado,

— Eu tomarei conta de minha prima agora, Philippe. Dê-me a menina, e você, Gastón e os outros, deponham as armas e os deixarei viver.



— Você matou seu pai traíndo-o da forma mais vil! — gritou Gastón com coragem. — E agora espera que a deixemos em suas mãos?

Gerald apontou para Melisande.

— Esta delicada menina empunhou sua espada contra homens amadurecidos, e matou mais de um deles. Permita-me dizer, além disso, algo que não parece compreender, não têm escolha!

— Não permitirei que lhe faça mal! — gritou Melisande repentina e ferozmente ao mesmo tempo em que, uma vez mais, reprimia as lágrimas. Fazia o possível para não olhar, mas ainda podia ver o cadáver de seu pai no chão. Já não lhe importava viver ou morrer. Tudo o que queria era arrancar os olhos de Gerald.

Cravou os calcanhares nos flancos de Guerreiro. Era um gesto corajoso e insensato, mas lhe faltavam anos para precaver-se disso. Montava bem, tão bem como o perigoso Gerald. Chegou até ele com facilidade, sem que ninguém se movesse nem afastasse o olhar dela, e sem que a coragem e a imprudência a abandonassem. Saltou de seu cavalo sobre Gerald e o derrubou, enquanto ele amaldiçoava com fúria a seus homens. Um grito de surpresa saiu das tropas que os rodeavam, as de Gerald e as de Melisande, ao ver que a jovem miúda tinha desmontado a um guerreiro tão experiente.

Melisande conseguiu agarrá-lo pelo pescoço e lhe rasgou a pele com as unhas.

— Por todos os diabos! Tirem este demônio de cima de mim! — berrou Gerald enquanto tentava proteger-se. Olhou-a com fúria e surpresa. Melisande tentou atingi-lo de novo, mas desta vez os homens de Gerald estavam sobre ela. Agarraram-na sem piedade pelos braços e a arrastaram para trás. Gerald já não lhe sorria com aquela expressão divertida e ardilosa em seus finos lábios. Tinha sangue no rosto e no pescoço. Limpou-se, cheio de ira.



— Pagará por isso, priminha! — prometeu. — Maldita harpia! — ficou em pé cambaleando pelo peso da cota de malha. — Acabem com eles! — gritou a seus homens. — Matem a todos, que não fique nenhum de seus malditos protetores!

— Jurou que os deixaria ir se me entregasse! — exclamou Melisande.

Gerald a olhou brevemente com os olhos avelã entreabertos, e sorriu.

— Sim, mas não tenho por que negociar, pequena víbora. Você se pôs tão docemente a minha mercê. — Elevou a voz de novo: — Matem a todos! A todos! E você — apontou-a com o dedo — aprenderá a me obedecer em tudo ou te darei uma morte excepcionalmente lenta.

— Não se atreverá! O rei mandará estripá-lo!

— Isso vamos ver — Estendeu o braço e, lhe agarrando uma mecha de cabelo negro, arrastou-a para si. Era um homem forte. Antes que Melisande pudesse fazer alguma coisa, tinha-a lançado sobre seu cavalo e tinha saltado na sela atrás dela. — Preciosidade! — murmurou. — Se continuar assim, talvez minha raiva dure e permita que seja escravizada por algum de meus amigos dinamarqueses. Talvez estejam dispostos a esperar que cresça, mas é possível que não se importem muito. Não vêem muita diferença entre um menino bonito e uma menina. — riu. — Talvez tampouco me importe muito. Seu pai pensava que era muito pura para se unir a mim ou aos meus. Pra mim tanto faz se estiver completamente formada ou não. — Levantou a voz de repente, — A garota é minha! — gritou triunfalmente — Todos são testemunhas! A garota é minha, e a fortaleza também!

Fez-se silêncio, um silêncio sepulcral que pareceu eterno.

Mas um ruído estranho rompeu a tensa calma, a terra pareceu retumbar. Apesar da sufocante pressão que exerciam sobre ela os braços do Gerald, Melisande sentiu o violento tremor do chão.

Cavaleiros. Cavaleiros a galope.



Apareceram no alto da colina.

Ele apareceu!

Montava um cavalo enorme, negro como a noite, e se aproximava a galope à frente de seus homens. Cavaleiro e montaria pareceram adquirir então, durante longos segundos, um tamanho sobrenatural. Cavalgava com uma desenvoltura assombrosa, ereto sobre a sela, formando um só corpo com o animal. Tinha ombros muito largos, que pareciam ainda maiores por causa do manto que flutuava sobre seus ombros e da cota de malha que usava debaixo, cobrindo seu torso. A cota brilhava refletindo os escassos raios de sol que apareciam entre as nuvens.

Usava um capacete viking prateado e de forma cônica, com uma lâmina que lhe cobria o nariz e deixava à vista o queixo e os olhos. O queixo era forte, quadrado, e o mantinha elevado em uma expressão de fria fúria.

À medida que se aproximava, Melisande pôde examinar seus olhos, cintilantes, emoldurados no capacete prateado; eram os olhos mais extraordinários que jamais tinha visto. O capacete realçava seu azul profundo, o azul brilhante do céu em um dia de verão, o azul do oceano, um azul que transpassava, cortava e julgava. Parecia capaz de abranger tudo com o olhar, de ver através de todas as coisas.

Melisande se surpreendeu tremendo violentamente quando ele se deteve uns quinze metros de distância, e soube que esse viking lhe infundia mais medo do que Gerald poderia jamais inspirar, o que não tinha nenhum sentido, porque Gerald era capaz de cortar seu pescoço sem alterar-se. Mas Gerald não tinha o extraordinário poderio que o guerreiro viking irradiava, uma força que chegava à alma, que exigia tudo e não tolerava resistência.

Imbecil! O que terá acreditado? — perguntou-se Melisande. — Que não lutamos contra vikings antes? Que um conde francês não tem tropas capazes de fazer migalhas de suas exíguas forças?”



“Talvez não”, respondeu-se. Mordeu o lábio inferior. Odiava a todos os vikings. Os dinamarqueses tinham estado fazendo incursões contra as costas francesas desde que ela tinha memória. Tinham assassinado, invadido, capturado, violado e saqueado. Agora tinham unido suas forças às de Gerald em troca de alguma recompensa, para matar a seu pai. Era uma raça de monstros. Todos eles!

Mas esse viking era sem dúvida alguma um personagem ao que terei que ter em conta.

E ao qual terei que temer mais que a outros!

Nunca tinha visto um homem com uma musculatura tão perfeita. Tão bem equipado, em armadura e vestimenta. Tão dourado, tão à vontade na sela, tão alto. Se alguma vez tivesse que descrever ao deus viking Thor, o grande deus da guerra e do trovão bastaria recordar a esse estrangeiro.

— Quem demônios é você? — Grunhiu Gerald. Seus impressionantes olhos pareceram arder com um selvagem fogo azul emoldurados pelo capacete prateado.

— Conar MacAuliffe de Dubhlain. Amigo de alguém chamado Manon do Beauville, assassinado a alguns metros daqui e, portanto segundo todos os indícios, seu inimigo a partir deste momento.

Gerald empurrou Melisande para frente enquanto sacava a espada que presa ao quadril.

Outro inimigo? — Perguntou. — Como desejar. Pode morrer com estes porcos francos a quem quer unir-se.

— Solte à garota! — Ordenou Conar. Olhou-a e, por um muito breve instante, Melisande sentiu o frio gélido de seus olhos azuis.

Os braços do Gerald a aferraram com mais torça, e Melisande sentiu que crescia a tensão.

— Antes terá que me matar, viking!



Fez-se um breve silêncio. O ar se carregou de tensão. O valente guerreiro sorriu lentamente, sem que nem um toque de calor aparecesse em seus olhos penetrantes. Falou sem levantar a voz, mas seu tom era profundo e parecia ter um hálito de morte.

— Precisa usar à menina como escudo? — disse em tom zombador.

— Se eu morrer, ela morre.

— Não acredito traidor. Não acredito.

O viking se lançou para eles cavalcando com uma velocidade assombrosa, com uma ira gélida e uma determinação selvagem.

Gerald não teve tempo de cortar o pescoço de Melisande porque estava muito ocupado segurando-a como escudo. Rodeou-a com o braço e puxou-a com força para trás, apertando-a contra seu peito. Melisande viu suas mãos, rígidas sobre suas costelas, avermelhadas por causa da fúria que parecia sufocá-lo. Decidiu tirar partido da situação, lutou para mudar de posição e lhe cravou os dentes com ferocidade na mão direita. Gerald, que tinha concentrado toda sua atenção no viking, soltou um grito e afrouxou a pressão um momento, isto bastou a Melisande para livrar-se da outra mão, saltar do cavalo e começar a correr.

Alguém gritou. Melisande se voltou e viu que um dos homens de Gerald tinha estado a ponto de lançar-lhe uma adaga. O viking, assombrosamente rápido, tinha-o detido a tempo: o homem lançava agora gritos de agonia, com a mão atravessada pelo aço de Conar.

Apesar desta interrupção, o cavaleiro do grande cavalo negro saltava sobre Gerald brandindo a espada, sem que o fato de ter salvado a vida de Melisande o tivesse feito pestanejar.



Gerald soltou um grito de raiva. Esporeou a seu cavalo e saltou contra o viking dos gélidos olhos azuis. Este esboçou um sorriso frio e sinistro enquanto galopava ao encontro de seu inimigo.

Por um breve instante todos acreditaram estar assistindo a uma cena que se desenvolvesse no Valhalla. Os dois fantásticos guerreiros pareciam estar sozinhos na planície. O dia escurecera tanto que parecia como se galopassem em uma neblina cinza e os cascos de seus cavalos não tocassem o chão.

As espadas se agitaram no ar, ouviu-se o estrondo do galope dos cavalos que se aproximavam. Os cavaleiros se encontraram.

Melisande desviou o olhar do choque atroz. Ouviram-se gritos, aclamações. Tentou voltar-se para ver o que tinha ocorrido, mas Philippe tinha chegado até onde estava, a pegou nos braços e correu com ela para suas próprias linhas.

— O que aconteceu? Deixe-me ver! — gritou.

— É melhor que não veja.

— Quem...?

— O viking venceu — disse Philippe. Fez uma pausa e em seguida adicionou: — A cabeça mentirosa de Gerald já não descansa sobre seus ombros.

Melisande emitiu um grito entrecortado e cobriu a boca com a mão. Depois de tudo o que tinha visto, não podia vomitar agora! Tinha que manter sua dignidade e sua coragem. De alguma forma, seu lar se salvou. Tinha que demonstrar que com ajuda, a ajuda de Philippe, de Gastón e sobre tudo de Ragwald, podia conservá-lo.

— Vamos, condessa, monte! — Disse Philippe, ajudando-a a içar-se a Guerreiro, o magnífico garanhão.

Melisande estremeceu. Percorreu o campo de batalha com o olhar. Os homens de Gerald haviam se reagrupado e esperavam incômodos, no alto da colina. Não se atreviam a fugir.



O viking não tinha vindo sozinho. Seus homens, todos eles excepcionais, esperavam, perfilados atrás de seu líder e junto aos homens do conde, que eram agora os de Melisande. As tropas de Gerald estavam frente a eles, longe, igualmente imóveis. Não se ouviam nem os cascos dos cavalos. Parecia como se todos tivessem medo de mover-se.

Os soldados de Melisande tinham ficado virtualmente derrotados quando seu pai tinha sido assassinado. Agora Gerald tinha caído, e eram suas tropas as que estavam sumidas na confusão.

A cinza neblina do dia que os rodeava dava à cena tons oníricos.

Melisande pensou que, se os homens de Gerald fizessem o mínimo movimento, suas próprias tropas poderiam se quisessem ceifar suas cabeças como se fosse trigo amadurecido.

A tentação era grande.

A neblina cinza do mar continuava flutuando sobre eles, Havia cadáveres pulverizados pelo chão. Recordou com o coração encolhido que entre eles se encontrava o de seu pai. Corpos destroçados, caídos, restos do massacre por toda parte.

O que tinha feito?

Nesse momento Conar saiu da neblina, cavalcando com sua enorme espada cortando o ar, elevada sobre a cabeça, e emitiu um grito rouco, gutural, de vitória e advertência.

Não precisou fazer mais, os assaltantes, dinamarqueses e francos, giraram sobre suas montarias, todos de uma vez, e bateram em retirada a galope.

O viking se deteve com a espada apontando ao céu, como se tomasse suas forças do deus do trovão. Seu negro cavalo saltou e se elevou sobre as patas traseiras, de forma que sua espada pareceu alcançar o firmamento. Em seguida se



deixou cair sobre as quatro patas e deu meia volta então o viking se encontrou uma vez mais frente à Melisande.

Ficou gelada até os ossos. O elmo lhe cobria quase toda a face, por isso tinha que adivinhar seus traços. Mas inclusive o capacete viking que usava o fazia diferente de outros homens. Apesar da distância e da bruma, seus olhos pareciam fulminantes.

O que tinham feito ela, Ragwald e os guerreiros de seu pai para elevar-se com a vitória? Venderam-se a diabos e demônios? Faziam um pacto com os infiéis?

Que preço teriam que pagar?

Conar se aproximou de Melisande e a olhou fixamente com seus olhos penetrantes dos quais ela foi incapaz de apartar o olhar.

Em seguida se endireitou. Consciente de que seu pai tinha morrido e que sempre tinha jurado que essas terras seriam dela. Engoliu em seco, decidida a não tremer ante esse homem arrogante, enquanto se recordava que por suas veias corria o mais nobre sangue francês.

Era a filha do conde.

— Agradecemos amigo, por tudo o que fez aqui hoje — disse majestosamente.
— Damos as boas vindas e oferecemos toda nossa hospitalidade.

Ele guardou silêncio um momento e Melisande se perguntou imediatamente se falaria sua língua, se a entenderia. Então uma faísca brilhou em seus extraordinários olhos. Melisande teve a súbita certeza de que havia neles um toque de brincadeira.

— Realmente me dá as boas vindas? E quem é você? — perguntou.

— Sou a condessa Melisande — disse. — E como disse, estamos agradecidos e damos as boas vindas a você.

— Ah! Fará muito mais que me dar boas vindas, condessa!

— Ah, sim?

Os olhos azuis de Conar faiscaram de novo.



— Sim. Vai me obedecer, pequena.

— Obedecer a você! — disse, dominada pela ira. — Que arrogância! Nem sequer sei quem é, além disso, não obedeco a pagãos vikings!

— Melisande! — murmurou Philippe. — Por favor, não esqueça o que fez...!

— É um viking! — replicou ela entre dentes.

— Senhor! Senhor! — Ouviu. Já não importava o que ela tivesse podido dizer ou pensar, porque Ragwald tinha chegado. Melisande sabia que odiava cavalgar, e realmente tinha um aspecto estranho sobre o cavalo de guerra, com o manto ondeando ao redor dele e a cabeleira e a barba despenteadas.

— Ragwald — saudou Conar.

Era evidente que se conheciam. Claro! Ragwald tinha ido a seu encontro, suplicar que a salvasse das tropas de Gerald, e do próprio Gerald.

Entretanto, havia algo mais; talvez Ragwald não tivesse visto o viking antes, mas Melisande teve a certeza de que tinha ouvido falar dele.

— Melisande! — Ragwald a olhou severamente, com o cenho franzido, em sinal de advertência. — Este homem é o príncipe Conar MacAuliffe, de Dubhlain, e estamos em dívida com ele.

— Então devemos saldar nossa dívida — replicou ela.

Mas o viking de nome cristão já não a olhava, mas ao Ragwald.

— Então é ela a condessa Melisande? — perguntou com aparente consternação.

— Exatamente, senhor, tão bela como lhes tinha prometido...

— Não é mais que uma menina! — exclamou o viking.

Aquilo encheu a paciência de Melisande. Uma menina! Uma menina que acabava de ver morrer seu pai, que tinha lutado em uma guerra.

E que o tinha feito com uma coragem surpreendente!



— Repito príncipe viking — cuspiu as palavras com frieza — que faremos o que estiver em nossas mãos para saldar esta dívida.

Mas ele continuava sem olhá-la. Olhava, desconcertado, ao Ragwald.

— Uma menina! — repetiu.

Ragwald começou a falar a toda pressa.

— Mas a intenção de seu pai era que formassem uma aliança, ao seu devido tempo, é obvio. Ele confiava em que gostariam um do outro. Evidentemente, o tempo é agora um luxo que não podemos nos permitir. Tem que haver um senhor nestas terras, do contrário, enfrentaremos diariamente a este...

— Como? — interrompeu Melisande com voz entrecortada. Mas ninguém a escutava. Que estranho! Fazia só um momento sua pessoa tinha sido de grande importância!

— Senhor! — suplicou Ragwald. — Certamente terá que esperar um tempo antes da consumação do casamento, mas o casamento deve celebrar-se sem demora. Rogo-lhe isso! Talvez tenha que esperar para ter realmente uma esposa, mas terá ganhado estas férteis terras. E ainda não viu a fortaleza! É um tesouro, asseguro isso...

— A fortaleza é minha! — conseguiu dizer entrecortadamente Melisande. Sentia que se afogava. Olhou para Ragwald como se ele tivesse perdido a cabeça. Não podia ser de outra forma! Tinham vencido! Tinham vencido e, entretanto, Ragwald estava tentando que esse viking ficasse!

Ragwald e o estrangeiro fizeram uma pausa para olhá-la.

— Minha! — repetiu. — Ragwald, eu sou a condessa aqui!

O viking voltou a olhar ao velho mentor.

— Uma menina muito mal educada! — exclamou.

— Como? — Gritou Melisande.



— Uma menina muito formosa! — Replicou Ragwald.

Seus olhos azuis pousaram de novo nela, para esquadrihá-la. Sentiu que a despia com os olhos, como se a aquilatasse.

— Sim! E imagino que dará todo o tipo de problemas — disse com voz lenta.

— Senhor, eu suplico!

— Vejamos a fortaleza! — disse Conar com frieza.

Melisande, rígida sobre seu cavalo, sentiu que um estremecimento de fúria lhe percorria as costas. Ragwald estava tentando convencer a esse pagão de que se casasse com ela. E oferecia nada menos que a fortaleza! O bárbaro considerava que Melisande não tinha suficiente valor e estava decidido a comprovar que a fortaleza valia o bastante para fechar o negócio.

— Isto é incrível! É imperdoável! — Gritou— Que arrogância...!

— É claro que sim, pequena! — interrompeu-a suavemente Conar. — Seu comportamento é imperdoável! — voltou-se para Ragwald. — Eu decidirei como tem que ser educada. Sei de um lugar onde poderão amansá-la.

— Ragwald! — disse Melisande baixando a voz, pois percebeu que havia muita gente ao redor. Todos os homens de seu pai, os valentes soldados que tinham lutado pelo conde, e também os guerreiros do viking.

Não pensava ficar ali discutindo diante deles!

— Não o farei! Ouviu? Não o farei! Maldito seja! — Disse em voz baixa a Ragwald. Esporeou Guerreiro e saiu a galope para as muralhas do castelo, decidida a fugir.

Mas, apesar da grande força e da enorme energia de Guerreiro, mal tinha chegado ao centro da planície quando sentiu o estrondo de cascos a suas costas. Voltou-se bem a tempo de ver um braço musculoso que se estendia para ela. Gritou, fincando os calcanhares nos flancos de sua montaria, mas era muito tarde. Conar a



levantou com um braço e a montou sobre seu cavalo. Galopou aferrando-a entre seus braços; o metal frio da cota de malha do viking, sob o qual seu peito parecia arder, chocava-me contra a cota de Melisande, que se sentiu subitamente acalorada e ruborizada.

Avançaram desta maneira até as portas do castelo, que se abriram para deixá-los entrar.

Conar não reduziu a marcha até que estivessem no pátio.

— Selvagem! — gritou Melisande, enquanto lutava para soltar-se. — Não tem direito! — Arranhou as mãos que a seguravam, mãos grandes, surpreendentemente finas, com dedos longuíssimos. — Morderei você! — Jurou— Pude com o Gerald e também poderei com você!

Soltou-se. Ele tinha saltado do cavalo e agora estendia os braços para ela. Levantou-a do chão pelas axilas, de forma que seus pés balançaram no ar.

— Morda-me, menina, e te darei umas palmadas que a deixará as nádegas em carne viva, prometo.

— Como se atreve...!

Conar semicerrou os olhos, sorriu e de repente pôs-se a rir.

— Enganaram-me para que me case com uma menina! — exclamou.

— Nunca me casarei com você! — jurou ela. — E se você se atrever a me levantar a mão...!

— Ai, condessa! Atrevo-me, não duvide — murmurou suavemente. — Quanto ao casamento, veremos.

Deixou-a no chão. Aproximavam-se outros cavaleiros.

Melisande se lembrou de seu pai, que jazia morto além das portas do castelo.

— Deixe-me ir! — suplicou suavemente. Pode ver a fortaleza. Tenho que...

— O que tem que fazer?



— Tenho que me ocupar de meu pai — disse em voz baixa tentando conter as lágrimas.

Conar a soltou.

— Vá — disse. Ela pôs-se a andar. — Melisande! — gritou, e quando ela se voltou adicionou: — Tenha presente que, seja lá o que pense, não consentirei outra cena como esta diante dos homens, entendeu?

— Eu sou a condessa aqui!

Ele deu um passo para ela.

— Deixe que diga de outra maneira, senhora condessa, se não sabe se comportar como exige sua posição, eu me ocuparei de corrigir suas maneiras.

Melisande cerrou os olhos. Chiaram-lhe os dentes.

— Não será um viking quem me ensinará maneiras, asseguro.

— Não se engane pequena! Juro que aprenderá,

— Não tem nenhum direito! Piscou e seus cílios loiros brilharam um instante. Examinou as muralhas da fortaleza.

— Então, terei que me casar com uma menina para ter esse direito. — Disse ele sem alterar-se.

Ela se voltou dando-lhe as costas. Conar segurou sua mão e apertou-a brevemente.

— Corre agora! — Disse. — Porque acho que haverá um casamento. E depois, pequena...

— Depois o que? — perguntou ela imperiosamente, jogando a cabeça para trás, com os olhos entrecerrados cintilantes de raiva e de cólera.

— Depois estará em minhas mãos. Totalmente a minha mercê. E me ocuparei viking ou não, de que aprenda boas maneiras!



Melisande se soltou de um puxão e escapou, jurando que ninguém poderia jamais submetê-la a seu poder. Não permitiria.

Mas, enquanto corria, ouviu o eco de sua risada, muito perto dela.

CAPÍTULO 07

Quando ultrapassou as portas, Melisande descobriu que outras almas piedosas haviam se ocupado de seu pai. Não jazia mais no campo de batalha. Quando se voltou, buscando com o olhar, sentiu sobre seus ombros as mãos ossudas, mas surpreendentemente fortes de Ragwald.

- Levaram-no à capela — disse Ragwald com voz suave. Levarei você lá.

Ela se retorceu para soltar-se, olhando para ele como se fosse o maior traidor do mundo.

- Sei onde fica a capela. Afaste-se de mim!

Ragwald suspirou e tentou aproximar-se dela, mas Melisande voltou a afastar dele.

- Melisande! Tem que me escutar...

- Havíamos ganhado! Havíamos ganhado e você estava aí sentado negociando com esse viking! Não precisamos dele, aborreço-lhe, não me casarei com ele, Ragwald. Meu pai morreu, eu sou agora a condessa e não pode me obrigar.

- Pela alma de seu pai, filha, tenha um pouco de bom senso!

- Tenho bom senso! Gerald está morto. O viking o matou...

- E você é uma menina muito jovem e muito frágil! Não pode governar estas terras, não tem a força necessária para apoiar a estes homens que hoje estavam dispostos a lutar e a morrer por você. Esse viking, como insiste em chamá-lo, era o escolhido de seu pai.

- O escolhido de meu pai? — exclamou atônita.



- Ele pode pedir reforços do outro lado do mar, pode combater aos dinamarqueses porque sabe lutar como eles. Melisande, não tem idade para assumir o poder. É meu dever velar por sua segurança.

— Pare então esta loucura! — Exigiu.

Ragwald a olhou com tristeza.

— Eu me opus no princípio, quando seu pai me falou do assunto. Mas agora acredito que é a única forma de que a deixem viver o tempo suficiente para que possa algum dia se encarregar desta fortaleza.

— Não importa. Não casarei! — Insistiu enquanto se aproximava de Ragwald.

— Não casarei! Não penso em estar aqui quando você e o viking fecharem seu acordo. — Alarmou-a o pânico que crescia nela ao pensar no que seria seu futuro nas mãos desse bárbaro. Ele só queria dominá-la. Desejava a fortaleza. Era humilhante. - Fugirei...! — disse, mas se deteve ao ouvir passos a suas costas. Voltou-se e percebeu que ela e Ragwald estavam rodeados pelos homens de Conar. Formavam um estranho grupo, alguns eram tão loiros que pareciam ter o cabelo branco, outros eram sardentos e ruivos, mas também havia homens de tez e cabelos muito escuros. Alguns vestiam roupas normandas, enquanto outros usavam jóias celtas e capas típicas de Eire. Contou rapidamente. Eram dez. Os soldados se inclinaram com gravidade quando ela os olhou.

Um deles deu um passo à frente. Era quase tão alto como seu chefe, de costas largas, com uma abundante cabeleira vermelha.

- Seu pai, condessa, descansa em paz. Se quiser vir conosco, poderá rezar por sua alma. Astrólogo — continuou - meu senhor Conar requer seus conselhos agora.

As lágrimas chegaram ardentes aos seus olhos, mas Melisande decidiu que não ia deixá-las correr. Levantou o queixo.



— Todos vocês vão me acompanhar a uma capela cristã para rezar? —
Perguntou com um toque de sarcasmo na voz.

Mas o homem que se havia dirigido a ela teve o cuidado de não ofender-se.

— Senhora, em nossa ilha se arraigou faz tempo uma solida fé cristã. Deve ir lá
algum dia, ficará surpresa.

— Sua ilha! — disse ela com desdém. — E, me diga seus navios com proa de
dragão, são fabricados nesse lugar onde arraigou tão solida a fé cristã?

— Melisande! — disse Ragwald entre dentes.

— Sim ou não?

— Sim, condessa, realmente. Pegamos do mundo do rei Olaf tudo o que era
bom e o combinamos com o melhor de nossa pátria, de forma que de tudo isso
nasceram uma força e uma beleza extraordinárias.

Sorriu sem deixar-se ofender pelas palavras de Melisande. Ragwald a pegou
pelo braço e, apertando a carne com os dedos tensos, encaminho-se com ela por
entre a multidão que os rodeava em direção às muralhas.

— Fui seu mestre todos estes anos. Sempre me pareceu errado que seu pai te
metesse na cabeça todas essas idéias de grandeza, porque o mundo que nos rodeia é
brutal e alguém tem que fazê-la compreender. Possui uma inteligência excepcional,
uma maturidade muito superior a sua idade. Estava disposta a cavalgar para uma
morte certa esta tarde, mas agora não vê que necessária é esta aliança para você e
para todos os que habitam a fortaleza. Não se importa com sua gente? Quer ver
como são atacados, dia após dia, como os humilham, vencem, massacram, apenas
porque tem medo de um homem quando não teve medo de centenas?

— Não tenho medo dele — murmurou com fúria.

— Então?

— Simplesmente o odeio.



— Essa não é razão para não casar-se com ele — retrucou Ragwald com irritação.

— Sou muito jovem para me casar.

— Muitas meninas estão casadas desde que nascem. Pense Melisande! Se casar com ele agora, o mais provável, é que não volte a vê-lo durante anos, e, entretanto, estará segura e será forte, não entende? — Baixou ainda mais a voz. — Não tem respeito algum pela memória de seu pai? Não pode se comportar com dignidade em sua honra? Melisande, este é o pior momento que pode escolher para se comportar como uma menina.

— Mas sou uma menina! Não deixa de me repetir que sou muito jovem. Como ele diz, sou uma menina.

— Sem duvida, não pode se comportar como uma menina mimada! Será capaz de ofender seu pai até na tumba?

Se sua intenção era feri-la, e com isso fazê-la entender, ele havia conseguido. A mera lembrança da morte de seu pai encolheu-lhe o coração e a fez cambalear. Era insuportável.

Entrou na fortaleza com Ragwald. Quando chegaram ao centro do pátio, deteve-se e olhou para seu mentor.

— Faça o que quiser, astrólogo! Faça que aconteça esta insensatez! Mas não volte a me oferecer seus conselhos.

Voltou-se e se afastou dele, consciente de que os homens a seguiam, mas ignorou todos eles. Apressou-se para a capela, que estava na torre situada mais ao norte. Sua gente estava reunida no lugar, uns pálidos, outros chorando por seus próprios mortos e o dela. Abriram-lhe caminho.

Melisande entrou precipitadamente, mas se deteve um instante para acostumar a vista à luz tênue e embaçada das velas. A capela era muito singela,



toscas bancas de madeira alinhados até o altar flanqueavam o corredor central coberto por um tapete vermelho.

Seu pai estava imóvel, diante do altar em uma liteira de madeira coberta com um tecido também vermelho. Havia-no preparado com extremo cuidado, limpavam o sangue do rosto e do corpo e haviam coberto o profundo corte de seu pescoço com um pano. Tinha os olhos fechados, os dedos cerrados ao redor do punho de sua espada. Estava tão tranquilo na morte! Era um homem atraente, um homem jovem.

Ao olhá-lo sentiu que as lágrimas que havia reprimido até então se amontoavam em seus olhos, ardentes. Começou a chorar, sem se importar com as pessoas que haviam ao redor dela, e se precipitou para o altar para ajoelhar-se ao seu lado, para tocá-lo, enquanto deixava correr as lágrimas.

Tinha o mesmo aspecto que em vida! Mas estava tão rígido, tão frio.

— Não! Não! — Gritou uma vez após outra.

As lágrimas que lhe escorriam pelas bochechas caíram sobre as mãos do conde, e quando ela tentou secá-las se surpreendeu com sua frieza, sua rigidez, sua morte. Não podia estar morto, tinha que voltar a ouvir sua voz, sua risada. Não se havia dado conta do quanto frágil era à vida, qualquer vida. Soluçou, se sentia terrivelmente sozinha, e o tocou e abraçou como se pudesse lhe devolver a vida com o calor do seu corpo. Caiu sobre ele, com os olhos banhados em lágrimas, rezando para poder despertá-lo e lhe infundir vida com seu fôlego.

Então sentiu o contato de uma mão forte, cálida, viva. Tentou soltar-se, mas não pôde. Ver seu pai morto, sentir como seu corpo ia esfriando, era muito duro para ela. Não restavam forças para ficar em pé.

Golpeou às cegas os braços que a seguravam, mas estes não a soltaram, mas sim a afastaram com firmeza do corpo de seu pai. Estava caindo quando aqueles



braços a levantaram do chão e se encontrou olhando o azul infinito dos olhos do viking que havia vingado a morte do conde Manon e que agora ia ocupar seu lugar.

— Deixe-me! — suplico.

— Não pode ficar com ele. Não pode morrer com ele. Nenhum ser humano pode fazer isso por outro — disse.

Os olhos se encheram de lágrimas e chorou desconsoladamente.

— Não chore — disse ele sustentando sua cabeça com doçura contra seu peito enorme. — Não chore. A dor é grande, mas vai passar.

— Nunca! — Murmurou ela. O viking a levava a algum lugar, não sabia aonde. Estava vagamente consciente de que saíram da capela, de que as pessoas se afastavam para deixar passar ao Conar que a levava em seus braços.

Estava caindo à noite. Só haviam passado algumas horas da morte de seu pai.

E estava tão frio!

Tão rígido.

Partira.

Começou a tremer e a soluçar de novo. Conar lhe tocou a face com os dedos e afastou as mechas de cabelo úmido de suas bochechas. Alguns minutos depois a depositou ante o fogo, em uma das enormes cadeiras esculpidas do grande salão.

Não se ouvia um suspiro na sala, embora houvesse homens nela. Viu-os quando Conar a deixou na cadeira. Ali estava Ragwald, alto e magro, olhando-a com um brilho estranho e triste nos olhos. Também o grande amigo ruivo do viking estava na sala junto a Philippe, Gastón e outros fiéis soldados.

O homem ruivo se aproximou com uma taça na mão. Conar, agachado frente à Melisande, com um joelho no chão, pegou-a rapidamente e a pôs nas mãos dela.

— Beba. É vinho quente. Vai se sentir bem.

— Nada pode fazer que me sinta bem.



— Sim, o tempo ajudará.

Melisande bebeu. A grande sala continuava em silêncio. Sentiu o intenso calor e o poderio do homem que estava diante dela olhando como bebia o vinho. Ela já havia bebido vinho muitas vezes. Inclusive as crianças tomavam pequenos goles durante as refeições, às vezes era a única bebida que havia na mesa.

Era um vinho forte. Um vinho generoso que seu pai havia trazido de sua última viagem pela Borgonha. Falto pouco para que esta lembrança a fizesse começar a chorar de novo. Não bebia o vinho aos poucos, mas a grandes goles. Esquentava-a por dentro e quase lhe provocava náuseas. Com o calor, teve pela primeira vez a sensação de que a dor cedia.

Esvaziou a taça e fixou o olhar nos olhos frios e imperiosos daquele estranho que, de repente, parecia estar dirigindo sua vida.

Conar sustentou seu olhar e Melisande soube que a estava julgando. Guardou silêncio um instante, embora sentisse que tinha todos os nervos tensos. Piscou por fim e o estendeu a taça com agressividade. Ele ficou em pé e caminho para onde estavam os outros, se voltou e a olhou nos olhos.

— Encontramos os documentos de seu pai — disse. Esperou que ela reagisse, mas Melisande não se alterou. — Tinha preparado um contrato de casamento em que se enunciam expressamente os termos de seu acordo. Quer lê-lo?

Melisande ficou sem fôlego. Não podia acreditar. Seu pai havia planejado casá-la com esse homem! Ele sempre havia prometido que ela teria a última palavra, que ela escolheria.

Ficou tão petrificada que não pôde articular uma só palavra. De todo modo, se sentiu traída. Seu pai como todos os demais, havia duvidado de suas capacidades e de sua força.



Soube que não havia saída, e a invadiu uma sensação de ira tão cálida como o vinho. Não deixaria que a pusessem em ridículo no futuro, não voltaria a correr para que esse viking a arrastasse de novo.

Ficou em pé, surpreendida ao notar que cambaleava ligeiramente, mas ocultou cuidadosamente sua hesitação. Alegrou-se ao provar que, a sua idade, era mais alta que alguns dos homens que estavam na sala, mas não mais alta que ele. Estava segura de que não havia muitos que o ultrapassassem em estatura.

“Não o temerei”, jurou a si mesma.

— Não preciso ver os documentos — disse friamente. — Em honra de meu pai, cumprirei seus desejos. — Encarou Ragwald.

O viking chegou a seu lado com grande rapidez. Seus olhos azuis a olhavam fixamente.

— Acha que poderá chegar até a capela?

— A capela?

— Sim, Melisande. É melhor fazer isto como mandam os cânones; na capela, ante Deus e ante os homens.

— Enquanto meu pai até jaz ali?

— Especialmente porque o corpo de seu pai está ali. Precisa mais tempo?

— Não acredito — disse Ragwald, incomodo. Conar se voltou para ele, e Ragwald encolheu os ombros com tristeza, enquanto olhava para Melisande. — Não acredito que necessite tempo para pensar agora, nem para estar sozinha...

— Porque poderia fugir? — perguntou Conar.

Ragwald não respondeu. O viking sorriu, negando com a cabeça.

— Ninguém foge de mim, Ragwald. Eu corro mais depressa. Esta decisão tem que ser tomada por ela. Uma vez mais, Melisande, necessita mais tempo?



Esses olhos! Ninguém foge dele! Porque se corresse, ele a alcançaria. E a vida seria muito pior. Ele não tinha nada a ver com isso, mas agora havia tomado sua decisão. E esta era a lei, tão poderosa, clara, como a lei divina.

“Um dia fugirei de você — pensou. — Para longe, muito longe!”

Faltou-lhe o fôlego quando ficou consciente do que Conar estava tentando lhe dizer: seu pai estava morto na capela, e eles deviam ir ali e casar-se, junto a seu corpo frio.

Apesar de tudo, o conde Manon assistiria ao casamento de sua filha.

Apertou os punhos, cravando as unhas na carne. Sua gente! Teria que casar-se por sua gente! Pelos camponeses, pelos ferreiros, os artesãos, os pastores. Eram tão fracos agora, tão vulneráveis! E esse casamento os tornaria fortes.

— Estou pronta — olhou ao Ragwald. — Não escaparei — olhou um a um a todos os homens que se encontravam na sala e esboçou um sorriso distante. — Além disso, daria no mesmo, não é assim? Celebraria o casamento por poderes, e nada do que eu pudesse dizer importaria.

— A Igreja exige seu consentimento — assegurou o viking ruivo.

— Isso é o que dizem — replicou ela elevando os braços ao mesmo tempo em que negava com a cabeça. — Mas também nunca ouvi dizer que a decisão de uma mulher sobre qualquer assunto tivesse algum efeito. De fato, até lembro o que ocorreu no casamento de uma prima que não queria casar-se: acabou nos braços de seu futuro marido, que a obrigou a baixar a cabeça em gesto de assentimento no momento adequado. Posso perguntar senhores, se me espera a mesma sorte?

— Não, condessa... — começou o ruivo.

— É mais que possível — interrompeu Conar. Caminhou de novo para ela olhando-a fixamente com seus olhos ardentes. — Será necessário chegar a tal extremo? — perguntou.



— Por que esta fazendo isto? — perguntou. — Um momento atrás não queria nada com uma menina!

— As meninas crescem — respondeu encolhendo os ombros. — Além disso, vi estas terras e merecem a espera.

— Poderia morrer em combate enquanto isso — disse ela rapidamente. — E morreria sem herdeiro ou descendência.

— É uma garota muito esperta — replicou ele. — E talvez não tenha que esperar tanto. — impacientou-se. Deu-lhe as costas e caminhou para a grande mesa em que estavam espalhados os papéis. — Juro cumprir os desejos do conde Manon no que concerne a sua filha e suas propriedades, e como prova disso assino e selo estes documentos, mudando assim o rumo de minha vida.

Tomou uma pluma da mesa e assinou o documento. Alguém aproximou uma vela e deixou cair umas gotas de cera no papel. Conar apertou o anel de seu dedo mindinho na cera, e o contrato ficou selado.

Voltou-se para ela.

— Vamos?

— Não precisa minha assinatura? — perguntou.

Ele negou lentamente com a cabeça sem deixar de olhá-la.

— Isto é apenas o contrato. Seu pai já o havia assinado.

Melisande sentiu que o sangue fervia. Seu pai não havia podido desejar algo semelhante para ela! Era impossível que o conde Manon tivesse querido lançá-la tão cruelmente a um mundo onde o que ela pensasse ou dissesse não tinha importância!

Apertou os dentes. Sim, era um mundo onde os desejos de uma mulher significavam pouco ou nada; a mulher era a pupila de seu pai até que se casasse. Depois seu marido passava a ser seu guardião com plenos direitos.



Talvez não se celebrasse um casamento essa noite! Em qualquer caso, esse viking não seria seu guardião!

Faltou-lhe pouco para cair na cadeira, mas se obrigou a não vacilar. Demonstraria a ele que ela havia sido educada para ser independente, para pensar por si mesma, para decidir seu próprio destino. E se não a compreendesse, suas vidas seriam um inferno.

— Vamos — disse. Voltou-se e caminhou para a saída da grande sala. Mordeu com força o lábio inferior, decidida a não derramar nenhuma lagrima mais diante daqueles homens e, sobre tudo, diante dele. Apesar de seus esforços, as lágrimas lhe nublavam a vista quando correu escada abaixo para a saída da torre e irrompeu no pátio.

A noite havia caído por fim. O pranto e a confusão se haviam abafado. Cada qual havia recolhido a seus mortos e havia atendido a seus feridos. As tochas iluminavam o pátio com uma luz misteriosa, porque a lua não apreciava brilhar essa noite.

Então sentiu que Conar a tocava no cotovelo.

— Melisande — disse suavemente — o mais correto é que caminhe junto com seu eleito.

— Você não é meu eleito. É o eleito de meu pai.

— Não tenho intenção de discutir com você esta noite.

— Nesse caso o melhor que pode fazer é não me dirigir à palavra.

Os dedos dele se entrelaçaram com os seus com força. Não chegou a lhe fazer mal. Fez apenas a pressão suficiente para que Melisande entendesse que poderia forçá-la a assentir com a cabeça se ele desejasse.

— Eu também estou cansado — disse.

— Seu pai não está deitado em uma laje na capela — lembrou-lhe Melisande.



— Lamento. Lamento profundamente. E por essa razão fui muito tolerante esta noite.

— Foi. E amanhã não será mais?

— Amanhã será melhor que tome cuidado. Quanto mais falo com você, mais seguro estou de que é muito esperta para sua idade. Muito obstinada, descarada e imprudente.

Melisande se voltou para ele rapidamente.

— Assim foi como me educaram. Assim foi como meu pai queria que fosse minha vida.

Finalmente chegaram à entrada da capela. Ragwald ia atrás deles lendo em voz alta o contrato de casamento, anunciando a união de duas casas nobres, informando a todos os presentes que, devido às circunstâncias, o casamento se celebraria imediatamente.

— Condessa, tenho intenção de que viva o suficiente para produzir herdeiros para esta excelente propriedade — disse Conar com tom indiferente. — Claro, terei que esperar um tempo para isso. Enquanto isso terá que deixar de ser tão rebelde, insolente e temerária.

— Onde está o maldito padre? — murmurou Ragwald.

— Aqui estou!

Melisande percebeu vagamente que o padre Matthew havia chegado enfim. Não o havia visto em todo o dia. Certamente, não era um homem valente, e estava segura de que se havia escondido durante o combate nos depósitos situados sob a capela.

Melisande se perguntou se o viking havia falado já com o padre Mathew; estava segura de que, se tivesse feito, este havia prometido sem vacilar que os casaria, sem lhe importar o que ela pudesse dizer.



O padre Mathew, com sua cabeleira branca como a neve despenteada, a olhou por um instante com seus pequenos olhos negros e em seguida desviou rapidamente seu olhar. A sua maneira, era um homem amável e afetuoso. Melisande sabia que lamentava o que ia fazer, mas que o faria de todos os modos.

O ar da noite era tão frio que a cota de malha de Melisande estava gelada. Cerrou os olhos e deixou que o ar acariciasse suas bochechas. O padre Mathew, em pé no primeiro degrau das escadas da capela, anunciou o nome de Melisande, seu título e a família a que pertencia às pessoas que haviam começado a congregar-se depois de ouvir as palavras de Ragwald. Em seguida fez o mesmo com Conar. Melisande ficou impressionada. Era filho do rei de Dubhlain, um notável líder norueguês, e neto do grande rei de Eire.

“Viking!”, pensou Melisande.

Sim, precisa um viking para lutar contra outro.

— Melisande! — chamou-a Ragwald entre dentes.

Deu-se conta de que não estava escutando, de que não havia prestado atenção à cerimônia.

— Entra nesta união por vontade própria? — repetiu o padre Mathew.

Não!

O padre pigarreou, mas Conar falou por ele com impaciência.

— Entra nesta união por vontade própria? — perguntou imperiosamente com tom firme e seguro.

Melisande sabia que, de um momento a outro, arrancaria a resposta, a obrigaria a assentir com a cabeça.

Era a vontade de seu pai. Ela havia dito que faria. Por toda a gente que dependia do senhor e da senhora da fortaleza.

— Sim! — respondeu bruscamente. Entro por vontade própria.



Aqueles olhos nórdicos, azuis como o gelo, olhavam-na de novo. Mas esta vez percebeu neles um pequeno brilho de repito.

— O anel — murmurou Ragwald, dirigindo-se a Conar dessa vez. — Aqui é muito importante que dê o anel à entrada da capela. Depois poderemos entrar.

Conar retirou o anel do dedo mindinho, o mesmo que havia utilizado para pôr seu selo no contrato de casamento. Pôs em Melisande no dedo médio e em seguida no polegar, então ela dobrou os dedos para que não caísse. Se o anel caísse, toda a multidão teria gemido de uma só vez, convencida de que os dinamarqueses os aniquilariam antes que chegasse a manhã, de que seus filhos arderiam até converter-se em cinzas e de que uma praga de gafanhotos cairia sobre eles de imediato.

O anel não caiu. O padre Mathew anunciou que podiam entrar na igreja para celebrar a missa de casamento.

— É verdade que vai a missa? — Perguntou Melisande com cinismo ao homem que estava a seu lado.

— Sempre que é oportuno — ele assegurou. Ela abriu a boca para dizer algo mais, mas finalmente decidiu guardar silêncio.

Seu pai estava frente a eles. Faltou-lhe pouco para tropeçar e cair, mas braços fortes a sustentaram.

— Não posso fazer isto! — murmurou.

— Deve fazê-lo. Apóie em mim.

Isto foi a última coisa que pôde recordar depois da cerimônia. O padre Mathew falou do conde, de sua bondade, da forma em que havia sido assassinado. Falou da grande força necessária para enfrentar ao inimigo, que explicava o porquê desse casamento aparentemente precipitado. Recordou que Conar MacAuliffe havia matado Gerald, o assassino do conde, e que, portanto era justo e adequado que



ocupasse o lugar de Manon em sua casa. E, uma vez dito tudo isto, celebrou-se o casamento.

Ao final da celebração ele teve que lhe dar uma ligeira cotovelada para que respondesse. Mas então, o que ela pudesse dizer não tinha importância. Teria feito votos de casamento a uma dúzia de anões do bosque. Estava de joelhos diante do altar, junto ao viking, quando o padre os declarou marido e mulher, ante Deus e ante os homens.

Conar a ajudou a ficar em pé, porque não podia fazê-lo sozinha, e roçou sua face com os lábios.

Não houve aclamações nem regozijo. Conar a levou da capela à torre sul.

Ali a esperava Marie do Tresse, que lhe passou um braço pelos ombros e a conduziu escada acima até seu quarto.

Passaram frente aos aposentos, onde havia dormido seu pai. Detiveram-se. Melisande ficou rígida. Quis entrar, voltar a tocar suas coisas.

— Não! — disse Marie suavemente. — Agora não.

Estava como atordoada, tinha frio e se sentia esgotada. Marie a empurrou para além daquela porta e a conduziu pelo pequeno corredor que levava a seu dormitório. Uma vez ali, ajudou-a a tirar a cota, depois Melisande caiu sobre a cama. Pensou em seu pai e as lágrimas voltaram a correr por sua face.

Marie se aproximou dela, para lhe enxugar o pranto. Também Ragwald se achava no quarto, mas Melisande se deitou de lado, dando as costas a ambos.

— Melisande! — disse Marie suavemente. O astrólogo pegou à donzela do braço e a levou para fora do dormitório.

— Deixe-a — disse. — Agora precisa chorar.

A porta se fechou atrás deles e Melisande ficou sozinha. Casada e órfã.

Em toda sua vida, nunca se havia sentido tão acompanhada.



GRH

Grupo de Romances Históricos

Nem tão terrivelmente sozinha.



CAPÍTULO 08

Conar não voltou a pensar seriamente em sua jovem e precoce esposa até a manhã seguinte. Foi Brenna quem o fez vê-la com novos olhos.

Brenna era a filha de um dos amigos mais queridos de seu pai, e um de seus melhores guerreiros, e de uma das donzelas favoritas de sua mãe. Conar e ela levavam no sangue a mesma mescla explosiva, a herança dos ferozes defensores do Eire e a dos determinados navegantes da Noruega. Tinham nascido na mesma semana, e desde muito pequenos os tinha unido uma profunda amizade que os fazia quererem-se como irmãos.

E não porque Conar não tivesse suficientes irmãos de sangue. Havia Leith, é obvio o primogênito, o herdeiro de seu pai. Em seguida Eric, o que mais parecia com ele, e seus irmãos Bryan, Bryce e Conan, e suas irmãs Elizabeth, Megan e Daria. O lar de Conar era cheio de personalidades efervescentes, mas, precisamente por todas as coisas que se compartilharam nele, também Brenna tinha encontrado um lugar em sua família.

Brenna sempre viajava com ele. Não lhe interessava a guerra, por isso ficava atrás, longe da luta, mas em múltiplos aspectos, era freqüentemente sua mão direita. Quando era muito pequena, o ancião conselheiro do avô de Conar, Mergwin, um místico em muitos sentidos, muito versado na interpretação das runas nórdicas e nas artes dos antigos druidas, tinha tomado a mão da menina e a tinha declarado sua pupila,



Ao longo dos últimos anos, Conar tinha compreendido o que Mergwin tinha visto em Brenna. Tinha um dom especial para ler os pensamentos dos homens; sabia quando mentiam e quando diziam a verdade. Via no coração das pessoas e conhecia seus motivos. Era capaz de interpretar as runas, é obvio, mas muita gente sabia jogar as runas nórdicas e ler sua mensagem. Como príncipe católico, — seu pai se converteu ao catolicismo por sua mãe — Conar não tinha muita fé na leitura das runas, embora considerasse que era um passatempo muito divertido e às vezes intrigante.

Talvez esta não fosse toda a verdade. O certo é que, como toda sua família, Conar sempre tinha tido grande fé em Mergwin, pois como todos sabiam, podia ver coisas ocultas para outros. Guiava-lhes e os afastava do perigo quando podia. Frequentemente predizia o futuro, mas sempre os advertia que eram seus próprios atos que determinariam seu destino e os recordava que a vida exigia uma força não só física, mas também espiritual. Em seu intimo, Conar acreditava no céu e no inferno, e estava convencido de que pouco importava se os habitantes desses domínios eram um único deus ou Ordem e suas hordas, se os homens ao morrer alcançavam o céu ou as portas do Valhalla. Da mesma forma, tanto fazia se Brenna lia as runas ou estudava as estrelas e rezava a Deus para que a guiasse, ou inclusive se praticava os antigos ritos dos druidas que Mergwin lhe ensinara. Frequentemente procurava seu conselho, sem se importar de onde procedia a sua sabedoria.

Em sua primeira manhã na fortaleza, despertou ainda exausto, e esse esgotamento ia influir em sua futura relação com sua jovem esposa. Sentia como se a cabeça fosse explodir e tinha os músculos doloridos pelo combate e a carne rasgada pelas pequenas feridas sofridas durante a luta. Amanheceu na cama do conde Manon, e isso lhe causou certa tristeza porque, embora só o tivesse visto em vida em uma ocasião, quando aprendia com seu tio a arte da navegação e da guerra, o conde



Ihe inspirara grande estima e admiração. Era um homem inteligente, forte, justo e com um agradável senso de humor, e a admiração pareceu ser mútua. Quando o conde o convidou para visitá-lo em seu castelo, Conar pensou que talvez pressentisse algum perigo. Entretanto, nunca imaginou que pudesse chegar a tempo para combater esse perigo, mas não para evitar a traição que acabara com a vida de seu anfitrião.

Viu Melisande assim que abriu os olhos. Talvez fosse sua presença o que despertou, porque tinha aprendido a dormir com um sono muito ligeiro. Estava na soleira, olhando-o, com a face muito pálida e uma expressão de profundo assombro em seus olhos azuis. Conar se encontrou olhando esses olhos, que lhe enterneceram igual à primeira vez que os tinha visto. Eram de uma cor única, muito profundos, grandes, rodeados por cílios negros, abundantes e longos.

Veio procurar as coisas de seu pai — pensou — e não esperava me encontrar aqui.

Ergueu-se e se sentou na cama. Ela empalideceu ainda mais, voltou-se e pôs-se a correr.

— Melisande! — gritou, mas ela se fora. Então se deu conta de que estava nu e de que as cicatrizes das feridas de guerra que tinha nos ombros talvez fossem alarmantes; sabia também, que não gostava dele absolutamente, apesar de que a salvara de que lhe cortasse o pescoço ou a violasse e a escravizasse o mesmo homem que tinha assassinado o seu pai.

Chegou à conclusão de que suas cicatrizes pouco importavam. Simplesmente não gostava que dormisse na cama de seu pai e não tinha a menor intenção de obedecer a uma só de suas ordens. Bom. Ela aprenderia. E logo. Levantou-se, vestiu meias de ponto estreito que lhe serviam de calças, uma camisa de linho e um casaco de pele, e finalmente calçou as botas. Não necessitava traje de combate esse dia,



mas nunca saía sem sua faca, que levava em uma bainha presa ao tornozelo, e raramente sem sua espada, metida na capa que pendurava de sua cintura. Estava acabando de prender a espada quando um menino lhe trouxe água para que se lavasse, lavou o rosto para acordar de todo.

Saiu do dormitório, para admirar a fortaleza uma vez mais. Gostava da forma em que era dividido o espaço: os dormitórios no piso superior, a sala no primeiro andar, e esta sobre o térreo e os armazéns. As salas eram arejadas, de forma que o ambiente do castelo estava impregnado de um aroma agradável. Graças à obstinação de Mergwin, Conar tinha estudado a forma em que os antigos romanos construíam suas fortalezas e podia apreciar todas as vantagens do castelo do conde Manon. Não havia fosso ao redor da construção, mas sim uma vala; assim, como a fortificação se elevava sobre uma colina, seria fácil enchê-la com água do mar se fosse necessário.

Desceu as escadas e chegou ao salão. Ali, sentados à mesa, estavam Swen, que apesar de seu nome nórdico era irlandês, ruivo e sardento, e Brenna. Achavam-se sozinhos, mas parecia que, apesar do recente falecimento do conde, as coisas no castelo funcionavam sem contratempos. A mesa estava disposta, com pratos de madeira finamente esculpidos, taças de cerveja e bandejas de comida: enguia defumada, pão e pescado fresco e carnes de ave e veado. Até então não se deu conta de quão faminto estava. O dia anterior fora tão cheio de acontecimentos que nenhum deles tinha pensado em comer.

Sentou-se e Brenna se levantou em seguida para lhe servir uma taça de cerveja.

— E bem, Conar? Dormiu bem? — Perguntou.

Conar a olhou inquisitivamente aceitou a cerveja e se voltou para Swen, que deu de ombros.

— Terá que admitir Conar, que nunca pensamos que viéssemos para ficar. Conar negou com a cabeça.



— Não viemos para ficar. Não posso permanecer aqui. Espreitam-nos muitos perigos em casa.

— Também aqui se aproximam graves perigos — disse Brenna, enquanto o servia. Quando acabou, serviu-lhe um prato transbordante de comida e acrescentou: — E este é seu lar agora. Olhe ao redor, Conar. Deu-se muito bem. Seu pai diria que você adquiriu uma propriedade excelente.

— Também diria que há ocasiões em que as propriedades devem administrar-se sozinhas. Não falei muito com o administrador de Manon, Ragwald, mas estou convencido de que pode encarregar-se de tudo sem problemas enquanto eu não estiver. Além disso, não me ausentarei muito tempo.

— Ninguém será capaz de ocupar-se de tudo e de proteger este castelo. Não, enquanto a garota estiver aqui — disse Brenna.

Conar franziu o cenho e deixou sobre a mesa a fatia de pão que estava comendo. Apoiou-se no respaldo da cadeira e cruzou os braços, sem deixar de olhar a Brenna.

— Muito bem, Brenna. Diga-me o que tem na cabeça. Que importância tem onde deixe a garota?

— Ficou cego? — perguntou Swen com incredulidade. Viu uma faísca nos olhos de Conar e mudou de tom imediatamente. — Sinto Conar, mas... — interrompeu-se.

— Do que estão falando? — perguntou com um gesto de exasperação.

— Deu uma olhada à garota? — perguntou Brenna suavemente.

— Uma boa olhada? — acrescentou Swen. Conar ficou olhando a ambos. Brenna estava sentada ao seu lado em uma das cadeiras esculpidas.

— Manon mandou chamá-lo porque pressentia um perigo crescente em seu lar por causa de sua filha. Seria uma boa aquisição mesmo que fosse velha e calva, falam muito de sua beleza por aqui; muitos homens a viram, e ela está ficando mais velha.



— A filha de Manon não ainda completou treze anos! — exclamou.

— Sua esposa — disse Brenna, recalcando a palavra “esposa”— é excepcionalmente bela.

Irritado, Conar soltou a taça na mesa de um golpe.

— Para mim não é mais que uma menina! Aceitei este casamento pela insistência de Ragwald, porque parecia à melhor maneira de dar amparo a esta gente. E também, é obvio, porque esta aliança me proporciona esta incrível herança. Mas todos estiveram de acordo em que a menina tem que crescer.

— Sim — concordou Brenna. — É jovem. Mas muitas mulheres se convertem em esposas aos treze anos. Talvez convenha recordar-se com que idade começou a se interessar pelo belo sexo.

— E o que pode saber disso? — Interrompeu-se. Brenna sorria. Brenna sabia. Conar se perguntou que idade teria quando se encontrou pela primeira vez nos maravilhosos braços daquela jovem pastora.

Mais velho que sua nova esposa, certamente.

Ou talvez não muito mais velho? Não recordava, mas de qualquer forma, parecia um assunto totalmente diferente. A situação o irritava.

— Não tenho a menor intenção de levá-la comigo como minha esposa — disse energicamente. Olhou Brenna com firmeza—. E já que me conhece tão bem, saberá que não tenho interesse algum em seduzir uma menina quando...

— Quando a diversão e o entretenimento ficam tão freqüentemente em seu caminho sem necessidade de esforço algum de sua parte — adicionou Brenna suavemente—. Mas deve ter presente que, embora não te interesse, talvez a outros sim. Aqui não está segura. E sua presença aumenta o perigo para a fortaleza se você for embora.



— Casei-me com ela! Não era esse o propósito da cerimônia? Que tivesse marido e assim pudesse manter a distancia todas as aves de rapina?

— Um casamento sem consumir-se pode dissolver-se muito facilmente. Inclusive legalmente. Se estiver empenhado em sancionar de forma cristã essa dissolução, pode-se convencer ao papa— advertiu Swen.

— E o que sugerem? — perguntou Conar zangado. — Que seqüestre a essa hostil jovem órfã?

— É obvio que não! — respondeu Brenna, retirando uma mecha dourada da face. — O que sugiro é que a olhe com mais atenção e a leve com você a algum lugar seguro.

Algum lugar seguro!

Nesse momento Melisande entrou na sala. E foi então quando Conar examinou por fim a sua esposa com todo cuidado.

Tinham razão. Viu então em Melisande muitas coisas das quais não se apercebeu no dia anterior.

A cota de malha que usava ocultara seus encantos. Tinha um corpo esbelto, ágil... Com incipientes formas curvíneas. Era alta, e a cascata de cabelos de ébano que se derramavam por suas costas realçava a elegância de suas proporções. Suas feições eram juvenis, mas deliciosas, e logo estariam...

Esses olhos, grandes, azuis, apaixonados, muito belos. Brenna tinha razão. Transformaria-se em uma mulher excepcional, e não podia correr riscos com ela. Com seus quase treze anos, já era uma grande tentação para qualquer homem, e havia muitos que não tinham problemas em casar-se, ou deitar-se, com mulheres jovens.

Sacudiu-lhe um estremecimento estranho, quente, violento. Ao chegar no dia anterior, não esperava acabar com algumas terras nem com uma esposa; tinha sido



convidado, e sua intenção, em todo caso, tinha sido explorar o futuro. Tudo tinha ocorrido repentinamente; mas agora aquele lugar lhe pertencia.

Também Melisande.

E embora não quisesse uma menina por esposa, tampouco podia suportar a idéia de que algum depravado a capturasse. Sua beleza significava problemas. Uma terrível dor de cabeça, como se não tivesse já suficientes.

— A metade de nossos homens pode ficar aqui para proteger o castelo — lhe murmurou Brenna ao ouvido, inclinando-se para ele. — Mas não pode deixá-la aqui quando você não estiver. A guerra é constante, levam-se a cabo incursões todos os dias. Se alguém tomar a fortaleza em sua ausência, será possível recuperá-la sempre e quando não capturarem Melisande; embora o contrato de casamento converta este castelo em sua propriedade, ela é a herdeira, e é o sangue que decide. Deve manter Melisande a salvo, longe de todos os que a cobiçam.

A insolente menina avançava para ele. Conar observou como balançava seu corpo ao andar. Movia-se com graça, sem ruído, majestosamente. Deteve-se frente a ele, sem prestar atenção alguma ao Swen nem a Brenna, embora Conar estivesse seguro de que seus olhos pousaram com intensa hostilidade em sua amiga.

— Não tem nenhum direito a usar a cama de meu pai — disse, e embora falasse com segurança, em um tom gélido e digno, havia certa aspereza em sua voz.

— É certo, condessa — murmurou, e a percorreu uma vez mais com o olhar. Vestia um vestido solto malva claro, e por cima uma túnica de um arroxeadado mais escuro, que parecia fazer jogo com seus olhos.

— Seu cadáver ainda está quente! — disse entre dentes.

Conar ficou em pé enfurecido por suas palavras, e sobre tudo por que se atrevesse a falar assim em público.



— Dormi nessa cama não porque não tenha respeito por seu pai, mas sim por puro esgotamento. Permita-me lhe recordar, condessa, que não conquistei nem saqueei este lugar, mas sim arrisquei a vida de meus próprios homens para defendê-lo, a pedido de seu pai. E aviso-lhe que, no futuro, quando tiver que tratar comigo este tipo de questões, será melhor que o faça em privado.

— Posso sugerir então, senhor viking, que não faça coisas que possam causar-lhe uma humilhação pública?

Foi a gota que encheu o copo. Agarrou-a pelo braço e a sacudiu.

— Conar! — exclamou Brenna com alarme ao mesmo tempo em que se levantava.

— Sente-se, Brenna, por favor! — Fez-se um silêncio tenso, e Brenna se sentou de novo.

Melisande, sem dizer uma palavra, lutou para soltar-se. Conar a ignorou e se dirigiu a Brenna e Swen.

— Rogo que nos desculpem. A condessa e eu temos que falar em privado.

— Não tenho nada mais a dizer — começou Melisande, mas Conar a interrompeu.

— Mas eu sim tenho muitas coisas a dizer.

— Não penso...!

— É claro que sim!

Conar a ouviu tomar ar e estava preparado quando Melisande lhe cravou as unhas na mão. Ainda estava sorrindo a Brenna quando jogou Melisande sobre o ombro, ignorando seu grito de raiva.

O melhor era resolver o assunto imediatamente. Subiu pelas escadas para o piso em que se encontravam os dormitórios, atravessou o curto corredor que levava aos aposentos do conde, sentou-se na cama e a deitou sobre seus joelhos.



Não estava muito seguro do que pretendia. Não tinha intenção de atuar violentamente, porque a vira na capela e sabia que seu coração estava dominado pela angústia provocada à morte de seu pai. Mas, independente de como a tivessem educado, por muito que lhe tivessem ensinado a comportar-se com autonomia, não podia esperar-se que ele tolerasse tal comportamento.

Tinha que falar com ela, e de fato isso era quão único pretendia. Devia ameaçá-la para que fosse razoável. Abriu a boca para falar, mas suas palavras se converteram em um gemido de dor quando lhe cravou os dentes na coxa.

— Sua harpia! — exclamou, e o que ele considerava sua paciente e tolerante determinação de limitar-se a falar com a menina apagou-se imediatamente da mente. Não tinha intenção de fazer o que fez, mas Melisande era a única culpada. Sua mão caiu com força, repetidas vezes, nas nádegas de Melisande. Quando se acalmou, levantou-a e a deixou em pé frente a ele. Ela tinha os olhos dilatados e úmidos, mas não havia arrependimento neles, só raiva e ódio.

— Como se atreve! Como se atreve! — Gritou.

— E o farei outra vez se não se calar agora mesmo!

— Senhor! — Chamou uma voz da porta do dormitório.

Era Ragwald. Entrou precipitadamente no quarto, correndo para a jovem. Rodeou-lhe os ombros com o braço e a aproximou dele com gesto protetor.

— A menina não pretendia insultá-lo...! — Pretendia insultá-lo com todas as minhas forças! — Protestou ela.

Conar cruzou os braços, sem poder acreditar no que estava ocorrendo. As coisas poderiam ter sido tão simples! Casou-se com uma menina. Uma menina com uma aura estranha de sensualidade e de inocência, muito formosa — e muito selvagem — para seu próprio bem. Era uma situação realmente infernal. Ele não devia estar ocupando-se disto agora, mas sim de fiscalizar a reconstrução do muro e de decidir



quantos homens seriam necessários para proteger a propriedade e quanto tempo poderia ausentar-se. Entretanto, ali estava, olhando uns olhos azuis tão ardentes de ira que não se atrevia a lhes voltar às costas, por muito menina que fosse sua proprietária.

“Melisande é minha esposa”, pensou, e a ironia do assunto fez que a situação lhe parecesse de repente totalmente absurda. Não ia discutir com ela. Ele ia dar as ordens e ela devia obedecê-las.

— É perigosa, Ragwald. É tão apaixonada que se torna perigosa. Se fizer a gentileza de me deixar a sós com ela, — disse Conar friamente— quando tiver terminado saberá como deve comportar-se.

— Senhor, eu suplico, não esqueça tudo o que ocorreu aqui. Seja tolerante, tenha piedade!

— Não quero sua piedade! Quero que se vá de minha casa! Fora... Da cama de meu pai, fora de minhas terras! Gritou Melisande.

Levou as mãos à cabeça e avançou para a menina, totalmente fora de si ignorando Ragwald e de seus esforços por protegê-la.

Agarrou-a pelos braços e a levantou do chão até que os olhos de ambos ficaram à mesma altura.

— Minha casa agora, condessa! Minha! E agora, astrólogo, leve a esta delicada e inocente beleza e tira-a de minha vista antes que mande encerrá-la em seu quarto atada e amordaçada.

Mesmo assim, ela não se dobrou.

— Este será meu quarto! Foi o de meu pai agora será o meu!

Tinha acabado com sua paciência. Estava a ponto de jogá-la ao ombro outra vez e de cumprir sua ameaça de atar-lhe os pés e mãos e encerrá-la em seu quarto para que refletisse ou apodrecesse de raiva, mas algo nela o comoveu. Algo no brilho de



seus olhos, talvez saber que Melisande estava lutando contra sua própria dor com tantas forças como lutava contra ele. Tinha amado muito a seu pai, e acabava de perdê-lo. Não estava enterrado ainda em sua última morada. Por mais que o fizesse perder os estribos, Conar não podia menos que admirar sua coragem. Embora, por outro lado, talvez fosse só consequência de sua juventude, de sua estupidez. Tinha sido uma insensatez jogar-se nos braços de Gerald como ela tinha feito. Se tivesse tido alguma responsabilidade sobre ela nesse momento, teria aplicado um corretivo muito mais enérgico que algumas meras palmadas nas nádegas.

Conar praguejou em voz alta, sem prestar a mínima atenção aos supostamente inocentes ouvidos de Melisande. Deixou-a no chão, devolvendo-a violentamente aos braços protetores de Ragwald.

— Por enquanto, amigo, pode ocupar-se dela. Mas aviso, astrólogo, que é melhor que a faça ser razoável, eu estou cansado de tentar.

Deu-lhes as costas com impaciência e saiu do aposento em longas passadas. Ainda estava furioso quando chegou ao grande salão. Vários membros do pessoal da fortaleza se uniram a Brenna e Swen, entre eles Philippe, o capitão do guarda, e Gastón, seu mais velho e principal conselheiro. Tinham estendido sobre a mesa as plantas do castelo, e Conar em seguida centrou nelas sua atenção, maravilhou-se uma vez mais do cuidado e os detalhes com que se desenhara a estrutura da fortaleza. Calculou que poderia suportar um duro assédio. As torres estavam situadas de tal forma que qualquer ameaça era visível de todos os ângulos. Talvez a única debilidade da construção estivesse em suas muralhas. Ou em uma traição como a do dia anterior.

— É um troféu excepcional! — sussurrou-lhe Swen. Conar levantou os olhos da planta. Philippe estava olhando-o e assentindo com orgulho. Conar escrutinou sua expressão e chegou à conclusão de que a fortaleza tinha um bom comandante, que



conhecia o castelo melhor que ninguém. Talvez precisasse deixar com ele a alguém que representasse o poder de sua própria casa e de sua própria terra, mas o ideal seria que o comando ficasse basicamente nas capazes mãos de Philippe. Também Gastón parecia um homem prudente, e ambos conheciam até os mínimos detalhes da fortaleza.

— Swen, — disse Conar — eu gostaria de estudar estas plantas com mais calma. Você poderia vistoriar ao lugar com Gastón e Philippe e me informar logo. Terá que reparar rapidamente o que tenha sido prejudicado, pois prometi a meu pai que minha ausência não seria longa. Swen assentiu. Brenna se levantou para acompanhá-lo, e Conar ficou sozinho diante das plantas.

Poucos segundos depois sentiu um calafrio. Elevou o olhar e viu que Melisande havia voltado. Mantinha distância, estava no corredor, olhando-o da soleira da porta que dava ao salão. Apertou os dentes surpreso de não havê-la ouvido chegar.

— Lamento profundamente ter que interrompê-lo quando está se refestelando em seus lucros — disse com uma expressão feroz e acusadora em seus olhos que contradizia o tom suave e zombador de suas palavras, — mas... — Hesitou um instante. — Mas o padre Matthew me perguntou quando poderá rezar uma missa de funeral por meu pai, e eu disse que este é o melhor momento. Vou à capela.

Conar abriu e fechou os punhos várias vezes. Não sabia o que lhe ocorria. Sentia intensos desejos de apertar com suas mãos o elegante e fino pescoço da pequena.

— Irá quando eu disser.

— É o meu pai a quem vamos enterrar.

— O que tem que fazer agora é obedecer minhas ordens.

— Não tem direito a lhe negar um enterro cristão.

— Não tenho intenção de... — interrompeu-se. Tinha conseguido uma vez mais, estava embarcando em uma discussão como se ambos fossem crianças.



Ficou em pé. Não ia deixar que saísse vitoriosa, Fez-lhe uma profunda e inesperada reverência.

— Quer enterrar seu pai agora? Muito bem, Agora mesmo.

Ao vê-lo avançar a grandes passos para ela, Melisande deu a volta rapidamente para escapar. Conar estendeu o braço e conseguiu lhe agarrar uma mecha de cabelo. Puxou a suave massa cor azeviche e a aproximou de si, e se encontrou de novo com seus olhos azuis.

— Iremos juntos, Melisande. Cuidou, apesar da pressa, de que se comunique às pessoas mais próximas a seu pai que chegou o momento de celebrar o funeral?

Melisande apertou os dentes e puxou a mecha de cabelo pelo que a sujeitava Conar até que este a soltou.

— Ragwald foi informar a todos os que vivem no interior da fortaleza. Os chamará do passadiço.

— Muito bem. Vamos então.

Segurou-a pelo cotovelo. Melisande odiava que a tocasse, mas se absteve de lutar e não disse uma palavra. Caminharam em silêncio da torre sul para a torre norte, e uma vez ali subiram ao segundo piso, onde se encontrava a capela. A sala estava cheia. Conar comprovou que, efetivamente, os homens foram avisados. Philippe e Gastón estavam em pé junto à laje esculpida sobre a qual jazia o conde, envolto em um sudário de fina gaze branca. Ragwald se encontrava ajoelhado aos pés do conde. Melisande se soltou de Conar para ir junto a seu pai.

Conar a deixou ir.

O padre Matthew entrou na capela e começou a falar. Era evidente que tinha apreciado ao conde Manon tanto como sua filha, seus serventes e seus amigos, e quando rememorou a juventude e a bondade do conde, o som abafado do pranto começou a encher a capela. Os homens mais fortes e mais curtidos estavam ali essa



tarde com os olhos úmidos. Não fazia muito que Conar tinha visto assim estendido a seu próprio avô, Aed, o Ard-Ri do Eire, antes que o levassem em cortejo fúnebre a Tara. Recordava a dor que lhe tinha causado sua perda e não pôde evitar sentir compaixão por sua jovem esposa.

Oxalá ela deixasse de tratá-lo com tanta agressividade. Talvez então pudessem encontrar uma solução.

Quando terminou a missa, os amigos mais próximos de Manon se aproximaram para levá-lo nos ombros até seu sepulcro na cripta da família. Estava situada debaixo do piso dos armazéns, escavada profundamente nos alicerces do castelo. Uma porta dupla levava a escuridão da sepultura; apesar de que ainda fosse dia, só as tochas iluminavam o caminho que conduzia ao leito de pedra onde o conde Manon descansaria eternamente em seu sudário branco.

Sua jovem filha não tinha perdido a compostura durante toda a cerimônia. Se ela chorou, tinha-o feito silêncio. Mas quando o padre Matthew pronunciou as últimas palavras e todos se voltaram para sair da cripta, Melisande se deteve.

— Dê-me uma tocha, Philippe. Não quero deixá-lo aqui sozinho.

Conar não gostou da idéia. A luz da tocha mal tocava as sombras. A cripta não tinha ainda muitos ocupantes, mas conseguiu a ver a figura amortalhada que jazia imediatamente ao lado de Manon. Supôs que se tratava de sua esposa. Havia outras formas brancas nos limites de pedra da sala. Certamente, não era um lugar saudável para uma menina.

— Melisande — chamou. Os que ainda ficavam na cripta se detiveram ao ouvir sua voz. Ela se voltou para ele, como se acabasse de aperceber-se de sua presença—
. Não é prudente — disse.



— Senhor, — disse Philippe avançando rapidamente para Conar — rogo que me deixe ficar com ela um momento. Velarei para que não permaneça aqui muito tempo.

Conar vacilou.

— Não se preocupe amigo, — disse com um suspiro — Vá com os outros. Eu lhe farei companhia.

Philippe assentiu depois de um momento de dúvida, e em seguida pendurou uma tocha na parede e saiu atrás do padre Matthew. Conar ficou sozinho com Melisande na cripta.

Ela não se ajoelhou. Ficou em pé ante seu pai, e Conar, observando-a, sentiu-se impressionado uma vez mais por sua figura alta e esbelta, por sua elegância natural, e pela singela dignidade de sua atitude. Tinha a cabeça inclinada, de forma que não podia ver seus olhos, só a cabeleira escura e longa, iluminada pela luz da tocha.

Passou o tempo. A luz se foi consumindo. Estava ficando tarde. Conar avançou para ela.

— É hora de ir.

— Estará aqui, só na escuridão para sempre.

— Embora tenha sido apenas a metade do homem que sua fama assegura, irá ao céu.

Melisande guardou silêncio um momento. Em seguida olhou para Conar.

— Ao céu? Ou ao Valhalla?

Mesmo ali nesse lugar queria provocá-lo. Decidiu não deixar-se levar, pois não era o momento.

— Talvez seja o mesmo. Melisande não respondeu.

— Vamos, — insistiu — temos que ir.



— Só uma oração mais! — Murmurou. Conar viu que as lágrimas molhavam suas bochechas, lágrimas que ela teria preferido ocultar dele.

Sem saber como, encontrou-se a abraçando de novo. E, por uma vez, não o rechaçou, mas sim soluçou em seu colo, empapando seu casaco. Conduziu-a com determinação para fora da cripta, fechando a porta dupla atrás deles e olhando para a luz que se filtrava pela escada.

Surpreendeu-lhe o que sentia ao tê-la entre seus braços. Era incrível depois de tudo o que tinha acontecido, mas Melisande lhe inspirou nesse momento uma grande ternura, e ansiou subitamente abraçá-la, protegê-la e acalmar sua dor. Sentou-se em um dos primeiros degraus e lhe acariciou a cabeça, maravilhado pela abundância de seus cabelos, sua suavidade e a doce fragrância que emanavam. Balançou-a em seus braços, enquanto sentia as sacudidas e tremores que provocava em seus ombros a violência de seus soluços. Sussurrou-lhe uma e outra vez que a dor passaria, mas que as lembranças permaneceriam sempre em sua memória.

— Como pode saber?

— Porque recentemente perdi a uma pessoa muito querida. Alguém como seu pai, a quem todos admiravam,

— Um viking? — perguntou.

— Não. — respondeu ele entre surpreso e divertido pela pergunta — O Ard-Ri meu avô materno, o grande rei. Foi um dos maiores homens do Eire. Um dos primeiros que conseguiu unir aos reis do país. A paz que desfrutamos hoje devemos a sua força e sua sabedoria.

Ela calou um momento, aparentemente incapaz de responder.

— Mas você se depara com a morte diariamente— Murmurou em seguida.

— Não, diariamente não. Não é algo que eu procure. — Sua voz se apagou um momento, e ela se surpreendeu pedindo a ele que prosseguisse.



— De fato o que, viking?

— Minha mãe odiava que recebêssemos instrução militar — suspirou. — Queria que seus filhos encontrassem seu destino pacificamente em chão irlandês. Mas meu pai advertiu-a que a paz só podia ser ganha mediante a força, e que seus filhos, todos os seus filhos, deviam aprender as artes da paz e as da guerra. O tempo lhe deu a razão; quando meu avô morreu e meu tio Niall foi coroado como Ard-Ri, explodiu a guerra. Todos nós fomos chamados a lutar para restaurar a paz em nossa terra. Acredito que esta era a principal qualidade de meu avô, sabia quando lutar e quando negociar. Mas sempre foi consciente de que não podia sentar-se e esperar que a paz viesse a ele.

— Meu pai também sabia — murmurou Melisande. — Os dinamarqueses estiveram invadindo estas terras desde que ele era menino. E os noruegueses. E os suecos — acrescentou rapidamente. — Assim fez desta fortaleza um lugar seguro. Eles vinham, olhavam o castelo e se afastavam para outros lugares. Mas então o enganaram! — Murmurou.

Pareceu perceber de repente de que estava sentada nos joelhos de Conar, com uma mão apoiada em seu peito, onde também tinha descansado sua cabeça, a julgar pelo rastro de umidade que havia no casaco.

Levantou-se tentando evitar que ele a tocasse, e se afastou engolindo em seco. Seus lindos olhos brilhavam, mesmo naquela luz tênue.

— Obrigado por ter honrado o meu pai — disse. — Mas tenho que dizer a você que não estou de acordo com sua escolha e acho que Ragwald agiu de uma maneira detestável. Você também é obvio, mas você é um viking, enquanto que ele é cristão e...

— Melisande, — disse apertando os dentes— Eire é um dos países onde a fé cristã está mais arraigada...



— ... E é um homem do meu pai, um dos seus amigos, e dos meus — prosseguiu ela sem escutá-lo. — Ele tinha que saber. Devo dizer que, embora seja grata por você ter matado Gerald, estou furiosa porque me impôs este casamento. Para mim é um viking, pertence ao povo que invadiu durante anos nossas terras. Além do mais, não pode esquecer que seu pai saqueou a terra de sua mãe. E não o perdôo por nada disso. Espero haver me expressado com clareza. Agora vou. E mantereí a distância entre nós até que sinta que é livre para ir.

Ficou tão atônito ante a arrogância de suas palavras que durante um bom momento conseguiu apenas olhá-la, com os olhos semicerrados. Melisande pôs-se a correr escada acima. Conar podia tê-la detido, mas decidiu deixá-la partir.

— Sou um imbecil! — Disse suavemente às frias paredes que o rodeavam.

Jurou a si mesmo que não voltaria a deixar que ela o irritasse.

Passado um momento, levantou-se e a seguiu de volta a luz do dia.

O conde tinha sido enterrado. Sua gente tinha chorado, e continuava chorando, mas a vida diária continuava igual à luta cotidiana pela sobrevivência. Os meninos corriam atrás dos gansos, o ferreiro tinha voltado para sua forja e havia um saboroso aroma de carne assada no ar.

A vida continuava seu curso para os sobreviventes.

Caminhou de volta para a torre sul, decidido a continuar com o exame das plantas.

Deteve-se a meio caminho porque viu Melisande junto a um poço, ao lado de um dos guardas.

Olhando-os pensou que o garoto não valia muito como soldado, pois mal devia ter dezesseis anos.

Entretanto, ao vê-los juntos, sentiu uma onda de calor. O jovem estava consolando-a. Acariciava seu cabelo, enquanto lhe falava com grande doçura.



Melisande o olhava com seus lindos olhos muito abertos, ainda brilhantes pelo pranto, mas com um sorriso triste nos lábios. Assentia. Havia em seus gestos um toque de cumplicidade. Os dois eram muito jovens. Talvez muito inocentes, mas talvez não. Conar era sensível à beleza da moça, mas talvez não ao fogo sobre o qual Brenna o advertira. Melisande se dirigia ao jovem em um tom suave e docemente melódico. Todos seus movimentos eram ágeis e sensuais.

Apertou os punhos e se encaminhou a grandes passos para a torre sul. A refeição já estava servida quando chegou, e se sentou para comer. Pouco depois se uniram a ele Philippe, Swen e Gastón, que responderam a suas perguntas sobre a fortaleza.

Ragwald entrou, vacilou, e finalmente se sentou à mesa. Ficou olhando fixamente seu prato, em seguida olhou para Conar e interrompeu a conversa.

— Senhor, posso perguntar onde está Melisande? Não acredito que tenha comido.

— Ela comerá quando tiver fome.

— Mas...

— Acredito que não está particularmente ansiosa por compartilhar a mesa comigo. De fato, Ragwald, não está ansiosa por compartilhar nada comigo. Algo me diz que não nos entenderemos melhor no futuro próximo.

Os outros não podiam vê-la ainda, mas ele sabia que tinha voltado e que estava nas escadas, decidida a escapar de todos eles deslizando-se até seu quarto ou até o de seu pai. O de Conar.

Era conveniente que a conversa continuasse, e rápido.

— Mas senhor, — disse Ragwald com preocupação — entendi que voltam para a Eire. Que, uma vez reforçada nossa posição aqui, irão com seus navios por um tempo. Eu me ocuparei dela. Sempre o fiz.



— Melisande zarpará imediatamente para a Eire. Sei qual é o lugar ideal para ela.

Conar sentiu uma inconfundível sensação de prazer quando Melisande ficou imóvel, interrompendo sua sigilosa ascensão para o dormitório.

— E que lugar é esse? — Perguntou Ragwald com ansiedade.

— Tenho uma tia monja. Melisande ficará com ela no momento.

Todos ouviram o grito entrecortado da pequena. Já não tinha intenção de passar inadvertida. Irrompeu na grande sala, embora tivesse a sensatez de ficar longe do alcance de Conar.

— Quer me mandar a um convento! — Gritou.

— Sim. Acredito que será o melhor. Todos concordamos em que o casamento não deve consumir-se no momento, mas tenho medo de abandoná-la a seus próprios recursos.

— Este é meu lugar! — Insistiu.

— É uma pena! Não ouviu o que acabo de dizer? O lugar que tenho em mente para você está em minha terra.

Ainda estava atônita, não conseguira compreender tudo.

— Um convento! — Exclamou, e em seguida se voltou para Ragwald: — Disse que se me casasse com ele não teria que vê-lo durante anos! É assim que vou evitá-lo? Em um convento?

Ragwald olhou com expressão culpada ora a Conar, ora a Melisande.

— Senhor, talvez se reconsiderasse sua decisão...

— Não tem nada que reconsiderar! — Declarou Melisande com firmeza. — Nada! — Seus olhos, enfurecidos e deliciosos, fulminaram Conar. — Não irei!

Dito isto, deu meia volta e se foi.



Conar baixou a cabeça e olhou um momento a mesa. Maldita menina! Respirou profundamente e se levantou.

Não podia deixar-se derrotar por sua própria esposa. E menos ainda quando esta não era mais que uma menina. Uma menina linda, com olhos de um azul pálido com brilhos rosados e um sorriso nos lábios que só dava de presente a atraentes garotos mais jovens que ele.

— Irá amanhã, Ragwald — disse. — Necessito que você fique aqui.

— Mas...!

— Meu bom amigo, tem muita influência em você. — Philippe e Gastón o olhavam. Conar necessitava que servissem a ele, não a jovem condessa. — Não há pessoa tão bondosa, afável e prudente como minha tia, prometo-lhe isso. Cuidará de Melisande com amor. Tenho a obrigação de velar por sua segurança, como Ragwald me demonstrou tão energicamente. Do contrário, tudo estará perdido. Ela partirá amanhã.

Quando se voltou e os deixou, todos sabiam que ia comunicar o fato a Melisande. Ao chegar ao alto das escadas, Conar descobriu que se encerrara nos aposentos de seu pai.

Vacilou um momento e em seguida praguejou em voz alta. Lançou-se de lado contra a porta com todas suas forças. A porta tremeu, mas não cedeu. Sabia que todos deviam estar ouvindo seus esforços do salão, mas não podia fazer nada mais. Golpeou a porta uma e outra vez com o ombro. Soube que a fechadura estava a ponto de romper-se quando ouviu Melisande gritar. A porta balançou violentamente antes de abrir-se. Ela estava atrás da grande cama, preparando-se para escapar, pois levava posta uma pesada capa e tinha uma bolsa nas mãos.

Sem ultrapassar a soleira, Conar moveu a cabeça com impaciência. Melisande era realmente uma cruz, uma tentação enviada pelos deuses.



— Aonde acha que vai?

— Longe. Até que você tenha ido e eu possa voltar. Sou a condessa.

— Vai à Eire amanhã.

— Não!

— É claro que sim. — Entrou e bateu a porta. Deixou-se cair no chão, recostado na porta quebrada, cruzou as mãos detrás da cabeça e se acomodou.

— O que está fazendo?

— Vigando-a. Até manhã. À alvorada subirá em um de meus navios. Se não for com seus próprios pés, levarei-a nos ombros. Pode fazer a travessia sentada ou deitada em uma prancha, não me interessa. Deixará de ser um problema para mim.

— Não subirei nesse navio de maneira nenhuma! Se tentar me obrigar, gritarei até que meus homens se ergam em armas contra você.

— Isso veremos.

Conar pensou que ela se daria por vencida nesse momento, que se renderia; mas não foi assim. Ele não cedeu um mínimo. Ela tampouco. Passaram horas antes que, por fim, deixasse cair sua bolsa. Passaram mais algumas horas até que se sentou no chão com as costas apoiada na parede.

Em algum momento da noite, ele dormiu. Mas ouviu seu primeiro movimento, quando ela tentou passar silenciosamente por cima de seu corpo, o obstáculo que lhe impedia de alcançar a porta.

— Não acredito que possa passar — disse ele.

A capa formou redemoinhos ao redor de Melisande quando retrocedeu. Voltou a cair no chão, com as costas apoiadas na parede.

— Rezarei para que tenha uma morte lenta e dolorosa em algum lugar do mundo e para que os deuses o joguem a chutes do Valhalla.

— Talvez os deuses a escutem, mas eu duvido. Sou um guerreiro excelente.



— Todos os homens podem morrer.

— Por desgracia, isso é certo. Oxalá se pudesse dizer com a mesma certeza que é possível fechar a boca de qualquer pirralha.

— Juro que pagará por isso.

— Condessa, já estou pagando um preço muito alto.

— Não me obrigue a partir!

— A decisão já está tomada.

— Mude-a!

— De maneira nenhuma. Estou desejando que chegue a alvorada!

— Não irei.

— De uma maneira ou de outra, irá.

Muitas horas mais tarde, quando o sol estava alto no céu, Conar contemplou como se faziam ao mar quatro de seus navios, rumo ao horizonte coberto de rosa.

Sorriu enquanto movia a cabeça.

Essa moça tinha uma vontade de ferro.

Mesmo assim, tinha partido em um dos navios.

Imaginou que estariam tirando nesse momento o lençol no qual tivera que envolvê-la para subi-la ao navio.

Como ela tinha se divertido zombando dele porque era um viking! Resultava irônico, e na verdade justo, que tivesse podido utilizar sua muito cristã linhagem irlandesa para dobrá-la.

Riu alto, e em seguida se deteve, recordando como se sentiu ao vê-la com aquele jovem. Sentiu calafrios e lhe assaltou uma dúvida: como seria seu próximo encontro?

O que haveria nesses ardentes olhos quando seus olhares voltassem a encontrar-se?

CAPÍTULO 09

Verão do ano 884

Rumo a Wessex

— Aproximamo-nos da costa! — gritou Bryan a seu irmão.

Conar, que encarava o vento que havia empurrado seus navios, rumo ao este, se voltou ao ouvir as palavras de Bryan, moreno e de olhos verdes, e o sorriu ao ver a costa frente a eles.

Solo Inglês. Terras de Alfredo de Wessex, o já legendário rei da Inglaterra. Parte delas pertenciam ao seu irmão Eric. As ganhara unindo suas forças às do rei inglês para vencer aos dinamarqueses contra quem ele e sua família, a Noruega e Eire haviam lutado com tanto êxito.

Contemplando a praia, Conar voltou a encher-se de ira. Depois de todos os anos que haviam passado, ela continuava fazendo-o perder os estribos como ninguém.

Aquela longínqua manhã, na fortaleza, a intenção de Conar havia sido afastar-se de sua jovem esposa. O que não havia chegado a imaginar então era que ela se esforçaria para estar o mais longe possível dele com tanta frequência. Tampouco pensou que ela lograria pôr a sua própria família incondicionalmente ao seu lado.

Havia retornado ao Eire pouco depois de havê-la enviado ali, convencido de que se comportara como um autêntico demônio, mas confiando plenamente em que Bede, uma mulher inteligente e animada por uma fé profunda e uma tremenda energia, havia encontrado uma forma de tratá-la.



Entretanto, quando chegou a Dubhlain, descobriu que Melisande havia mudado radicalmente de atitude e assanhado a toda sua família. Bede, impressionada pela sede de conhecimento de sua jovem mente, havia iniciado com a moça uma peregrinação pela campina, devidamente protegida, segundo o haviam assegurado, por seu irmão Conan e sua cunhada Marina, além de uma seleta guarda formada por seus melhores homens. Também sua mãe, Erin, assegurara que não havia nada a temer, pois Bede estava encantada com a jovem. “É incrivelmente inteligente”, disse Erin.

“Incrivelmente astuta”, pensou Conar. Mas, em vista de quão feliz estava sua mãe, optou por não dizer nada. Sentou-se a elegante mesa familiar, no cálido salão de Dubhlain, e Erin passou-lhe um braço pelo pescoço.

— Estou tão contente e tão triste ao mesmo tempo! Tem que me falar dessas terras que adquiriu. Ela fala muito pouco de seu lar. Deve ser um lugar fantástico.

Talvez devesse sentir-se aliviado de ver que Melisande estava em boas mãos, e não nas suas. Embora sua família já soubesse tudo o que havia ocorrido na costa, ele havia passado grande parte da noite falando com seu pai, lhe descrevendo o lugar, a batalha em que havia participado e como havia vencido Gerald.

Assegurei-me de que reforçassem e reparassem a torre e os muros e acrescentei a força de meus homens à tropa, muito capaz, do conde. É uma fortaleza excepcional, pai. Manon sabia como construir, que elementos devia recuperar da história. Aprendeu muito das ruínas romanas das cercanias e usou seus conhecimentos com grande sabedoria.

— E foi derrotado unicamente mediante uma traição — murmurou Olaf, enquanto enchia a taça de seu filho com o vinho generoso que este havia trazido de suas viagens.

— O homem que o traiu está morto.



— Sei. Mas o homem que matou tem um filho. Deverá ser prudente no futuro, fez um inimigo que o odiará pelo resto de seus dias.

— Talvez. — fez uma pausa e em seguida adicionou: — Por isso enviei Melisande aqui, não me atrevi a deixá-la para trás, e partir, posto que nunca tive intenção de ficar já que havia jurado ajudar ao Niall em sua luta por manter a união do Eire.

Seu pai se inclinou para ele.

— Nunca a deixe para trás — advertiu.

— Deu-lhes muitos problemas?

— Problemas? — Olaf voltou a apoiar-se no respaldo da cadeira sorrindo. — Foi absolutamente angelical.

— Melisande?

— Conquistou todos a quem conheceu.

— Pai, tenha cuidado de que ganhe seu afeto muito rápido. Tenho que te advertir que despreza aos vikings, qualquer seja sua procedência ou sua educação. Importa-lhe bem pouco que eu seja apenas meio viking.

Olaf esboçou um sorriso.

— Conar, sua mãe despreza a todos os vikings e, entretanto, vivemos juntos todos estes anos, e os navios que saem de nossos portos, com pleno conhecimento de sua mãe e com seu benção, foram desenhados e construídos como os de meu pais. — depois de um breve silêncio, adicionou: — Fez muito bem em mandá-la aqui, porque na verdade é um excelente troféu. Embora tenha entendido que Gerald era parente longínquo de sua mulher, e imagino que as leis de consangüinidade proibiriam um casamento entre Melisande e qualquer dos herdeiros de Gerald, o certo é que no mundo em que vivemos há muito pouca diferença entre deter e



possuir. Assim se quer proteger sua mulher e sua nova herança, recomendo que não se separe de Melisande em nenhum momento.

— Ou que a tenha sempre em lugar seguro.

— Certamente. — Olaf guardou silêncio de novo e em seguida continuou: — Não estou seguro de que seja plenamente consciente do que tem.

- Sou consciente de que é uma criatura extremamente inteligente pai — replicou Conar. — Se deu muito bem aqui.

- Por mais que o exaspere neste momento, Conar, é uma jovem realmente excepcional. Uma conquista muito mais valiosa que qualquer pedaço de terra. — Olaf se levantou e posicionou as taças e as bandejas de frutas para construir um mapa. — Esta é uma terra, Eire, aqui esta a de Alfredo, Wessex, e aqui Gante, Bruges, as bases de operações dos dinamarqueses. Agora pense um pouco no passado e na anarquia que se impôs nas costas. Não esqueça as lições da história, Conar: dos tempos de Carlos Magno, nunca houve um dirigente que desse poderio real aos reis francos. Quando o rei Ludovico Pio morreu e todas as terras se dividiram entre seus filhos, se abriu o caminho aos dinamarqueses. Porque temos que reconhecer que a maioria dos vikings são mercenários, e que lutam com qualquer exercito que lhes pague. É freqüente que homens de todas as nacionalidades contratem aos mesmos invasores que assediaram seus reinos no passado, para que os ajudem a combater a seu próprio povo quando há guerras internas. Agora que Alfredo conteve a maré na Inglaterra, grandes exércitos de invasores ficaram frustrados, o que nos obriga a estar dependentes de nossas defesas nos anos vindouros. E você, Conar, terá que se ocupar de manter a sua esposa longe de quem poderia anular o casamento sem grande dificuldade e encontrar a forma de obrigar à Igreja a permitir um novo casamento. Advirto-lho, filho, com ou sem essas magníficas terras, de uma enorme superfície e com um porto excelente para grandes navios, sua



jovem esposa é um recompensa que muitos homens cobiçam. Cuide sempre de sua segurança!

- É precisamente o que pretendia pai, mas ela conseguiu obter sua permissão para viajar por todo o país.

- Nunca me ocorreu que você se oporia.

Conar fez um gesto pacificador com a mão.

- Não me oponho.

Em rigor, não teria nada que objetar, a única coisa que havia desejado todo esse tempo era livrar-se dela.

Contudo, estava ligeiramente transtornado pela situação. Não queria ter que brigar com ela e, entretanto...

Não necessitava das advertências de seu pai a respeito de Melisande. Conar desejava tê-la sob seus olhos vigilantes, embora a seu ver estivesse segura com Bede.

Estava contente de estar de volta em casa. Mas o inquietava que Melisande se afastasse dele, inclusive sob a custódia de seu irmão, porque a paz havia sido muito frágil desde morte de seu avô. Na realidade, não haviam passado quinze dias desde sua volta quando reclamaram sua presença no norte do país para ajudar seu tio Niall a repelir um grupo de invasores que pretendiam instalar-se no Ulster, mas que, graças ao desdobramento das forças enviadas por todos os reis da Eire, não obtiveram seu propósito. A campanha foi relativamente longa, mas as perdas poucas. Estavam aprendendo como combater aos invasores, e muitos dos irlandeses que no passado foram inimigos de seu pai agora eram seus aliados, plenamente conscientes de que Olaf o Branco sabia como planejar uma estratégia contra o inimigo comum: os dinamarqueses. Olaf apoiava seu cunhado, Niall do Ulster, reconhecido como o Ard-Ri após morte do pai de Erin, e sua lealdade mútua ajudará a manter vivos os laços que se criaram entre os irlandeses. Foi uma boa campanha, colheram muitas vitórias,



mas parecera interminável. Embora seu pai retornasse a sua casa periodicamente, Conar se obrigara a ficar junto a Niall até o amargo final. O tempo que havia passado nas costas francesas parecia haver-se eclipsado. Era muito possessivo com respeito a suas propriedades, mas a posse efetiva teria que esperar. Constava-lhe que tudo ia bem ali. Swen enviava a Dubhlain mensagens que assim o confirmavam e que sua família transmitia ao norte do país. Não havia nada que temer, porque a fortaleza na costa da França estava em boas mãos.

Melisande também.

Conar não pensava muito nela.

Quando retornou a Dubhlain, havia mais de dois anos que não via sua esposa. E quando por fim a viu, ficou profundamente impressionado. Estava com sua mãe no grande salão, tão tranqüila e majestosa que ele nem sequer notou sua presença a princípio. Mas quando seus olhos pousaram nela, surpreendeu-se que ela tivesse passado despercebida.

Havia mudado muito nesse tempo. Sua figura esbelta havia adquirido novas curvas, a cor de seus olhos parecia mais profunda. Conar sentiu um nó no peito quando a olhou. Ainda era jovem, mas já tinha formas de mulher. Tudo o que haviam dito sobre ela era certo; era incrivelmente bela. Sua tez e sua estrutura óssea eram perfeitas.

E seus olhos, apesar de que não disse uma palavra, pareciam uma tempestade. Não o perdoara, absolutamente.

O divertiu a tranqüilidade e a espontaneidade de seu porte. Aceitou que a beijasse nas bochechas e lhe perguntou educadamente como estava. Mas Conar teve a impressão de que sairia de sua presença assim que pudesse. Por isso o surpreendeu que, quando estava tomando o banho que prepararam seguindo suas ordens, ela



fosse a seu encontro. Entrou no quarto de Conar e, mantendo-se a distância, formulou suas reclamações.

- Estou aqui há mais de dois anos — disse.

Cansado, Conar se perguntou se não podia esperar para iniciar a perseguição. Cobriu os olhos com a toalha de linho e se recostou na banheira de madeira que haviam trazido para o quarto que ocupava na casa de seu pai.

- Sim — murmurou.

- Vim aqui como ordenou.

- Veio aqui porque não houve outro jeito.

- Mas fui uma aluna excelente e uma convidada modelo. Sua mãe ou seu pai confirmarão isso se perguntar a eles.

- Meu pai, o viking? — perguntou ele em tom zombador.

Ouviu-a aproximar-se da banheira e se surpreendeu ligeiramente de não sentir-se muito seguro em sua presença. Tirou a toalha dos olhos e a observou atentamente.

- O que quer exatamente?

- Quero ir para casa.

Cerrou os olhos e se recostou de novo. De modo que era isso. Ouviu o sussurro de sua roupa quando ela se aproximou mais. Sobressaltou-se quando sentiu em suas costas as mãos de Melisande. Segurava entre os dedos a toalha e o sabão e fazia maravilhas nos músculos tensos de seus ombros.

- Sou consciente, é claro, de que certas lealdades o atam a este lugar, mas acredito que é indispensável que eu volte para casa logo.

- No pescoço.

- Como?

- Suba um pouco mais. Esfregue-me aqui.



Os dedos dela se moveram com segurança sobre seu pescoço e os músculos de Conar foram relaxando. Ela fazia isso muito bem. Conar pensou que ela havia dado massagens com freqüência em seu pai e, já que gostava tanto dele, havia aprendido a lhe reconfortar. De todas as formas, independente de onde tivesse aprendido, tinha mãos mágicas.

De repente ficou consciente das mudanças que se haviam operado nela. Desprendia um doce aroma. Suas mãos tinham um toque extremamente sensual.

Apertou os dentes e olhou a água, notou como a tensão que ela havia feito desaparecer com sua massagem o invadia de novo, mas esta vez de forma intensa e diferente; era uma sensação especial que parecia lhe pôr nesse momento em uma situação de doloroso alerta.

Quase deixou escapar um gemido de dor e de incredulidade. Obcecava-lhe a idéia de que, na opinião de muitos homens, Melisande já passara muito da idade de converter-se em uma verdadeira esposa.

Mas ainda não! Ainda não! Enquanto o casamento não se consumasse, não havia necessidade de que sua vida mudasse em nenhum sentido. Não muito longe da casa de seu pai, logo após as muralhas de Dubhlain, havia uma pequena granja, e nela uma jovem viúva, loira e magra, chamada Bridget, que lhe oferecia há tempos alívio para suas necessidades sem lhe pedir nada em troca. Não estava disposto a que as coisas fossem diferentes.

Mas os dedos delicados sobre sua pele estavam despertando um fogo abrasador nele. E uma idéia nova que não havia esperado ter tão cedo.

Dentro de pouco...

Poderia tomá-la agora mesmo, estaria em seu direito. Era evidente que havia alcançado uma impressionante maturidade.

- E bem?



- E bem o que?

- Posso voltar para casa? Estou segura de que algum dos homens de seu pai...

- Não — replicou Conar rudemente. Era evidente que Melisande havia se tornado uma presa extremamente tentadora e tenra, assim, a ultima coisa que faria seria deixá-la retornar a França sem ele.

- Como? — seus dedos se detiveram. Circulou a banheira até ficar frente a ele, com seus olhos azul pálido lançando raios de fúria.

- Eu disse que não, Melisande.

- Mas... Permaneci aqui tal como me ordenou! E...

- Não é verdade. Não estava aqui quando eu cheguei. E se obedeceu minhas ordens é porque meu pai, o viking, tem um olho severo, como sem duvida deve ter percebido.

Melisande piscou e o olhou com os olhos entrecerrados.

- Preciso voltar para casa!

- Não.

- Não parece entender viking estúpido! Fiz tudo o que devia fazer, aprendi a história de seu povo, eu...

- Não! E se não vai continuar me esfregando as costas, é melhor que saia.

Melisande não se moveu e seguiu olhando-o cheia de fúria.

Conar arqueou uma sobrancelha.

- A menos que queira entrar na banheira comigo. Fiz o quanto pude para manter o controle frente a sua doce inocência. Mas se está decidida a ficar talvez comece a pensar que esta ansiosa a cumprir plenamente com suas obrigações conjugais.



Melisande se ruborizou violentamente e por um momento Conar teve certeza de que havia se acalmado. Então lhe deu as costas. Havia um caldeirão cheio de água quente no fogo, pronto para encher a banheira em caso de necessidade.

- Ah, meus deveres conjugais! — Murmurou. — Por favor, deixe que me ocupe de seu banho.

Conar compreendeu muito tarde suas intenções. Melisande, segurando o caldeirão, deixou cair a água quente sobre ele como uma cascata.

Soltou um grito de raiva. Conseguiu levantar-se e saltar fora da banheira bem a tempo de evitar maiores danos.

Ela o olhou fixamente, percorrendo todo seu corpo com os olhos cada vez mais arregalados devido ao pânico. O caldeirão rodou pelo chão com estrondo. Melisande se voltou para sair correndo, mas Conar a segurou pelo cabelo e a atraiu de um puxão para seus braços. Foi uma surpresa para ambos. Ele nunca havia imaginado a sensação que lhe produziria o contato do seu peito nu apertado contra o dela através do tecido de linho do vestido. E estava convencido de que também a havia surpreendido o estreito contato com seu corpo nu e excitado. Ouviu-a ofegar e sentiu os furiosos batimentos de seu coração. Certamente, Melisande também era sensível a ele nesse momento.

- Já não é uma menina que acaba de ficar órfã — disse com voz excitada. — Sabe que não hesitarei em tratá-la como merece. Mas, já que passou algum tempo da última vez que nos vimos lhe farei uma advertência: não procure nunca vingança contra mim! Porque saberei responder, querida, assegurou-lhe isso.

- Por favor! — Murmurou ela, com os olhos muito abertos e a cabeleira de ébano enredada ao redor de ambos. — Deixe-me ir!



Soltou-a, só para lançar uma maldição em seguida, porque Melisande lhe deu um chute na canela antes de escapar. Contou até dez, e depois até cem, para dominar-se. Ele conseguiu não sair atrás dela.

Havia sido o princípio.

Nas semanas que seguiram, Melisande manteve a distância. Não era difícil, porque Erin lhe dera o quarto situado exatamente em cima do de Conar, pensando que Melisande gostaria da vista do rio, a mais parecida com a que teria da janela de seu próprio dormitório, no castelo de seu pai, de onde divisava o mar.

Melisande aparecia diligentemente às horas das refeições e se sentava com educação à mesa, respondendo educadamente a Conar quando lhe dirigia a palavra. Evidentemente, aquilo fazia parte da grande encenação que estava representando ante sua família, porque continuava sendo um modelo de virtudes quando estava com eles. Embora a fúria de Conar não houvesse aplacado, encontrou-se olhando para ela com freqüência invadido, muito a contra gosto, por um sentimento de admiração. Não podia negar que sua inteligência era assombrosa e que aprendia a uma velocidade surpreendente. Quando ele a mandou para sua família, Melisande possuía conhecimentos rudimentares de irlandês. Sabia por que ocasionalmente falara com ele em sua língua, embora a maioria das vezes se houvesse dirigido a ele usando certas expressões norueguesas, que aparentemente conhecia muito bem, principalmente quando estava furiosa, o que acontecia muito freqüentemente.

Tanto Conar como seus irmãos e irmãs haviam estudado as línguas dos povos do outro lado do canal, porque seu pai sabia que, com uma prole tão grande, mais de um de seus filhos teria que abandonar o lar para viver em lugares longínquos. Da mesma maneira, Conar estava convencido de que Melisande havia aprendido norueguês, talvez em defesa própria: as famílias mais poderosas e mais sagazes procuravam freqüentemente falar a língua dos povos que os invadiam pelo mar, para



negociar mais facilmente com eles sempre que fosse possível. Por outro lado, muitos dos normandos haviam partido para a Noruega haviam se fixado, e comercializavam pacificamente em numerosos portos.

Mas com a família de Conar, Melisande havia aprendido a falar irlandês com a desenvoltura de um nativo. Em ocasiões Conar a viu sorrir, o que não era algo tão estranho, porque na casa de seu pai sempre havia muita animação. Leith, Elizabeth, Conan e Megan haviam casado e às vezes vinham à residência do rei com um bando de crianças de cujos movimentos todos estavam sempre atentos. Eric passava a maior parte do tempo do outro lado do mar, nas costas do rei Alfredo, acompanhado quase sempre por sua irmã mais nova, Caria. Bryan e Bryce tinham, respectivamente, dois e quatro anos menos que Conar e animavam a conversa durante as refeições sempre que estavam em casa. Todos eles se punham a armadura e partiam para lutar quando seu tio solicitava seus serviços. Assim eram as coisas. Depois de tantos anos, sua mãe continuava empalidecendo cada vez que aquilo ocorria, mas vira seus irmãos lutar pela paz, e era justo que agora visse seus filhos fazer o mesmo.

Bede jantava às vezes com eles, embora acreditasse que já tivesse terminado a tarefa que Conar lhe dera de educar Melisande. Talvez fosse verdade, porque esta parecia ser simplesmente perfeita. Falava o irlandês corretamente, e Conar estava seguro de que gostava sinceramente da sua mãe e talvez do seu pai.

Também havia estabelecido uma amizade muito sincera com Bryce e Bryan. Conar observou que, de vez em quando, até ria com eles e nesses momentos seus olhos se iluminavam. Uma vez, enquanto a contemplava, sentiu o olhar de seu pai fixo nela, e teve que admitir, muito a seu pesar, que realmente havia uma magia nela; não havia dúvida de que havia envolvido a seus irmãos nas redes de seu encanto. Era simplesmente tão bela como o haviam advertido.

Um troféu.



Não estava há muito tempo na casa do seu pai quando um dos navios que fazia constantes viagens entre Dubhlain e suas novas propriedades do outro lado do Canal, trouxe-lhe uma mensagem de Swen pedindo que ele retornasse imediatamente, pois seus homens vigiavam atentamente aos vizinhos de Conar e detectaram uma intensa atividade nas colinas situadas a oeste da fortaleza.

O filho de Gerald, cada vez mais audaz, mantinha o castelo sob uma vigilância constante.

Conar achou melhor não dizer nada a Melisande, nem pensar que ela, naturalmente, mantinha uma correspondência regular com o Ragwald, que lhe enviava longas cartas que ela respondia mantendo a sua gente a par de tudo o que acontecia em Dubhlain. Melisande estava decidida a retornar com Conar e ele a não permiti-lo.

Ao fim de um tempo, Melisande deixou de discutir, e Conar soube que esta atitude prenunciava problemas muito maiores. Se não fosse por Bridget, sua esposa teria se dado bem uma vez mais. Na noite anterior a sua partida, Conar foi ver sua amante e ficou na granja até muito tarde. Havia plena liberdade de movimentos no Dubhlain porque era uma cidade murada, embora, mesmo assim, fosse mantida vigilância ao redor da casa de seu pai. Quando voltou, Conar se moveu em silêncio para não despertar a ninguém.

Foi então que a viu.

Descia pelas escadas com cuidado e com tanto cuidado quanto ele. Estava coberta com uma grande capa e levava uma bolsa de pele nas mãos. Conar a observou por um instante com o cenho franzido, era evidente que Melisande pretendia subir em um de seus navios e ocultar-se nele.

Deixou que chegasse até o grande salão e a contemplou à luz do fogo que ardia na lareira. Sentiu que a raiva o invadia, mas não pôde deixar de olhá-la. A beleza e a



perfeição de seus traços o deixaram paralisado, e o intenso brilho de seus olhos cativou seus sentidos.

Apesar de todos os recursos de sua grande inteligência, parecia incapaz de perceber o perigo que corria e de compreender que ele não tinha intenção de perder nada que tivesse tomado como dele. Se Swen não lhe tivesse advertido do perigo, era muito provável que a tivesse levado com ele. Havia tentado dizer-lhe, mas ela se havia negado a escutar.

Tinha fingido aceitar seus desejos.

Melisande voltou-se para olhar ao redor e a capa ondulou em torno de seu corpo compondo uma formosa e resplandecente figura. Não viu ninguém, porque Conar estava escondido nas sombras, junto à porta para a qual ela avançava; — estendeu a mão para abri-la e se encontrou com o peito de Conar. De seus lábios escapou um grito abafado, quase um gemido. Ele lhe tampou a boca, decidido a fazê-la calar-se, essa noite a sua maneira.

- Aonde acha que vai, condessa? — murmurou com suavidade, com os lábios roçando sua cabeleira perfumada e segurando-a junto a seu corpo. Ele tirou a mão da boca dela.

- Dar um passeio à luz da lua! — replicou. — Deixe-me passar!

Gritou de novo quando Conar a pegou nos braços. Tapou-lhe a boca com firmeza e, apesar de sua resistência, conseguiu subiu as escadas com ela. Dirigiu-se a seu quarto, e não para o dela, jogou-a sobre a cama e em seguida fechou a porta sem fazer ruído, trancando-a. Quando se voltou, ela estava em pé olhando para ele. Mas sua atitude desafiante parecia mitigada pelo temor e seus olhos não se separavam dele.

Conar se apoiou na porta com os braços sobre o peito.

- E bem? Aonde ia?



- Dar um passeio — repetiu ela obstinadamente.

- Até os navios?

Melisande, com os olhos entrecerrados, cravou seu olhar nele.

- Senti sua falta, senhor, e estava ansiosa para ver se já havia voltado da visita a sua rameira!

Conar arqueou as sobrancelhas. Fez-se silêncio. Ela, assustada pelo que havia dito, retrocedeu.

Conar passou pelo quarto zangado e intrigado ao mesmo tempo.

- Permita-me duvidar — disse sem elevar a voz. Deteve-se frente a ela, do outro lado da cama. — Claro que também é possível que eu não tenha percebido a preocupação que despertam em você meus movimentos. A verdade é que me dá a impressão de que minhas ausências sempre a deixam feliz.

Melisande baixou o olhar e seus abundantes cílios lhe cobriram os olhos.

- É verdade — murmurou.

- E, entretanto, sentiu-se repentinamente tão ansiosa por estar junto a mim que está disposta a embarcar às escondidas em um de meus navios. Tampouco tinha idéia de que minhas atividades a afligissem. Se tivesse sabido quanto sentia falta de mim, teria o cuidado de não dormir em nenhuma outra parte.

- Pelo que me concerne, pode dormir com todos os rebanhos de ovelhas de seu pai! — resmungou ela. Uma vez mais, pareceu tomar consciência de que, embora seu tom fosse suave, estava ao mesmo tempo cansado e furioso. Retrocedeu outro passo mais. — Só quero é ir para casa.

Todos os nervos de Conar estavam tensos. Suspirou, tirou a capa e lançou-a sobre o baú que estava aos pés da cama. Melisande deu um salto.

— Não pode ir agora, Melisande. Não há mais que falar.

— Veremos.



Pôs-se a andar para a porta, mas Conar a pegou pelo braço e a puxou com violência. Melisande caiu sentada na borda da cama.

- Não veremos nada, Melisande. Não pode ir agora.

Ela elevou a vista para Conar com os dentes apertados. Em seguida baixou o olhar de novo e manteve silêncio. Ele sabia que assim que se separassem ela fingiria dirigir-se a seu quarto, para correr de novo para os navios.

Ajoelhou-se frente à Melisande e estendeu o braço para o broche que fechava sua capa. Ela o olhou com os olhos arregalados e brilhantes. “Está assustada” pensou Conar e esboçou um sorriso involuntário, quando recordou quantas noites havia passado em claro por sua culpa.

Os dedos longos e finos de Melisande caíram com frenesi sobre os seus, mas ele já havia tirado a capa e a havia jogado longe.

- O que faz? — perguntou ela sem fôlego.

Conar ficou em pé e, ignorando de seu grito de surpresa, levantou-a e a colocou no centro da cama, depois se sentou escarranchado sobre ela.

- Até esta noite não sabia como a preocupam minhas atividades noturnas. Talvez tenha sido terrivelmente descuidado. Talvez tenha chegado o momento...

- Não! — Murmurou ela. Tremia-lhe a voz, e desta vez Conar estava seguro de que não fingia. — Não irei — murmurou. — Ficarei aqui...

- É claro que sim. — deixou-se cair a seu lado e rodeou sua fina cintura com o braço, aproximando-a dele com força. — ordenei que ficasse — disse suavemente.

Durante um momento que pareceu uma eternidade, Melisande não disse uma palavra nem se atreveu a mover-se.

- Se me deixa voltar para meu quarto... — murmurou finalmente, e Conar sentiu seu hálito.



- Vai dormir aqui, Melisande. E o fará sem dizer uma palavra mais e sem fazer o mínimo movimento. Do contrário, poderia me dar conta de que tem idade suficiente para cumprir com os doces deveres de uma esposa.

Por uma vez cedeu.

Não moveu um só músculo enquanto esteve acordada.

Curiosamente, ele não conseguiu dormir. O aroma de seu cabelo o manteve acordado toda a noite. Sentia seu corpo, mesmo sob sua roupa, esbelto, cálido, vibrante.

E percebeu, quando ela virou-se durante o sono, que já era uma mulher. A pressão do peito de Melisande contra suas costas era uma brincadeira cruel. Mordeu os lábios, surpreso pela força do desejo que o consumia.

Recordou-se que ela rezava diariamente por sua morte. O aborrecia, lutava contra ele. Jurou a si mesmo que não a desejaria nunca, que se limitaria a domesticá-la. Tentou lembrar as horas que havia passado com Bridget, mas pareceram empalidecer de repente.

Não pôde esperar à alvorada, estava preparado para partir antes que rompesse o dia. Seu único consolo era a certeza de que Melisande estava segura em seu dormitório e de que seu irmão Bryce a vigiava para que não o seguisse. Também seu pai era consciente do perigo que seria ter Melisande com ele. Nunca a deixaria abandonar a casa.

Quando chegou a costa da França e ao que para ele já era sua fortaleza, foi recebido com alegria por Swen, Brenna, Philippe, Gastón e Ragwald. O ancião estava pesaroso e silencioso, mas parecia respeitar e compreender sua decisão de que Melisande não retornasse ainda para casa. Quando se sentaram na grande sala, Swen lhe disse que um conde chamado Odo, que estava se convertendo rapidamente em um homem poderoso na região, havia visitado fazia pouco a fortaleza.



- O convidamos a ficar, é obvio, e o tratamos com atenção em seu nome. O que me assusta é que queria assegurar a paz e insistiu em que assinasse um tratado de paz com o jovem Geoffrey, o herdeiro de Gerald. Expliquei-lhe que seria difícil que pudesse fazer as pazes com o homem cujo pai matou ao conde Manon. Mas Odo esta ansioso para ver você. É consciente da ameaça que os dinamarqueses representam para todos nós.

- Mande avisá-lo que estou aqui.

- Tomei a liberdade de fazê-lo, porque calculei que chegaria esta semana.

Conar aprovou a decisão com um gesto de assentimento. Em seguida disse que estava cansado da viagem e que os veria pela manhã. Ficou feliz em ver que tudo corria bem na fortaleza. O comércio que haviam estabelecido com Dubhlain resultou ser benéfico para todos. Os navios partiam do castelo carregados de vinho, sal e roupas tecidas nos teares, e voltavam com ferramentas de metal, com as melhores arma fabricadas nas forjas de seu pai, com lã e com as belas e delicadas jóias que haviam dado fama a Eire.

Descobriu que os aposentos de Manon não estavam como os havia deixado. As coisas do conde haviam sido empacotadas e as suas enchiam agora os baús. Seu pente de casco de tartaruga estava na penteadeira. Aparentemente, alguém havia assumido que ele e sua esposa já não dormiam separados, porque descobriu que também estavam ali as coisas de Melisande, entre elas uma linda escova de cabelo e sua cota de malha, cuidadosamente dobrada.

Tampouco essa noite conseguiu dormir muito, sem que soubesse por que. Sentia como se lhe doesse todo o corpo, dos pés a cabeça, e não pôde deixar de dar voltas na cama. Teria que tirar Melisande da cabeça porque havia muito que fazer. Odo e Geoffrey ocuparam grande parte de seus pensamentos ao longo da noite. Abria e fechava os punhos sem cessar, movendo-se na cama de um lado para outro.



Quando despertou, estava esgotado; era consciente de que jamais nada em sua vida havia despertado sentimentos de posse tão intensos como essa fortaleza.

Ou Melisande.

Não estava seguro de qual das duas era, mas importante para ele.

Nos dias seguintes, conseguiu relaxar um pouco. Havia sentido falta de Brenna e de Swen, e lhe agradava ver que Philippe e Gaston já lhe brindavam sua lealdade.

Gastón e Ragwald foram seus mensageiros durante os meses que esteve trocando mensagens com o conde Odo. Quando ao fim concordaram em reunir-se, Conar estava consciente de que havia conseguido criar um sentimento de unidade em sua casa; todos aqueles homens, que vinham de distintos lugares e de culturas diferentes, haviam decidido que aquele era seu lar. Conseguiram grandes coisas juntos.

Quando Odo chegou ao castelo e Conar saiu para recebê-lo, os dois francos cavalgaram atrás dele, demonstrando sua firme lealdade ao homem que casara com a herdeira de Manon.

Conar sentiu em seguida uma grande admiração por Odo. Era dez anos mais velho que ele, um homem de ação e de poucas palavras, e um guerreiro inteligente e com visão de futuro. Não era tão alto como ele, que havia herdado sua estatura do povo de seu pai e poucos homens o ultrapassavam nesse aspecto. Odo era um líder impressionante, de costas largas, fornido, bem formado, de cabelo negro e olhos cor avelã.

Comentaram a magnífica defesa que Alfredo havia levado a cabo em sua parte da Inglaterra e que havia obrigado aos dinamarqueses a dirigir-se para outros lugares. Depois Odo abordou o tema da paz de seu próprio território, e Conar respondeu com toda a honradez de que foi capaz.



— Neste momento não estou disposto a pactuar com Geoffrey. Pode ser que seja inocente e esteja ansioso por assinar a paz, mas é preciso que se restabeleça primeiro a confiança. Seu pai enganou e assassinou ao pai de minha esposa. Talvez quando tiver passado algum tempo...

Odo assentiu, e em seguida, inclinando-se para Conar, disse:

— Talvez se possam tomar medidas para que a proximidade do Geoffrey deixe de ser uma ameaça para vós.

Conar arqueou as sobrancelhas, disposto a escutar a proposta de Odo.

— Se Melisande e você renovassem seus votos de casamento ante um bispo de Rouen obteria maior reconhecimento da Igreja e do povo.

— Sim — assentiu. — Isso poderia dar certo. Vou fazer como sugeriu.

— Melisande e você devem visitar meu castelo. Não deixemos que este assunto se alongue muito.

Conar esteve de acordo. Quando Odo partiu, soube que, de diferentes portas, todos haviam estado escutando a entrevista. Brenna, Philippe, Swen, Gastón e Ragwald logo se uniram a ele ao redor da mesa.

- Você é o astrólogo francês — disse a Ragwald -. Que opinião tem desse homem?

Ragwald olhou a Brenna. Parecia haver-se criado uma profunda ligação entre ambos, como se pudessem falar-se sem palavras, só com o olhar. O ancião se voltou rapidamente para Conar para responder a sua pergunta.

- Acredito que Odo será o mais poderoso dos nobres francos.

Conar se dirigiu a Brenna.

- Não há traição nele?

Ela negou lentamente com a cabeça.

- Não, não há traição nele. Mas... — deteve-se, com expressão turvada.



- Mas o que?

- Acredito que em seu afã por apresentar uma frente unida, pode chegar a pôr sua confiança em quem não a merece. Mas estou de acordo com Ragwald, talvez o futuro do povo desta região dependa de sua força. É um bom aliado.

- Nesse caso, acredito que mandarei buscar Melisande, como Odo sugeriu.

Estremeceu. Ocupando-se da tarefa de viver em suas novas terras e de afiançar seu domínio nelas, havia conseguido por fim deixar de pensar em Melisande. Havia conhecido uma fascinante viúva de um nobre flamenco que vivia no povoado situado no oeste da fortaleza, e embora houvesse comprovado com consternação que às vezes pensava em sua esposa durante as visitas a sua amante, havia conseguido recuperar o sono. Não queria que sua jovem e caprichosa mulher voltasse a lhe transtornar a vida.

Não obstante, era necessário que retornasse à fortaleza. Em um primeiro momento, pensou em escrever para seu pai para pedir para levarem-na a França, mas finalmente decidiu que não queria que navegasse sem ele e iria pessoalmente procurá-la, mas não lhe diria que pensava levá-la de volta para casa; apenas que voltou por ela.

Pensou que não lhe cairia mal um pouco de incerteza. Estava seguro de que, havia aprendido em sua ausência, a humildade e a obediência não estavam entre as virtudes que havia adquirido. Continuava sendo muito orgulhosa e excessivamente independente.

Mas quando chegou à casa de seu pai, descobriu rapidamente que aparentemente a omissão do lugar para onde a levava não a agradara.

Seu pai não estava lá para recebê-lo quando chegou o que era estranho. Não havia nada preparado apesar de que Erin era a mais firme defensora da hospitalidade



irlandesa. Recebia gentilmente a qualquer estranho e, naturalmente, a volta de um filho era motivo de todo tipo de gentileza.

Erin estava sentada na grande sala com cara de consternação. Ao vê-lo chegar, ordenou que trouxessem mais um talher enquanto o olhava com uma expressão tormentosa em seus olhos cor esmeralda.

- Não sabíamos nada de sua chegada — disse.

- Comuniquei a Melisande o dia de minha chegada.

Erin franziu o cenho.

- Tem que haver algum engano. Melisande partiu com Daria e Bryce para Wessex faz justamente uma semana, não recebeu sua mensagem.

Conar não se moveu, se sentia como se o próprio Júpiter estivesse lançando relâmpagos contra suas têmeoras.

- Não, mãe — conseguiu dizer impávido. — Tenho certeza de que recebeu minha mensagem.

- Conar, eu lhe dei autorização para ir. Seu pai estava de acordo. Esta com sua irmã Daria e com Bryce, e sob o teto de Eric. Não tinham intenção de aproximar-se da costa da França.

- Esta bem, mãe. Estou de acordo em que esta segura na casa de Eric.

- Sinto muito Conar. Esteve conosco tanto tempo que para mim é como uma filha. Quando nos suplicou que a deixássemos visitar as terras do rei Alfredo da Inglaterra, não vimos nada mau nisso.

- Não, não há nada mau em que veja a Inglaterra de Alfredo, sobre tudo porque meu irmão saberá proteger meus interesses — disse Conar para tranquilizá-la. Conseguiu esboçar um sorriso.

- Enviaremos uma mensagem a Eric para que a mande de volta imediatamente.



- Não se preocupe — disse Conar -. Eu mesmo irei buscá-la. Talvez Bryan queira vir comigo, já que tudo parece ir bem aqui por enquanto. Partirei de novo pela manhã.

- Não custaria nada pedir que a mandassem de volta...

- Acredito que é importante que vá procurar a essa menina pessoalmente — disse Conar sem elevar a voz. Beijou sua mãe na testa e se encaminhou para seu quarto.

- Conar! — chamo-lhe Erin suavemente -. Talvez esteja enganado ao se referir a Melisande como uma menina. Já é uma mulher. Convém que tenha isso em mente.

- Sim, mãe — assentiu Conar.

Assim, anos depois de ter tomado a firme decisão de afastá-la dele, havia vindo procurá-la; mas ela havia partido quando ele estava disposto a recuperá-la.

Menina... “Mulher”. Havia dito sua mãe.

Não pensava que as coisas tivessem mudado muito entre eles.

Estremeceu.

Mas talvez mudassem a partir desse momento.

Diante dele estava à costa de Wessex, as terras de Alfredo, e também as de seu irmão.

Suas mãos ardiam. Mal podia esperar para pô-las em cima dela.

Não havia recebido a mensagem. Mentira!

Ela havia recebido, e havia respondido a sua maneira, sempre tão especial.

- Baixem as velas! — gritou a seus homens. Ouviu o ruído que estas faziam ao enrugar-se. De onde estava via a fortaleza de seu irmão, até mais próxima ao mar que a sua.



Eric foi recebê-lo. Viu sua cabeça loira, que ultrapassava em muito a de sua esposa, Rhiannon, a quem Eric tinha abraçada pelos ombros. Também Bryce estava ali, o saudando com gestos de entusiasmo. Inclusive Daria havia baixado à praia. Todos o esperavam, até as crianças; o filho pequeno de seu irmão agarrado a seus joelhos, a filha menor nos braços de sua mãe...

Havia mais gente ao redor. Os homens de seu irmão, velhos amigos... De fato, havia uma multidão na praia.

A única que faltava era Melisande.

Sentiu que o sangue fervia nas veias. Onde andaria a condenada?

A encontraria. Ah, se encontraria!

E quando o fizesse se encarregaria de que lhe desse as boas vindas.

CAPÍTULO 10

— Já chegou, sabe?

Melisande se sobressaltou. Estava sentada na margem do riacho, com os pés descalços na água, deixando passar placidamente a formosa tarde de verão.

Não estava sozinha. Acompanhava-a Gregory da Mercia, um parente longínquo de Alfredo da Inglaterra que, como ela, estava passando uns dias na casa de Eric. Era um ano mais velho que Melisande, um jovem atraente de cabelo avermelhado e sorriso fácil.

Era sempre encantador com ela. Tinham caçado juntos, cavalgado juntos e passado intermináveis tardes conversando. Tinham conseguido inclusive compartilhar longos silêncios sem sentir-se constrangidos, como agora, junto ao riacho. O silêncio era uma maneira maravilhosa de deixar voar a imaginação. De fato, tinha estado fantasiando com sonhos muito agradáveis até que Mergwin, o estranho ancião que tinha sido o mais íntimo amigo do Ard-Ri irlandês, tinha interrompido suas preguiçosas fantasias.

Pensou que Conar não iriaprocurá-la, que, ao chegar à casa de seus pais em Dubhlain, talvez decidisse que depois de evitar sua presença durante tanto tempo, evitá-la um pouco mais podia ser benéfico para sua paz de espírito.

Tinha rezado pedindo que não viesse. De fato, estava se divertindo pela primeira vez em anos. Ficava feliz mesmo com uma simples excursão ao rio como a dessa tarde. Tinha gostado dele desde o primeiro dia de sua estadia em Wessex! O rio ficava muito perto das muralhas do castelo, e ninguém parecia ver nada mau em que cavalgasse sozinha até ele com Gregory, que era o exemplo vivo de tudo o que



um jovem nobre devia ser, nem sequer Eric, irmão de Conar e senhor do castelo, igualava-se a ele em seu cavalheirismo. Eric possuía uma semelhança tão assombrosa com Conar que Melisande quase tinha retrocedido horrorizada a vê-lo pela primeira vez. O que lhes distinguia era que o primogênito do Lobo da Noruega parecia ter um gênio muito mais temperado que seu irmão. Tinha-a recebido com cortesia e observado com curiosidade, embora, olhando a sua esposa com as sobrancelhas arqueadas, tivesse perguntado em voz alta que demônios fazia Conar na França enquanto enviava sua mulher a sua casa. Melisande o lembrou em seguida que Conar não tinha feito tal coisa, que tinha vindo porque Daria a convidou para fazerem a viagem juntas, e porque Bryce lhe assegurou que seria bem-vinda e que a faria muito feliz acompanhar a sua irmã e a sua cunhada. Foi muito amável com Eric, é obvio, absteve-se de mencionar que tinha sido o aviso de Conar de que retornava expresso em termos extremamente frios, o que a tinha incitado a visitá-lo.

Eric pareceu aceitar como explicação seu desejo de viajar. Além disso, todos em Dubhlain tinham considerado muito correto que optasse por ir às terras de seu cunhado, onde este podia acompanhá-la como guardião e protetor. Olaf e Erin lhe tinham dado permissão para isso e, portanto sua presença na Inglaterra parecia a Eric perfeitamente natural.

Se essa era a opinião de seu cunhado, Melisande estava em paz. Depois de examiná-lo com mais calma, percebeu que Conar era ligeiramente diferente dele. Era vários anos mais jovem e seus olhos eram de um azul mais claro, mais frio. De resto, os dois irmãos tinham a mesma constituição, inclusive o mesmo porte, e nisso ambos se pareciam com seu pai.

Embora jamais admitisse ante a Conar, o tempo que tinha passado com sua família a tinha levado a sentir um enorme afeto por seu pai, um homem severo, mas justo. Tinha observado com admiração a facilidade com que passava de uma língua a



outra, a atenção com que escutava a outros e seu sentido da justiça, que parecia manter unido seu estranho reino de noruegueses e irlandeses. Melisande sabia que, desde noite em que quase conseguiu retornar a seu lar como clandestina em um dos navios de Conar, seu sogro a tinha submetido a uma vigilância estrita. Inclusive um dia saiu de passeio com ela para tentar lhe explicar o perigo que correria se caía em mãos do inimigo. Essa advertência, entretanto, tinha provocado um sorriso nos lábios de Melisande.

— Perigoso para quem? — tinha perguntado com voz doce. — Essa terra é minha herança, quem vive nela e necessita atenção e amparo é minha gente. Entretanto, para que eu conserve minhas terras e a minha gente, Conar me tem prisioneira do outro lado do mar.

— Não é uma prisioneira — tinha assegurado o rei de Dubhlain, olhando-a, entretanto, como se estivesse formando um novo julgamento sobre ela. — O que ocorre simplesmente é que as coisas não podem ser de outra maneira. Logo voltará para seu lar — prometeu, e acrescentou depois com suavidade: — Já verá, é quase uma mulher. Algum dia Conar e você terão filhos que herdarão suas terras quando tiverem morrido, e isso lhes dará a ambos a energia necessária para conservar o que amam com todas as forças.

Ela empalideceu ligeiramente ao ouvi-lo, incapaz de dizer a esse homem a quem se sentia agora tão próxima que a última coisa que desejava no mundo, e certamente a ultima que necessitava para deixar de temer por seu futuro, era que ela e Conar tivessem filhos. Não podia esquecer o fogo azul em seus olhos aquela noite que tinham passados juntos, nem as longas horas que tinha estado acordada, tremendo, sentindo o calor do homem deitado a seu lado, Mas tampouco podia esquecer que Conar tinha chegado tarde em casa porque tinha passado grande parte da noite com sua amante. Além disso, o mais provável é que houvesse voltado sozinho à França



para dedicar-se inteiramente a jovem loira que lhe lia as runas, sem o estorvo de ter que ocupar-se de sua esposa.

Conar era um estranho para ela. Entretanto, em certos aspectos, conhecia-o tão bem! Tinha organizado sua vida com tanta destreza e com tão férrea autoridade que Melisande passou a metade de suas horas acordada o desprezando e a metade de seus melhores sonhos empunhando uma espada contra ele e vendo-o cair de joelhos e suplicar clemência.

Nos últimos dias, desde que tinha conhecido Gregory da Mercia, tinha decidido que o deixaria viver se promettesse ajudá-la a conseguir a anulação de seu casamento. Tinha fantasiado com a idéia de retornar a França com Gregory e viver ali com ele, ocupando-se diligentemente de suas terras e de sua gente, como seu pai lhe tinha ensinado. Em algum momento havia sentido certo peso na consciência por estes sonhos, pois os parentes de Conar, embora a vigiassem como águias, tinham-na tratado sempre com grande bondade, fazendo que seu cativo — porque, dissesse o que dissesse Olaf, estava cativa — fosse agradável. Não poderia ter retornado a França da casa do rei de Dubhlain, estava segura disso, mas lhe tinha ocorrido, depois de ter recebido a carta de Conar e ter decidido sua viagem a Inglaterra, que talvez pudesse escapar da casa de Eric, uma vez que Conar se fosse da França. A idéia a tinha enchido de júbilo.

Rhiannon, a esposa de Eric, era uma mulher muito bela, loira como o ouro, gentil e encantadora e muito divertida. Melisande tinha tomado cuidado de não dizer uma só palavra desagradável sobre Conar nem revelar nenhuma das emoções que despertava nela. E Rhiannon, em conseqüência, tinha-lhe dado total liberdade. Em qualquer caso, lhe teria sido difícil limitar seus movimentos porque passava grande parte de seu tempo com Daria, que tinha a mesma veia selvagem que todos seus



irmãos. Apesar disso, Daria tinha a confiança de seu irmão Eric, e Melisande sentia que tinha encontrado em sua cunhada a sua melhor amiga.

Tinha perdido a todos os outros: Marie do Tresse estava na França, igual a Ragwald (jamais pensou que pudesse sentir falta desse tirano), Philippe e Gastón. Escrevia a sua casa constantemente e recebia notícias deles de volta. Nenhuma de suas cartas tinham chegado à Inglaterra, porque tinha partido logo que pode depois do convite de Daria. Tentou manter-se a distância de Eric desde o primeiro momento; não lhe havia custado muito porque Rhiannon era encantadora e Daria nunca estava quieta, e porque no castelo havia sempre tanta atividade como em um favo. Tinha passado momentos muito agradáveis com Garth, o precoce filho pequeno de seus anfitriões, e com sua irmã mais nova, Alcana. Procurava manter-se ocupada e fora da vista de seu cunhado, o que lhe tinha sido fácil, pois havia muito que ver no campo.

A idéia de viajar a Wessex tinha sido de Daria. Ao receber a carta de Conar que a informava de sua volta e lhe ordenava que se preparasse, Melisande pensou que o melhor que podia fazer era abandonar Dubhlain.

Também tinha gostado da companhia do Mergwin. Estava segura de que não tinha conhecido ainda a ninguém tão velho, mas sua idade o fazia ainda mais fascinante, Parecia um ser vindo de outro mundo, muito alto e magro, Vestia sempre túnicas soltas e tinha uma despenteada cabeleira prateada e uma barba que chegava aos joelhos, Seus velhos olhos, quase da mesma cor de seu cabelo, viam tudo. Apesar de que a olhasse freqüentemente com desaprovação, Melisande descobriu que sua companhia lhe era agradável. Freqüentemente zombava dela e lhe chamava a atenção de vez em quando, mas passava longas horas com Melisande lhe falando da Eire e Inglaterra, de história, e do passado e do futuro de seu próprio país. Lembrava muito a Ragwald e era para ela uma espécie de laço de união com seu lar, embora



fosse a única pessoa que parecia ver em sua relação com o Gregory algo que não era totalmente inocente.

— Repito jovem. — disse Mergwin com firmeza— que ele chegou.

Gregory franziu o cenho e olhou primeiro para Melisande, que tinha empalidecido subitamente, e depois para Mergwin. Tirou os pés da água e sorriu afavelmente.

— Quem chegou?

— Conar MacAuliffe — disse Melisande laconicamente.

Mergwin fez uma reverência ao Gregory.

— O marido da jovem.

— Em rigor, Mergwin, — disse Melisande fazendo um gesto desdenhoso com a mão — a jovem não tem marido, só um tirânico ditador.

— O irmão do senhor Eric? — murmurou Gregory. Melisande respirou profunda e lentamente e sentiu desejo de sacudi-lo.

— Não há nada a temer — disse olhando para Mergwin.

— Certamente! — exclamou o ancião, sorrindo a Gregory. — Como pode ver Melisande não está assustada, verdade?

Ela apertou os dentes sem deixar de olhar Mergwin.

— Verdade! — assegurou. “Não estou”, pensou. Só se sentia profundamente decepcionada. E furiosa. Conar decidira desde o primeiro momento livrar-se dela, afastá-la de seu lar, e quando ela começava a desfrutar do doce sabor da liberdade, aparecia para levá-la com ele. Já não era uma menina e não consentiria que lhe desse ordens a vida toda! Depois de todo esse tempo, iria vê-lo quando tivesse vontade.

— Talvez queira vir ao castelo — sugeriu Mergwin com ironia. — Estou seguro de que os navios já atracaram, mas se seu marido vir que você ao menos correu à fortaleza para recebê-lo...



— Não penso correr a lugar nenhum. Gregory ficou em pé e a olhou com afeto, mas também com profunda preocupação.

— Talvez...

— Talvez nada! — exclamou Melisande. — Mergwin, se quiser, pode voltar para o castelo e recebê-lo. Pode saudá-lo por mim. Eu irei dentro de um momento e... — interrompeu-se e estremeceu ao recordar que tinha ido à Inglaterra com falsos pretextos e que Conar viajou até a casa de seu irmão só para procurá-la.

Se a tivesse deixado ficar na França, onde ela queria estar, ele não teria tido que fazer essa viagem.

— Apresentarei a Conar suas desculpas e lhe direi que estará em casa em seguida. — Disse Mergwin— Em seguida.

— Isso não é o que quero... — começou Melisande. Não continuou porque Mergwin já tinha ido. O ancião tinha sido seu amigo, seu companheiro, mas descobriu com amargura que isso não importava, porque Mergwin tinha servido ao Ard-Ri depois a sua filha e, portanto ao marido desta, e não consentiria que se fizesse nada contra o filho de Olaf e Erin. Uma vez que Conar entrasse em cena, Mergwin serviria a ele. Tinha sido uma tola em não dar-se conta disso.

Suspirou enquanto olhava o ancião se afastar. Sentiu-se repentinamente inquieta. Talvez devesse segui-lo, ficar a seu lado. Não! Não voltaria para a fortaleza de Eric. Não queria ver Conar nem um segundo antes do necessário e não se esconderia atrás das saias do velho druida.

Oxalá tivesse podido escapar de Conar anos atrás!

Mas tinha sido impossível. Ela queria voltar para sua terra, à fortaleza que pertencia a ela e só a ela.

Gregory estava ainda de pé, descalço e constrangido, olhando-a com seus olhos quentes. Tinha um rosto juvenil e atraente e uma expressão sincera.



— Melisande, disse que mal o conhecia que não viria buscá-la. Acredito sinceramente que deveria ir a seu encontro. Só pode piorar as coisas se não o fizer. No fim terá que ir com ele; afinal, é seu marido.

Melisande avançou para ele negando com a cabeça. Pôs as mãos nos ombros dele, procurando sua força e seu apoio. Eram da mesma estatura. Sentia um grande afeto e um quente apego por Gregory.

— Talvez não tenha que voltar com ele — disse suavemente, mas com desespero.

— Mas...

— Casei-me com ele, sim. Tinha havido uma batalha, acabavam de matar o meu pai. Conar era forte e minha gente pensou que necessitávamos sua força. Mas nos separamos imediatamente depois do casamento. Eu era muito jovem. O nosso nunca foi um verdadeiro casamento — disse Melisande muito seria. — Na verdade, ele não foi mais que um guardião para mim, nada mais. Agora sou adulta, tenho idade para escolher, para saber o que quero. E possuo terras de grande beleza, Gregory. São minhas, sabe? Minhas não dele. Talvez...

A respiração do Gregory se fez mais rápida e a olhou com avidez. Melisande não sabia com certeza se o que fazia brilhar seu olhar era ela ou a promessa de um futuro de riqueza, mas não importava. Era uma sensação tão doce! A terra desprendia uma fragrância suave e incitante, o borbulhar do riacho arrulhava seus sentidos. A boca do Gregory estava muito perto da dela.

Melisande se inclinou para ele, sem saber muito bem o que fazia ou o que a movia a aproximar-se. Seus lábios se encontraram com os de Gregory, que eram suaves, flexíveis. O que sentia não era um desejo intenso, só uma cálida ternura que era muito agradável. Pôs-lhe as mãos sobre os ombros, roçou sua bochecha, afastou o rosto, olhou-a e voltou a beijá-la.



Foi então quando ela ouviu seu nome e uma parede de gelo pareceu levantar-se ao redor.

— Melisande!

Ninguém nunca pronunciara seu nome com tal frieza, com uma ira tão violenta. Sem necessidade de voltar-se sentiu que o gelo continuava endurecendo-se ao redor dela. Um estremecimento de consternação lhe percorreu as costas como uma cascata, como se um rio gelado a engolisse.

Uma coisa era ir recebê-lo quando ela quisesse, ou fazê-lo esperar como ele tinha feito tão freqüentemente, e outra muito distinta que a surpreendesse em uma situação tão embaraçosa, quando em realidade não tinha feito nada de mau.

Conar ficou atrás dela. Melisande não queria voltar-se para vê-lo.

Mas Gregory o via.

Separou-se dela de um salto, tão rápido que Melisande teria caído se não tivesse feito um valente esforço por não perder o equilíbrio. A primeira coisa que viu foram os olhos de Gregory, dilatados pelo terror e a consternação. Ficou petrificada ao vê-lo cair de joelhos no riacho, com a cabeça curvada.

— Perdoe-me senhor!

Em seguida, ficou em pé, e Melisande por fim deu meia volta.

Realmente, tinha chegado.

Era assombroso. Aparentemente, não quisera esperar que ela retornasse ao castelo. Depois de tanto tempo, era difícil acreditar! Cavalgava Tor e estava usando uma capa de um vermelho vivo, com borda de arminho. Seu broche tinha estampado o escudo dos lobos, símbolo de seu pai, da casa do Vestfold, e o punho de sua espada era decorado com a cruz celta do Eire. Montava com a mesma superioridade de sempre, silencioso, imóvel, olhando-os com seus olhos azuis capazes de ferir como o fogo e o gelo.



Melisande disse a si mesma que não o temia que ela era a parte ofendida, enquanto que Conar, que a afastou dele e de sua casa pela força, vivia sua vida como queria, sem pensar nela para nada. Não devia nada a ele. Estava de repente firmemente decidida a pedir a anulação do casamento.

Umedeceu os lábios, abatida por Gregory ter se deixado amedrontar tão rápida e profundamente por Conar, mas seu marido intimidava a qualquer homem. Parecia tão alto sobre seu cavalo, tão forte, como moldado em aço, inquebrável e temível, com sua cabeleira dourada e suas feições duras. Melisande engoliu em seco tentando recuperar suas forças e jurando a si mesma que não se dobraria mais a sua vontade.

— Então você veio, viking — disse com voz despreocupada, segura de que não tinha feito nada errado.

Conar esporeou Tor ligeiramente e o enorme animal de combate avançou com cuidado para o riacho. Gregory tentou torpemente desembanhar a espada que levava presa ao cinto. Antes que ele tivesse conseguido, a ponta da espada de Conar estava sobre a mão que tentava puxar o punho da espada.

— Pare, garoto! — Advertiu Conar.

— Não lhe fará mal...! — começou Melisande, mas os olhos glaciais de Conar pousaram nela e, para sua consternação, não se atreveu a seguir falando.

— Não, não lhe farei mal. Não luto com meninos. Gregory estava de joelhos de novo, beijando a bota de Conar.

— Obrigado por sua clemência, senhor! Eu...

— Gregory! — gritou Melisande, envergonhada de sua humilhação.

— Ah, Gregory! Acredito que Melisande esperava que estivesse disposto a morrer por ela. Por desgracia, eu não estou disposto a matar a um jovem parente de meu irmão pela insensatez de minha esposa. Vá para casa, garoto. Agora mesmo.

— Sim, senhor! — disse ele ficando em pé imediatamente.



Melisande, decepcionada, viu como Gregory corria precipitadamente. Saiu do riacho, montou seu cavalo e desapareceu a galope.

Ela ficou repentinamente a sós com Conar, seu marido, um estranho que ela conhecia muito bem.

Conar a olhou por um longo momento, fixamente e com severidade. A cascata de gelo que Melisande tinha sentido nas costas se converteu em ondas. Obrigou-se a permanecer imóvel, devolvendo seu olhar frio. O silêncio pareceu durar uma eternidade. Ouvia o suave murmúrio da água, o sussurro da brisa nas árvores. Era um lugar belo, pacífico. O rio dançava ao redor das pequenas pedras. Ouviu o gorjeio de um pássaro. Ele continuava sem dizer uma palavra.

— E bem? — murmurou Conar por fim. Melisande levantou uma sobrancelha finamente arqueada, decidida a não lhe demonstrar que estava tremendo por dentro.

— E bem o que?

Conar desmontou. Ela deu um passo atrás sem querer, mas se viu obrigada a deter-se porque tinha dado com as costas no tronco de uma árvore. Ficaram frente a frente.

— Suponho que não te ocorreu que poderia sentir-me ligeiramente aborrecido pelo fato de que você fugiu atravessando o mar até a Inglaterra quando eu tinha enviado uma mensagem para informá-la expressamente de que vinha buscá-la. E quando se inteirou de minha chegada, tampouco pensou que talvez fosse prudente ir receber-me com os outros e aplacar de algum jeito um humor ligeiramente esquentado.

Um humor ligeiramente esquentado!



Melisande via os furiosos batimentos do coração de Conar nos músculos tensos de seu pescoço. Talvez fosse uma estúpida: tinha lutado com ele antes e sempre tinha saído perdendo.

Mas então não era mais que uma menina, agora se negava a continuar sendo.

— Terá que me perdoar — replicou suavemente com o queixo bem alto— se me nego a levar muito a sério suas mensagens. Você me afastou de você uma vez, atada em alguns lençóis. Por isso me custa acreditar que esteja ansioso para ver-me.

— Me acredite — advertiu Conar, e havia uma clara ameaça em sua voz, — eu adoraria te ter atada em alguns lençóis neste preciso instante. — Seguiu olhando-a enquanto movia a cabeça com incredulidade. — Por todos os deuses! Acho seu comportamento incrível. Será que não tem nenhuma gota de juízo?

— Juízo?

Melisande perdeu o fôlego ao ver que a ponta da espada de Conar descrevia um arco no ar antes de pousar em seu pescoço.

— Alguns homens se sentiriam gravemente insultados por seus atos, querida. Não só me desobedece, mas também a surpreendo seduzindo a um pobre garoto no meio do bosque.

Ficou gelada, sem fôlego, perguntando-se se não teria ido muito longe esta vez, se Conar não a trespassaria em sua espada. Respirou com dificuldade, enquanto procurava alguma emoção nos olhos de Conar, mas nada encontrou neles; só esse azul gelo nórdico. Então o tinha ofendido. Tudo o que tinha feito a ela não significava nada.

“Que me mate se tiver coragem!”. Pensou.

Tomou a espada com os dedos e, desafiante, afastou-a de seu pescoço de um empurrão.



— É mesmo? Alguns homens se sentiriam insultados? Pois bem, senhor, eu me senti profundamente insultada muitas vezes. Sente-se ofendido porque não saí a suplicar seu perdão ao saber que tinha chegado? E o incomoda que faça amizades na casa de sua família? Rogo que me desculpe se não tremer de terror. Como pretende me castigar? Roubando-me minhas terras? Apropriando-se do que me pertence? Acredito que isso já aconteceu!

— Tome cuidado, Melisande. Tenho certeza que algo me ocorrerá.

— Muito bem. Não acredito que me cortar o pescoço, algo muito próprio dos vikings, redunde em seu benefício, pois entendi que, se eu morrer, minhas propriedades passarão à mãos do herdeiro homem mais próximo a meu pai na linha de sucessão.

Conar embainhou a espada sem deixar de olhá-la.

— Você me assombra, Melisande. O passar do tempo não melhorou em nada suas maneiras.

Parecia estar totalmente calmo. Melisande pensou que tinha feito bem em enfrentá-lo. Embora continuasse desejando que a árvore em que estava apoiada não estivesse tão perto, e que ele não estivesse tão perto dela. Dava-lhe a sensação de que lhe faltava o fôlego.

Sentia nesse momento o mesmo que tinha sentido durante a horrorosa noite de seu último encontro. Além de um calor que lhe percorria todo o corpo, mas que não a impedia de seguir tremendo ao mesmo tempo. Voltou a arquear as sobrancelhas.

— Deixou-me aos cuidados de sua família, por isso sem dúvida amadureci como você queria que o fizesse.

— Talvez, mas acredito que foi um engano não ter podido assistir pessoalmente ao processo que te levou a esta maturidade.

Melisande apertou as mãos contra a árvore, como se tentasse obter forças dela.



— Não deveria estar com sua família agora?

— Não acredito — replicou ele avançando um passo para ela. Apoiou uma mão no tronco, logo acima e à direita da cabeça de Melisande. Apesar da sensação de triunfo que tinha tido uns minutos antes, esteve tentada a virar-se para o lado esquerdo e pôr-se a correr. Esforçou-se para manter-se imóvel e o encarou.

— Acredito que estou exatamente onde devo estar. Com minha esposa. Lembre-se, Melisande, que isso é o que você é minha esposa.

Ela umedeceu os lábios e afastou o olhar ao sentir-se sacudida por novos calafrios.

— Só o que nos une é um contrato. Não significa nada.

— Está equivocada. Logo saberá o muito que esse contrato significa.

— Para você...

— É uma insensata, querida. Estou tentando ter em conta seus sentimentos. Quão desagradável você me acha...

— Querido! — Ela o interrompeu. — Desagradável é uma palavra muito suave. Desprezo-o!

— Perdoe-me que tenha subestimado a intensidade dos sentimentos de seu doce coração, Melisande. Mas quero que tenha presente que foi uma sorte que esse garoto não fosse um pouco mais velho. — Disse em um tom agressivo, com uma voz tão crua que Melisande sentiu a emoção que o dominava. — Do contrário, nada teria detido minha espada.

A paixão e a cólera que havia em suas palavras a assustaram, nem tanto por si mesma, mas por Gregory. Queria que o garoto enfrentasse Conar, mas agora tinha medo. Seu marido era maior e mais forte e tinha muito mais experiência que Gregory. Tinha aprendido tudo o que sabia de seu pai e dos guerreiros mais ferozes



do mundo. Era feito de pedra e aço, e apesar disso, continuava sendo tão rápido e ágil como um gamo.

— Não aconteceu nada entre nós! — murmurou deixando-se levar pela raiva. Desejava poder gritar em vez de murmurar essas palavras. Mas de repente lhe ocorreu uma idéia: — Mas, se este assunto o preocupa, rogo a você que anule nosso casamento. Estou segura de que...

— Não aconteceu nada? — perguntou Conar arqueando suas sobrancelhas douradas.

— Nada absolutamente. Pode pedir a Gregory que jure Por Deus. É um nobre cristão...

— Que louvável! Estou seguro de que é muitas coisas que eu não sou.

Não gostou da frieza de sua voz. Continuava furioso e ela era dolorosamente consciente disso.

— Fale com ele se quiser confirmar.

— Não tenho a menor intenção de perguntar absolutamente nada a esse menino atordoado.

— Então, se tiver dúvidas...

— Se tiver dúvidas, resolverei por minha conta, querida.

Melisande pensou com horror que se continuava aproximando-se logo estaria em cima dela. Desejou fervorosamente ter percebido sua chegada, ter ido para a casa de Eric para recebê-lo com sua família. Faria qualquer coisa para afastá-lo dela nesse momento! Era intensamente consciente de seu calor e sua vitalidade, de sua estatura e seu poderio físico, da cólera de seu olhar e da tensão que vibrava nele. Estava completamente imóvel. Não a tocava, não estendeu as mãos para seu pescoço nem fez nenhum gesto ameaçador. Entretanto, apenas de olhá-lo nos olhos, sentir o calor que parecia emanar dele, soube, com uma acuidade cada vez maior,



quão furioso estava. Conseguiu dominar-se, mas só com um enorme esforço. A manga de sua camisa baixou quando se apoiou na árvore e ela viu os músculos avultados e tensos de seus braços, seus tendões de aço.

Melisande enrijeceu. Custava-lhe tanto falar!

— Mas o nosso nunca foi um verdadeiro casamento, não é? — disse ele em voz muito baixa.

Evidentemente, Conar tinha chegado quando ela estava explicando a Gregory que não se sentia obrigada a nada por seu casamento. (Se não estivesse apoiada na árvore, teria caído.) Sentiu que não poderia suportar sua proximidade por muito mais tempo. Queria gritar, lhe golpear.

— Escutar as conversas alheias é muito má educação.

— Nunca foi um casamento e sou simplesmente seu guardião.

Melisande se ruborizou violentamente.

— Não deveria ter escutado.

— Não deveria ter falado.

Ela respirou profundamente e desejou poder escapar dele nesse instante, a qualquer lugar. Se desse um passo, Conar a agarraria, e se ele se movesse, se a tocasse...

— Não disse nada que não pensasse — disse ela em um arranque de coragem.

— A terra é minha. Você não sente interesse algum por mim, demonstrou isso incontáveis vezes durante esses anos todos. Não teríamos problemas para conseguir a anulação, se ambos concordássemos, iria aonde quisesse, seria livre...

— Claro! As terras lhe pertencem. Eu me limitei a arriscar minha vida por elas, mas lhe pertencem.

— A herança...

— Não.



— Maldito seja!

— Não.

Era um tirano. Estava ali de pé, condenando-a por um inocente encontro no bosque com o Gregory quando ele mesmo tinha todas as amantes que queria para não falar de sua querida Brenna. Conar estava demasiado perto, jogando por terra todos seus sonhos. Esbofeteou-o com fúria. Talvez fosse a maior insensatez que já cometera; seus dedos o atingiram na bochecha antes que ele pudesse agarrá-la pelo pulso.

— Não! — gritou Melisande, enquanto tentava com todas as suas forças soltar-se. Afastou-se da árvore retorcendo-se como um torvelinho diante de Conar. Cravou-lhe as unhas nas mãos, mas ele não pareceu notá-lo. Tinha os olhos fixos nela.

— Dei-lhe tempo para brincar, Melisande — disse com aspereza, com voz rouca. — Tempo para crescer, para viver. Repetiram-me milhares de vezes que já tinha idade para ser minha esposa, mas eu decidi te dar mais tempo. O recreio terminou. Queria entrar no mundo real, verdade, querida? Pois o fará agora.

Melisande conseguiu que lhe soltasse o pulso.

— Quero voltar para meu mundo! — gritou. — A minha casa, a minha terra. Não quero você!

— Sua casa e sua terra vão com seu marido, Melisande.

— Com sua ajuda ou sem ela conseguirei a anulação, juro a você!

Ele guardou silêncio um instante, com os dentes apertados e um olhar gélido.

Tinha um pé apoiado em uma rocha. Melisande nunca soube que demônio tomou conta dela, mas Conar sempre conseguia que se comportasse de um modo selvagem. Jogou-se sobre ele com todas suas forças, e sentiu uma sensação de triunfo ao ver que o tinha feito perder o equilíbrio. O grande príncipe Conar caiu no riacho borbulhante e sua preciosa capa estava molhada. Melisande se voltou



disposta a correr, mas perdeu o fôlego subitamente, porque os dedos de Conar agarravam com firmeza a prega da túnica azul que usava sobre sua regata de manga longa, de um azul mais escuro.

— Deixe-me ir! — gritou puxando a túnica.

— Nunca — prometeu ele.

Em um segundo se encontrou no rio junto a ele, com a roupa molhada e o cabelo escorrendo sobre as costas. Tentou recuperar o fôlego, mas ao perceber que Conar estava estendido a seu lado ficou rapidamente em pé e pôs-se a correr de novo.

Lançou-se rio abaixo correndo pela água pouco profunda, ofegando, pensando apenas em escapar dele embora fosse só por um instante. Necessitava um refúgio escuro, algum lugar onde poder tranquilizar os batimentos do coração galopantes de seu coração e acalmar seu espírito.

Deteve-se, apoiando-se sobre um pé enquanto esfregava o outro, porque o tinha machucado com uma rocha do riacho. Voltou-se sobressaltada quando acreditou ouvir alguém a suas costas, mas não o viu. Estava rodeada pela verde escuridão das árvores, muito densas naquela parte do rio. Através de seus ramos oscilantes passavam os delicados brilhos dos raios do sol. Entrecerrou os olhos procurando-o e depois seguiu correndo.

Então o descobriu. Montado em Tor, cavalgava seguindo o riacho para ultrapassá-la. Apertou os dentes e se voltou para escapar, mas o cavalo saltou à água e lhe cortou o caminho. Tentou retroceder, mas Tor a seguiu de novo. Correu uma vez mais sem êxito, pois Conar alcançou-a e voltou a cortar-lhe o caminho.

— Ah! — gritou — O grande Senhor dos Lobos é incapaz de caçar a sua própria esposa a pé!



Ofegou, tentava ganhar tempo. Conar se inclinou para ela e a olhou com seus penetrantes olhos azuis.

— Usarei todos os meios que estejam a meu alcance para capturar a minha presa, querida. E repito nunca a deixarei partir.

Desmontou e caminhou para ela, salpicando água ao redor. Melisande estava quase sem fôlego, mas deu um passo atrás para afastar-se dele, tão desajeitadamente que tropeçou com uma pedra. Lançou um grito ao sentir que caía de costas no rio. Conar estendeu um braço e a segurou antes que caísse. Um segundo depois, avançava a grandes passos para fora do riacho, levando-a nos braços para a borda coberta de agulhas de pinheiro, sob as enormes árvores. Melisande tiritava violentamente por causa da água gelada do riacho e dos braços de Conar. Ele a deitou no chão e se sentou escarranchado sobre ela.

— Deixe-me partir! — murmurou Melisande.

— Já disse que isso nunca.

Melisande golpeou-o no peito, mas ele a prendeu sem esforço. Olhou-o fixamente procurando algo na profundidade azul de seus olhos. Mordeu o lábio sem deixar de olhá-lo enquanto ele se inclinava sobre ela e lhe imobilizava os braços no chão.

Ao vê-lo chegar à clareira no bosque onde estava com Gregory, ela foi tomada por uma insuportável sensação de frio. Mas agora percebeu que ardiam em seu interior todas as chamas do inferno. Não conseguia deixar de ofegar e por suas veias pareciam correr rios de lava. Tinha muito calor, mas tremia ao olhá-lo, ao ver as duras linhas de seu rosto e a assombrosa cor de seus olhos, seu peito muito largo, a tensão dos músculos nos braços que a sujeitavam.

Odiava-o com uma intensidade aparentemente imutável, mas nesse instante, para sua consternação, ficou consciente de que não o odiava realmente. Odiava só o



que tinha feito com ela. Não sentia apenas raiva, havia algo mais, mas não sabia exatamente o que era. Conar era uma provocação para ela e desafiá-lo tinha produzido-lhe sempre um enorme prazer.

Embora sempre achasse que podia derrotá-lo.

Ao vê-lo escarranchado sobre ela, sentiu um temor desconhecido até então. Mas não era Conar quem lhe dava medo, mas ela mesma, a forma em que ele a fazia sentir-se, o súbito desejo de algo que compreendia. Umedeceu os lábios.

— Seria muito mais razoável conseguir a anulação. Seus sentimentos parecem inclinar-se sempre pela terra de seu pai, deixaria tudo por lutar por ele. Há tantas outras coisas que deseja fazer! — disse ela sem fôlego.

— Não há nenhuma outra coisa que deseje — negou Conar—. Neste momento não desejo nenhuma outra coisa no mundo.

— Temos que retornar — disse com desespero. — Devem estar sentindo sua falta. Sua família deve estar preocupada.

— Ah! Agora tem pressa em voltar para a fortaleza — disse Conar suavemente.

— Por favor! Se...

— Ai, Melisande! — murmurou Conar, enquanto esquadrihava seu rosto, seu coração, sua alma com o olhar. — É muito tarde para pedir favores. Por desgraça, temo que devo convencê-la de que a anulação é impossível.

Melisande o olhou e começou a compreender o sentido de suas palavras.

— Não! — gritou.

Mas os lábios de Conar apagaram rapidamente seus protestos.

CAPÍTULO 11

Conar não sabia realmente que pretendia quando chegou ao riacho em busca de Melisande. Estava tão furioso que talvez a tivesse arrastado pelos cabelos até a fortaleza. Mas ao vê-la tudo tinha parecido parar.

Melisande mudara sutilmente com o passar do tempo. Em seu ultimo encontro já percebeu que estava deixando para trás a infância e transformando-se rapidamente em uma mulher. Entretanto, nunca havia imaginado que se transformaria na criatura que estava diante dele.

Havia crescido muito e seu corpo era ágil, flexível, cheio de elegância. Movia-se sem esforço com um suave balanço e em sua figura se desenhavam delicadas curvas que acrescentavam uma mágica sensualidade a todos seus gestos. E que dizer de seu rosto, belo, exótico...!

As bochechas afinaram e seu rosto havia adquirido com isso uma fascinante maturidade. Os cílios eram ainda mais abundantes que antes e sua cabeleira de ébano e seda mais longa. Quando Melisande o olhou nos olhos, finalmente Conar ficou impressionado.

Tinham a cor de uma violeta aberta da que não se podia afastar o olhar. Conar sabia que não havia visto olhos mais belos em toda sua vida. De fato, nunca havia visto uma mulher que pudesse comparar-se a Melisande, e esta era sua esposa. Aquela menina bonita e precoce se havia transformado em uma jovem de uma beleza sem par.

Não se surpreendeu por ela não ter ido recebê-lo, ou que não estivesse dentro das muralhas da fortaleza. Sabia que ela sempre faria o que pudesse para desafiá-lo.



Mas havia ficado aturdido ao encontrá-la com aquele jovem, Gregory. Ao olhá-la, ao vê-la absorta na conversa, veio-lhe à memória aquele dia em que a havia visto conversando com um jovem guarda no pátio do castelo de seu pai. A cólera e o ciúme se apropriaram do seu corpo com uma veemência que o deixou aniquilado e quase sem respiração. O coração galopava no peito e foi difícil dominar-se.

Melisande era incrível. Estava sempre mais que disposta a enfrentá-lo, decidida a ir muito além do limite. Quando avançou para ela, vendo como elevava o queixo, como brilhavam os olhos ao olhá-lo convencida de que não havia feito nada errado, Conar soube que estava decidida a seguir lutando contra ele enquanto vivesse.

E decidida a conseguir a anulação.

Soube que só havia uma solução: possuí-la nesse mesmo instante. Porque devia conseguir que se esquecesse da idéia. A tomara por esposa e ocupara o lugar do conde Manon; a terra lhe pertencia, assim como a fortaleza e Melisande. Ao olhá-la, ao tocá-la, ao lutar com ela, teve a certeza de que lhe pertencia. Seus destinos estavam unidos há muitos anos. Melisande era dele.

Desejava-a com uma veemência desconhecida para ele, com uma intensidade que o cegava a todo o resto. Melisande estava estendida sob seu corpo, fria e molhada pela água do rio, lhe mostrando sua pele de mármore e seus lábios rosa; lábios carnudos, sensuais, cálidos ao tato. Beijou-a e separou seus lábios com a língua, procurando a dela. Melisande ficou imóvel e Conar acreditou saborear toda a mágica doçura de seu corpo, um vulcão de fogo e de calor. Ela se debateu, ofegante, e Conar a encarou.

— Por favor! — ela suplicou. — passou tanto tempo. Não o reconheço. Não estou acostumada a...



— A beijar? — perguntou ele, aproximando de novo sua boca a dela. — Entretanto parecia saber perfeitamente o que fazia quando beijou o seu jovem saxão.

Melisande tentou empurrá-lo, mas não conseguiu que seu peito se movesse um milímetro e nem revolver-se sob seu peso.

Cheia de cólera, o olhou uma vez mais nos olhos.

— Não tem absolutamente nenhum direito...!

— tem certeza?

Seus olhos azuis pálido lançavam brilhos de fúria.

— Abandonou-me durante anos que sem dúvida usou para se tornar um perito nesse tipo de coisas.

— Lamento muito tê-la abandonado. Tenho a firme intenção de corrigir esse engano a partir de agora.

Voltou a beijá-la febrilmente na boca. Soltou-lhe os pulsos para emoldurar seu rosto com as mãos e acariciou as delicadas linhas do rosto, sentindo a suavidade de sua pele. Melisande lhe pôs as mãos nos ombros para empurrá-lo. Resistiu e se debateu, mas ele não se moveu nem um milímetro. A boca de Melisande tinha gosto de vinho doce e hortelã, e Conar a beijou com uma paixão cada vez mais intensa, fascinado, explorando-a com avidez, procurando sua língua com a sua. Ela notou os batimentos enlouquecidos, exigentes do coração de Conar. Soltou um gemido e ele se afastou por fim, fascinado pela lustrosa umidade de seus lábios, pela forma em que entreabria a boca tentando recuperar o fôlego. Em seus olhos encontrou um olhar de condenação e de indignação.

— Não é possível que queira fazer... Isto... Aqui, em pleno bosque!



— Tenho certa fraqueza pelos riachos, querida, e pelos bosques. O balanço dos galhos, a carícia do vento. Lembre-se que estava muito disposta a estar neste lugar com outro homem.

Melisande negou violentamente com a cabeça.

— Chegou num momento de calor...

— Também tenho uma queda pelo calor, querida — Ihe assegurou Conar asperamente.

— Foi um gesto de amizade...

- Não duvido. Estou esperando uma amizade semelhante.

— Foi um beijo afetuoso...

— Dificilmente se pode aquilo chamar de beijo — replicou com desdém.

— O seu é muito melhor sem dúvida!

— Sem dúvida alguma — murmurou. — e estou decidido a que perceba a diferença.

— Sua espada viking vai se oxidar — advertiu Melisande.

— Minha espada viking será embainhada dentro de um momento!

Melisande empalideceu com tal intensidade que Conar se convenceu de que entre sua mulher e Gregory não houvera nada mais sério que o beijo que ele havia presenciado; mas ainda assim achava que era necessário impor sua autoridade sobre ela. Enquanto as coisas não mudassem, Melisande viveria com a esperança de conseguir a anulação de seu casamento.

Subitamente, a ira se apoderou de Conar. Que esperaria ela da vida? Ele havia chegado no momento oportuno, havia matado ao assassino de seu pai. Todos os casamentos eram arranjos e o seu não deveria ter sido uma carga especialmente pesada para ela.

Mas nada disso importava só o desejo que o possuía.



Muito a contra gosto, apesar da violência de seu desejo, sentiu de repente uma enorme dor. Não queria violar a sua própria esposa. Talvez houvesse um pouco de culpa nesse sentimento. Como havia sido capaz de ignorá-la até esse ponto?

Sabia que não pudera fazer outra coisa, porque ela se comportara com hostilidade e orgulho desde seu primeiro encontro. E talvez nesse mesmo instante ele houvesse intuído que algum dia pagaria este preço, o preço de desejá-la com desespero, de cair presa da luz de seus olhos, de sua extrema beleza.

— Depois de todo este tempo, — murmurou ela ao sentir sua hesitação — aqui não, agora não, assim não!

Por uma vez, não parecia haver em seus olhos nada mais que suplica. Uma suplica que lhe chegou à alma. Sentiu repentinamente o frio da água que empapava suas roupas.

— E se não for agora? — sua pergunta ficou no ar.

— Por favor!

Moveu a cabeça lentamente, enquanto se perguntava o que ganharia esperando.

— O que ganho esperando? — perguntou suavemente. — Está muito ansiosa para escapar de mim, Melisande.

— Compensarei você por isso. Esta noite — prometeu ela sem vacilar. — como deve ser.

— Ah! — replicou ele sem elevar a voz. — Então você está disposta a negociar para ganhar tempo.

Seus olhos chisparam de novo.

— Passaram-se anos. Não vejo o que podem importar algumas horas mais.



— Melisande, em sua casa, essas horas podem importar muito. Perguntou-me se vale a pena que me arrisque! Tenho certeza que pode encontrar a outro infeliz pelo caminho...

— Como se atreve...! — começou furiosa. Mas se interrompeu quando o rápido olhar de Conar lhe recordou em que situação a havia surpreendido pouco antes. — Não há ninguém mais a quem encontrar pelo caminho — disse friamente.

— Não sei o que pensar. Tenho irmãos aqui.

— Sua família — murmurou ela com amargura.

— Algo me diz, — disse com voz zombadora, embora estivesse zombando de si mesmo — algo me diz que se deixá-la ir agora me arrependerei a vida toda.

— Até agora nunca foi difícil para você me deixar.

— Não. Mas as coisas mudaram. Você mudou.

— Procurarei não decepcioná-lo — prometeu asperamente ao mesmo tempo em que o empurrava para recuperar sua liberdade. Sentiu que havia ganhado a batalha.

Mas Conar não queria deixar tudo tão fácil.

— Quero uma esposa dócil, querida — disse inclinando-se de novo sobre ela.
— Banhada e perfumada; esperando-me e disposta.

Ela o olhou em silêncio, enquanto esperava que se afastasse.

— Prometa Melisande.

— Prometo!

Conar sabia que se arrependeria se a deixasse ir e apertou os dentes em um violento esforço por conter o desejo que ainda ardia nele.

Pensou na promessa que ela acabava de lhe fazer.

Era muito intrigante. Teria que comprovar se a cumpriria voluntariamente.



Levantou-se e estendeu a mão. Melisande se levantou, olhou em volta e se voltou lhe dando as costas, mas ele a pegou pelo braço.

— Vou apenas procurar meu cavalo.

— Acredito que podemos ir no meu. Seu cavalo nos seguirá.

Conar sabia que ela queria discutir sua decisão, que queria discutir todas e cada uma de suas sugestões, mas desta vez manteve silêncio. Quando a montou em Tor e saltou à sela atrás dela, Conar percebeu que Melisande estava tremula e rígida. Esporeou Tor para sair do rio. Suas roupas estavam empapadas. Encontraram à égua branca de Melisande atada à borda do rio e Conar agarrou as rédeas para levá-la com eles até a fortaleza.

Melisande manteve silêncio durante todo o caminho e tentou em vão manter uma distância entre ambos. Finalmente chegaram à bela fortaleza de seu irmão situada junto ao mar, ultrapassaram as portas e se detiveram diante da torre principal.

— Por que decidiu repentinamente vir me buscar? — perguntou ela com um tom suspicaz na voz.

Conar não respondeu e ela se voltou para encará-lo

— Direi a você esta noite, querida — prometeu.

Melisande praguejou em voz baixa enquanto tentava desmontar, mas Conar a mantinha segura e a impediu. Então desmontou e estendeu a mão para ajudá-la a descer.

— Não necessito sua ajuda.

— Ceda ao menos uma vez, Melisande. Tenhamos um pouco de paz!

Ela o olhou fixamente e moveu a cabeça em um gesto de negação. Seus olhos lançavam raios.



— Agora procura a paz? Não a encontrará comigo. Abandonou-me e maltratou-me durante muito tempo.

Conar esboçou um sorriso. Sem esperar seu consentimento, abraçou-a firmemente pela cintura, levantou-a da sela e estreitou seu corpo molhado sem deixar que seus pés tocassem o chão. Melisande não pôde evitar apoiar suas mãos nos ombros também molhados de Conar.

— Não se sentirá abandonada de agora em diante — prometeu. — Mas tome cuidado, porque talvez os mal entendidos acabem de começar.

— Conar!

Era a voz de seu irmão Eric. Conar deixou Melisande no chão, e imediatamente ela fez menção de soltar-se. As longas mechas de cabelo molhado se agitaram no ar com a veemência de seus movimentos e atingiram Conar na face, então ele a abraçou pelos ombros enquanto secava a bochecha com a mão e a atraiu para si com firmeza. Eric avançou para eles com o cenho franzido.

— Vejo que encontrou a sua esposa — disse. — Você está bem?

A pergunta era plenamente justificada. As roupas de ambos estavam completamente molhadas.

Conar sorriu e separou do rosto de Melisande uma mecha de cabelo negro acariciando-o suavemente com seus dedos.

— Perfeitamente, Eric. Melisande estava tão ansiosa para me dar as boas vindas quando me viu que nos fez cair no rio.

Ela, com todos os músculos tensos, tremeu subitamente ao sentir sua carícia, mas não desmentiu suas palavras. Ao perceber que estava gelada, Conar a empurrou levemente e disse:

— Entre querida, e tome um banho. Estarei com você em um instante.

Ela caminhou rapidamente para a torre.



— Entre você também — disse Eric passando um braço pelos ombros de seu irmão. — vamos saborear um pouco desse delicioso vinho que me trouxe.

— Estou molhado, Eric...

— Mandarei que levem o vinho a seus aposentos.

Entraram juntos no salão, onde Rhiannon estava dando instrução para a colocação dos lugares à mesa, e se detiveram um momento enquanto Eric lhe explicava que Conar e Melisande haviam caído no rio.

— Já me dei conta — disse Rhiannon. — Disse a sua esposa que fosse ao seu quarto e pedi que lhe preparasse um banho quente. — vacilou um momento e olhou para Conar com curiosidade. — É a ultima porta à esquerda das escadas. Mandei que levassem suas coisas ao quarto contiguo ao dela. Há uma porta sob a tapeçaria que comunica os dois aposentos. Esta bem assim?

Conar abraçou a sua cunhada pelo ombro e lhe deu um beijo no rosto cuidando de não molhar seu formoso vestido azul.

— Perfeitamente — disse.

— Em seguida levarão a banheira e a água quente.

— E... — começou Eric.

— E o vinho, querido marido — completou Rhiannon com um sorriso.

— Obrigado, querida — disse Eric agarrando-a nos braços sem dificuldade e beijando-a com ternura nos lábios. Ao vê-los juntos, Conar sentiu uma pontada no coração e percebeu pela primeira vez de que estava com ciúmes de seu irmão. Não porque se estabeleceu naquelas terras fazendo ali seu lar, mas sim porque o havia feito com tanta... Felicidade. Servia a um grande rei, governava um condado poderoso e tinha o amor de uma linda mulher, elegante e loira como o ouro. Tinha um filho forte e são e uma garotinha. Havia na casa uma calidez que parecia irradiar das lareiras, e as risadas chegavam até os rincões mais frios do lugar.



Conar não havia procurado esse calor até então. Não teve do que ansiava até esse preciso instante. Estivera muito ocupado, lutando no Eire no cumprimento de suas obrigações, e passando o resto de seu tempo em suas terras, movido unicamente pelo desejo de manter seu domínio sobre elas.

As terras de Melisande.

Agradeceu a Eric e, apertando os dentes, subiu pelas escadas diante de seu irmão. O acusava agora de abandono. Que mais poderia fazer? Quando se casaram, Melisande era muito jovem. Teve que deixá-la crescer.

Quando chegou ao seu quarto, situado em um dos últimos pisos, seguido por seu irmão, Conar descobriu que os serventes de Eric estavam acabando de encher a banheira de madeira com um caldeirão de água quente. Despiu as roupas molhadas e se meteu na banheira, suspirando. Seu irmão lhe serviu uma taça de vinho e Conar sorriu.

— Seria uma esposa ideal, Eric, rebento do Lobo!

Eric o olhou severamente, com o cenho franzido, e em seguida tornou a rir.

— Irmão, lamento dizer que deve faltar algo em sua vida se basta tão pouco para te agradar. — sentou-se em uma cadeira esculpida frente à lareira e apoiou os pés em um tamborete forrado com pele de cervo. Elevou a taça sem deixar de sorrir. — A sua saúde, Conar.

— À sua — replicou ele. Calou-se um momento, e depois deu de ombros. — Faltam muitas coisas em minha vida, — murmurou — , mas quando olho para trás me dou conta de que não há muito que eu pudesse ter feito para mudar a situação.

Eric levantou uma mão, Reclinou-se comodamente na cadeira e também deu de ombros.

— Não vejo a causa de seu descontentamento. Já o chamam de Lobo dos Francos, o grande salvador da casa de Vestfold. Ganhou uma excelente reputação



lutando junto a nosso pai e a tio Niall. Segundo eu soube você venceu aos dinamarqueses com tanta superioridade em seu primeiro encontro com eles na costa da França que todo mundo está falando disso.

Conar mergulhou na água para molhar o rosto e deixou que o vapor o envolvesse. Voltou a sair e piscou para tirar a água quente dos olhos.

— Ter é uma coisa e conservar outra. — disse abatido. Tamborilou com os dedos na borda da banheira e olhou para Eric. — Desde o dia em que, a convite de Manon, sai com meus navios para a costa da França, quando venci aos dinamarqueses e ganhei as terras, não deixei de ouvir informes sobre a formação de um enorme exercito de dinamarqueses que se preparam para invadir o reino dos francos no caminho para o coração da própria Paris.

— Eu também ouvi esses rumores — disse Eric. — O rei Alfredo está bem preparado aqui, no reino meridional. Muitos dinamarqueses se cansaram de tentar derrotá-lo e andam em busca de terras mais fáceis. Há muito poucas coisas que mantenha unido o país dos francos, que é o teu agora, Conar. Os nobres francos estão muito divididos, e as terras também desde que tudo se repartiu entre Lotário e seus irmãos, os herdeiros de Carlos Magno. O poder está agora centrado em propriedades como a sua e em mãos de nobres poderosos, como você é agora.

— Talvez — disse Conar com um suspiro arqueando uma sobrancelha. — Fiz uma aliança com um desses nobres, o conde Odo, e acredito que ambos defenderemos nossas terras até o final. Mas também tenho inimigos.

— Geoffrey, o filho de Gerald, o conde que possui as terras que confinam com as tuas — replicou Eric imediatamente.

— O que soube? — perguntou Conar surpreso.

Eric deu de ombros.



— Há muita gente viajando pelo mundo, irmão, malabaristas, histriões, músicos... Para não falar de nossa família: nossos parentes são numerosos e espertos. Além disso, escreveram um longo poema que fala de você e de como salvou a sua mulher das mãos do inimigo.

— Ah, sim? O poema conta isso?

— Bom — replicou Eric levantando-se para encher novamente a taça de Conar. — O poema conta isso. Mas observei Melisande durante uma interpretação e me pareceu que, em sua opinião, se havia limitado a trocar um inimigo por outro.

Conar olhou rapidamente para Eric, era evidente que seu irmão se divertia com a situação. Segurou com força a borda da banheira em um intento de dominar a cólera, pois, por um instante, pensou em saltar fora dela e lançar-se sobre Eric. Ele e seus irmãos haviam lutado entre si desde pequenos, mas já não eram crianças. Além disso, Eric estava tentando provocá-lo.

Recostou-se comodamente na banheira e cobriu os olhos com a luva branca.

— Se não se lembra bem — murmurou pensativo, — sua esposa não estava precisamente apaixonada por você quando se viram pela primeira vez. De fato, acredito que algum de nossos espertos parentes comentou que lhe havia atravessado a coxa com uma flecha.

Sentiu sobre sua cabeça uma mão disposta a afundá-lo na água, e riu a gargalhadas, depois submergiu e voltou a sair jogando a luva sobre Eric e molhando com isso a túnica e a camisa.

— O que se tem que aguentar quando se faz parte uma família numerosa!

Conar sorriu, mas ficou sério em seguida.

— Sei que pensa que a tratei com crueldade.

— É difícil saber o que pensa. É elegante e educada, mas se mostrou distante comigo. Gosta da companhia de Rhiannon e de Daria, e também de Bryce.



Diverte-se muito com as crianças, e quando as pega nos braços tem um olhar terno e cálido. Mas, apesar de sua proximidade com Daria e Rhiannon, não acredito que compartilhe com elas seus pensamentos. — deu de ombros. — Afinal, Daria é sua irmã tem seu mesmo sangue. Até um parvo se daria conta de que a nossa é uma família muito unida, e Melisande não é tola. É mais, é uma mulher extremamente inteligente, com um grande talento para muitas coisas. Vi-a no pátio com Bryce aprendendo a manejar a espada, e posso assegurá-lo que lhe ensinou vários movimentos.

Conar moveu a cabeça com irritação.

— No dia em que a conheci usava uma cota de malha dourada. Estava à frente de suas tropas... E se havia jogado literalmente nos braços do inimigo. É tão difícil entender que tenha tentado mantê-la em lugar seguro? — franziu o cenho e lançou uma rápida olhada a seu irmão. — Além disso, irmão ensina mais coisas que golpes de espada. Quando cheguei ao rio, o jovem parente de Rhiannon havia sucumbido a seus encantos.

- Gregory.

- Estava lhe ensinando o jogo da sedução.

- A Gregory? — exclamou Eric sobressaltado.

- Não se alarme. Estou convencido de que estava fazendo um ultimo esforço por seduzi-lo e convencê-lo de que a salvasse de mim de algum jeito. Acredito que ele é inocente. Não hesitou um instante em suplicar meu perdão.

- É apenas um menino...

- Sim — disse Conar, enquanto Eric suspirava. — Mas na sua idade você eu já havíamos lutado muitas vezes junto a nosso pai.

- Nosso pai sabia o que nos esperava. O rei Alfredo está agora sedento de conhecimentos. Lutou e trabalhou duro e quer recuperar o tempo perdido com



músicos, matemáticos e homens cultos. Acredito que seu desejo é que Gregory se faça sacerdote, embora deixe que a escolha seja dele. Contudo, devo-lhe minhas mais humildes desculpa, Conar, porque sua condessa se encontra sob meu teto...

- Por vontade própria, Eric. Veio aqui para destruir meus planos, eu a conheço muito melhor do que pode imaginar. Você não falhou comigo em nenhum sentido, irmão. — hesitou um momento. — Sou consciente de que me considera um monstro. Um monstro viking. Entretanto, Eric, nunca pretendi ser cruel com ela, embora me provocasse muitas vezes. Há tantas coisas em jogo! Gerald era parente longínquo de seu pai, e apesar disso não hesitou em assassiná-lo. Sei que seu filho cobiça as terras de Manon, e também a Melisande.

- Mas a Igreja não reconheceria nunca o casamento entre Melisande e Geoffrey, embora ela estivesse livre para casar-se!

Conar negou com a cabeça.

- Não estou seguro de que compreenda realmente qual é a situação ali. No Eire há muitos reis, mas a maioria deles reconhece a autoridade do Ard-Ri; aqui o rei Alfredo lutou não só para governar, mas também para ditar leis que façam possível a convivência; mas não ocorre o mesmo na França. Tem razão quando diz que as terras dos francos estão divididas. Os reis são fracos, os nobres criaram suas próprias fortalezas para defender-se dos invasores e só os mais fortes sobreviverão.

- Assim é o mundo, irmão — disse Eric.

- O que ocorre é que, se Geoffrey conseguir raptar a minha esposa, é muito provável que encontre a forma de conservá-la. E se pensasse que tem mais a ganhar com sua morte que com sua companhia, acredito que não hesitaria em lhe cortar o pescoço.

- Acha realmente que iria tão longe?



- Não estou seguro. O que sei é que aproveitará qualquer ocasião para sequestrá-la.

- Mas os demais nobres permitiriam isso?

Conar negou lentamente com a cabeça.

- Essa é uma das razões pelas quais vim procurá-la. Vou levá-la a Rouen como convidada do conde Odo, ali renovaremos nossos votos de casamento ante alguns convidados escolhidos. Odo pensa que com isso confirmará meu domínio sobre Melisande... E sobre as terras. Afinal ela é a herdeira — admitiu com ironia.

- É a herdeira — concordou Eric. — mas talvez você já tenha pagado mais do que imagina por seu direito de propriedade sobre a fortaleza. E esquece algo.

Conar arqueou as sobrancelhas.

- Esquece que você por si só é poderoso. É o neto de um notável Ard-Ri do Eire, filho do poderoso rei de Dubhlain, e príncipe da casa de Vestfold da Noruega.

- E bem? — perguntou Conar.

- Isso significa que, se os dinamarqueses lançarem suas hordas contra você, mais de um se surpreenderá ao ver quantos guerreiros irão em sua ajuda.

Conar sorriu recostando-se de novo comodamente na banheira.

- Obrigado — disse olhando a seu irmão.

- Não tem de que. Suponho que não ficará muito tempo conosco.

Conar negou com a cabeça.

— Acredito que chegou o momento de que Melisande e eu reivindicemos juntos meus direitos sobre a fortaleza. Quando antes se santificar nossa união, e Odo acredita que é um passo indispensável, mais fácil será. Sei que o momento da verdade se aproxima que Geoffrey se unira aos dinamarqueses. Não penso dar asas a seus sonhos nem a seus desejos de vingança. Deve ficar inteiramente claro que Melisande me pertence.



- Certo — murmurou Eric. — Então deve partir com a maré. Posso fazer uma sugestão?

- Claro.

- Um herdeiro seria um excelente argumento para assegurar seu domínio sobre essas terras.

- Sou plenamente consciente disso, irmão.

- Já adiou muito tempo este assunto.

- Confie em mim, não o adiarei mais.

- Muito bem — disse Eric dirigindo-se para a porta. — Se a noite se encher de gritos, procurarei convencer a minha esposa de que não você está cortando o pescoço de Melisande.

- Não tem nada melhor a fazer que me atormentar? — grunhiu Conar.

- Já vou, Conar. O verei lá embaixo, no salão. Jantamos cedo, então se apresse. Acredito que o jantar de hoje pode ser divertido!

Eric saiu do quarto sorrindo. Conar contemplou a tapeçaria que pendia de um lado ao outro da parede ocultando a porta que comunicava os dois quartos e se perguntou se Melisande sabia de sua existência. Sorriu lentamente convencido de que a ignorava completamente.

Sentiu a tentação de sair da banheira e comprovar imediatamente, nu e molhado, se estava certo. Mas havia esperado muito tempo e havia conseguido lhe arrancar uma promessa: esperaria uma hora mais para poder exigir que cumprisse sua palavra.

Saiu da banheira, porque a água estava esfriando e a pele ficando enrugada. Vestiu-se com simplicidade, com uma camisa, uma túnica e meias e, seguindo um costume que não abandonava nem sequer na casa de seu irmão prendeu a espada à cintura. Sempre a levava consigo, inclusive em sua própria casa; a espada e a adaga



presa no tornozelo. A paz não estava garantida, nem sequer na Inglaterra. Havia sido bem treinado, por isso sabia que devia estar sempre em guarda.

Apesar de todas essas precauções, quando chegou ao salão pouco depois estava vestido tão à vontade como seus irmãos, Bryce, Bryan e Eric. Ali estava também sua irmã Daria. Não era tão alta como Melisande, mas tinha uma figura esbelta, dotada de elegância. Usava uma túnica e um vestido de tons amarelo vivo e dourado que realçavam a cor azul de seus olhos brilhantes. Conversava com Bryan e Bryce, e Conar observou que formavam um belo grupo. Bryan e Bryce eram morenos como sua mãe e Eric e Darya loiros como seu pai. Eram uma família muito unida, talvez pelo isolamento que haviam sofrido em certas ocasiões ao ter que enfrentar aos que às vezes censuravam suas origens norueguesas ou sua ascendência irlandesa.

Brenna e Mergwin conversavam absortos junto à lareira. Fazia tempo que não se viam e era natural que tivessem muito sobre o que falar.

“Planejando nosso futuro”, pensou Conar.

Swen, que viera com ele, brincava com Bryce e Bryan. Rhiannon se aproximou para recebê-lo e o beijou no rosto, dando-lhe mais uma vez as boas vindas. Deslizou delicadamente uma mão sob seu braço.

- Pus você a meu lado, querido cunhado vagabundo. Melisande se sentará entre Bryce e você.

- Onde está minha esposa? — sussurrou-lhe Conar ao ouvido inclinando-se para ela.

Rhiannon o olhou arqueando uma sobrancelha.

- Estou certa de que descerá logo.

Mas Melisande não desceu. Rhiannon pediu que esperassem para servir a comida e depois, algo nervosa, murmurou que enviaria a um dos serventes para ver



se ela estava bem. Uma jovem com o cabelo trançado subiu para cumprir a ordem e voltou ao salão um pouco depois.

— A senhora Melisande pede que comecem a comer sem ela — disse fazendo uma breve reverência ante Rhiannon. — Se sentiu mal de repente e pede que perdoem sua ausência esta noite. Deitou-se e vai tentar dormir.

Fez-se um incomodo silêncio no salão e Conar sentiu que todas os olhares se dirigiam para ele.

— Não posso acreditar que realmente queira perder o jantar. — disse forçando um sorriso cortês. Inclinou-se ante Rhiannon. — Me perdoe um momento. Vou ocupar-me dela pessoalmente e tentar convencê-la a se juntar a nós.

Subiu as escadas rapidamente tentando conter sua fúria, em seguida cruzou o corredor até a grande porta de madeira do quarto de Melisande. Pensou em derrubá-la com o ombro e saltar sobre sua esposa, em vez disso, Respirou fundo, bateu energicamente com os nódulos dos dedos e esperou sua resposta.

Ela respondeu um gemido abafado.

- Sou eu, Melisande. Abra a porta.

- Não posso. Não posso ficar em pé.

Hesitou um instante, tinha os dentes tão apertados que se perguntou se conseguiria separá-los outra vez. Não queria derrubar portas na casa de seu próprio irmão, mas, certamente, se estivesse na sua, não teria vacilado em fazê-lo.

Não pensava descer sem ela. Caminhou pelo corredor até seu quarto, entrou e foi até a tapeçaria. Afastou-a de um golpe e viu a pequena porta. Agachou-se, porque era muito baixa para ele, e deslizou à sala contígua. Afastou uma segunda tapeçaria e irrompeu no quarto de Melisande.

Ela nem o viu nem o ouviu entrar. Acabava de banhar-se e estava sentada ao pé de sua cama vestida com uma linda túnica prateada sobre um vestido azul. Estava



escovando a larga cabeleira sem deixar de olhar para a porta, pois se sentia inquieta porque esperava uma reação violenta de Conar e rezava para que ele não entrasse temerosa do que pudesse ocorrer se o fizesse.

Conar ficou imóvel, olhando-a, com os braços cruzados sobre o peito. Um momento depois, Melisande se levantou e atravessou o quarto. Deteve-se frente a uma das janelas e olhou para o pátio. Os últimos raios de sol arrancaram brilhos azuis de sua cabeleira e criaram belas sombras em seu rosto. Conar sentiu que lhe alagava a mesma onda de desejo que umas horas antes junto ao rio. Havia algo nela que atraía irresistivelmente o olhar, um poder de sedução mágico, algo que vibrava com uma sensualidade grácil e premente.

Era sua esposa.

Conar se obrigou a admitir que Melisande continuava sendo tão hostil como sempre. A promessa que havia feito não parecia significar nada para ela. Tinha a face pálida, sim, mas só porque estava à espera de seu próximo movimento.

Melisande se voltou e o viu. De seus lábios saiu um pequeno grito de surpresa, enquanto seus olhos iam rapidamente de Conar à porta e da porta a Conar. Mordeu o lábio inferior.

- Estou terrivelmente aflito por vê-la tão doente — disse ele.

A palidez de sua face deu lugar a um rubor violento.

- Talvez tenha sido a água. Lamento muito. Terá que me perdoar esta noite...

- Naturalmente, querida. — atravessou o quarto em grandes passos e lhe pôs a mão na face. — Que bom! Não parece que tenha febre. Apesar de tudo, deixe que te dispa. Mandarei avisar que não vou jantar e ficarei aqui com você.

— Não! Não pode fazer isso. Desça com sua família e desfrute de sua companhia...



— Como? Deixar-te aqui? Abandonar-te agora quando está doente?

— Abandonou-me durante anos! — disse bruscamente, esquecendo momentaneamente seu estratagema.

Conar sorriu.

— Ah! Reconheço de novo a minha adorável esposa, em perfeito estado aparentemente. Muito bem. Tem duas opções, querida. Ou segura meu braço e desce comigo ao salão, ou pode se despir agora mesmo e se deitar na cama comigo. De fato, prefiro mais a segunda opção.

— É desprezível! Dúvida de minha palavra...!

— Efetivamente.

— Digo a você que não me encontro bem...

— Estou seguro disso. Minha aparição aqui deve ter lhe causado uma boa dor de cabeça. Prometo que me ocupar disso depois. Então, Melisande, que escolhe?

Ela pôs-se a correr para a porta, mas se deteve o comprovar que o ferrolho continuava fechado. O olhou fixamente.

— Naturalmente, querida, há uma entrada desde meus aposentos. Não esqueça que estamos na casa de meu irmão.

Melisande puxou o ferrolho e abriu a porta de repente.

— Um momento, meu amor! — chamou Conar.

Ela se deteve e se voltou para ele.

Conar avançou até ela e lhe levantou o queixo com o dedo indicador. Sabia que o que Melisande queria era afastar sua mão de um golpe, mas ficou imóvel fervendo de indignação.

— O que, senhor?

— Deu-me sua palavra, querida, de que esta noite cumpriria com seu dever de esposa. Sua palavra, Melisande.



— Não me encontro bem — insistiu altaneiramente.

— Querida, a menos que esteja morta e fria como a pedra, cumprirá o que me prometeu.

Melisande elevou mais ainda o queixo e seus olhos lançaram raios de ira.

— Você esta sendo muito descortês — murmurou furiosamente. — Está se comportando como um...

— Viking?

Ela o olhou em silêncio.

— Pode ser. Entretanto, eu acredito que estou me comportando como um marido, nem mais, nem menos.

— Há coisas que estão no sangue — resmungou Melisande.

Ele soltou uma gargalhada que soou falsa e empurrou a porta para dar-lhe passagem, enquanto fazia profunda reverência.

— Talvez. Seja como for, querida, cuidarei para que cumpra sua palavra.

CAPÍTULO 12

Conar alcançou Melisande antes que chegasse às escadas e a segurou pelo ombro para detê-la.

— Desceremos juntos, querida.

Ela baixou a cabeça em silêncio e suas abundantes pestanas negras lhe cobriram os olhos. Conar sabia que lhe estava custando um grande esforço não responder. Antes que tivessem chegado na metade da escalinata, Melisande levantou a cabeça para olhá-lo, de seus olhos saíram raios de ira.

— Suponho que descemos juntos porque somos um casal meigamente unido — lhe desafiou Melisande com uma voz entre suave e zombadora. — Que curioso! Todos os que estão no salão sabem que não somos mais que estranhos.

— Alguns sabem que não seremos estranhos por muito tempo — disse ele laconicamente. — Meu irmão está inclusive advertido de que não deve inquietar-se se ouvir gritos durante a noite.

Melisande se ruborizou ao ouvi-lo e os cílios voltaram a ocultar seus olhos.

— Você tem que discutir tudo com sua família?

— Acaba de me dizer que todos sabem que somos estranhos — replicou sorrindo. Seus olhares se cruzaram de novo — Comporte-se — advertiu. Tinham chegado ao pé da escada e estavam já frente ao salão, onde outros esperavam em seus respectivos lugares ao redor da mesa.



— Melisande! — disse Rhiannon com preocupação ao mesmo tempo em que se levantava e corria para ela. — Está segura de que está melhor? — Tocou-lhe o rosto. — Não tem febre?

— Parece que não lhe caiu muito bem o banho no rio, — disse Conar suavemente— mas agora está decidida a jantar conosco.

Melisande cravou nele um olhar fulminante, e depois sorriu para Rhiannon.

— Já sabe que eu adoro sua companhia, Rhiannon.

Os dedos de Conar lhe apertaram com força o braço,

— Eles já estão a bastante tempo esperando a sua. Vamos sentar querida?

Não era uma pergunta. Conduziu-a até as cadeiras que lhes correspondiam na longa mesa disposta em forma de semicírculo. Ela se sentou, e Conar percebeu o sorriso que dedicou a Bryce. Sentiu uma pontada de inveja ao pensar que ela estava mais próxima do irmão mais que dele, e teria se deixado levar pelo ciúme se não tivesse uma fé cega em todos seus irmãos; sabia que podia lhes confiar sem dúvida nenhuma sua própria vida e a de sua esposa.

Melisande não demorou a lhe voltar às costas para falar com Bryce de cavalos e discutir com ele algumas questões de história. Conar escutou durante um momento sua conversa e em seguida se voltou para Rhiannon, que estava sentada a seu lado.

— Deve ter paciência — sussurrou ela olhando-o com seus brilhantes olhos prateados. — Pelo que eu sei querido irmão, comportou-se como um tirano.

Conar arqueou uma sobrancelha e o sorriso do Rhiannon se fez mais amplo.

— Recorda-me tanto Eric e a seu pai, por esses arrebatamentos de indignação que sente quando está convencido de que fez o que devia. Dê-lhe uma oportunidade e talvez descubra que você gosta de sua esposa.

Ele devolveu o sorriso lentamente e falou com suavidade.

— Nunca disse que eu não gostava. De fato, estou enfeitiçado por ela.



— Ah, enfeitado! — replicou Rhiannon. Estava casada há muito tempo com Eric e não temia ser atrevida com a selvagem família de seu marido. — Não falei de desejo, querido. Sua beleza despertaria a um morto. Refiro-me a que você goste de sua esposa. Não se ofenda Conar, porque falo pelo afeto que tenho a ambos. Conar lhe apertou a mão.

— Suas palavras nunca me ofendem, minha loira irmã. Mas não me desgosta minha esposa, simplesmente, — interrompeu-se e em seguida encolheu os ombros — Simplesmente me tira do sério cada vez que pode. Para ela não sou mais que um viking.

Rhiannon estendeu o braço para sua taça, bebeu um pouco de vinho e o esquadrinhou com o olhar.

— Tem que tentar imaginar o que é vir de uma família diferente da tua. Desde que Lindesfarne foi atacada no ano 797, todos vivemos temendo a fúria dos normandos. Frequentemente é difícil aceitar que um deles possa ser um aliado. — Conar a olhou fixamente e ela continuou — Conar tem que admitir que os vikings são invasores que profanam os cadáveres de seus inimigos, saqueiam grandes cidades, violam, roubam e matam.

Eric se inclinou de repente para olhar a seu irmão da cadeira vizinha a de Rhiannon.

— Está falando de mim outra vez?

Conar negou com a cabeça.

— Não. Acredito que nesta ocasião se refere a mim — respondeu.

Rhiannon esboçou um sorriso e Eric a beijou suavemente nos lábios. Conar se voltou para não perturbar esse momento de ternura. Estendeu a mão para a taça situada entre ele e Melisande, a que deviam compartilhar segundo o costume, e seus dedos roçaram os de sua esposa. Seus olhares se cruzaram e Conar se apercebeu de



que ela não escutara Bryce nem prestara a menor atenção às palavras de Rhiannon. Estivera olhando para o extremo da mesa onde estavam Mergwin e Brenna.

Mas agora, com o olhar fixo nos olhos de Conar, afastou os dedos da taça como se o contato com a mão dele a tivesse queimado.

— Por favor — disse Conar— Beba você primeiro.

— Não, senhor — replicou— Você sempre antes.

Conar levantou a taça e a estendeu.

— Beba o vinho, Melisande, parece que precisa.

Ela pegou a taça e bebeu grandes goles e em seguida a devolveu vazia.

Melisande lhe deu as costas no preciso instante que Bryce perguntava a Conar quais os seus planos.

— Pensa ficar uma temporada? Quando ia responder, recordou a grande curiosidade de Melisande por esse tema e respondeu de maneira evasiva.

— Não estou seguro. Já sabe que tudo depende do vento.

Bryce franziu o cenho, pois embora soubesse que o vento e as marés determinavam sem dúvida a navegação, também lhe constava que Conar era capaz de navegar mesmo que o estado do mar não fosse o mais adequado. Não insistiu e disse a Conar quanto lhe alegrava vê-lo.

— Sim, estou contente por ter vindo. Sei que também Melisande está encantada de ver-me. Esteve tão... Abandonada... Ultimamente.

Ela desviou o olhar para Bryce.

— Não tenho palavras para expressar minha alegria — disse.

Conar, consciente de que Melisande sentia tudo menos alegria, sorriu enquanto cravava um pedaço de carne com a pequena faca que tinha a seu lado. A mesa estava coberta de bandejas de carne de javali, veado, coelho e diversas aves, todas elas perfeitamente temperadas e assadas a fogo lento. “Assim deve ser uma casa”,



pensou, e sentiu que lhe fervia o sangue— Teria que descobrir que interesse demonstrava Melisande pelos assuntos domésticos! Estava seguro de que sua principal preocupação era garantir o poder de dirigir o castelo, vestir sua cota de malha e impedir por todos meios que ele exercesse autoridade nenhuma.

Conar se perguntou se não estaria sendo injusto com sua esposa ao julgá-la assim; tinha estado muito tempo afastada de sua casa, afastada dele.

— Decidi que necessitarei de muito vinho. — disse.

— É mais que possível lhe tragam mais.

Rhiannon havia dito que se fizesse um esforço talvez descobrisse do que sua mulher gostava.

Conar sabia o que, de fato, Melisande gostava. Tirava-o do sério, mas sua hostilidade era aberta e honesta. Desafiava-o como poucos homens ousavam fazê-lo. Tinha coragem, mas precisamente essa coragem era o que tanto o fazia temer por sua segurança.

Ela percebeu então que Conar a estava observando e se voltou para ele. Ruborizou-se e voltou a estender o braço para pegar a taça. Conar a tirou das mãos.

— Quero que esteja à vontade e relaxada — disse suavemente. — Não que desmaie antes de poder cumprir sua promessa.

— Nunca estarei à vontade e relaxada com você — ela assegurou com veemência.

— Então terá que aprender a fingir que está — replicou ele desejando uma vez mais poder dominar-se.

Fez-se um repentino silêncio. Um jovem entrou na sala e, do centro da mesa semicircular, fez uma profunda reverência a Eric e Rhiannon. Falou na língua saxã do povo da anfitriã, mas com um acento que delatava sua origem irlandesa. Apresentou-



se como William, filho do Padraic, senescal a serviço do Eric MacAuliffe, e lhes disse que ia recitar para eles.

Essa noite cantaria a gesta de outro MacAuliffe, o conde Conar, que acabava de chegar com seus navios.

Do fundo da sala, um músico começou a tocar o alaúde acompanhando com uma suave música de fundo às palavras do jovem. O bardo narrou como Conar defendera seu pai e a sua família, das terras ricas e férteis do Eire e depois, como todo bom narrador, contou suas façanhas, seu excelente domínio da espada e sua oportuna chegada à costa da França, onde salvara uma jovem em graves apuros e vingara a morte de seu pai, para depois tomá-la como esposa. Quando acabou, dirigiu-se a Melisande e lhe disse suavemente que um valente guerreiro havia desposado a uma beleza excepcional. Ato seguido voltou a fazer uma profunda reverência e todos os comensais aplaudiram seu relato.

Todos, salvo Melisande, que se manteve imóvel com as mãos entrelaçadas no regaço olhando fixamente ao jovem senescal.

Levantou-se bruscamente, rodeou a mesa e perguntou com amabilidade ao músico se podia lhe emprestar o alaúde.

— Esta deve ser sua forma pessoal de lhe dar as boas vindas— sussurrou Bryce. Conar franziu o cenho e Bryce esboçou um sorriso. — Frequentemente canta para nós. Tem uma voz de anjo, você verá. De verdade, Conar, você esteve fora muito tempo.

Em efeito, assim tinha sido. Soube em seguida. Melisande tinha efetivamente voz de anjo, firme e doce. Cantava com tanta naturalidade como se estivesse falando e seus dedos deslizavam com facilidade sobre as cordas do alaúde. Entoou uma canção tão bela que Conar demorou um tempo em prestar atenção à letra.



Falava de um desventurado guerreiro, nascido para viver e morrer navegando, que em uma de suas incursões foi derrotado em um mar hostil. A canção relatava a captura de navios dinamarqueses pelo rei Alfredo. A primeira vista, não havia nada de errado nela. Entretanto, Melisande não chamava de dinamarquês ao invasor, mas de viking, por isso a canção se referia a um viking que recebia seu justo castigo.

O viking não era outro senão o próprio Conar.

Todos os comensais aplaudiram com entusiasmo uma vez mais quando acabou de cantar. “Naturalmente”, pensou Conar. Tinha cantado como uma cotovia, e era a própria imagem da beleza: o fogo iluminava sua cabeleira arrancando brilhos azuis e negros e tinha os olhos azuis pálido muito abertos, rodeados por abundantes cílios azeviche. Sorriu e a curva de seus lábios apareceu enfeitiçá-lo, irresistível.

Devolveu o alaúde a seu dono e se deteve em um dos extremos da mesa para falar com Daria. Conar observou que Mergwin, franzindo suas sobrancelhas brancas em uma expressão de perplexidade, não tirava os olhos da sua esposa.

Foi então quando Melisande levou a cabo a autêntica representação da noite: interrompeu sua conversa com Daria e levou subitamente o dorso da mão à testa, enquanto com a outra apertava o estômago. Soltou um suave gemido. Conar se inclinou para observar mais atentamente suas feições.

Bryce já se pusera em pé e corria para ela. Daria se levantou para lhe ceder sua cadeira e pediu água fria para lhe pôr uma compressa na testa. Rhiannon não demorou em estar a seu lado.

— Não é nada, de verdade — assegurou Melisande recuperando seu doce sorriso.

Em efeito, não era nada, não havia a menor dúvida. Mas todos estavam junto a ela preocupados com sua saúde.



Conar se levantou, entrecerrou os olhos e a olhou de longe. Ela ficou em pé de repente.

— Se me desculparem acredito que só necessito dormir. Lamento-o, precisamente hoje, a primeira noite de Conar aqui...

— Conar? — Rhiannon se voltou para ele com uma expressão de preocupação, o proibindo com o olhar que se atrevesse a incomodar a sua esposa.

— Sim, acredito que deve ir para a cama imediatamente — disse Conar cortesmente. Rodeou a mesa e se deteve detrás da cadeira do Mergwin em lugar de aproximar-se de Melisande.

— Eu a acompanharei Melisande. Conar pode ficar aqui — disse Daria. Deus! Como podia sua própria irmã acreditar que Melisande estava realmente preocupada com ele? A única coisa que queria era mantê-lo à distância!

Conar pôs as mãos nos ombros de Mergwin.

— Está doente? — perguntou em um tom de voz que só o velho druida pôde ouvir.

— Talvez esteja fraca pela excitação... — disse Mergwin.

Conar apertou com os dedos os ombros do extraordinário ancião que tinha ajudado a criá-los a todos.

— Está doente? — repetiu.

— Não — admitiu Mergwin.

— Obrigado — murmurou Conar.

Avançou entre os pressente a grandes passadas e viu a expressão de alarme nos olhos de Melisande quando a pegou sem esforço em braços.

— Se está mal, querida, não deixarei que suba todas estas escadas sozinha. Poderia cair e se machucar, Melisande, e não sabe como o lamentaria.



— Mas acaba de chegar! — gritou. — Mal teve tempo de ver seus irmãos ou a sua irmã. Deve ficar com eles um momento.

— Estou seguro de que compreenderão.

— Claro, Conar — disse Rhiannon imediatamente — Devo mandar algo? Há alguma coisa que possa fazer?

— Acredito que Melisande tem razão — respondeu com firmeza olhando fixamente a sua esposa. — Cuidarei de que uma boa noite na cama lhe baixe a febre. Muito obrigado a todos e boa noite — disse, saindo rapidamente com Melisande do salão.

Ela guardou silêncio enquanto subiam pelas escadas, mas seus dedos se aferraram à manga da camisa de Conar enquanto o olhava furiosa. Ao Conar não importava sua ira, lhe tinha feito uma promessa e a cumpriria.

Chegou ante a pesada porta com a qual lhe tinha barrado a entrada pouco antes e, sem deixar de olhá-la um instante, abriu-a de um empurrão com o ombro. Atirou-a na cama sem muito cuidado e foi fechar a porta. Quando se voltou, Melisande estava de pé procurando, evidentemente, o lugar pelo que ele tinha entrado antes para escapar.

Conar atravessou rapidamente o quarto até ela.

— Deu-me sua palavra — lhe recordou.

Melisande, nervosa, umedeceu os lábios e piscou enquanto que retrocedia.

— Estou doente! — protestou. — Estou muito fraca...

Conar soltou um bufar de incredulidade.

— Tão fraca como um touro são, querida.

— Como se atreve! Como pode imaginar que me conhece, que sabe algo de mim! Se te aproximar Conar, juro que gritarei...



E gritou. Um grito que se apagou imediatamente quando Conar a atraiu para si bruscamente. Levantou-a braços, voltou a lançá-la sobre a cama e ficou escarranchado sobre ela.

— Grite Melisande, grite alto e forte. Que todos a ouçam. Ninguém se meterá nos assuntos um casal legalmente casado. Saberão que é minha e que nunca te deixarei partir.

Ficou pálida, aturdida, ofegante, mas imóvel.

— Isso é tudo o que quer! — cuspiu-lhe na cara em um murmúrio angustiado. — A consumação, garantia de que é conde, de que a propriedade é sua!

"Maldita seja", pensou irritado também com sua família que se deixou deslumbrar por Melisande tanta facilidade. Mas havia algo em sua voz, algo que despertava sua ternura, quando não sua compaixão, apesar da cólera, apesar do desejo, apesar inclusive de sua determinação.

Tocou-lhe as bochechas com os punhos fechados; o contraste entre a brancura de mármore de seu rosto e a textura áspera de suas mãos enormes, curtidas pelo combate, surpreendeu-o. Tinha os olhos muito abertos e tão úmidos que suas trêmulas pupilas azul pálido pareciam líquidas.

— Equivoca-se, Melisande. Não desejo nada tanto como a você.

— Não acredito — disse ela piscando.

— Quando tiver acabado esta noite, acreditará. Melisande voltou a elevar a vista para ele.

— Deu sua palavra, Melisande. Quando me der sua palavra, a cumprirá.

— Não posso! — Exclamou ela em voz baixa fechando os olhos. Conar ouviu os violentos batimentos de seu coração e se perguntou com assombro se era possível que Melisande estivesse assustada.



— Que estranho! — Disse sem elevar a voz. — Sempre pensei que a filha de Manon cumpriria a palavra dada.

Ela o olhou de novo, era evidente que Conar tinha dado com as palavras perfeitas para chegar a seu coração. Notou-a tremer violentamente sob seu corpo. Que estranho era tudo! Melisande tinha conseguido enfurecê-lo tanto esse dia, inclusive no salão, que a teria possuído sem vacilar, e com certa violência, se tivesse tido que fazê-lo. Mas nesse momento só queria atraí-la para ele com ternura.

— Banhada e perfumada. Esperando e disposta — Ihe recordou suavemente.

Ela não respondeu. Conar se levantou sem deixar de olhá-la aos olhos.

— Tem alguns minutos, Melisande. Quando voltar, espero que cumpra sua promessa.

Deu meia volta, afastou a tapeçaria e passou ao seu quarto através da pequena porta, que fechou silenciosamente atrás de si.

— É um imbecil! — disse em voz alta.

Avançou até a lareira e estendeu as mãos para o fogo. O que aconteceria agora? Correria para a porta disposta a precipitar-se ao salão e contar a Rhiannon qualquer história sobre alguma terrível enfermidade que requeria a presença de um servo ao longo de toda a noite?

— Não, querida. Terá que fazê-lo, e será esta noite — sussurrou olhando o fogo. Seguiu esperando, cansado e dolorido, desejoso de acabar já com essa batalha noturna.

O calor das chamas lhe esquentou o rosto. Ao fim de um momento, afastou-se da lareira e se dirigiu para porta que levava ao quarto contíguo convencido de que ela tinha saído e de que se veria obrigado a recuperá-la. Não sabia o que faria então, só sabia não podia permitir que fugisse.



O coração deu um tombo e pareceu deter-se em seu peito quando por fim entrou nos aposentos de Melisande.

Não saía.

Vestia um vestido fino, diáfano, de uma cor quase idêntica a de seus olhos. Dava-lhe as costas, porque ela também estava olhando o fogo. Com o cabelo soltou recém escovado, sua cabeleira, frisada e ondulada, tinha a textura da seda mais fina que pudesse encontrar em todo o Mediterrâneo, e lhe caía pelas costas em magnífica cascata negra, sobre o vestido claro, que insinuava tudo sem mostrar nada. Só se via a elegante curva de suas costas e seus quadris.

Conar avançou rapidamente para ela e lhe pôs as mãos nos ombros. Ao lhe afastar o cabelo, viu que tremia violentamente e sentiu a velocidade de seu pulso quando a beijou no pescoço.

O vestido era preso na nuca com uma suave fita malva. Conar puxou-a e deu um passo atrás quando o leve objeto caiu ao chão com um murmúrio abafado. Ela emitiu um tímido gemido, mas não se voltou. Conar a beijou nos ombros e percorreu com os dedos a curva de suas costas.

— Pensei que fugiria — disse com voz rouca o mesmo tempo que a voltava para ele entre seus braços.

Melisande suspirou entrecortadamente ao notar em seu peito nu o contato do corpo de Conar quando ele a atraiu para si.

— Sempre cumpro minha palavra — murmurou.

— Sempre? Ou pensou que acharia você fosse onde fosse?

Ela o olhou com seus olhos pálidos agitados pela emoção.

— Por favor... Podemos acabar com isto?

— Como quiser querida, como quiser.



Levantou-a de novo sentindo a veemência do desejo que ela despertava nele. Estendeu-a na cama e se deitou a seu lado, notando ainda o tremor que a sacudia. Sabia que Melisande ansiava saltar do leito e fugir e que estava lutando contra esse desejo selvagem. Os olhos, muito abertos e fixos no teto, evitavam olhá-lo. Conar não pôde reprimir um sorriso quando ela se sobressaltou ao tocá-la. Deslizou os dedos suavemente entre seus seios até a cintura e acariciou em seguida seu ventre com um movimento circular. Seu corpo era magnífico. Tinha a pele suave, branca e sedosa, os seios grandes e firmes, com as formas perfeitas, os mamilos de um rosa escuro, a cintura fina, os quadris delicadamente curvos. Onde acabava a extensão suave de seu abdômen, um fofo triângulo de ébano rodeava seu sexo. Acariciou-o com seus dedos e ouviu um som que ela tentou abafar sem êxito.

Conar sorriu de novo, inclinou-se sobre ela e a beijou nos lábios. Melisande os manteve apertados um instante, mas ele os abriu com a língua e penetrou profundamente em sua boca, em busca de uma resposta. Em seguida se ergueu ligeiramente e ouviu sua respiração ofegante.

— Não posso respirar.

— Não necessita que respire.

Conar a beijou na boca foi um beijo brutal, ansioso e cheio de desejo, que pretendia excitá-la, que exigia sua excitação. Melisande tinha os braços estendidos aos lados do corpo e os punhos apertados, mas, em pouco tempo, levou-os aos ombros de Conar. Ele não sabia se estava tentando empurrá-lo, mas não lhe importou. Os dedos de Melisande não se moveram e Conar a beijou até ficar farto da doçura de seus lábios, depois a olhou longamente nos olhos e se inclinou sobre seu corpo para tomar em sua mão um de seus seios, que balançou e acariciou, passando o polegar sobre o mamilo. Ela conteve a respiração e ficou imóvel, engolindo em seco enquanto o olhava.



Conar prendeu seu olhar enquanto tomava o mamilo com sua boca e brincava com ele com a ponta da língua, rodeando-o, chupando-o até que o sentiu endurecer-se como uma pedra entre seus lábios úmidos.

Melisande emitia um profundo suspiro. Fechou os olhos e empalideceu de novo. Continuava tremendo, mas seu corpo tinha deixado de estar tenso. Conar levou os lábios a seu seio esquerdo e brincou longamente com ele enquanto deslizava as mãos pelo corpo de Melisande. Com a mão aberta lhe acariciou os quadris, as coxas, o ventre e outra vez as coxas. A princípio evitou o triângulo doce e tentador, mas logo o tocou suavemente com a ponta dos dedos, com a palma da mão. Ergueu-se de novo sobre ela, para capturar seu olhar veemente enquanto umedecia os dedos antes de voltar a acariciar o sedoso monte azeviche, antes de afundar nele até encontrar as pétalas rosa de seu sexo.

Ela ofegou, levantou os joelhos e girou a cabeça de um lado para outro. Conar apoiou de novo seu peso sobre ela para deter os movimentos de protesto de seu corpo e poder continuar. Separou-lhe as pernas, acariciou-a procurando o lugar mais sensível de seu ser e em seguida afundou ainda mais nela com movimentos seguros e exigentes. Estava incrivelmente tensa; docemente úmida, mas tensa.

Ao tocá-la, sentindo seu calor, seus movimentos, despertou nele uma ânsia abrasadora. Ela tinha tentado instintivamente fechar as pernas, mas não tinha protestado. Conar lutou por conter a fúria de seu desejo, a dor que sentia nas vísceras. Tinha-lhe pedido que estivesse banhada e perfumada, esperando e disposta. Talvez não tivesse cumprido todos os seus desejos, mas sem dúvida se banhou e perfumou, e o doce aroma de seu corpo se mesclava com um perfume de lilás, atraente, tentador.

— Olhe pra mim! — Ordenou, e quando ela obedeceu, com os olhos dilatados e trêmulos, mas ainda desafiadores, sorriu brevemente, sem deixar de acariciá-la, e



voltou a pôr seus lábios sobre os dela, que tinham sabor de vinho e hortelã. Melisande não se debateu, mas seus lábios se separaram ligeiramente. Conar sentiu o ímpeto de seu fôlego antes de devorar sua boca outra vez.

Começou a descender por seu corpo de novo, lhe acariciando o peito, as coxas, passando a mão pelo triângulo de ébano, deslizando os dedos em seu interior, afundando-os profundamente nela. Acariciou seus seios e seu ventre com os lábios. Olhou seu rosto enquanto continuava baixando. Melisande havia tornado a fechar os olhos. Não o tocava. Tinha os dedos enredados nos lençóis. Conar lhe acariciou as coxas, com a cabeça elevada, e em seguida deslizou lentamente sua língua na carne tenra que acabava de despertar com suas mãos. Melisande protestou e tentou virar-se, mas lhe segurou a coxa firmemente com a mão e descansou todo seu peso sobre o corpo dela. Os lábios de Melisande esboçaram um “não”, mas o sussurro desesperado não chegou a sair de sua boca. Ele voltou a deslizar a língua muito lentamente sobre ela, sentiu o puxão brusco de seu corpo tremulo e como suas costas se arqueavam. Os movimentos dele adquiriram maior firmeza. As carícias de sua língua se fizeram mais violentas e mais penetrantes, saboreou seu sabor, afundou-se nela.

Os dedos de Melisande começaram a mover-se, cravaram-se na carne de Conar, afundaram-se em seu cabelo e amassaram de novo os lençóis. Invadiu-lhe um calor abrasador ao sentir a resposta do corpo de Melisande, ao saborear sua doçura. Continuou imperiosamente seu trabalho de sedução fazendo pouco caso do martelar que retumbava em sua cabeça, da tensão e do desejo que o percorria.

De repente Melisande respirou profunda e entrecortadamente, em seguida se retorceu e seu corpo se esticou. Conar sentiu uma triunfal onda de prazer e alguns segundos depois saboreou o fluxo quente e doce que brotava do corpo dela. Tinha



desejado tanto excitá-la, seduzi-la! Tinha-o obtido. Melisande estava incrivelmente úmida e quente, e isso bastou para provocar nele um desejo ainda mais ardente.

Levantou-se e tirou precipitadamente as botas e as meias. Nesse preciso instante, ela tentou encolher-se, com os joelhos apertados contra o peito, para lhe dar as costas.

— Não, querida.

Atraiu-a para si, esquecendo que não tirou a camisa, sentou-se escarranchado sobre ela e soprou sobre seu rosto para separar dele uma mecha de cabelo negro como o ébano. Melisande fechou os olhos; não queria vê-lo, nem que seus olhares se cruzassem, para que ele não percebesse com quanta segurança e acerto a havia tocado.

Conar voltou a beijá-la, obrigando-a a separar os lábios e empurrando a língua dentro de sua boca.

— Saboreie nosso amor — murmurou antes de lhe separar as coxas com determinação com todo o peso de seu corpo. O sexo de Conar palpitava violentamente e Melisande engoliu em seco ao senti-lo sobre seu corpo. Conar mediu e empurrou com supremo cuidado a ponta suave de seu sexo no corpo dela. Melisande estava tão branca quanto os lençóis. Mordeu o lábio inferior. Ele empurrou um pouco mais. Ela respirou entrecortadamente e voltou a morder os lábios, resolvida a não gritar. Conar se moveu tão lentamente como pôde, mas o próximo movimento de seus quadris lhe arrancou por fim uma queixa afogada. Conar a abraçou com ternura, consciente de sua dor.

— Acabou — assegurou e a atraiu para si. Sentia suas próprias palpitações dentro do corpo dela, a necessidade premente de saciar seu desejo. Aproximou-a, acariciou-lhe as nádegas, e ela afundou o rosto em seu ombro e lhe cravou os dedos nos braços. Conar não pôde resistir mais e começou a mover-se.



Melisande estava úmida, quente, entregue. Seu corpo o acolheu fechando-se sobre ele como uma luva e Conar saboreou com cada um de seus movimentos as cotas mais ardentes do desejo. Manteve-a estreitamente abraçada, afundando-se cada vez mais profundamente nela, acelerando o ritmo de suas investidas à medida que aumentava a urgência de seu desejo, a necessidade de livrar-se por completo. Encheu-a, penetrou nela até o fundo, com mais e mais ímpeto. Mantinha a mão firmemente apertada na suave curva de suas nádegas, amoldando o corpo de Melisande ao dele, forçando-a a receber seus embates, a gozar, a arquear-se.

A retorcer-se.

A procurar o prazer uma vez mais, a doce entrega que ela não conhecia.

Quentes, escorregadios, úmidos, seus corpos se encontraram e se fundiram. Então Conar sentiu o calor de mil chamas explodir em seu corpo. Alagou-lhe um prazer selvagem e continuou empurrando seu sexo dentro do corpo dela, enchendo-a com a onda cálida de seu sêmen, enquanto se apropriava dele, com violentas sacudidas, um prazer volátil, delicioso; uma tempestade. Esteve a ponto de cair rendido sobre ela, mas se deteve tempo.

A tempo de sentir como se arqueava e tremia o corpo flexível de Melisande contra o seu, lhe demonstrando que tinha conseguido chegar a ela, alcançá-la.

Conar, ofegando entrecortadamente, deixou-se cair suavemente a seu lado. Passou um longo momento antes que voltasse a olhá-la. Melisande tinha os olhos abertos, o olhar aturdido cravado no teto. Ela deve ter sentido seu olhar porque piscou brevemente e lhe deu as costas.

Conar apertou os dentes, surpreso pelo prazer que lhe tinha dado e amargamente decepcionado pela hostilidade que continuava sentindo por ele.

— Foi muito bárbaro para você, querida? — Perguntou com ironia.

— Disse-me que tinha que estar disposta! — replicou ela entre dentes.



Tinha as costas voltadas para ele, incrivelmente tentadoras, e Conar a acariciou em toda sua longitude.

— Estou encantado de que tenha demonstrado tão boa disposição.

— Não tinha outra opção.

— Não, claro. Tinha-me dado sua palavra. Entretanto, pensei realmente que escaparia de novo, que fugiria.

Melisande se voltou bruscamente para ele com um olhar atormentado em seus olhos azul pálido.

— E se o tivesse feito? O que teria ocorrido! Teria me deixado em paz?

Conar sorriu, apoiou-se em um cotovelo e de novo olhou fascinado seus seios cheios coroados pelos escuros mamilos.

— Talvez.

Ela lançou uma maldição e tentou lhe dar as costas outra vez, mas Conar a prendeu rodeando-a com seus braços enquanto ela se debatia. Soltoou uma gargalhada.

— Mas é provável que não. Sou um viking, assim pode estar segura de que a teria encontrado e sequestrado finalmente. É isso o que queria ouvir?

Melisande apertou as mandíbulas com fúria.

— É isso o que teria acontecido?

— Jamais saberemos, não acha? Porque estava aqui, banhada e perfumada, esperando... E ao menos fingindo estar disposta.

Os cílios voltaram a ocultar seus olhos.

— Muito bem, já está feito. Tudo te pertence. O casamento é legal e está consumado. Talvez agora tenha a amabilidade de me deixar em paz. Já tem o que queria.



Conar acariciou uma das magníficas mechas de cabelo negro que lhe caíam sobre os ombros. A cabeleira de Melisande, que se enredava entre eles, tinha sobre sua pele um toque suave como a seda, sensual, tentador. Sorriu.

— Já disse Melisande, que você é o que eu quero.

— Mais tudo o que me pertence.

— Você — disse ele com firmeza.

Sentou-se na cama e finalmente tirou a camisa. Melisande percorreu com seu olhar o largo peito, a massa de músculos sob seus braços, e logo se deteve mais abaixo em seu sexo, grande e forte, ereto uma vez mais.

— Não! — Murmurou caindo para trás.

— Sim — replicou ele, e voltou a deslizar o corpo de Melisande sob o seu.

Ela pôs as mãos em seu peito para afastá-lo.

Mas seus lábios...

Seus lábios se separaram docemente quando a beijou.

CAPÍTULO 13

Melisande acabou por dormir, e enquanto dormia, a noite adquiriu a textura irreal, suave e brumosa, de um sonho. Mas havia elementos evidentes nele. A sensação dos braços de Conar rodeando-a, do ombro dele sob sua cabeça, a carícia suave de seus dedos, inclusive quando descansavam. O sonho era doce às vezes. Sentiu que, depois de ter lutado com tanta tenacidade, rendeu-se por completo a sua sedução. Mas em seus sonhos se atrevia a maravilhar-se da intimidade que havia entre os dois, da ternura que ele era capaz de dar, da magia de suas ásperas mãos. Enquanto sonhava, podia esquecer que deveria ter lutado contra ele e, sobretudo contra si mesma, que deveria ter sido forte, ter mantido seu orgulho e dignidade fora do alcance de Conar. Recordava o ultraje de cada uma das carícias, do contato íntimo, contato que ele tomava e exigia, mas em seguida a afligia a lembrança da excitação que tinha despertado nela. Por mais que tivesse tentado, não poderia ter vencido. Mas ao menos deveria ter lutado com mais força contra si mesma.

Prometeu a si mesma que o rechaçaria sempre.

Mas as promessas eram inúteis.

Por várias vezes lhe pareceu que ele a despertava quando por fim acabava de adormecer, mas fazia de uma forma tão lenta e sensual que Melisande tinha sucumbido a suas carícias antes de acabar de despertar.

Pareceu-lhe que tinha dormido profundamente e durante um longo tempo. Quando despertou se encontrou com seus olhos ardentes fixos nela, estudando seu rosto. Sobressaltou-lhe a intensidade de seu olhar e, durante um segundo de



descuido, a beleza surpreendente de suas feições rudes. Não queria vê-lo, não queria admitir que era um homem impressionante. Entretanto como negá-lo? Ao olhá-lo sentiu um tremor em seu interior. Conar conseguia desencadear nela as mais ardentes paixões. Depois dessa noite, as coisas tinham mudado e nunca voltariam a ser como antes.

Nunca mais poderia escapar dele.

Acima de tudo, não queria gostar de Conar, não queria se preocupar se dormia ou não, nem com quem. Ele, depois de ter tomado o que desejava, faria sua Santa vontade. E ela nem sequer sabia por que tinha ido a Inglaterra procurá-la.

A menos que sua intenção tivesse sido consumir o casamento.

Mas por que nesse momento, depois de não ter se preocupado com ela em todo o tempo em que estavam casados?

A mão de Conar posou em sua face.

— Não haverá anulação, Melisande — murmurou com aspereza. — Não haverá anulação.

Ela se perguntou se teria comentado com alguém a possibilidade de pedir uma anulação antes de sussurrar tão precipitada e impulsivamente essas palavras a Gregory no dia anterior. Parecia que tinham passado séculos depois disso e que ela era uma pessoa distinta, e aquele, um lugar diferente. Fechou os olhos, estava tremendo e ainda se sentia esgotada. Se não tivesse ficado no quarto, se não tivesse cumprido a promessa que lhe tinha feito Conar a teria encontrado a noite anterior, ele a encontraria sem importar onde se escondesse. Tinha ido à Inglaterra com a firme determinação de consumir seu casamento. A voz de Conar voltou a lhe sussurrar ao ouvido.

— Sabe disto, não é?



Deu-lhe as costas, mas isso não deteve Conar, que acariciou suavemente seus quadris nus com um gesto possessivo. Havia inclusive ternura em sua carícia. Curiosamente, depois de tudo o que tinha ocorrido, Melisande sentiu que lhe enchiam os olhos de lágrimas.

— Não haverá anulação — repetiu em um tom de uma vez suave e áspero. Teria que lhe responder para que não seguisse acariciando-a.

E para não perder uma vez mais essa batalha.

Apertou as mandíbulas antes de responder.

— Sim, meu senhor viking. Sei que não pode haver anulação.

Esperava que ficasse satisfeito com sua resposta. Talvez estivesse, mas não retirou as mãos de seus quadris, e Melisande, apesar de estar de costas para ele, sentiu com acuidade a lembrança da incrível estrutura muscular de seus ombros e de seu peito, o suave toque do pêlo dourado onde aninhava seu sexo, que parecia estar dotado de vida própria, imponente inclusive quando dormia, e capaz de crescer e avivar-se, de palpitar e exigir.

O contato de seu sexo nas costas lhe trouxe a mente à lembrança, o ardor, o desejo. Ninguém a tinha preparado para algo assim. Nunca tinha sentido emoções semelhantes, de desejo, dor e desejo.

Melisande não pudera esconder com quanta facilidade a excitava, e tinha odiado cada minuto de sua derrota.

Conar manteve silêncio, mas ela estava segura de que não dormia. Sentia o contato de seu magnífico corpo úmido. Fechou os olhos. Não podia dormir com ele tão perto.

Tampouco podia expulsá-lo.

Depois de um tempo, o esgotamento pôs fim a sua inquietação, fechou os olhos e dormiu profundamente.



Quando despertou, a manhã ia avançada, estava sozinha. Abriu os olhos lentamente e pensou que jamais se havia sentido tão cansada, nem tão atormentada por semelhante avalanche de emoções. O aroma de Conar tinha impregnado seu corpo e viu que no travesseiro de penas tinha ficado a maca de sua cabeça.

Sim, Conar tinha deixado sua marca nela, sentia-o, da cabeça aos pés. Estava incrivelmente dolorida, e, entretanto a sensação era deliciosa. Ainda tremia ao recordar as emoções que ele tinha despertado nela. Era hábil, irresistível, sedutor, exigente. Jurou a si mesma que resistiria a luta com fortaleza, mas nunca imaginou que lhe traria a escuridão.

Mas já era de dia. Enquanto cobria o peito com os lençóis, pensou que nunca havia se sentido tão dolorida, tão ferida, tão alarmada. Era uma estranha mescla de emoções. Nos anos anteriores tinha convivido com duas possibilidades: uma, que ao chegar à maioria de idade conseguisse anular seu casamento, voltar para casa e, talvez, casar-se com um homem de sua escolha. Outra, naturalmente, que Conar fosse procurá-la onde estivesse e a tomasse realmente por esposa. Sempre lhe tinha inspirado receio, tinha-a impressionado, enfurecido. Mas talvez desde o primeiro momento tenha se sentido atraída por ele e essa foi à origem de sua hostilidade. Em ocasiões pensou que parte da fúria que Conar despertava nela nascia de seu estilo de vida: ele sabia o que queria e com quem. Esperava-se dela que fosse casta e pura, enquanto que ele podia fazer o que tivesse vontade. Teria uma mulher em Dubhlain, e provavelmente outra na França. E também tinha Brenna, que quase sempre o acompanhava, que tão freqüentemente inclinava sua loira cabeça para rir com ele, que lhe punha sem dificuldade a mão no braço e lhe assessorava em voz baixa. Bede tinha rido da cólera que suscitavam em Melisande as injustiças da vida e lhe tinha recordado que a sorte de uma mulher era diferente porque se esperava dela que trouxesse ao mundo o herdeiro de seu marido. Naturalmente, era



necessário que a mulher fosse fiel a seu marido, embora este não tomasse conhecimento sequer disso.

Entretanto, Conar tinha adquirido sua valiosa herança graças a ela, por isso seu destino lhe parecia injusto.

Bede também a tinha advertido que não era razoável esperar que o mundo fosse justo.

Melisande sempre tinha desprezado sua situação com Conar, mas a tinha considerado suportável porque ele não tinha estado junto a ela para exercer sua autoridade.

Até então.

A partir dessa noite, tinha conseguido exercer sobre ela um novo poder, um poder cuja existência ela ignorava.

Gemeu suavemente e afundou a cabeça no travesseiro. Desejava desesperadamente poder esquecer tudo, fingir que nada tinha ocorrido que ninguém a havia tocado e que ignorava por completo as sensações vividas.

— Não! — murmurou. Afastou o travesseiro de uma tapa e as mantas caíram ao chão. Ao inclinar-se para recolhê-las, viu que estavam salpicadas de pequenas gotas de sangue e a cólera se apoderou de novo dela. Sentou-se e lançou o travesseiro aos pés da cama tentando apartar-se daquelas manchas.

— Odeio você! — murmurou furiosa agarrando de novo o travesseiro. — Te odeio!

Ficou paralisada quando ouviu subitamente sua voz.

— Não sabe quanto lamento. — ao voltar-se, Melisande viu que tinha entrado no quarto pela porta oculta atrás da tapeçaria. Havia em suas palavras um frio nórdico e Melisande sentiu um calafrio que lhe percorria as costas ao ouvi-las. Tinha-o ofendido sem nenhum esforço. Se houvesse algum calor em seu coração de



viking, talvez o tivesse ferido. Tinha conseguido irritá-lo uma vez mais sem intenção. Isso era tudo.

Experimentou com extrema acuidade sua situação de clara desvantagem frente a ele, já vestido com suas meias, a camisa de linho e a túnica, e com uma capa presa ao ombro, como era seu costume. Os homens de Conar vestiam calças de diferentes tipos, largas e com meias por baixo, umas compridas e outras curtas. Entretanto, em seus encontros com Conar, Melisande tinha observado que ele preferia as meias apertadas, porque lhe permitiam mover-se com facilidade e sem esforço algum.

Tinha presa à cintura a estranha espada de estilo viking com desenhos celtas, e no tornozelo a adaga embainhada. Parecia indomável, e ao vê-lo, Melisande estremeceu sem saber por que. Qualquer homem podia ser alcançado por uma flecha ao coração. Todos os homens eram de carne e osso, sabia. Tinha visto morrer a seu próprio pai.

Sentiu subitamente, com uma clareza surpreendente e aterradora, que não queria que Conar morresse. Para ela, ele tinha sido um aborrecimento, alguém, de quem fugir, a quem odiar; entretanto, não queria que morresse.

Pensou, esgotada, que ele não acreditaria nunca nela e que, além disso, pouco importava porque jamais lhe diria. Conar cravou seu olhar, glacial e ardente mais uma vez, nela. Ergueu-se instintivamente e se deu conta de que as lençóis mal lhe cobriam o regaço. A cabeleira caía pelas costas e tinha o peito nu. Fechou os olhos brevemente, afundou os dedos nas lençóis e os puxou para cobrir-se. Fez um esforço para olhá-lo com a mesma frieza que ele e buscou em seu interior toda a dignidade que pôde reunir.

— Ocorreu-lhe alguma vez bater na porta e entrar no quarto alheio como mandam os bons costumes?



Conar a percorreu com o olhar, sem que ela pudesse tirar de seus olhos emoção alguma.

— Quando a deixei, querida, dormia como uma pedra, e asseguro que não era minha intenção desperta-la se continuasse dormindo — murmurou, e havia de novo um tom zombador em sua voz. — Não interrompi intencionalmente sua exibição de cólera.

— Então a que veio?

— É muito tarde para sair com a maré hoje — respondeu — Quero que esteja preparada para zarpar amanhã ao amanhecer. Estou seguro de que fará a bagagem com rapidez e eficácia, pois a arrumou muito bem para chegar até aqui em pouco tempo.

— Preparo a bagagem com rapidez e eficácia quando tenho intenção de ir a alguma parte, mas como não considerou necessário me explicar seus planos... — interrompeu-se ao mesmo tempo em que encolhia de ombros, — tampouco vejo necessidade de fazer a bagagem com rapidez porque você deseja.

Conar a olhou fixamente sem dizer uma palavra. Atravessou o quarto rapidamente e se deteve imponente por sua estatura e sua presença, junto a Melisande.

— Pois não o faça querida. Pode vir sem suas coisas, nua como está. Mas virá.

— Não esqueça que sou a condessa, a herdeira! — replicou ela olhando-o com os olhos furiosos — Está muito equivocado se acha que pode seguir me dando ordens como se fosse uma das faxineiras de sua casa.

— Nunca te darei ordens como aos serventes de minha casa, porque jamais tive um tão obcecado nem tão teimoso. Deveria me conhecer melhor a estas alturas. Já disse que virá comigo, e basta.



Melisande se perguntou como lutar contra ele, como mudar essa situação. Quanto tempo passaria com ela antes de desaparecer de novo em busca da companhia da loira Brenna ou de alguma outra mulher? Baixou a cabeça decidida a não lhe revelar jamais seus verdadeiros pensamentos.

— Nunca pergunta, viking— resmungo — Dá suas ordens como se estalasse um látigo. Se aprendesse a escutar, talvez descobrisse que posso obedecê-lo de bom grado.

Melisande retrocedeu na cama e apertou os lençóis contra seu peito, quando ele se sentou bruscamente a seu lado e se inclinou para ela.

— Escutei-a, Melisande, escutei-a ordenar e exigir. Escrevi-lhe uma carta tendo cuidado em me assegurar de que a recebesse, para avisar que vinha para buscá-la. Foi um engano. Deveria ter escrito a meu pai. Recebeu minha mensagem, sorriu a meu incauto irmãozinho e escapou até aqui tão rápido como pôde. Em seguida, sem perder um instante, começou a conspirar com o pobre imbecil do Gregory. Pode dar graças a Deus de que descobrisse a prova de sua inocência que tanto a irritou, porque do contrário talvez houvesse sentido a tentação de cortar o pescoço do seu amigo apesar de sua pouca idade.

Melisande se ruborizou violentamente. Levantou os joelhos e tentou abraçar-se a eles.

— A próxima vez, viking — disse elevando o queixo— vou assegurar-me que minhas viagens me afastem dos domínios de sua família. Que grave falta cometi? Apenas uma, vir aqui.

— E que ganhou com isso? — perguntou ele com um grunhido que a obrigou a ficar tensa para não acovardar-se.

— Pensei — disse friamente sem elevar a voz— que talvez se limitasse a ir lá.



— E deixá-la aqui com o jovem Gregory.

Melisande pestanejou sem querer.

— Como já disse — murmurou elevando os olhos para olhá-lo a próxima vez terei o cuidado de ir longe.

— Não haverá próxima vez, Melisande. — levantou-se e se dirigiu para a porta.

— Parto rumo à costa da França amanhã ao amanhecer.

— Pra casa? — perguntou com voz entrecortada. Ele não se deteve. Estava tão estupefata que, esquecendo sua nudez, saltou da cama e pôs-se a correr atrás dele. Agarrou-lhe o braço e o puxou até que se voltou. — Leva-me para casa? — insistiu.

Melisande se interrompeu e engoliu em seco, porque ele não respondeu imediatamente, mas sim percorreu seu corpo com seus ardentes olhos azuis, lhe deixando uma sensação de calor ali onde pousava seu olhar. Melisande lhe soltou o braço e retrocedeu. Tentou torpemente cruzar os braços sobre seu peito, mas, agitada, percebeu que apesar de seu esforço, não conseguiria cobrir por completo sua nudez.

— Para casa? — Repetiu. — Leva-me para casa?

Conar avançou para ela, que continuou retrocedendo e procurando seus olhos sem encontrá-los, porque o olhar dele vagava de um lado a outro de seu corpo.

— Conar! — exclamou. Ficou de pé junto à cama, e logo subiu rapidamente a ela para cobrir-se com os lençóis até o queixo.

Ele a descobriu com a mesma rapidez. Melisande deu um grito abafado, pois o medo a tinha levado ao lugar que mais vantagem proporcionava a Conar sobre ela. Tentou afastar-se o quanto pôde dele, mas o peso de seu marido a prendeu no leito. Seus olhos se iluminaram com um brilho risonho, mas era um brilho febril, determinado, que ela já conhecia muito bem. Melisande lhe pôs as mãos no peito, e ele se deixou cair na cama apoiando-se no cotovelo. Estendeu suas longas pernas



sobre as coxas de Melisande, que ficou imobilizada como se o tronco de um carvalho tivesse caído sobre ela. Desta forma a mão direita de Conar ficou livre para atormentá-la.

— Está ansiosa em voltar para casa, Melisande?— Perguntou suavemente. — Por causa disso as coisas mudarão? Viverá feliz com o odiado viking simplesmente voltando para casa?

Seu olhar, cravado nela, paralisava-a com a mesma força que suas pernas. Melisande tentou, sem êxito, articular uma resposta. Conar deslizou lentamente a mão pela curva de seu flanco, percorreu seus quadris, subiu para seu peito e se deteve nele enquanto o acariciava.

Os dedos de Melisande se fecharam sobre os de Conar interrompendo seu percurso.

— Ordenou que preparasse minhas coisas.

Ele arqueou as sobrancelhas. Seu olhar continuava sendo risonho.

— De repente está disposta a me obedecer? Melisande se ruborizou e tentou segurar a mão de Conar.

— É muito tarde. E é pleno dia...

— Talvez seja a luz do dia o que me fascina desta maneira.

Melisande não pôde detê-lo, a mão de Conar se moveu de novo e acariciou sensualmente com a palma áspera a ponta de seu mamilo. Muito a contra gosto, Melisande sentiu um ardente estremecimento que despertou o doce centro de desejo em seu interior. Apertou os dentes tentando combatê-lo, lutando com as lágrimas que ameaçavam brotar de seus olhos. Odiava-o por reduzi-la a isso, mas, sobretudo por que bastava uma carícia para despertar seu desejo.

Melisande agarrou de novo sua mão errante e a afastou com força. Em seguida se retorceu até livrar-se do peso de suas pernas e saltou da cama.



— Não pode abandonar a alguém durante anos e depois exigir...!

— Ai de mim! — disse ele com ironia— . Estou fazendo o que posso para não descuidar-me novamente!

— Está vestido!

— Isso tem jeito querida. Se a incomoda, darei um jeito.

Conar ficou subitamente em pé. Ela tentou escapar, mas ele a agarrou pelo braço e a atraiu violentamente para si. Beijou-a com sua boca quente, brusca, exigente, lhe cortando a respiração. Transmitiu-lhe uma vez mais seu calor ardente, penetrante. Melisande não podia respirar e o coração lhe galopava no peito.

Conar afastou os lábios de sua boca e a olhou com expressão desafiante. Golpeou-lhe o peito com o punho, mas ele apenas riu, levantou-a em braços e a jogou na cama.

Melisande o olhou ofegante. A capa de sua espada estava já no chão e ele estava tirando a camisa e a túnica. Ela tentou levantar-se de novo, mas antes que pudesse fazê-lo ele estava outra vez sobre ela. Beijou-a, esta vez com ternura, brincando com seus lábios, lambendo-os sensualmente.

Ela deixou de lutar, pois a consumia uma onda de calor intenso, selvagem.

— Para casa — murmurou ele em seu ouvido. — Lembre-se, Melisande, sou o preço de sua passagem para casa.

Embora nunca o dissesse não lhe importava não lhe importava absolutamente que assim fosse. Conar a acariciava beijava-lhe o pescoço e o peito. Tudo começou a girar rapidamente ao redor e sentiu como se de repente fosse levantar vôo.

Quando tudo acabou, ele ficou deitado ao seu lado, lhe acariciando suave e distraidamente o braço enquanto remetia lenta, docemente, a febre que tomara conta deles. Suspirou, como se de verdade lhe doesse deixá-la, e se sentou ao seu lado da cama.



— É muito tarde. — Manteve silêncio um instante e voltou a lhe pôr a mão no quadril. — Vejamos se entendeu bem, amor, posto que a levo para casa, está disposta a partir comigo?

Melisande viu que a olhava divertido e isso a exasperou. Não replicou.

— Melisande, estou falando com você.

— Sim!

— Está disposta a passar suas noites comigo? A dormir com um viking?

Ela, subitamente furiosa, voltou-se para ele.

— Dormiria com o demônio! — resmungou o encarando.

— Não é precisamente isso um viking?

— Exatamente!

— Pobre Melisande! — murmurou, enquanto enroscava os dedos em um de seus cachos negros. — Parece que não consigo fazê-la feliz. Se me mantenho a distância, abandonei-a. Se venho buscá-la, obrigo-a a dormir com um demônio. Entretanto, não parece que sofra muito.

Melisande apertou as mandíbulas e deu um puxão para que ele deixasse de brincar com seu cabelo, mas Conar o segurou com firmeza sorrindo. Inclinou-se sobre ela com uma expressão ao mesmo tempo divertida e desafiante em seu rosto.

— Melisande, já disse a você que nunca a deixarei. Mas, ao menos, no futuro não a ignorarei mais.

Ela proferiu uma maldição de impotência e fechou os olhos. Quando ele soltou seu cabelo, voltou-se rapidamente para lhe dar as costas.

— Empacote o que quiser levar. — ordenou ele. — Estarei lá embaixo com meu irmão, o outro demônio viking. — calou-se um momento e em seguida acrescentou com suavidade: — Entretanto, parece se dar muito bem com Bryce e Bryan. Não se deixe enganar pelo cabelo negro e os olhos verdes que herdaram de minha mãe,



pode estar segura de que, no fundo de seu coração, eles também são demônios vikings.

— Saia! — grunhiu ela.

Conar riu e se levantou. Ouviu-lhe vestir-se. Recebeu como um ultraje o ardor e o som da palmada de Conar na pele suave de suas nádegas.

— Está dormindo o dia todo, Melisande. É hora de levantar-se.

Saiu pela porta oculta, rindo de novo quando lhe lançou um travesseiro.

Quando por fim desapareceu, Melisande ficou em pé de um salto. Tremendo, esvaziou o cântaro de água na bacia e pegou um pano decidida a esfregar-se da cabeça aos pés. Queria um banho, mas não podia esperar que trouxessem a banheira e a água. Quando acabou de lavar-se repetiu a operação, e em seguida se deteve. Fechou os olhos e mordeu o lábio inferior.

Ainda podia senti-lo, sentir o contato de seu corpo.

Então soube que sempre seria assim. Solto o pano úmido e cruzou o quarto para vestir-se. Não tinha muito que guardar, porque havia trazido suas coisas no baú que estava ao pé da cama e só tinha tirado dele um par de vestidos, seus perfumes, seus azeites e a hortelã que mascava para os dentes.

Vestiu-se depressa e se dirigiu para as escadas. Deveria estar furiosa com Mergwin, por haver tomado partido de Conar tão rápido contra ela, mas tinha sido um bom amigo. Lembrava muito ao Ragwald, embora os dois anciões perseguiram suas “ciências” de maneiras muito diferentes.

Mergwin achava que havia magia no mundo, que talvez houvesse espíritos; acreditava que, em caso de necessidade, podia-se recorrer aos antigos usos dos druidas e que as pedras norueguesas eram igualmente reveladoras para quem soubesse interpretá-las.



Ragwald estudava as estrelas do firmamento, por isso suas interpretações do mundo não eram uma mera superstição, mas uma ciência.

Entretanto, os dois homens eram iguais quando eram desafiados ou se sentiam abandonados, porque ambos reiteravam imediatamente e com indignação eram cristãos, que serviam a príncipes cristãos — embora Melisande tivesse suas dúvidas a respeito de Olaf rei de Dubhlain — e que, afinal de contas, tudo era vontade de Deus.

Quando saiu do quarto, Melisande sentiu que o coração lhe pulsava com dolorosa rapidez. Voltava para casa! Talvez Conar nunca tivesse sido consciente de quão cruel tinha sido ao obrigá-la a partir. Talvez nunca tivesse intenção de tratá-la com crueldade. Embora ela não o confessasse, Olaf e Erin sempre a tinham tratado como a uma dos seus e nunca lhe tinha faltado nada com a família de Conar. Só o que lhe fazia falta era sua casa, Ragwald, Philippe, Gastón, inclusive o padre Matthew; eles eram o que restava de sua família.

Deteve-se um momento, respirou pausadamente, em seguida seguiu descendo pela escada com a esperança sair da torre e encontrar-se com Mergwin ou Daria, com Rhiannon, os meninos, Bryce ou Bryan. Mas enquanto descia ouviu vozes no salão. Eram as vozes de Eric e Conar.

— Eu gostaria de poder ficar mais tempo. Sabe que o faria se me necessitasse. Mas parece que reina a paz por aqui.

— Estamos sempre preparados, mas em paz... No momento — disse Eric.

Melisande desceu em silêncio uns degraus mais. Deteve-se quando os dois irmãos estavam em seu campo de visão. Estavam sozinhos, com canecas de cerveja, na mão e sentados nas poltronas que havia frente ao fogo. Os dois filhos do Lobo da Noruega eram quase idênticos, grandes, fortes e loiros, seguros de si mesmos, arrogantes, e surpreendentemente atraentes.



— Há muitos mais problemas em casa estes dias — disse Eric a seu irmão.

Por um momento Melisande pensou que estavam falando de seu lar. Logo se deu conta de que falavam do Eire.

Nosso pai poderá resistir em sua grande cidade murada — continuou Eric. — Mas desde que morreu o avô, Niall não teve tanto êxito em seus esforços por dominar aos reis menores. Parece que os combates são freqüentes agora. O pior — advertiu ao Conar com firmeza — é que há já algum tempo sabemos que os dinamarqueses estão congregando um grande exército. Pensa em nossa ascendência viking: se houvesse problemas aqui, eu apelaria a minha família, em todos os rincões da terra, para que lutasse a meu lado. Os dinamarqueses levarão sua invasão mais longe. Diz-se que virão aos milhares e que penetrarão no próprio coração dos reino francos.

— A fortaleza se parece muito a de nosso pai em Dubhlain — disse Conar. — É incrivelmente resistente. As muralhas são fortes e sólidas, tanto que do seu interior se pode manter a raia a um enorme exército.

— Mas isso não deterá seu caminho pelas terras ao redor — advertiu Eric. Fez um gesto de aviso com a mão. — Pensa até onde chegamos irmão, só nós, os da casa de Vestfold. Rússia, o Mediterrâneo, inclusive as terras do islã. Se os invasores forem o suficientemente ferozes, lutarão até chegar ao coração do reino, e alguém terá que detê-los.

— O que temo — explicou Conar a seu irmão — é que os nobres francos subestimem ao inimigo. — inclinou-se e pareceu ver o passado. — Quando nosso pai chegou ao Eire, não demorou a fazer uso dos cavalos que tinha capturado. A maioria pensa que os vikings são invasores marinhos, que atacam e levam a pilhagem com rapidez. Os que não os viram não sabem que muitos invasores aprendem com rapidez. Nosso pai se estabeleceu no Eire e agora temos navios vikings que



transportam não só guerreiros, mas também cavalos montarias bem adestradas. É certo: a maioria dos vikings utilizará seus navios e atacarão da água, mas agora há outros que farão uso de tudo o que cair em suas mãos, brigarão a cavalo e aproveitarão o que aprenderam das terras invadidas contra seus habitantes.

— Ao menos você é consciente disso e os que se aliem a você manterão os olhos bem abertos.

— Acredito que uma das razões pelas quais venci Gerald aquele dia é que nunca pensou que Manon pudesse receber ajuda de um exército composto em sua maioria por vikings, que chegassem do outro lado mar com seus próprios cavalos.

— Terá que estar vigilante, irmão. Os braços do inimigo são longos e atravessam os mares, tenha muito cuidado, durma sempre com um olho aberto.

— Quão único pode nos salvar são as alianças entre os nobres poderosos, porque o rei de Paris é débil e está disposto a comprar a paz, embora o preço seja cada vez mais alto.

Eric deu de ombros.

— Lembre Conar, que estamos aqui se precisar. Espero que levar Melisande com você e renovar seus votos de casamento em uma cerimônia baste para afiançar sua autoridade como deseja. Se essa for a opinião do conde Odo, adiante. Será um bom aliado, estou seguro disso.

— Também eu acredito — concordou Conar. Continuou falando, porque Melisande ouviu sua voz grave e apaixonada, mas não escutou o resto da conversa. Sentiu que se ruborizava febrilmente e que lhe tremiam os joelhos.

Então era isso! A cólera se apoderou dela com uma veemência súbita e feroz.

Tinha falado com o conde Odo! E o grande nobre lhe tinha advertido que poderia perder sua propriedade se outros nobres não reconhecessem sua união com Melisande.



Tinha tido que ir a procurá-la! Não a levava para casa por gentileza, mas sim porque pretendia que confirmasse seus votos de casamento. E agora que este se consumou todos os seus protestos seriam vãos. Mas podia protestar. Podia lhe causar muitos problemas se quisesse.

Respirando profundamente, agarrou-se ao corrimão de madeira esculpida e pôs-se a correr escada acima. Entrou em seu quarto e se recostou na porta, sentindo os violentos batimentos do seu coração.

Por fim sabia o que na verdade ele tinha vindo a procurar!

Mas isso não mudava nada. Ela queria voltar para casa, desejava-o com toda a alma.

E voltaria, em uma situação de vantagem nesta ocasião. Tinha descoberto algo que ele manejava muito bem. Algo que, ao fim, estava ao alcance de sua mão. Algo que lhe pertencia.

Poder.

E tinha a firme intenção de usá-lo!

CAPÍTULO 14

A tarde Melisande encontrou o salão vazio. Conseguiu sair da casa com rapidez e correu para os estábulos, onde os garotos estavam já acostumados a vê-la. Mas esse dia, quando pediu sua égua, o cavaleiro pareceu incômodo e lhe disse que tinha que ir procurar alguém.

Ficou furiosa, pois estava convencida de que Conar tinha percorrido o lugar ordenando que não lhe dessem liberdade de movimento, para assegurar-se de que estaria ali pela manhã. Zombou dela com toda essa história de dormir com demônios para poder voltar para casa, quando em realidade necessitava que ela retornasse.

— Então talvez devesse ir procurar a meu marido, e rápido — disse ao garoto — porque vou sair a cavalgar. Farei isso sozinha, e não acredito que lhe tenham ordenado que me desça do cavalo.

Se esse ia ser seu último dia ali, estava decidida a ir ao riacho e despedir-se de certas coisas, embora não sabia bem do que. Talvez de sua vida passada, de algo que tinha perdido a inocência; e de algo que tinha ganhado sabedoria. Sentiu a necessidade de descer ao riacho e passar um momento junto a suas águas borbulhantes. Tinha-lhe bastado uma noite para descobrir que todos os sonhos que tinha tecido nessa tranqüila paragem não eram mais que fantasias infantis.

Antes que o garoto de quadra pudesse mover-se apareceu Mergwin.

— Sele a égua de Melisande e traga meu velho rocim, menino. Melisande estará sob meus cuidados.



Por um momento Melisande pensou que o pobre cavaleiro protestaria de novo, em troca, encarou Mergwin, assentiu rapidamente e desapareceu em busca dos cavalos. Ela se voltou para o ancião e sorriu lentamente.

— Sabia que ele viria e que me levaria a casa, verdade?

— Assim é — admitiu Mergwin — embora tenha de reconhecer que não calculei muito bem o tempo. Entretanto, não acredito que você me tivesse feito muito caso se tivesse sabido sua chegada com mais antecipação.

Melisande sorriu e mordeu o lábio inferior.

— Também eu tenho minhas dúvidas. — Vacilou. — Não vi Gregory...

— Estava ansioso para retornar junto ao rei Alfredo, em Wexham. Parece que o clima da costa lhe resulta muito caloroso.

O garoto voltou com os cavalos. Ofereceu sua mão a Melisande e ela a aceitou, embora fosse perfeitamente capaz de montar sem ajuda.

— Venha cá, menino! — ordenou Mergwin. — A senhora é tão ágil como as ninfas da montanha, e eu, tão velho como a montanha.

Melisande sorriu divertida ao ver o contrariado ancião catapultar seu corpo magro, com a ajuda da garoto, sobre a garupa de seu igualmente ancião pangaré.

Mergwin se voltou na sela e a olhou.

— Vamos? — Perguntou.

Ela assentiu e esporeou a sua montaria. Inclinou-se sobre o pescoço da égua quando chegaram ao prado e a deixou trotar lentamente sobre a grama macia. Viu a zona arborizada onde o terreno começava a descer para o rio e afrouxou o passo. Pouco depois ouviu a respiração de Mergwin que cavalgava atrás dela.

— Saímos a passear, não a galopar — lhe advertiu com severidade.

Ao voltar-se para ele, Melisande viu o brilho quente de seus velhos olhos e se desculpou em seguida.



— Esqueci.

— Está bem. Acha que se correr o suficientemente rápido conseguirá escapar.

— Está equivocado. Não quero escapar. Vou para casa.

O ancião guardou silêncio. Melisande estendeu o braço e tocou sua mão ossuda que descansava sobre a cadeira.

— Vou para casa — repetiu com uma nota de súplica em sua voz. Ele a olhou um momento e em seguida suspirou.

— Sim, senhorita, vai para casa. Já começou tudo.

— A que se refere?

— Virão tempos difíceis.

— Os dinamarqueses — murmurou com desdém. — Sempre estão espreitando. Não precisa ser um grande druida para sabê-lo.

— Seus problemas não virão só dos dinamarqueses. Melisande se voltou bruscamente para ele.

— Meus problemas virão de Conar. Se não se deu conta disso Mergwin, é um vidente cego.

— Não sou um vidente — replicou ele com indignação.

Tinham chegado a um dos atalhos que levavam a rio. Melisande desceu da égua e caminhou por ele. Deteve-se o chegar ao riacho e lavou o rosto com a água fresca.

— Aí está o perigo — advertiu ele suavemente.

Ela se sentou em um tronco junto ao rio deixando que o sol que penetrava por entre as árvores lhe acariciasse o rosto. Voltou-se para Mergwin ao sentir seu olhar cravado nela.

— O perigo? — Perguntou ela.

Mergwin se aproximou e Melisande se alarmou ao ver que se ajoelhava junto a ela, agarrava-lhe uma mão e a apertava entre as suas.



— Devem ter supremo cuidado para não brigarem.

Ela negou com a cabeça ao sentir o ardor de suas palavras, consciente de que Mergwin lhe tinha tomado um grande afeto. Tirou sua mão de entre as do ancião e lhe acariciou a bochecha.

— Sentirei falta de você. — disse — Com todo meu coração. A menos que... Virá conosco?

— Não. Brenna irá.

— Ah sim, Brenna — disse ela com frieza dirigindo a vista para o rio.

— Melisande, me escute... — começou Mergwin.

Ela se voltou bruscamente para ele, ao ouvir mencionar a Brenna, havia sentido uma absurda pontada no coração.

— Diz que devo me manter unida ao Conar? — Exclamou. — Mergwin, eu nunca quis abandonar a terra de meu pai. Ele me envolveu em alguns lençóis e ordenou a seus guerreiros enlouquecidos, esses que chamam invencíveis, que me arrastassem até seus navios...

— Ele nunca te pôs nas mãos desses guerreiros, nunca Melisande. Diz-se que são invencíveis, que lutam tão ferozmente que soltam espuma pela boca, que seguram os escudos com os dentes e combatem vestidos com peles de urso. Diz-se inclusive que, possuídos por sua fúria selvagem, às vezes matam a seus próprios companheiros de armas; que estão possuídos pelos espíritos e são filhos dos deuses. Não a pôs em suas mãos, encomendou a fiéis pessoas de Dubhlain.

— Era minha terra, Mergwin!

— Mas corria perigo nela!

— Entretanto, agora quer que retorne.

— Porque chegou o momento de que reivindiquem a propriedade, juntos.



— Sim, — murmurou ela — cheguei à maioridade e ele sabe que não pode reclamar seu direito sobre as terras sem mim.

Mergwin moveu a cabeça com tristeza.

— Melisande, era tão jovem quando se casaram! O que podia fazer junto ao Conar? Só o que ele fez foi esperar até que... — Melisande arqueou as sobrancelhas e ele deu de ombros antes de continuar— até ontem à noite.

Melisande se ruborizou.

— Você sabe tudo? — Perguntou irritada. Mergwin voltou a dar de ombros e seus lábios esboçaram um sorriso.

— Até um vidente cego saberia, Melisande.

Ela se ruborizou ainda mais, apertou os joelhos contra o peito e voltou a olhar ao rio.

— Melisande, é muito teimosa, — percebeu — mas, pelo bem dos dois, por seu futuro, por sua felicidade, suplico-lhe que recorde minhas palavras.

Havia tal ardor em sua súplica que Melisande voltou a lhe acariciar a bochecha. Abraçou-o e o estreitou entre seus braços durante um instante. Depois se afastou lentamente dele. Ao olhar por cima de seu ombro, descobriu com sobressalto que Conar, Daria, Bryce e Bryan estavam ali. Ficou em pé rapidamente. Enquanto ajudava ao Mergwin a levantar-se, sentiu o olhar de Conar sobre ela.

Ele manteve silêncio. Daria avançou para ela com os olhos brilhantes e um sorriso causar de pena nos lábios, Melisande se jogou em seus braços e a estreitou com veemência. Em seguida abraçou ao Bryan, e finalmente ao Bryce, com quem tinha estabelecido uma amizade muito especial.

— Sentiremos sua falta! — Disse Daria. — Sobretudo eu. Já não terei com quem sair a galopar com quem comentar os livros, os poemas, as canções picantes...

— Daria! — Exclamou Bryce.



Daria sorriu e depois moveu a cabeça.

— Também Rhiannon sentirá saudade. Os meninos gostam tanto de você!

Melisande piscou ao notar que lhe escapavam as lágrimas. Os três irmãos a rodeavam e ela sentiu o calor de sua amizade, o afeto que lhe tinham.

— Sentirei falta de todos. — disse com voz rouca— Muitíssimo.

Levantou a cabeça e viu que Conar continuava olhando-a fixamente. Seus olhares se cruzaram, e ao cabo de um instante, que lhe pareceu muito longo, Conar se voltou e se afastou.

Daria começou a falar com excitação.

— Não estará tão longe, sabe? Conar diz que vão a várias cidades próximas nos próximos dias; mas não tema, todos nós somos excelentes marinheiros, assim quando menos esperar, teremos lhes feito uma visita.

— Isso espero — respondeu Melisande. Sentiu-se repentinamente fraca e se deixou cair no tronco de novo. Daria se sentou junto a ela, Bryan ficou de cócoras e Bryce se ajoelhou.

— E tampouco te será difícil vir nos ver aqui — disse Daria.

— Ou em Dubhlain — disse Bryce.

— Obrigada. — murmurou Melisande — Obrigada a todos. Espero de todo coração que venham. Este lugar é muito belo, e Dubhlain também. Mas verão, o castelo de meu pai é igualmente magnífico. Por favor, não deixem de vir para verme!

— Há ocasiões em que nos reunimos todos, Melisande. — assegurou Bryan — Não tema, estamos longe, mas não separados.

Seguiram conversando e ao cabo de um momento Melisande percebeu que Mergwin tinha desaparecido. Não o tinha visto partir. Pensou que teria seguido Conar, e se perguntou se o ancião teria feito a mesma advertência a seu marido.



Estavam ainda no rio quando caiu a noite. Finalmente ficaram em marcha. Quando Melisande chegou junto a sua égua, surpreendeu-lhe ver que o velho rocim de Mergwin continuava preso onde o tinham deixado algumas horas antes, e que havia um terceiro cavalo no lugar.

Mergwin continuava no bosque.

Com outra pessoa.

Daria pareceu notar sua preocupação. Montou em seu cavalo.

— Brenna irá com vocês. Mergwin deve estar despedindo-se dela.

Melisande arqueou as sobrancelhas. Perguntou-se, confusa, se seria possível que a elegante loira que sempre estava à inteira disposição de Conar tivesse uma relação... Íntima com o ancião druida.

Daria fez um gesto com a mão e sorriu.

— Estarão discutindo sobre o mundo e as estrelas, tentando prever o futuro de todos nós. — disse — Vamos, temos que voltar para casa. Rhiannon terá mandado fazer tudo o que possa comer-se para organizar um festim esta noite. É sua forma de despedir-se.

Assim foi. Quando chegaram, Rhiannon e Eric os esperavam no grande salão. Ele tinha a sua bela esposa abraçada pela cintura, enquanto ela apoiava sua cabeça em seu largo peito, e o fogo que ardia na lareira arrastava vivos brilhos vermelhos de sua cabeleira.

Melisande, envergonhada, olhou para outro lado, mas Rhiannon, que a tinha visto entrar na sala, soltou imediatamente a seu marido para abraçá-la carinhosamente.

— Foi um prazer tê-la conosco. Sempre será bem-vinda em nossa casa, Melisande.



— Obrigada. Sei que voltarei. E espero de todo coração que venham ver-me...
Nos ver.

— É obvio que iremos. Parece que temos a mania de nos reunir. — Disse com um sorriso — Os meninos estão lá em cima. Gostam muito de você e gostariam que subisse um momento para se despedir.

— Subirei agora mesmo.

Subiu correndo as escadas. Garth como um homenzinho, esperava-a na porta do quarto.

— Mamãe disse que viria. Disse que não partiria sem me dizer adeus.

— De maneira nenhuma!

Melisande o pegou nos braços e se sentou com ele na borda da cama, balançando-o sobre seus joelhos, embora já fosse um menino bastante grande.

— Começarei a jantar no salão com os mais velhos dentro de muito pouco — disse ele — Já sou quase grande. E logo poderei montar a cavalo com meu pai e meus tios.

— Não deve ter tanta pressa — disse Melisande ao mesmo tempo em que levantava a vista para a jovem donzela que se ocupava dos meninos.

— É uma mulher. Por isso não o entende— Disse Garth.

— Sou uma mulher, mas tive que cavalgar e combater — insistiu.

— De verdade tem que ir? — perguntou o menino.

— Sim. Devo retornar a minha casa agora, assim como a você está na sua.

Compreende, não é, Garth?

O menino a encarou. Parecia-se tanto com seu pai!

E com seu tio.

Melisande estremeceu de repente e o menino notou que tremia.

— Está tremendo? Tem medo?



— Não, não tenho medo. Estou ansiosa!

O menino saltou de seu regaço e ficou de pé.

— Suponho que quer abraçar minha irmãzinha.

— Claro que sim — Respondeu Melisande. Levantou-se, foi até o berço finamente esculpido e pegou a menina para abraçá-la com ternura.

— É uma menina linda, Garth. Tem que cuidar dela.

— Farei— Prometeu. Pegou-a pelo cotovelo— . Se tiver filhos, também cuidarei de meus priminhos, prometo-lhe isso.

Meninos!

Melisande estremeceu de novo. Elevou a vista e olhou para a porta.

Conar estava ali, atrás da jovem donzela, olhando-a fixamente com a mesma expressão dura de sempre em seu rosto.

Sentiu calafrios.

Garth se voltou e também viu Conar. Correu para o seu tio com um grito de alegria. Ele o levantou nos braços e o lançou ao ar. Em seguida o abraçou estreitamente e voltou a deixá-lo no chão.

— O veremos logo na costa, não é, garoto? — disse lhe segurando a mão.

— Sim, tio. — respondeu Garth— Sempre que precisar de mim. Melisande deixou a menina no berço e acariciou a suave pele de sua bochecha. Depois cruzou precipitadamente o quarto, de repente sentiu uma repentina ânsia de escapar. Conar estava na porta com o menino. Já tinha se despedido, só tinha que passar por eles.

— Melisande! — chamou Garth.

Deteve-se o ouvir sua chamada e se voltou lentamente para ele. Garth correu para ela e se abraçou a sua perna com tal veemência que quase a fez perder o equilíbrio. Ela o rodeou com seus braços e se inclinou sobre ele e, lhe levantando o queixo, beijou-o na bochecha.



— Adeus, Garth — disse. Em seguida se ergueu rapidamente e saiu do quarto o deixando só com seu tio.

Desceu pelas escadas correndo.

A suave música de um alaúde enchia o salão quando chegou. Os serventes estavam pondo na mesa grandes bandejas com javalis inteiros e faisões ainda adornados com sua colorida plumagem e rodeadas de bagos silvestres.

Rhiannon a viu chegar e, arqueando as sobrancelhas, dirigiu um lento sorriso a alguém. Melisande se voltou e viu que Conar tinha descido atrás dela.

Ouviu um ganido e, ao baixar a vista, descobriu um dos grandes cães lobo da casa, Dag, que entrava saltando no salão. O animal esfregou o focinho em sua mão e ela o acariciou.

— Até de você tenho que me despedir, não é? — sussurrou com carinho.

O cão voltou a ganir movendo o rabo. Também ele parecia olhar a alguém que se encontrava às costas de Melisande e começou a agitar o rabo com mais veemência.

Conar estava de novo junto a ela.

— Vamos nos sentar? Rhiannon e Eric estão já em seus lugares.

Pôs-lhe as mãos nos ombros e a acompanhou até a mesa. Melisande estava desejando escapar dele.

Esperaria o momento propício.

Estavam dispostos como sempre. Eric e Rhiannon, Conar e Melisande, Daria, Bryan, Bryce, Mergwin e Brenna, e alguns dos homens do Eric, ingleses e noruegueses. Uma vez mais, Melisande e Conar compartilhavam a mesma taça. Ela a pegou sorriu a Conar com frieza, e a esvaziou de um gole.



Ele deixou que esvaziasse a taça várias vezes, enquanto ela falava entusiasmada com Bryce de cavalos e lhe dizia quão ansiosa estava de voltar a ver guerreiro, o grande cavalo baio de seu pai.

— Imagino que estará velho, mas estou segura de que Philippe e Gastón se ocuparam de que se mova e esteja bem cuidado. Confio em que se lembrará de mim.

— É difícil saber advertiu Bryce. — Era só uma menina a última vez que o viu. Terá que vê-lo pessoalmente e tomar cuidado.

— Não acredito que precise usar esse cavalo para nada — disse Conar de repente. Melisande o olhou surpresa.

Pretendia lhe dizer que não podia usar o cavalo de seu próprio pai nas terras que lhe pertenciam?

— Guerreiro está adestrado para a guerra, e você não voltará a intervir em nenhuma batalha.

— Intervi em uma batalha? — perguntou Bryce com uma expressão de admiração em seu atraente rosto.

— Meu pai tinha morrido e nossos homens estavam perdendo o controle. — disse Melisande encolhendo os ombros — Tive que fazê-lo...

— Que valente! — exclamou Daria.

— Maravilhosamente valente — disse Conar intervindo na conversa com um tom desanimado.

— Não lhes contei nunca todos os detalhes? Assim foi precisamente como consegui a minha adorável esposa, Daria. Estava nos braços do parente que acabava de matar a seu pai.

— Conar, às vezes não há escolha — explicou Rhiannon.

Fez-se um silêncio incômodo e Rhiannon se ruborizou ao sentir todas as olhadas fixas nela.



— Minha esposa é uma excelente arqueira — explicou Eric rapidamente —
Consegui me atravessar com uma flecha em uma ocasião.

— Preferiria que se abstinhasse de dar a Melisande novas idéias sobre como deve
se comportar uma esposa — disse Conar.

Seu tom era jovial e todos riram. Mas nesse instante Bryce interveio com
entusiasmo.

— A arma de Melisande é a espada. Esgrime-a com uma habilidade
extraordinária. Viu-a, Conar?

— Ainda não, mas se você diz que tem talento, irmão, acredito.

— Pratica quase todos os dias — continuou Bryce.

— Continua exercitando-se agora?

Melisande apertava a taça entre seus dedos e não apartava o olhar dela, mas
sabia que Conar a estava observando e o viu inclinar-se para ela.

— Segue desejando intervir em alguma batalha, querida?

— Só desejo a paz — respondeu ela sem alterar-se.

— Então por que esse afã em se exercitar com a espada?

Dirigiu-lhe um sorriso afável. O vinho a ajudava a manter a calma.

— Talvez deseje te atravessar com ela enquanto dorme querido — sugeriu com
uma voz tão doce como seu sorriso.

Todos os comensais explodiram em gargalhadas, mas ela era plenamente
consciente de que o sorriso de seu marido era gélido e de que a estava fulminando
com o olhar. Bebeu mais vinho.

Tirou-lhe a taça das mãos.

— Dá-te força o vinho? — perguntou com voz suave.

Ela negou com a cabeça levantando o queixo em um gesto de desafio.



— Não a necessito neste momento, querido. Tenho algumas reclamações que fazer esta noite.

— Ah, sim? — perguntou ele sem elevar a voz.

— Pois sim.

— Sou todo ouvidos.

— Entendi que necessita algo de mim. Se for assim, deveria estar disposto a dar algo em troca.

— Até onde eu sei, pensa me atravessar com sua excelente espada. Terei que encontrar alguma concessão maravilhosa que fazer em troca!

Ela tentou pegar a taça, mas Conar a segurava com firmeza.

— Se tiver intenção de negociar, mais vale que te mantenha bem acordada e conserve a sobriedade.

— Que curioso! Agora está interessado em negociar?

— Veremos. — replicou suavemente— Explique-me que reclamações tem para fazer.

— Sinto muito, mas este não é nem o momento nem o lugar. Estamos em meio de um banquete promovido por sua amável cunhada, a que é destra no manejo do arco.

— Sim, e que se converteu agora em uma adorável esposa.

— Talvez ele tenha aprendido a lição e se converteu em um marido muito mais amável.

— Pode ser. — murmurou Conar com os olhos entreabertos — Mas também pode ser que não.

De repente, Conar empurrou a cadeira e ficou em pé agarrando-a pelo braço e, para o assombro de Melisande, levantou-a da mesa.



— Conar...! — começou Melisande, mas ele já estava falando com sua cunhada, que ocupava a cadeira vizinha à sua.

— Rhiannon, como sempre, nos expressou todo seu afeto através desta espetacular refeição. Agradecemos-lhe de todo coração este maravilhoso festim, mas lhe pedimos que nos desculpem. Esperamos partir de madrugada e precisamos nos deitar cedo.

Rhiannon ficou em pé imediatamente e Eric fez o mesmo.

— Claro. — disse ela rapidamente— Têm que descansar.

— Naturalmente. — concordou Eric olhando-os com expressão sombria, mas com um sorriso nos lábios, Rhiannon se apoiou nele e Eric, depois de deixar escapar um grunhido, pôs-lhe as mãos nos ombros e os apertou com força— Eu mesmo estava pensando em me retirar cedo.

— Levantaremos com vocês, é obvio, — disse Rhiannon a Melisande — para lhes desejar boa sorte.

— Obrigada. — murmurou Melisande, tão assombrada pela súbita decisão de Conar de abandonar o salão que não teve tempo de pretextar alguma boa razão para ficar.

Conar atravessou a sala empurrando-a. despediu-se brevemente dos presente sem deixar de lhe segurar o braço com firmeza, e a conduziu através do vestíbulo até a escada. Levou-a escada acima quase a rastros antes que ela pudesse articular palavra.

— Mas o que acontece? Mal tinha começado a comer! Rhiannon tinha preparado o banquete em sua honra!

— Sinto muito, querida, — disse em um tom que não era de modo algum conciliador — mas foi você quem mencionou nossa prematura partida.

— Eu...



— Você me incitou, provocou-me, e eu me limitei a morder o anzol.

— Não sei do que...!

— Sim sabe!

— Não sei do que está falando! Apenas sei é que você está se comportando com uma descortesia incrível e que tem as maneiras de um... — interrompeu-se.

— De um viking? — acabou ele. Tinham chegado à porta do quarto de Melisande. Seu antigo dormitório, que tinha ocupado até sua chegada.

Melisande se precipitou para dentro antes dele e empurrou a porta a suas costas com todas as suas forças.

Mas a porta não se fechou.

Ele a segurou abriu-a de um empurrão e a fechou lentamente detrás de si. Melisande se sobressaltou ou ouvir a energia com que passou o ferrolho.

— Sou todo ouvidos, Melisande. Explique-me no que consiste sua negociação.

— exigiu. Seu tom era frio. Tinha os braços cruzados sobre o peito e a olhava da porta em que estava apoiado.

Melisande disse a si mesma que devia mostrar-se decidida em todos seus entendimentos com ele e assim o fez. Ficou muito quieta, com as mãos entrelaçadas diante de si, e falou sem levantar a voz.

— Nunca teria vindo a me buscar se não precisasse de mim.

— Do que está falando? — disse ele franzindo o cenho.

— Deram-lhe uma esposa que você não desejava. Ele fez um gesto impaciente com a mão.

— Nunca me dará um descanso! Fui um maldito viking por tomá-la por esposa e agora sou um maldito viking por te deixar em paz.

Melisande fez caso omissos de suas palavras.



— Agora precisa de mim. Falou com o conde Odo e ele te advertiu que devia demonstrar aos nobres francos a solidez de seu casamento para consolidar sua posição entre eles. Então veio buscar-me, porque necessita que repita meus votos em público.

— Ah! — murmurou Conar — E acha que essa é uma moeda com que negociar comigo?

— Já não sou uma menina, Conar. Nem você nem Ragwald podem me obrigar a nada agora. Não te conviria que entrássemos na igreja e que eu renegasse de nosso casamento.

— É isso o que pretende fazer?

— É a moeda que estou disposta a utilizar para conseguir o que quero — replicou laconicamente.

Conar atravessou o quarto e perambulou frente à lareira. Ardia nela um pequeno fogo, porque a noite era úmida e fria. Deteve-se olhando as chamas um instante e depois caminhou até colocar-se as costas de Melisande. Levantou a cabeleira que lhe caía sobre o ombro e examinou seu cabelo, deixando que escorregasse sobre seu próprio braço. Melisande tentou voltar-se. A respiração de Conar lhe queimava o ombro, o pescoço, o lóbulo da orelha, embora seus lábios não chegassem a lhe tocar a pele. Sentiu que se filtrava lentamente nela uma espiral de calor líquido.

— Certo. E o que é exatamente que quer?

Melisande se voltou para ele, incapaz de suportar a proximidade de seu corpo que, até sem tocá-la, despertava calafrios ardentes em seu interior. Olhou-o de frente, mas não lhe soltou o cabelo, de forma que seguiram estando incomodamente perto um do outro.

— Liberdade — disse suavemente.



Ele arqueou as sobrancelhas.

— Repetir seus votos de casamento ante uma multidão não parece a melhor maneira de recuperar a liberdade... Porque suponho que se refere a sua liberdade com respeito a mim.

Apesar de toda sua resolução, Melisande falou depressa, com nervosismo, umedecendo os lábios e repetindo sua argumentação.

— Refiro-me a viver com liberdade. Partirei com você amanhã. Acredito que meu desejo de voltar para casa é suficientemente óbvio.

— Tão óbvio quanto as amizades que fez aqui.

— Sempre desejei voltar para casa, - disse suavemente— e todos sabem.

— Continue.

Melisande tinha a boca seca de novo. Ele continuava muito perto, quase em cima dela, tocando-a com o polegar enquanto acariciava a mecha de sua longa cabeleira.

Tentou escapar dele, mas Conar enredou os dedos com maior firmeza ao redor de seu cabelo.

— Continue — insistiu secamente. Ela voltou a umedecer os lábios para falar, mas perdeu os estribos quando menos o desejava.

— Será que não entende nada? — gritou— Voltarei com você, direi o que você quiser, mas quero que me deixe em paz! Quero dormir sozinha. Quero o quarto de meu pai. E quero que você não entre nele.

Ele manteve silêncio durante um tempo que a Melisande pareceu eterno e durante o qual não ousou respirar. O coração pulsava com muita violência, mas não podia respirar porque o olhar de gelo e fogo de Conar a atravessava e a imobilizava.



Ele levantou entre ambos a mecha de cabelo no que se enredavam seus dedos. Sua voz soou rouca, quase sedosa, sem expressar de modo algum a explosão de violência que ela tinha esperado.

— Repito que nunca a deixarei.

— Não pedi que o fizesse! — Puxou seu cabelo tentando de novo que ele a soltasse. — Está me machucando!

— Não, querida, você se machuca sozinha. — disse ele negando suavemente com a cabeça — Se ficar quieta, não puxarei seu cabelo.

Por um instante Melisande ficou completamente imóvel o encarando; tudo aquilo não tinha nada a ver com seu cabelo. Era sua vida o que estavam discutindo: se o obedecia, não lhe faria mal. Se tentasse romper o jugo, ele apertaria as cavilhas mais e mais...

— É evidente que não posso te vencer neste quarto! — gritou ela — Não posso puxar-lhe o cabelo e te avassalar. Mas posso lhe arruinar em Rouen, e juro que o farei a menos que...

— Deus! Agora me ameaça!

— Você está sempre me ameaçando!

— Pensei que queria negociar comigo. Melisande soltou um grito de impotência.

— Chame-o como quiser, na língua que quiser! Posso ser a mais adorável das esposas, a mais generosa, ou...

— Não necessito sua generosidade para nada, Melisande. Ganhei meus direitos sobre essas terras, não porque tenha me casado com você, mas sim porque fui a convite de seu pai, matei a seu assassino e venci a seus inimigos.

— Não importa! — exclamou ela — Agora está aqui porque Odo advertiu-o que precisava de mim.



Ele a soltou de repente e se dirigiu de novo para a lareira. Estendeu suas mãos de longos dedos para o fogo, sob o olhar de Melisande, que rezava por ter conseguido uma vitória, por pequena que esta fosse.

Conar se voltou para ela esboçando um sorriso rude e olhando-a com um brilho crepitante nos olhos.

— Permita que repita o que disse, para me assegurar de que entendi bem o que quer.

— Entendeu-me perfeitamente.

— Os vikings são tão lentos que às vezes é necessário nos repetir as coisas. — disse.

Caminhou lentamente para ela com as mãos nas costas e um gesto preguiçoso.

— Você me promete que em Rouen me jurará amor eterno, obediência absoluta e todo tipo de maravilhas em troca de que eu te deixe em paz; quer dizer, em troca de que saia deste quarto agora mesmo, leve-a até a costa, tire minhas coisas do quarto principal e a deixe viver ali tranqüila, casta e pura.

Melisande não replicou. Não gostou do tom de sua voz.

— Entendi bem, Melisande? Ela voltou a perder os estribos, talvez por quão incômoda ele a tinha feito sentir-se.

— Perfeitamente. É tão lento, viking, que necessita que lhe repita isso pela terceira vez?

Assim que essas palavras saíram de seus lábios, arrependeu-se profundamente de tê-las pronunciado.

Ele ficou de novo imóvel. Até que estendeu o braço, segurou-a pelo cotovelo e a atraiu para seu peito violentamente. Melisande deixou cair a cabeça para trás pela força do puxão e seus olhares se cruzaram.

— Não — resmungou Conar secamente.



— Posso fazer que sua vida seja um inferno em Rouen! — gritou debatendo-se.

— Pode fazer o que quiser em Rouen, Melisande.

— Maldito seja! Maldito seja! — disse tentando chutá-lo. — Fica aí parado, e me deixa falar e falar quando não tem intenção...!

— Estava decidida a falar — interrompeu Conar, antes de proferir uma maldição quando lhe deu um chute no joelho. Levantou-a do chão bruscamente e Melisande se surpreendeu agarrada a seu pescoço para não cair.

— Ponha-me no chão! — pediu com desespero.

Ele obedeceu e a deixou cair sobre a cama. Melisande estava disposta a saltar dela para fugir de Conar, mas ele se voltara e caminhava para a lareira de novo. Estendeu uma vez mais seus longos dedos para o fogo, como se não conseguisse esquentar as mãos. Voltou-se ao cabo de um momento e foi até a cama com um suspiro de cansaço. Ela fez menção de levantar-se, mas Conar se sentou a seu lado, e ficou quieta, apoiada nos cotovelos, o olhando fixamente.

— Não pode negociar o que não tem acordo, Melisande. — disse ao fim — A cerimônia de Rouen não será mais que isso, uma cerimônia. Você é minha esposa agora, já faz tempo que é, e isso não mudará.

— Mas você quer...

Conar lhe pôs um dedo nos lábios, fazendo-a calar com a mera força de seu olhar.

— Já disse isso Melisande, você é o que eu quero.

Afastou-lhe a mão.

— Como se atreve! — murmurou ela.

— Por temeridade, talvez — sugeriu Conar.

— Por crueldade — replicou Melisande.



Ele sorriu lhe acariciando a bochecha. Ela baixou a vista e olhou para outro lado, então ele deixou de tocá-la. Melisande cravou seu olhar na porta. Mais que nada no mundo, queria correr para ela, escapar. Tinha estado tão segura de sua vitória!

— Ah, a porta! — murmurou Conar. — A liberdade! Seus olhares se cruzaram.

— E se fugisse de você? — disse ela desafiante.

— Se fugisse de mim? Bom, teria que correr atrás de você, é obvio. Arrastaria você pelo cabelo, atiraria ao chão e a violaria — replicou zombadoramente com um tom desenvolto.

Não, não o faria.

Mas ela nunca conseguiria sair desse quarto.

— E se não fugisse de você? — perguntou, alarmada ao sentir que lhe faltava o fôlego.

— Bom, nesse caso... — Seus dedos pousaram bruscamente sobre o cinto que fechava a suave túnica de linho de Melisande. Agarrou-lhe a mão, mas o nó cedeu, revelando a anágua que usava por baixo, fina como uma gaze, que deixava seu peito virtualmente ao descoberto. O olhar de Conar se deteve em seus seios, depois procurou de novo os olhos de Melisande. — Nesse caso te suplicaria que deitasse na cama e não se movesse, e faria quanto pudesse para seduzi-la.

— Isso é muito pior! — protestou ela.

— Não, querida, é muito melhor — lhe assegurou Conar.

Seus lábios se encontraram. Conar se deixou cair sobre ela recostando-a no travesseiro. Beijou-a na boca, profundamente, introduzindo com sua língua esse toque de fogo líquido.

— Não se mova — insistiu.

— Prefiro fugir.

— É melhor que fique.



Deslizou sobre o corpo de Melisande até que sua cabeça ficou à altura do peito dela e o acariciou com a língua através do fino véu de sua anágua. Lambeu uma e outra vez seu mamilo, que se endureceu, e em seguida o sugou até que ela estremeceu sob seu corpo, sentindo um fogo selvagem e abrasador em seu interior que a fez protestar alarmada pela paixão que Conar tinha despertado nela tão rapidamente.

— Não!

Enroscou seus dedos no cabelo de Conar, puxando-o com força. Ele afastou ao fim seus lábios do peito de Melisande, mas sua resposta foi firme e implacável.

— Não se mova...

Tinha deslizado as mãos sob sua túnica e sua anágua e as levantou até lhe deixar as pernas descobertas. Acariciou-lhe suavemente a parte superior da coxa, por cima das meias, e seguiu subindo com gestos circulares, enrugando a roupa de Melisande até sua cintura. Encarou-a.

Acariciou com a mão os cachos negros de sua virilha.

Ela fechou os olhos e engoliu em seco.

— Não! — repetiu Melisande.

— Não se mova — foi sua única resposta.

Ela tentou falar, mas só pôde inspirar profundamente, porque os dedos de Conar começaram a afastar os lábios tenros de suas partes mais íntimas, afundaram-se em seu sexo e descobriram as zonas mais sensíveis e eróticas de seu corpo de mulher. Todo seu corpo ficou tenso em um intento de opor-se a ele. Um suspiro entrecortado escapou de seus lábios.

Conar a sossegou com um beijo sem deixar de acariciá-la com as mãos e a língua, de forma cada vez mais veemente, mais profunda, mais exigente. Tocava-a, provocava-a, acariciava-a e a excitava com suma destreza.



Melisande tremia e sentia com tal ânsia o ardente desejo que Conar tinha despertado nela que se sobressaltou quando ele se levantou. Nesse momento ficou consciente de duas coisas. Uma, que quando Conar a tocava ela vibrava em uma sintonia cada vez maior com ele, seu desejo era mais e mais premente e a carne a traía porque estava disposta a deixar-se beijar, acariciar e excitar. A outra, que seu marido podia despir-se muito mais depressa do que ela considerava humanamente possível.

Conar voltou para ela nu e puxou com impaciência a roupa de Melisande enrolada ao redor de seu corpo.

— Conviria que me ajudasse — murmurou Conar. Ela negou com a cabeça o olhando com olhos ardentes.

— Não pode esperar que o ajude a me violar.

— A seduzi-la — corrigiu Conar.

— Ordenou-me que me deite e fique quieta.

— Em efeito — concordou.

Em lugar de tentar despi-la, puxou então a roupa com suas poderosas mãos. O tecido se rasgou e Melisande sentiu o calor vital, musculoso de seu corpo nu pego ao dela e notou o impulso íntimo e excitante do sexo duro e palpitante de Conar junto ao dela. Com o peso de seu corpo lhe separou as coxas, e em segundos ele penetrava profundamente nela, que se aferrou a seus ombros ao mesmo tempo em que abria os lábios para receber seus beijos.

Uma vez mais, seu corpo se encheu com o calor líquido e vibrante quando penetrou nela o membro de aço de Conar, que seguiu beijando-a na boca enquanto começava a mover-se. Ergueu-se sobre ela, ofegante, e deixou escapar uma profunda expiração justo antes de fechar seus lábios sobre o peito de Melisande em um beijo ardente, enquanto aumentava o ímpeto e a velocidade de seus movimentos, com um



ritmo cada vez mais erótico, mais exigente, mais tempestuoso. Melisande se sentiu transportada por uma rajada de vento, como se a atravessasse um relâmpago.

Horas depois, enquanto jazia esgotada, impotente, perguntou-se com frustração como podia ter cedido ante ele tão completamente.

Como podia ser tão fraca?

Nesse mesmo instante sentiu seu corpo junto ao dela, acoplado a suas costas como um escudo protetor; tinha as pernas enredadas nas suas e a rodeava com seus braços. Sua grande cabeça loira descansava no travesseiro por cima da de Melisande e a acariciava com o queixo. Segurou-lhe a mão de repente com grande ternura. Ao mudar de posição a suas costas, Melisande sentiu seu forte aroma, sua respiração profunda, o agradável contato de seu corpo masculino, ainda quente. Pensou então que nunca em toda sua vida se havia sentido tão bem... Utilizada. Tampouco havia se sentido nunca tão completamente protegida e segura... Tão cômoda.

Apesar de tudo, talvez render-se a Conar não tivesse sido um engano tão imperdoável.

Ao menos não nesse momento, na escuridão.

Mas Melisande sabia que a luz do dia voltaria, e com ela Brenna e suas outras amantes, e seu imperioso tom de comando.

Conar tampouco dormia, pois sentiu subitamente seus lábios nas costas e seus dedos lhe afastando o cabelo. As mãos úmidas de Conar lhe acariciaram sensualmente a espinha dorsal da nuca até as nádegas. Percorriam seu corpo com a mesma lentidão sensual, cativante que antes, deslizavam-se sob seu braço, detinham-se em seus seios, acariciavam-lhe depois a curva dos quadris. Melisande conteve a respiração quando ele a girou entre seus braços; uma vez mais sentiu em sua pele suas carícias e em seus lábios seus beijos ardentes, febris e ávidos, tão íntimos, como fogo líquido, decididos, indiferentes a seus protestos. Indiferentes aos



suaves gemidos, aos gritos sensuais de Melisande, aos tremores que retorciam e arqueavam seu corpo.

Ela crepitou como um tronco sob o fogo, rendida ante suas peritas mãos.

Uma vez mais, ergueu-se sobre ela, com uma expressão de urgência nas duras linhas de seu rosto e nos raios azuis de seus olhos. A luz do dia podia esperar.

Entretanto, a luz do dia chegou, e com ela a mudança que Melisande tinha previsto.

Acabava de cair em um sono profundo, sereno, dentro do quente escudo do corpo de Conar, quando a sobressaltou a ardência de um golpe em suas nádegas e o tom seco da ordem que saiu de seus lábios colados a seu ouvido.

— Vamos querida! Vamos! Zarpamos dentro de uma hora.

A que vinha tanta pressa? Estava esgotada por sua culpa. Ao menos poderia deixá-la dormir, já que tinha feito com ela tudo o que queria.

— Deixe-me em paz! — protestou afastando-se dele. Mas ele a atraiu para si.

— Se voltar a me bater, juro que não descansarei até vê-lo esquartejado! — disse ela com raiva.

— Jure o que quiser, mas se levante. É hora de que nos ponhamos em marcha. Saímos para a costa da França e não quero perder a maré.

Ele não demorou para levantar-se, e em seguida Melisande o sentiu mover-se pelo quarto e ouviu o ruído que fazia ao lavar-se com abundante água.

Finalmente saltou da cama, de repente se sentiu totalmente acordada. Suas palavras não importavam nada importava!

Voltava para casa!

Por fim, após tanto tempo.

Estava ansiosa para retornar a França, embora soubesse que se vendeu ao diabo para obtê-lo.

CAPÍTULO 15

Para Melisande foi muito duro abandonar a família de Conar, pela qual sentia tanto apego, mas a alegria que lhe produzia o retorno a casa compensava sem dúvida alguma seu pesar pela separação.

Os navios de Conar ainda estavam longe da praia, mas ela não podia esperar mais. Ia lançar-se à água quando sentiu a mão firme de seu marido sobre seu braço.

— Já quase chegamos querida. Não arruíne seu vestido.

— Se você pode rasgar um vestido, bem posso eu molhar outro — replicou elevando o queixo.

Conar proferiu uma maldição, mas a pegou subitamente nos braços e saltou do navio, para atravessar com ela o trecho de água que os separava da praia e de seu lar. Finalmente!

Tinham-lhes visto chegar da fortaleza, e um grupo saiu para recebê-los. No mesmo instante em que Conar a depositou na areia, ela pôs-se a correr para Marie do Tresse, que a esperava com os braços abertos.

— Melisande! Melisande! Está uma mulher!

Mas não pôde ficar muito tempo nos braços de Marie, porque também Philippe e Gastón e todos os homens de seu pai estavam ali, junto com Swen, a quem saudou cordialmente, embora com certas reservas, perguntando-se o que teria estado fazendo com sua propriedade durante sua ausência. Decidiu não pensar nisso ainda, assim como se negou a pensar no fato de que, nesse preciso instante, Brenna, que tinha navegado com eles, saltava à areia.



— Onde está Ragwald? — Perguntou a Philippe com ansiedade. Philippe sorriu e se afastou, e ali estava seu ancião tutor, com os olhos cheios de lágrimas quando a estreitou entre seus braços.

— A fortaleza esteve tão vazia sem você, filha! — assegurou-lhe Ragwald antes de voltar a abraçá-la.

— E eu estive tão vazia sem todos vocês! — replicou ela com um sorriso.

— Venha, vamos para casa — disse ele tremendo, porque, apesar da estação, o ar era úmido e fazia frio na praia— Trouxemos outro velho amigo para que faça o caminho mais comodamente — continuou com um sorriso. Voltou-se para um dos garotos de quadra que, vestido com toscas roupas de lã, aproximou-se ansiosamente puxando as rédeas de Guerreiro.

Ela soltou um breve grito de surpresa e correu para o garanhão para lhe acariciar o focinho. O animal retrocedeu relinchando, mas logo pareceu reconhecê-la. Fez uma cambalhota para aproximar-se de novo e quase a derrubou ao fazê-lo. Ela voltou a gritar de alegria.

— Ah, Guerreiro, não me esqueceu!

— Certamente, assim parece — ouviu Melisande a suas costas.

Conar. Ali estava outra vez. Sempre atrás dela. Melisande apertou os dentes, pois recordou que na noite do banquete de Rhiannon lhe havia dito que não voltaria a necessitar de um cavalo de guerra.

De repente, seus olhos encheram de lágrimas. Não queria ter que brigar de novo com ele nesse momento. Acabava de chegar em casa e desejava desfrutar de um pouco de paz. Além de tudo, não tinha direito a lhe negar um cavalo!

Baixou o olhar e os cílios lhe ocultaram os olhos. Mas se sobressaltou ao ouvir sua voz de novo.

— Vamos, condessa, ajudá-la-ei a montar. Melisande o olhou com gratidão.



— Obrigada — murmurou constrangida.

Um instante depois estava sentada na sela. Esperou impaciente que último dos navios de Conar atracasse o que tinha feito construir especialmente para transportar seus cavalos adestrados, porque, assim como nunca viajava sem Brenna, aparentemente, tampouco viajava sem Thor. Talvez essa fosse uma das novidades que o pai de Conar tinha instaurado ao chegar às costas da Eire: o filho de Olaf, o Lobo da Noruega, tirava dos povos que conhecia os métodos de navegação, de combate e de vida que mais lhe convinham; à maneira saxã, tinha optado por liderar suas batalhas montado sobre Thor, sem lhe importar as dificuldades que isso pudesse significar para o transporte por mar do animal.

Mas sua tripulação, composta por gente de procedência diversa, era bem treinada e trabalhava com eficácia, de forma que os navios ficaram atracados e a carga foi descarregada em pouco tempo e puderam cavalgar para a fortaleza.

Tudo estava virtualmente igual a quando Melisande se foi.

As muralhas de pedra que o conde Manon mandou construir continuavam ali, protegendo o castelo e a torre principal. Nos campos que rodeavam a construção os cultivos cresciam com abundância. Frente às portas, congregaram-se todos os que moravam na fortaleza — lavadeiras, ferreiros, artesãos—, que esperavam com impaciência para lhes dar as boas vindas. Uma vez que chegaram ao pátio, Melisande saudou quantos pôde enquanto desmontava com a ajuda do padre Matthew. Havia um desdobramento de atividade incrível! Para Melisande pareceu que fazia uma eternidade desde sua partida. Quase seios longos anos.

Por fim subiu pelas escadas que levavam a grande salão de seu castelo, e uma vez ali se sentou frente à lareira, ante a insistência de Ragwald que repetia uma e outra vez que devia esquentar os pés, embora para Melisande parecesse que queria era esquentar ele mesmo. Nada importava. Só a felicidade de voltar a ver seu velho e



enrugado rosto. Marie lhe trouxe em seguida uma taça de vinho quente, mas mal pôde conversar com ela porque os homens chegaram nesse instante ao salão e chamaram a mais e mais serventes, e todo mundo falava com todo mundo enquanto o vinho e a cerveja corriam como água.

Melisande olhou ao redor e notou a ausência dos pequenos detalhes que faziam tão agradável o salão de Rhiannon. As esteiras que cobriam o chão não estavam tão cuidadas como deveriam, nem havia tapeçarias nas janelas para proteger a casa do frio da noite. Agora estava em casa resolvida a devolver todo o esplendor à criação de seu pai.

Refletiu um momento e chegou à conclusão de que o interior da fortaleza não era tão importante como suas defesas externas. O primeiro era o primeiro. Queria passar revista às muralhas, falar com os guardas, assegurar-se pessoalmente de que o castelo estava bem defendido do interior.

Ao elevar a vista, encontrou-se com os olhos de Conar. Era como se ele lesse seus pensamentos, e seu olhar firme lhe advertia que talvez restassem duros combates para travar.

Melisande desviou o olhar.

— Têm que me contar tudo o que ocorreu em minha ausência — disse a Marie e Ragwald, abrangendo também com o olhar a Philippe e Gastón que se encontravam atrás deles. — Estão bem os arrendatários? Morreu alguém? Ganhamos algo?

— William, das terras da zona sul, passou desta para a melhor durante a colheita passada. — disse Gastón benzendo-se — Era um excelente agricultor e um bom homem. Mas seu filho, também chamado William, jurou fidelidade ante Swen, porque você estavam em Eire e o conde Conar estava com o conde Odo.



Ela assentiu baixando a vista. Swen! A mão direita de seu marido. Apesar de tudo, não conseguia sentir muita hostilidade para com ele; Só o que podia lhe reprovar era que era um homem de Conar.

Havia ainda muito por contar e muito por fazer. O dia passou depressa. Pouco depois de sua chegada, começaram a vir os arrendatários e os servos a lhe dar as boas vindas e a lhe reiterar seus respeitos. Melisande sabia que era precisamente a ameaça viking que pesava sobre o mundo cristão o que tinha criado a sociedade feudal em que viviam. Essa gente servia a ela, ou a Conar por causa da resistência da fortaleza. Deviam-lhe respeito, o produto de três dias de trabalho por semana, lealdade e serviço, e em troca viviam em suas terras, que lhes garantiam sustento. Era um intercâmbio, eles se entregavam a ela e ela lhes assegurava amparo.

Quando chegou a noite, todos os arrendatários, os artesãos, os ferreiros e outros serventes tinham ido lhe render seus respeitos. No salão só ficaram os que residiam no castelo, e na mesa de banquetes estava servido um festim que nada tinha que invejar a nenhum dos que Melisande tinha comido durante sua ausência. Estava contente de poder olhar a fortaleza com novos olhos. Dubhlain era uma grande cidade, enorme, murada, fascinante. Talvez seu próprio castelo não pudesse competir com ela. Mas embora seu salão carecesse de algumas das coisas que davam sua especial beleza ao de Rhiannon, a estrutura do castelo em seu conjunto era mais forte, e a maravilhosa resistência de suas defesas a encheu de orgulho.

O fogo estava consumindo-se e era muito tarde quando Melisande se sentiu exausta.

— Marie, talvez seja melhor que ajude a sua senhora a deitar-se — disse Conar de repente, e Melisande lhe dirigiu um rápido olhar, surpresa de novo ao comprovar que tinha estado observando-a sem que ela o notasse.

— Não estou tão cansada... — disse.



Estava sentada entre Swen, Gastón e Philippe, e sabia que os homens tinham intenção de seguir falando durante longo tempo sobre os assuntos do castelo. Mas se interrompeu ao recordar que ele não tinha posto objeções a que ela cavalgasse sobre Guerreiro. Podia começar a assentar sua autoridade amanhã, quando não estivesse tão cansada, quando tivesse mais força para isso.

— Bem pensado, talvez esteja — disse pestanejando. Marie e ela se levantaram. Estava tão contente de ter voltado para casa! Despediu-se dos homens que tão fielmente tinham servido a seu pai e a ela, abraçou Ragwald e atravessou o salão em direção as escadas.

— Melisande!

Parou ao ouvir sua suave chamada se voltou mordendo os lábios. Tinha-o ignorado deliberadamente. Retornou ao salão, com todo o corpo tenso, e conseguiu lhe dar um rápido beijo no cocuruto loiro. Ele levantou a cabeça e seus olhares se cruzaram.

— Não demorarei amor.

— Por favor, tome todo o tempo que queira. Toda a noite se for necessário.

— Não, querida, não poderia suportá-lo. Estarei com você em seguida.

Melisande apertou os dentes, sorriu e saiu do salão.

Chegou ao dormitório de seu pai. Era tão grande como ela recordava. E tão quente. Junto ao fogo a esperava uma banheira e na cama havia uma fina camisola preparada. Meteu-se na água quente com a ajuda de Marie e quando se deu conta já estava contando tudo o que tinha visto nos lugares e terras longínquas nos quais tinha vivido sempre evitando mencionar Conar.

Mas não pôde afastá-lo de sua mente.

Alguém tinha subido todas as coisas de Melisande ao dormitório.

E as de Conar.



Saiu da banheira ao fim de um momento. Marie lhe ofereceu uma suave toalha de linho e Melisande se envolveu nela. Depois vestiu a deliciosa camisola disposta sobre a cama. Não a tinha visto antes.

— De onde saiu? — perguntou a Marie.

— O conde Conar a trouxe de uma de suas viagens — respondeu ela.

— Ah — murmurou Melisande, e ficou imóvel enquanto Marie acabava de ajudá-la a vestir-se.

Marie lhe deu um beijo na face e a abraçou. Melisande lhe prometeu que nada voltaria separá-las, em seguida a donzela saiu deixando-a só no quarto de seu pai. Melisande ficou olhando fixamente o fogo, enquanto se perguntava quando tinha comprado Conar essa camisola e se ele tinha comprado expressamente para ela, ou para Brenna ou alguma outra mulher. Esteve a ponto de tirá-la de um puxão, mas então ouviu os passos de seu marido. Meteu-se na cama, cobriu-se com as mantas e fechou os olhos fingindo dormir.

Ele não demorou em chegar junto ao leito. Ficou quieto e calado durante um momento. Em seguida Melisande o ouviu mover-se pelo quarto e despir-se.

Puxou os lençóis que a cobriam e se deitou nu junto a ela.

— Olhe pra mim, Melisande. Ela não se moveu.

— Sei que está acordada.

Deitou-se sobre ela e Melisande sentiu que seu calor a envolvia. Abriu as pálpebras e o olhou com olhos brilhantes, procurando não ver nem seu corpo robusto e musculoso, nem seu sexo, que com tanta facilidade se endurecia assim que ficavam sozinhos.

Olhou-a fixamente com olhos escuros e sombrios, sem que essa noite pudesse encontrar neles um traço de brincadeira.



— Por que faz isto? Por que me rechaça? Por que luta contra mim sem descanso?

— Não luto contra você.

— Sim luta. E não entendo, porque sei que não te faço mal. Para mim foi um prazer, não, uma maravilhosa surpresa ver de que forma corresponde.

“A facilidade com que correspondo”, pensou ela.

Engoliu em seco e o encarou.

— Luto contra você — respondeu sem elevar a voz — porque me tirou tudo o que é meu.

Conar negou com a cabeça.

— Tomei o que você não podia conservar por si mesma.

— É um viking, — disse para criticá-lo — está acostumado a tomar o que deseja muito.

— Nesse caso, infelizmente, tenho que tomar de novo, com ou sem seu consentimento.

Melisande lutou contra ele essa noite, revolveu-se e se debateu, mas não lhe serviu de nada. Ele não chegou realmente a forçá-la. Limitou-se a sujeitá-la.

Cobriu-a de carícias e beijos. Até que Melisande deixou de bater com os punhos e o estreitou entre seus braços. Até que a venceu, uma vez mais.

Estar em casa era maravilhoso. Ouvir diariamente sua própria língua, ver como crescia a grama nos campos, passar horas com Ragwald e Marie, Philippe, Gastón e outros. Tudo a enchia de alegria. Durante o dia era muito fácil evitar Conar. Parecia estar constantemente ocupado com a fortaleza, com as zonas mais fracas das muralhas, em especial uma que, conforme lhe assegurou com um tom cortante uma noite, estava a ponto de cair.



Ela defendeu incondicionalmente a muralha que seu pai tinha construído. Conar lhe disse com impaciência que o desmoronamento não era culpa de seu pai, pois a deterioração era fruto do passar do tempo, assim, deviam escorá-la para começar os reparos logo que retornassem de Rouen.

Conar ainda não lhe havia dito quando iriam. De fato, nunca lhe informava de nada. Quando sentia a necessidade de falar com uma mulher, dirigia-se a Brenna, nunca a ela.

Na quarta noite após sua chegada, Melisande se retirou cedo. Passaram as horas, mas ele não foi ao quarto. Melisande desceu a metade das escadas, para tentar descobrir o que era o mantinha acordado até tão tarde. Então soube. Brenna. Estava conversando com ela sentado frente à lareira. A luz do fogo arrancava reflexos de suas cabeças loiras. Por um momento Melisande pensou em irromper no salão e dizer simplesmente que necessitava uma taça de vinho ou de cerveja, mas, sentindo um profundo ódio por ambos, optou por partir.

Fingiu dormir quando ele subiu por fim ao dormitório. Mas não lhe serviu de nada. Conar se despiu com sua costumeira velocidade e se meteu entre os lençóis. Momentos depois lhe falou com frieza.

— Se sente necessidade de escutar minhas conversas, seria melhor que manifestasse sua presença. Aprenderia muito mais. — Ela não replicou, mas ele adicionou: — Não precisa nos espiar, Melisande.

— Não queria espia-los. — disse por fim — Esperava que o salão estivesse vazio para me sentar um momento junto ao fogo.

— E onde podia estar eu a não ser no salão, já que não estava aqui?

— Só Deus sabe onde pode decidir estar.

Para surpresa de Melisande, ele soltou um bufar de desdém e lhe deu as costas. Essa noite não a tocou.



Na manhã seguinte Melisande despertou estranhamente inquieta e decidiu ir sozinha dar um longo passeio a cavalo. Tinha passado momentos muito felizes junto o riacho que corria perto do castelo de Eric, e recordou que havia um parecido não muito longe das muralhas de seu castelo.

Não cruzou com Conar, e na realidade nunca lhe ocorreu que ele pudesse ter algo que objetar a seu passeio. Saiu do castelo a cavalo sem comunicar a ninguém sua partida, nem sequer a Ragwald ou a Marie. Só o garoto de quadra sabia que Melisande tinha pegado guerreiro.

Não pretendia ser imprudente. Simplesmente, ao despertar com um estranho desassossego, decidiu descobrir o que lhe ocorria e acalmar-se. Chegou ao riacho, desmontou e caminhou com agilidade sobre as rochas que o atravessavam, deixando que Guerreiro pastasse tranqüilamente. Quando chegou à outra margem, tirou os sapatos e colocou os pés na água, sem deixar de perguntar-se a que se devia sua inquietação.

Fazia anos que tinha ido a esse mesmo lugar com seu pai, quando era apenas uma menina.

O perigo das invasões vikings não era então uma novidade, mas naqueles tempos chegavam por mar e da fortaleza se via quando seus navios aproximavam da costa. Nunca pensaram que o perigo pudesse vir de dentro, nunca até a traição de Gerald.

Recordava que este tinha sido um de seus lugares preferidos. Talvez por essa razão tivesse descoberto o riacho de Wessex.

Sentiu calor no rosto e o refrescou com a água do rio, enquanto recordava como Conar a tinha surpreendido na borda do riacho inglês. Quase sentia o ardor de seu olhar fulminante fixo nela e Gregory.



Agachou a cabeça e refrescou de novo as bochechas, sabia qual era a origem de sua agitação.

Conar é obvio.

Tinha querido suplicar, negociar ou conseguir por qualquer outro meio estabelecer entre eles uma distância de segurança. Talvez sempre tivesse sabido que Conar chegaria a lhe importar muito, que podia encontrar-se perigosamente submetida a sua dominação. Talvez houvesse sentido desde o começo o perigo de amá-lo, de sentir-se, por sua culpa, corroída pelo ciúme, de desejar, por sua causa, que outras mulheres se afogassem no oceano e fossem devoradas pelos peixes.

O perigo de apaixonar-se por ele.

Ergueu-se subitamente e se rodeou os ombros com os braços. Não estava se apaixonando por ele, disse a si mesma, só uma leiteira sem dois dedos de juízo podia sentir amor por um homem semelhante.

Entretanto, na noite anterior tinha sentido ódio. Ódio por sua frieza. O que podia fazer? Não queria que fosse para cama de Brenna, nem de nenhuma outra das amantes com que mantinha encontros mais fortuitos. Mas o que podia fazer? Que poder tinha sobre ele? Jamais se entregaria a Conar, jamais permitiria que seu coração se rendesse. Sua vida seria insuportável se assim o fizesse.

Entretanto, sua vida parecia transcorrer já de uma maneira muito sombria, inclusive na França, em casa, onde havia tantas pessoas queridas e que a queriam. Havia um vazio em sua vida que não havia sentido nem na cidade murada de Dubhlain nem na fortaleza de Wessex do outro lado do mar. Porque ali havia risadas ao redor, e um amor diferente, o amor tão incomum e especial que só pode existir entre um homem e uma mulher.



Não se atrevia a querê-lo. Devia lutar infatigavelmente contra esse sentimento, tentar com todas as suas forças conservar seu coração e sua alma, e sua própria identidade.

— Melisande!

A voz que tinha pronunciado seu nome lhe era estranhamente familiar. Levantou a cabeça e, ao olhar para a outra borda do rio, lhe parou o coração.

Era Geoffrey Sur-le-Mont, o filho de Gerald, mais velho, mais forte. Tinha agora uma enorme semelhança com seu pai: o mesmo cabelo escuro e os mesmos olhos de avelã. Os mesmos olhos que brilhavam de cobiça como se não deixassem de maquinar.

Ficou em pé com receio.

Ele estava frente a ela olhando-a do outro lado do rio sem fazer menção de aproximar-se.

— Não se assuste — disse em seguida.

— Não estou assustada — mentiu ela imediatamente, Estava de pé na água fria, e se lamentou de repente de não ter os sapatos postos e de ter deixado Guerreiro na outra borda.

— Ouvi que tinha retornado. — disse ele sem mover-se.

Era alto como seu pai, bem formado, o rosto longo e fino, bastante atraente. Entretanto, tinha um estranho defeito nos olhos e na curva de seus lábios que a fazia sentir-se extremamente incômoda, pois quando a olhava parecia que a estava despindo.

— Sim, como pode ver, retornei — murmurou laconicamente.

— Mudou muito, Melisande.

— Sim?

— É a mulher mais extraordinária que vi.



— É gentileza sua, Geoffrey.

— Não minto.

— Talvez não conheça suficientemente as mulheres — murmurou.

Geoffrey deu um passo para ela, equilibrando-se sobre uma das rochas como tinha feito Melisande alguns momentos antes.

— Não é isso. — replicou— Conheço muitas mulheres.

Ela se inclinou para pegar seus sapatos, sem se importar se os molhava ou não. Queria estar preparada para correr se fosse necessário.

— Espere! — disse ele rapidamente— Não vim para lhe fazer mal. Só quero falar com você.— Melisande ficou quieta e ele ficou em silêncio um momento. Depois acrescentou: — Faz tempo estava previsto que você e eu nos casaríamos.

— Sinto muito, Geoffrey, mas não acredito. — disse ela negando com a cabeça— Seu pai enganou ao meu, o traiu sem hesitar e o assassinou. Todos sabem.

— E ele foi assassinado a sua vez por seu viking.

— Não é um viking — disse Melisande surpresa por suas próprias palavras.

Geoffrey arqueou as sobrancelhas e se desenhou em seus lábios um estranho sorriso. Deu um passo mais para ela.

— Não pode ser feliz com semelhante casamento, Melisande. O pai de seu marido é da casa de Vestfold, e embora assegurem que se converteram ao cristianismo e sejam pessoas civilizadas, no fundo continuam sendo vikings, mercenários que se vendem a melhor proposta. Conar lutou contra meu pai porque você foi a recompensa. Sua gente pode voltar-se contra você a qualquer momento. Nunca sabe o que esperar deles, são como cães selvagens.

— Geoffrey sinto, mas...

— Desejei-a sempre, Melisande. Em outros tempos seu pai quis que casasse comigo.



— De todas as formas, a Igreja nunca o permitiria, Geoffrey...

— A Igreja sempre cede aos desejos dos poderosos.

— Geoffrey, — disse bruscamente — seu pai nunca chegou a decidir se queria me conservar para si, me entregar a você ou me assassinar sem mais.

— Sempre quis você, Melisande. E me escute bem, arrancá-la-ei das mãos desse bastardo viking. Sequestrarei-a... Ou a libertarei. Qual das duas coisas, Melisande?

— Seu pai assassinou ao meu! — gritou. — Nunca terei nada a ver com você.

Ele deu um passo mais como se quisesse atravessar o riacho, mas de repente ambos ouviram o ruído de cavalos que se aproximavam. Geoffrey se deteve. Um segundo depois Melisande viu com alívio aparecer entre as árvores Conar, ia montado em Tor e lhe acompanhavam Swen e Gastón.

Não usavam armadura. Do alto da sela, com o sol lhe arrancando reflexos dourados da sua cabeleira, olhou ao Geoffrey lançando faíscas de seus olhos azul cobalto.

— Ah! O grande Senhor dos Lobos retornou — murmurou Geoffrey sarcástico. Fez uma profunda reverência a Conar e quando se levantou olhou para Melisande. — Tinha ouvido que havia tornado com minha jovem parente, Conar, e ao ver guerreiro desaparecer junto ao rio, temi por sua segurança. Mas, como pode ver, está perfeitamente bem. Ninguém lhe fez mal nem a toucou.

— Sim, porque chegamos a tempo — disse Gastón furioso.

— Se for culpado dos atos de meu pai, Conar, então também pode se responsabilizar pelos do teu. Por mais rei de Dubhlain que seja agora, sei que invadiu essa terra muito antes de governá-la. Mas, claro, logo ganhou a aceitação de todos ao casar-se com a filha do Ard-Ri, verdade?

— Deveria atravessá-lo com minha espada aqui e agora — disse Conar sem elevar a voz.



Melisande se alegrou ao ver que Geoffrey empalidecia sob o frio olhar de Conar, embora não retrocedeu, seu primo sorria como se soubesse que algo o protegia.

— Assassinar um homem inocente e desarmado? — perguntou Geoffrey levantando os braços para demonstrar que não estava armado, Senhor dos Lobos, viking, não te granjearia a simpatia de outros nobres da França, não acha?

— Vá embora, então — disse Conar com um tom ameaçador—. Mas se voltar a ver você com minha esposa...

— Eu com sua esposa ou ela comigo? — perguntou Geoffrey com ironia.

Conar esporeou bruscamente ao Tor e o grande cavalo negro empinou antes de avançar. Gastón deu um grito de alarme.

— Por Deus! Contenha sua fúria, conde! Geoffrey é indigno dela.

Conar puxou as rédeas exatamente quando chegou à outra borda do rio, ficando a menos de trinta centímetros de Geoffrey.

— Vá embora! — advertiu com voz rouca.

Geoffrey saltou da rocha onde se encontrava à borda, e uma vez ali, quando tinha posto vários metros de distância entre ele e Conar, voltou-se para fazer uma reverência a Melisande. Depois montou em seu cavalo.

— Que passe um bom dia, condessa! — exclamou.

Esporeou seu cavalo e se foi a galope. Melisande o observou enquanto se afastava, mas logo sentiu o olhar furioso de Conar fixo nela. Voltou-se para ele, surpresa de que estivesse tão zangado com ela.

— Você mesma procurou isto, Melisande — disse Conar com voz acusadora.

— O que quer dizer?

— Monte em seu cavalo.

— Mas...



— Não vou discutir agora. Monte em seu cavalo — ele interrompeu bruscamente.

Melisande olhou para Swen e Gastón. Tanto o jovem ruivo como Gastón, mais velho e grisalho, pareciam estar extremamente constrangidos.

Decidiu que não ia deixar que lhe desse ordens diante deles. Atravessou o rio rapidamente e subiu em sua montaria.

Guerreiro podia competir com o melhor cavalo. Quando Melisande o esporeou ligeiramente, saiu a galope como uma criatura alada e atravessou os campos a toda velocidade até chegar às muralhas do castelo. Conar a seguiu de perto, mas não pôde alcançá-la.

Desmontou ao chegar à entrada à torre sul e deixou Guerreiro aos cuidados de uma jovem cavaliço. Subiu correndo pelas escadas até o salão e de ali se dirigiu a seu quarto, no segundo piso. Ao chegar fechou a porta a suas costas e se apoiou nela, mas sentiu um empurrão violento e se afastou sobressaltada quando Conar a abriu com estrépito. Seus olhares se cruzaram um momento, depois Conar baixou os olhos até o peito dela, que subia e baixava devido a seus esforços para recuperar o fôlego e os rápidos batimentos de seu coração.

— Achou um lugar para fugir de mim! — disse ele com ironia.

— Se não quiser que fuja de você, terá que deixar de me falar como faz em público. Não consentirei que me grite, dê-me ordens e me culpe constantemente de tudo como se fosse uma menina.

Conar atravessou o quarto a grandes passadas e ela retrocedeu temendo seu gênio violento. Mas ele passou ao seu lado sem deter-se. Assombrada, viu que se aproximou de um de seus baús, não o que havia trazido do Wessex, mas um velho, que tinha sido transladado ali do seu antigo quarto, e começou a procurar. Foi



lançando ao chão diferentes objetos enquanto procurava algo, mas isso não o impediu de seguir falando.

— É difícil dirigir-me a você como a uma adulta quando se comporta como uma menina inconsciente.

— Do que está falando?

— De que saiu a cavalgar sozinha, sem escolta, sem que ninguém saiba aonde foi.

— Mas... — perdeu a fala de puro assombro. — Não sou uma prisioneira aqui!

— Não pode sair das muralhas. Ela moveu a cabeça com fúria e se aproximou de Conar cravando nele um olhar cheio de ódio.

— Não tem nenhum direito de me dizer isso! Manteve-me cativa durante anos em terras longínquas. Não consentirei que em minha própria casa me impeça de cavalgar!

Conar se ergueu bruscamente, e Melisande ficou tão hipnotizada por seu olhar que ao princípio não viu o que tinha em suas mãos.

— Melisande, não voltará a cavalgar fora das muralhas sozinha. Posso dizer isso e lhe digo isso.

— Mas... — interrompeu-se porque um brilho a fez olhar para baixo e viu que Conar tinha pegado sua cota de malha, a esplêndida cota que seu pai lhe tinha presenteado fazia tantos anos.

— O que faz com isso? — perguntou.

— Vou dar ordem de que se desfaçam dela. Temo que, se não o fizer, a próxima vez que saia te encontrarei com a cota posta.

— Não, não! — exclamou ela. De repente se lançou contra ele com tal ímpeto e lhe golpeou o peito com tal veemência que Conar se viu obrigado a dar um passo atrás para não perder o equilíbrio— . Não!



Conar soltou a cota, agarrou Melisande pelos pulsos e a atraiu para ele. Ela o olhou com os olhos cheios de fúria.

— Não pode fazer isso! Foi seu último presente, o último presente de meu pai. Não lhe pode levá-lo Odiarei você para sempre se o fizer, juro-lhe isso!

— Mas se já me odeia Melisande — disse com voz zombadora.

— Em sua vida ninguém nunca o aborrecerá tanto! — prometeu ela.

Ele afrouxou um pouco a pressão com que a sujeitava e pareceu refletir.

— Então deixarei a malha em troca de uma promessa.

Ela se crispou imediatamente amaldiçoando sua própria estupidez. Nunca passou pela cabeça de Conar que queria sair a cavalo com a cota de malha posta. Só pretendia ter algo com que negociar.

Conar não negociava quando ela queria que o fizesse, mas sabia como forçar uma negociação quando lhe interessava.

— Que promessa?

— Que não voltará a sair da fortaleza sem minha permissão. Que só sairá quando te acompanhar eu ou alguém que mereça minha confiança.

— Algum viking — disse ela friamente.

— Prometa Melisande.

— Não sempre cumpro minhas promessas — lhe recordou.

— Cumprirá as que me faça. Cuidarei disso.

Ela baixou o olhar. Lutou até que ele a soltou e depois se ajoelhou para recolher a cota de malha. Caminhou até o baú e a guardou nele.

— Estou esperando — disse Conar.

Ela, de costas a ele, mantinha-se muito ereta.

— Tem minha palavra, senhor viking.



Melisande pensou que, uma vez que tinha conseguido o que queria, iria embora, mas quando se voltou, ele continuava junto à porta.

— Nos próximos dias não importará muito. — disse — Amanhã pela manhã saímos para Rouen.

Melisande sentiu que o coração batia com mais força e esboçou um breve sorriso.

— Ah, Rouen! — disse suavemente. — Não é ali onde espera que repita diligentemente minha promessa de casamento ante Deus e ante os homens?

— Em efeito, isso é precisamente o que espero de você.

— Muito bem. Veremos — murmurou zombadora.

— Sim, veremos — concordou Conar. Fez-lhe uma reverência e saiu.

Também essa noite ficou até muito tarde no salão. Ela esperou deitada, fazendo-se perguntas, sentindo-se terrivelmente desgraçada.

Estava olhando o fogo que se consumia lentamente na lareira. Os olhos foram fechando e dormiu.

Pareceu-lhe que sonhava. Sentiu em seus lábios a mais terna das carícias e em seu ombro uma mão suave, sedutora, que descia por seu braço até lhe acariciar o peito e continuava depois um percurso descendente, lento e seguro, até que suas pernas se separaram. A seguir uma mão a girou com firmeza, deixando-a de barriga para cima. Abriu os olhos. Não tinha sido um sonho.

Viu a figura dourada de Conar à luz da fogueira. Seu corpo dourado, musculoso, resplandecente na escuridão, seus olhos que lançavam raios cobalto.

— Estava adormecida! — murmurou em um débil protesto, resolvida a ocultar o prazer selvagem que a consumia, a excitação que estremecia suas pernas, o desejo que sentia por ele em cada centímetro de sua pele, seu coração, sua alma, todo seu ser.



— Juro que estava dormindo! — repetiu. — Eu suplico, seja um cavalheiro, seja civilizado. Deixe-me!

— Sim, esta noite dormia. E me acredite que em qualquer outro momento teria hesitado em tirá-la de seus doces sonhos. Mas já sabe que não sou um cavalheiro, mas um viking. Além disso, esta noite é especialmente importante que lhe recorde algo. — disse.

— O que? — perguntou ela imperiosamente.

— Que é minha esposa, Melisande. É minha esposa.

— Não!

— Sim!

Beijou-a nos lábios e a estreitou fortemente contra seu corpo ardente.

Pouco depois, a Melisande não restava nenhuma dúvida.

CAPÍTULO 16

Os preparativos da viagem a Rouen tinham sido extremamente minuciosos.

O conde Odo se deslocou até a fortaleza para acompanhá-los com seu próprio contingente de tropas. O padre Matthew viajaria com eles, assim como grande parte dos habitantes do castelo. Melisande ficou atônita, e profundamente ofendida, pela magnitude dos preparativos que tinham tido lugar sem seu conhecimento. Mas não teve ocasião de intervir em nenhum sentido nem de dizer a Conar o que sentia, porque não se inteirou do que tinha ocorrido até que os homens do Odo estivessem reunidos esperando-os ante as portas da fortaleza. Os cavalos e as provisões estavam preparados no pátio e o próprio conde a esperava no grande salão, disposto a estreitá-la em seus poderosos braços como se continuasse sendo uma menina.

— Melisande, querida menina! Todos tínhamos advertido a seu pai de que se transformaria na mulher mais bela do mundo. E você cumpriu as previsões!

Ao ouvir mencionar seu pai Melisande notou que as lágrimas subiam a seus olhos.

— Estaria orgulhoso hoje. Encantado. — continuou Odo. — Terá uma magnífica cerimônia, filha, a recordará toda sua vida. Sei que já estão legalmente casados, mas aquele casamento se celebrou em circunstâncias muito dolorosas. Esta cerimônia nos dará, além disso, a força adicional que necessitamos.

Melisande, abatida, baixou a vista rapidamente. Aí estava um dos melhores amigos de seu pai, o atraente e poderoso Odo, convencido de que a encheria de felicidade passar todos seus poderes a seu marido! Cerimônia com que ficaria unida a Conar ante os olhos de todos os homens.



— Não estou seguro, conde Odo, de que estes acertos sejam motivo de alegria para minha esposa — ouviu às suas costas. Ao voltar-se Melisande viu Conar.

Nunca tivera um aspecto mais esplendoroso. Os ombros de sua capa carmesim estavam adornados com uma espessa orla de pele de lobo, assim como as bordas de suas botas altas de couro, que chegavam aos joelhos. Usava meias bege e uma túnica azul real, que realçava a cor viva de seus olhos, sobre a qual pôs uma brilhante cota de malha. Nas mãos tinha seu capacete cônico apoiado no peito.

— Não são motivo de alegria? — perguntou Odo alarmado. — Como é possível? Qualquer donzela estaria encantada com semelhante fato.

— A condessa Melisande? O certo, querido conde, é que é perfeitamente possível que quando chegarmos ao altar minha bela esposa opte por renegar a mim.

Fez-se um alarmante silêncio, que Odo rompeu ao fim com uma sonora gargalhada.

— Melisande sempre soube como liderar e ganhar as batalhas, como viver a vida e proteger as propriedades. Vocês, os jovens, sempre estão zombando de mim! Vamos, esperam-nos muitas pessoas e uma viagem longa e exaustiva.

Melisande olhou para Conar e sentiu um estranho estremecimento. O conde Odo lhe pôs as mãos nos ombros e a conduziu para a porta. Depois lhe passou o braço pela cintura e saiu com ela da sala.

Mas Conar os seguia de perto. Ao chegar ao pátio, ajudou-a a subir em Guerreiro, sem deixar de olhá-la atentamente. Depois se dirigiu para seu cavalo, montou e ficou à cabeça da grande comitiva armada.

Abriram-se as portas e saíram acompanhados de várias centenas de homens, compostos por guerreiros da fortaleza, de Conar e de Odo, assim como de Marie do Tresse e numerosas donzelas e serventes, e um grande número de clérigos.



Odo cavalgou junto a Melisande durante um longo tempo. Depois se adiantou com ela para apresentar a sua prima, lady Genevieve, que se tinha unido a eles como acompanhante feminina, e Melisande conversou cortesmente com a dama. Mas lhe irritou comprovar que lady Genevieve acreditava firmemente que a mulher devia submissão cega primeiro a Deus e depois a seu marido. Melisande deu um jeito de atrasar um pouco seu cavalo e deixar que Genevieve se adiantasse. Ragwald também ia com eles, e Melisande decidiu subitamente cavalgar com ele ou com Gastón. Só Philippe tinha ficado atrás, a cargo da segurança da fortaleza. Evitou cuidadosamente Genevieve e abriu caminho entre a comitiva em busca de Ragwald. De repente, puxou as rédeas. O velho mentor estava conversando com Odo muito perto da cabeça do grupo. Atrás deles ia Conar junto à Brenna.

Seus cavalos quase se roçavam. Conar estava com a cabeça inclinada para Brenna para escutar suas palavras e ria suavemente. Conar lhe dirigiu um cálido sorriso.

Melisande se sentiu enjoada. Freou seu cavalo. Odo queria fazê-la passar por esta tortura.

Mas ele acreditava que ela era feliz em seu casamento. Ou talvez não lhe importasse se era ou não. Conar tinha sido o eleito de seu pai e tinha vingado sua morte, assim, Odo supunha que Melisande tinha uma dívida com Conar e estava cumprindo com seu dever, e que, pela excelente educação que tinha recebido, faria o que fosse preciso para proteger sua casa e seu país.

— Condessa Melisande!

Puxou as rédeas ao ouvir a chamada do bispo LeClerc, o admirado clérigo escolhido para celebrar a cerimônia na bela igreja de Rouen.

Sentiu-se consternada. Nesse momento em que seu coração estava cheio de paixões contraditórias, a companhia de um clérigo não lhe pareceu à melhor. Fazia



tempo que tinha dúvidas sobre a firmeza de suas convicções cristãs e chegou inclusive a perguntar-se se realmente continuava acreditando em Deus, que a tinha abandonado no dia em que seu pai morreu e parecia ter estado ausente após isso.

Mas sorriu enquanto segurava seu cavalo à espera que o clérigo a alcançasse.

O bispo tinha uma abundante cabeleira branca como à neve e um rosto gentil cheio de rugas, que lembrou Ragwald. Havia em seus olhos uma profunda sabedoria, mas também certo humor, algo intrigante em um homem que tinha fama de ser tão devoto.

— E bem, querida, sente-se animada para o que se aproxima?

— Minha saúde é excelente — lhe assegurou.

— Demos graças a Deus por isso! — replicou ele. Mas em seus risonhos olhos verdes havia um olhar divertido. — Entretanto, minha pergunta era se está animada.

Ela inclinou a cabeça e os cílios lhe ocultaram os olhos.

— Está apaixonada por seu marido?

Melisande lhe dirigiu um breve olhar, sobressaltada, e viu que o afável sorriso do bispo se fazia mais amplo.

— Se estiver apaixonada por ele, minha filha, é muito afortunada. Se ele a amar também, sua sorte será ainda maior.

— Acredito que tudo isto foi idéia do conde Odo — murmurou.

— Sim, Odo é um homem profundamente preocupado pelo bem-estar de nossa terra e de nossa gente. Como seu pai. Entretanto... — Encolheu os ombros é uma ocasião solene e a cerimônia se desenvolverá ante Deus nosso Senhor. Talvez devesse reconsiderar seus votos, minha filha. Por que não fica com minha gente rezando castamente à noite até que cheguemos a nosso destino?

Ela o olhou, era evidente que lhe estava oferecendo uma escapatória durante as várias noites que a comitiva demoraria para chegar a Rouen.



Conar não poderia mudar uma decisão da Igreja cuja intervenção tinha aceitado voluntariamente.

Melisande conteve com esforço um sorriso e inclinou a cabeça antes de responder com seriedade.

— Talvez me convenha meditar profundamente sobre a vontade de Deus durante estes dias — murmurou.

— Como desejar, Melisande. Reflita e me comunique sua decisão.

Essa noite se detiveram em um monastério, o único lugar com capacidade para albergar a tanta gente, com grandes campos abertos para os soldados e seus cavalos e aposentos à parte para os nobres e suas senhoras. Melisande quase não tinha visto Conar durante o dia, porque ele tinha feito todo o caminho com Brenna e Ragwald.

Principalmente com Brenna.

Enquanto os monges corriam de um lado a outro servindo a todo o grupo, ele ficou junto à Brenna; só se aproximou de Melisande quando ela tinha acabado de comer. Estendeu-lhe a mão.

— Venha. Reservaram-nos o melhor quarto deste austero lugar.

Ela não tomou sua mão, mordeu o lábio, e em seguida, lhe encarando, disse:

— Não posso ir com você esta noite.

— Como diz?

— O bispo LeClerc sugeriu que eleve a Deus minhas preces, porque o que vamos fazer é um assunto muito sério.

— É minha mulher há anos... — começou Conar furioso, mas se deteve. Levantou-a bruscamente, ao mesmo tempo em que a atraía para si de modo que só ela ouvisse suas secas palavras. — É esta sua decisão, Melisande?

— Assim é. E deve respeitá-la.



— Não, querida, não há nada que deva respeitar. E você sabe. Se fosse por mim, a arrastaria daqui agora mesmo e ninguém ousaria me deter.

Afrouxou a pressão de suas mãos, mas seguiu sussurrando secamente.

— Talvez os dois necessitemos uma noite para refletir sobre nossa situação. Terá a paz que deseja. Talvez eu possa sonhar com uma mulher amável que não esteja brigando comigo e me rechaçando noite após noite.

Soltou-a bruscamente e Melisande descobriu com surpresa que lhe tremiam os joelhos, tanto que se jogou no tosco banco no qual estivera sentada.

Retirou-se cedo à minúscula e austera cela que com tanta amabilidade lhe tinham cedido.

Inclusive tentou rezar.

Mas não o conseguiu. Ficou deitada, com lágrimas nos olhos, perguntando-se onde dormiria Conar.

Melisande não admitiria nunca que fosse obstinada ou orgulhosa, mas só seu orgulho e sua decisão de não dar a Conar nada mais do que já tinha tomado a mantinham afastada dele.

Demoraram três noites mais para chegar a Rouen. Cada uma delas foi um suplício para Melisande, um suplício e uma cruel tortura. Durante o dia se esforçava para comportar-se com a devida solenidade ante o bispo LeClerc e para lhe assegurar que tinha refletido atentamente toda a noite sobre a vontade de Deus. Cavalgava freqüentemente com Marie e tentava passar algum tempo com lady Genevieve, embora costumasse encontrar alguma maneira de escapar cortesmente dela.

Observava Conar, que continuava cavalgando freqüentemente junto à Brenna, que o conhecia muito melhor que ela, que compartilhava com ele muitas coisas mais.

Finalmente chegaram a Rouen, onde teriam que passar uma noite mais antes da cerimônia solene que se celebraria pela manhã. Odo possuía na cidade uma casa



enorme com, felizmente, uma multidão de serventes, porque a comitiva era muito numerosa e era difícil organizar as refeições para tantos convidados.

Essa noite Melisande se encontrava junto a Odo e Swen frente à lareira diante da qual Brenna estava jogando suas runas.

Eram pedras muito finas e muito polidas, com símbolos belamente esculpidos. Melisande sorvia seu vinho junto ao anfitrião, enquanto observava Brenna com uma fascinação que lhe resultou surpreendente, porque normalmente tomava muito cuidado de manter-se a distância dela.

Brenna lançou as pedras primeiro para ler o futuro de uma jovem da comitiva, a quem assegurou que se casaria e teria muitos filhos. Genevieve, que murmurou ruborizando-se que não acreditava nesses ritos pagãos, foi a seguinte. Brenna a encarou.

— Sou casada, adivinhou? — perguntou Genevieve. Brenna ignorou suas palavras e guardou silêncio um momento.

— Vejo a vida que deseja. Em sua bondade e devoção, senhora, se converterá em uma das esposas de Cristo.

— Tomarei o hábito?

— Sim — disse Brenna suavemente, e Genevieve ficou estranhamente tranqüila.

— É meu turno agora! — disse Odo fazendo uma reverência a Brenna. — Se quiser me ler o futuro, querida.

Atrás de Brenna crepitava o fogo. Sentou-se no tapete de pele de urso, com a cabeleira loira formando uma capa sobre seus ombros. Havia em seus olhos um tom fascinante, entre azul e verde, quando olhou primeiro aos pressentes e depois às runas.

— Muito bem, conde Odo — murmurou, e atirou as pedras ao chão.



Todos mantiveram silêncio; só se ouviam os estalos da lenha.

— E bem? — perguntou Odo.

— Você, senhor, entrará na história de seu país. Será freqüentemente o único que salvará da destruição ao que um dia será a cidade maior do mundo. Minha advertência, senhor, é que terá que ser forte e se manter fiel aos aliados cuja sabedoria e força são o complemento da sua, os que respeitarão a palavra dada em todo momento.

— Assim será — disse Odo feliz. Pôs as mãos nos ombros de Melisande. — Leia agora o futuro desta jovem...

— Não! — disse Melisande em seguida.

— Não o farei se assim preferir — lhe assegurou Brenna.

— Vamos, vamos! — disse Odo. — É só um jogo. Os clérigos estão aqui sentados mudos como pedras. Amanhã será a vez deles falar. Vamos, nos leia o futuro de Melisande.

Brenna voltou a colocar as pedras em sua bolsa e encarou Melisande.

— O que decide? — perguntou.

— Adiante — disse ela dando de ombros.

As pedras caíram ao chão. O fogo crepitou e estalou de novo, e logo pareceu rugir desprendendo uma repentina onda de calor. Brenna levantou a cabeça e olhou para Melisande, assinalando uma pedra que levava o símbolo X.

— Esta runa se chama Gebo. Indica associação, um dom. Uma runa muito adequada para este dia, condessa, a que a ela não se opõe nada, porque simboliza a liberdade, da qual procedem todos os dons. Em uma união entre um homem e uma mulher, há muito que dar.

Vacilou um instante e depois assinalou outra das pedras.



— Pode haver perigo em seu caminho. Esta é Hagalaz, símbolo de grandes forças destrutivas, poderes elementares de caos, que podem ser obra dos deuses ou dos homens. Deve tomar cuidado... — murmurou.

— O perigo parece ser uma constante da vida de minha esposa.

Melisande se sobressaltou e ao voltar-se viu que Conar se uniu ao grupo e estava de pé logo atrás dela. Brenna elevou a vista, surpreendida também. Tinha começado a assinalar outra pedra, mas finalmente decidiu colocar as runas de novo no saquinho. Olhou Melisande uma vez mais.

— Em realidade, somos os artífices de nosso próprio destino — se limitou a dizer. — As runas só nos advertem do que pode haver em nosso caminho. Se me desculparem, vou retirar-me porque estou cansada.

Abriu caminho entre os pressente. Melisande notou que Conar a detinha. Estava segura de que queria lhe perguntar algo a respeito das runas.

Mas Brenna negou com a cabeça e Conar a deixou partir. Voltou a olhar Melisande.

— É tarde. Acompanharei você a seus aposentos, minha casta esposa — disse.

— Eu...

— É tarde — insistiu pegando-a pelo braço.

Agradeceu a Odo por sua hospitalidade e em seguida acompanhou Melisande até o vestíbulo. A casa do Odo era grande, com vários pisos, mas a maioria dos dormitórios de convidados estavam no andar de baixo. Era uma casa de madeira, cômoda e cálida.

Entretanto, não tinha a força da pedra.

Conar a conduziu ao dormitório belamente mobiliado que seu anfitrião lhes tinha reservado que Melisande ocuparia sozinha essa noite e com Conar a partir do dia seguinte.



Mas ele entrou com Melisande, fechou a porta com firmeza a suas costas e se apoiou nela enquanto olhava a sua esposa.

— Já tomou sua decisão, Melisande? Desfrutou realmente de nossa separação?

— Talvez — disse ela. Baixou o olhar involuntariamente, e ao notá-lo se obrigou a olhar de frente seus olhos acerados.

— Não vai tentar negociar de novo? — perguntou Conar.

Melisande sorriu.

— Acredito que talvez aproveite mais indo ao altar com você e o recusando ali viking.

Conar se aproximou dela sorrindo e a pegou pelos pulsos, para atraí-la para si.

— Não se atreverá — disse em um tom desafiante.

— Como pode estar tão seguro?

— Geoffrey estará entre os convidados amanhã. Poderia te raptar imediatamente.

— Talvez tanto faça.

— Não, querida, posso te parecer um ser infame, mas eu não matei seu pai.

— Há muito mais homens no mundo — lhe recordou Melisande.

— Mas não com tantos recursos como eu. Não existem muitos que tenham reivindicado seus direitos sobre a fortaleza, e sobre você.

Melisande entrecerrou os olhos.

— Se esta for ser minha última noite de intimidade, preferiria...

— Sim, vai ser sua última noite! — interrompeu-a sorrindo suavemente.

Melisande mordeu os lábios debatendo-se.

— Não, se me obrigar a falar...

— Não, Melisande. Não quero negociar — disse Conar negando firmemente com a cabeça. — A deixarei sozinha esta noite, porque talvez eu também tenha que



refletir. Mas te repeti até não poder mais que nunca a deixarei partir. E a terei quando me agradar.

— Faça o favor de me soltar...

— Mas está desperdiçando uma excelente ocasião! Não há nenhuma outra coisa que queira obter, algo que deseje em troca dos fervorosos votos de casamento que repetirá amanhã?

Melisande ficou imóvel o olhando com receio nos olhos.

— Então está disposto a me dar algo?

— Assim é.

Melisande se sobressaltou e voltou a baixar o olhar. Sentiu uma onda de calor e lhe secou a boca.

— O que é? Sei que acaba de ocorrer-lhe algo, pressinto.

Melisande se sentia incapaz de olhá-lo de frente.

Lutou de novo e desta vez Conar a soltou. Ela caminhou até o pé da cama, deteve-se, e se voltou para ele.

— Quero...

— Diga!

— Quero que deixe de se deitar com a Brenna.

— Como? — perguntou admirado. Melisande sentiu um terrível desgosto, convencida de que, antes de atender a sua petição, Conar preferiria abandoná-la, a ela e todas suas propriedades.

Mas se obrigou a encará-lo e continuou falando.

— Quero que me prometa que não passará suas noites com Brenna.

— Deitar com ela?

— Alguma vez passou a noite com ela?

— Sim, passei muitas noites com ela.



— Dê-me sua palavra.

— Então está com ciúmes?

— Estou constrangida compartilhando o mesmo teto com a amante de meu marido e tendo-a sempre tão perto.

— Está com ciúmes.

— Você começou isto. Dá-me sua palavra ou não?

Conar esboçou um sorriso lento e preguiçoso e cruzou os braços. Depois avançou para Melisande, segurou-lhe queixo e a estreitou entre seus braços quando ela só pensava em escapar.

Seus lábios pousaram com ternura nos dela.

— Tem minha palavra, sempre e quando me prometer algo em troca.

— Irei à igreja amanhã e reiterarei que é meu senhor e marido — disse Melisande com amargura é tudo o que obterá em troca.

— Não é suficiente.

— Que mais quer?

— O que sempre quis: Você.

Melisande voltou a baixar o olhar.

— Acaba de me assegurar que me terá quando te agradar.

— Sim, e assim será. Mas por uma noite, embora apenas uma não quero brigas, reservas, não quero discussões. Meu presente de casamento. Espera, quero muito mais que isso. Quero que você venha para mim. Que me acaricie. Que me provoque e me excite.

— Está brincando!

— Absolutamente. Estou exigindo. E exijo, além disso, que seja excepcional.

Uma vez mais, Melisande lutou para afastar-se dele, mas Conar a atraiu de novo para si.



— Banhada e perfumada. — disse com suavidade— Disposta e esperando... E impaciente. Disposta a me provocar, me excitar e me seduzir.

Melisande se ruborizou.

— Prometa Melisande.

— Não cumpro minhas promessas...

— Salvo as que me faz — lhe recordou Conar esboçando um sorriso. Fez-lhe uma reverência e, bruscamente, antes que ela pudesse responder, saiu.

Melisande correu para trancar a porta e depois se precipitou para a cama onde se sentou tremula.

“Deus! — pensou. — O que ele me fez prometer?”

Entretanto, enquanto jazia acordada na cama, ansiava que as horas passassem mais depressa, que chegasse o dia.

E que caísse de novo à noite.

Pela manhã a igreja estava esplendorosa, adornada com velas e flores.

De todos os rincões da cidade tinha vindo gente para assistir à cerimônia. Geoffrey também estava ali. Melisande o viu de relance ao passar com Odo entre os convidados a caminho do altar, onde a esperava Conar.

Estremeceu ao ver seu marido. Parecia um deus, com suas meias escuras, suas botas negras, sua camisa e sua túnica, de um branco imaculado, assim como sua capa azul céu, orladas com pele de raposa.

Sentiu-se fraca quando Odo a deixou nas mãos de Conar. Ajoelharam-se diante do bispo LeClerc, e este anunciou lenta e pausadamente que se reuniram ali, já desposados, para confirmar seu amor a Deus e seu amor mútuo ante aquela seleta assistência e ante seu divino criador. Explicou que a união entre marido e mulher era algo sagrado, que não devia ser leviana. E que o que Deus tinha unido os homens não deviam separar.



Iniciou então a missa, que para Melisande pareceu longa, interminável, como uma cantilena sem fim.

Sentiu de repente que tinham retrocedido no tempo, todos aqueles anos, quando o bispo LeClerc pediu a Conar que repetisse seus votos de casamento e este o fez, com uma voz firme e clara.

Conar se dirigiu a seguir a Melisande, e ela sentiu que lhe faltava o fôlego.

Ao seu lado, ele apertou os dentes esquadrinhando-a com o olhar. Tinha ficado assombrado uma vez mais ante a incomparável beleza de sua esposa ao vê-la chegar de braço dado com Odo.

Tinham-na vestido em tons de prata, com roupas que brilhavam suavemente e se moldavam a sua figura esbelta e bem torneada, mas flutuavam ao redor dela com cada um de seus movimentos. Era um tecido tão frágil como um metal precioso, de uma beleza deslumbrante. Sobre a cabeleira negra usava um véu do mesmo tecido, coroadado com um diadema cravejado de pedras, e esse prateado realçava seus longos cachos, negros como a noite. Seu rosto, emoldurado pelo véu tênue, era muito belo, e seus olhos vivos tinham um tom malva mais profundo que nunca.

E nesse instante, enquanto toda a França parecia esperar, ela estava ali, ajoelhada a seu lado, em silêncio.

Entrelaçaram suas mãos.

Melisande quase não podia respirar.

Conseguiu articular por fim as palavras esperadas, a promessa que ele tinha querido reiterar.

Todos aqueles anos Melisande usara no polegar o velho anel de Conar, agora ele o tirou, o pôs em seu próprio dedo e o substituiu por uma nova aliança de ouro gravado, muito bonita, que colocou no dedo médio da mão esquerda de Melisande.



Seus olhares se cruzaram e ela entrecerrou os olhos ao detectar nos dele uma expressão de prazer e triunfo.

Conar sorriu e inclinou a cabeça pensando na noite.

Não podia nem imaginar o que seria dele se tivesse que deixar de fazer amor com Melisande. Durante a viagem até Rouen passou os dias desejando enforcar ao bispo LeClerc antes que o devoto ancião pudesse celebrar a cerimônia.

Mas tudo aquilo tinha passado. Só tinha que esperar até que chegasse a noite.

Sentiu que todo seu corpo ficava tenso e experimentou um desejo tão violento que permanecer ali ajoelhado foi um suplício. A olhou de esguelha e o afligiu a força de sua beleza ao mesmo tempo em que o invadiam sentimentos apaixonados. Era um homem possessivo, e ela lhe pertencia. Tinham uma longa e curiosa história comum. Evidentemente, Melisande era importante.

Não, era algo mais forte, muito mais forte.

Nunca deixaria que se afastasse dele. Sabia por que a mera idéia era insuportável, como era insuportável pensar que pudesse lhe ocorrer algo ruim ou vê-la nos braços de outro homem.

De fato, não podia imaginar a vida sem ela. Melisande lhe tinha ensinado o que era o inferno, mas também lhe tinha mostrado o paraíso.

Estava apaixonado por ela. Fazia muitos anos que sua mulher se apropriou de seu coração. Apesar de que era capaz de irritá-lo além do imaginável, tinha-lhe cativado de algum jeito por seu brio e sua valentia.

Uma valentia perigosa.

Mas parecia que já não havia nada que temer. Estava a salvo na fortaleza, embora Geoffrey estivesse à espreita no bosque. Conar disse a si mesmo que faria o possível para sair a cavalgar com ela freqüentemente, para que se sentisse livre. Também navegariam juntos.



Pensou com alívio que a partir desse momento teriam tempo. Mas, imediatamente depois, um calafrio lhe percorreu as costas, e se perguntou por que. Era sua mulher, fazia muito tempo, e o seria para sempre. Estava apaixonado por ela.

Será que algum dia poderia dizer-lhe, confessar seu amor a Melisande? Talvez não, porque ela não demoraria a encontrar nesse amor sua fonte de poder. Nunca se atreveria a deixar que ela dominasse seu coração.

Porque o romperia em pedaços.

Entretanto, olhou-a com ternura, desejando o prazer de estar sobre seu corpo, esperando com ânsia a chegada da noite.

Cumpriria sua promessa? Faria de uma forma ou de outra, porque ele já não podia manter-se a distância. Estivera sonhando com isso toda a longa noite anterior, um longo suplício de desejo, dor e espera.

Assaltou-lhe um sentimento de culpa. Tinha-lhe feito uma promessa que não significava nada, mas era o que ela tinha pedido. Tinha-lhe surpreendido, e agradado, que estivesse ciumenta da Brenna.

“Ai, Melisande!” pensou e sentiu uma pontada de desejo tão aguda ao olhar seus olhos azul pálido que se teria dobrado de dor se não estivesse de joelhos.

A cerimônia tinha terminado. Ficaram em pé e, para regozijo da multidão, Conar acalmou parte de suas ânsias tomando-a entre seus braços, inclinando-a e beijando-a com uma antecipação de paixão que lhe tinha negado todas essas noites e que com tanta veemência tomara conta dele. Passaram os minutos e ele continuava beijando seus lábios, sentindo a desesperada pressão de suas mãos. Ao final, afastou sua boca da dela e viu seus lábios úmidos, seus olhos muito abertos.

— Esta noite — murmurou, e notou que ela estremecia violentamente.

Mas Melisande não respondeu. Afastaram-se do altar abrindo caminho entre os convidados e aceitando as felicitações de amigos e aliados.



Conar se apercebeu de que também muitos dos grandes nobres se aproximavam para felicitá-los; isso era precisamente o que Odo tinha querido.

O casal se separou momentaneamente ao voltar da igreja ao salão do Odo, onde Conar esteve todo o tempo rodeado pelos homens de seu anfitrião, que lhe faziam inumeráveis perguntas sobre seus navios, sobre a forma em que os irlandeses e vikings combatiam a cavalo, sobre os distintos métodos de guerra nos quais tinha sido treinado. Cada vez que levantava o olhar, Conar via sua esposa também rodeada de uma multidão, porque os nobres estavam ansiosos para aproximar-se dela, para olhá-la. Além disso, muitos deles tinham sido amigos de seu pai e queriam lhe reiterar que tinha sido um homem excepcional. Um par de vezes, Conar esteve a uma distância que lhe permitia ouvir sua conversa e ficou intrigado. Os nobres lhe asseguravam que seguiam dependendo da generosidade e da resistência da fortaleza. Estavam encantados por que se casou com um homem como Conar, extremamente valioso para a defesa de suas terras. Ouviu-lhes dizer que, por desgraça, freqüentemente ficavam abandonados a seus próprios recursos porque não se podia contar com o débil monarca que reinava em Paris.

Melisande era cortês e culta, e lhes falava dos pontos fracos da geografia do país e da história das incursões dinamarquesas, e lhes explicava quão vulneráveis eram os rios.

Mais tarde, viu-a conversar com Odo e com Geoffrey e ficou atônito pela veemência do ciúme que se apoderou dele. Sabia que ela odiava Geoffrey. O cumprimentou, porque Odo queria que reinasse a paz, mas Conar reconheceu seu tom glacial e o gesto imperioso com que levantava o queixo.

Convenceu-se de que Melisande desprezava o seu parente com uma animosidade muito maior do que jamais sentira por ele.



Chegou a hora do jantar, e Conar se encontrou sentado junto a sua mulher no lugar de honra. Contudo, não conversaram apenas porque os assistentes exigiam sua atenção. Odo cuidara do entretenimento e tinha contratado a um jovem bardo irlandês para que narrasse à história de suas famílias. Também houve músicos, malabaristas e inclusive ursos amestrados.

Por fim chegou a hora de retirar-se. Marie do Tresse se deteve atrás da cadeira de Melisande e esta se levantou e se foi com ela.

Outros convidados não demorariam em perceber sua ausência, e posto que Conar não estava de humor para os escandalosos festejos que sem dúvida seguiriam essa noite, com ou sem a aprovação da Igreja, decidiu seguir a sua esposa sem mais demora.

Quando chegou ao quarto, a penumbra reinava no lugar. A única luz procedia do fogo que ardia na lareira. Por um momento acreditou que ela não estava ali e se sentiu profundamente decepcionado. Mas então notou um leve movimento junto à lareira e a viu sentada diante do fogo, agarrada aos braços da poltrona, lhe esperando.

Conar anunciou sua chegada passando o ferrolho e se apoiando na porta. Melisande se levantou. Continuava vestida em tons prateados, mas agora vestia outro vestido, que era uma leve pincelada de cor sobre sua pele nua. Ela o olhou um momento do outro extremo do quarto e pareceu tremer. Depois inclinou o corpo para trás para prender o cabelo em um coque. A seguir puxou a fita que lhe prendia o vestido ao pescoço e a roupa caiu suavemente ao chão, deixando à vista de Conar as formas perfeitas de seu corpo.

Afastou o vestido com o pé, caminhou lentamente para seu marido e se deteve a um passo dele. Em seguida apertou seu corpo nu contra o dele e, ficando nas pontas dos pés, beijou-o nos lábios.



Contendo sua paixão com muita dificuldade, Conar a envolveu em seus braços. Tinha sabor de vinho doce.

Os lábios de Conar estavam apenas alguns milímetros afastados dos de Melisande.

— Quanto teve que beber para fazer isto?— Sussurrou Conar.

— Graças a Deus, não tanto como tinha imaginado — Respondeu ela com um brilho nos olhos.

— Então continue, imploro.

— Continuar?

— Dispa-me.

Melisande empalideceu ligeiramente, mas não recuou. Conar decidiu que necessitava ajuda e tirou a espada, a capa e a camisa. Voltou a abraçá-la e sentiu um ardente desejo ao notar que ela estremecia. Melisande se libertou de seu abraço para lhe beijar os ombros e o pescoço, e ao lhe fazê-lo acariciou sensualmente o peito com os seios. A respiração de Conar ficou ofegante e seu coração começou a bater com violência. Tirou por fim as botas e as meias. Ela ficou de pé frente a ele.

— Banhada e perfumada. Ofegante. Sedutora, excitante... — murmurou Conar.

— Não posso...

— Já é todas essas coisas, Melisande.

Voltou a aproximar-se dele com uma leve hesitação. Pôs-lhe as mãos nos ombros muito suavemente e lhe acariciou os lábios e o peito timidamente.

Conar deslizou as mãos pela lateral dos seios, passando os nódulos e as pontas dos dedos sobre eles, então Melisande se inclinou de novo sobre ele.

Ele inspirou profundamente e todo seu corpo estremeceu com uma violência que o fez cambalear quando os dedos de Melisande se fecharam sobre seu sexo cheio. Surpresa, ela fez menção soltar.



— Não, Por Deus! — disse rapidamente— Continue!

Melisande baixou sua cabeça de ébano e se ajoelhou diante dele. Conar ofegou de novo, tremendo como atravessado por um raio, quando os lábios de Melisande se fecharam hesitantes sobre seu sexo e sentiu sua boca úmida e quente.

— Deus!

Afundou os dedos na cabeleira sedosa de Melisande, e a timidez desta pareceu desaparecer. Sua língua percorreu o sexo de Conar lambendo-o e acariciando-o.

Ele sentiu momentos de puro êxtase, mas o prazer foi convertendo-se em dor e em seguida em uma insuportável agonia de desejo. Um suspiro rouco escapou de seus lábios. Levantou-a bruscamente do chão e, tomando-a em seus braços, voltou-se e a apoiou na porta. Ela abriu os olhos desmesuradamente, um pouco atemorizada por sua veemência, e em seguida emitiu um ofego entrecortado quando Conar a levantou ainda mais para penetrá-la a seguir, ordenando que lhe rodeasse a cintura com as pernas.

Ela obedeceu...

Conar nunca se sentira tão excitado, tão faminto. Nunca tinha experimentado semelhante ânsia de tocar, com suas mãos, com sua língua, de abraçar, de possuir. A febre que o dominava era como uma tempestade violenta. Afundou com força seu sexo nela, incapaz de conter a satisfação de seu desejo. Sentiu que se acendia nele um fogo incrivelmente rápido e devorador. Finalmente, explodiu em um violento orgasmo, prendendo-a entre seu corpo e a porta, enquanto a onda cálida de seu sêmen entrava nela como uma corrente e se deslizava em seguida sobre ambos.

Ela se aferrou a seu marido em silêncio. Rezando para não lhe haver feito mal, Conar a levou nos braços até a cama. Tinha os olhos fechados, cobertos pelo cílios.

— Nunca voltarei a duvidar de sua capacidade para cumprir uma promessa — sussurrou ele.



Ela abriu os olhos finalmente e o olhou.

— E você? Cumprirá sua promessa?

— Cumprirei sempre qualquer promessa que faça a você, Melisande. Nunca a deixarei partir.

Ela voltou a fechar os olhos e Conar acreditou ver em seus lábios um fugaz sorriso. Ia inclinar-se para beijá-la, mas se ergueu. Queria-lhe sussurrar algo.

“Amo você”.

Jamais, pensou, seria como entregar seu coração aos dinamarqueses.

Não podia falar. Voltou a beijá-la e decidiu que essa noite a atormentaria com suas carícias até fazê-la vibrar como tinha vibrado ele.

Começou a acariciá-la. Lentamente. Roçando-a levemente com a língua e com as pontas dos dedos. Não esqueceu nenhum ponto de sua pele, mas evitou o centro de seu desejo. Lambeu seu ventre com movimentos circulares, acariciou a suave pele da parte interna de suas coxas, chupou seus seios...

Por fim, ajoelhou-se aos pés da cama e a puxou com força pelos tornozelos para atraí-la para ele. Abriu meigamente seu sexo com os dedos e em seguida o explorou com a língua. Ela começou a ofegar e a retorcer-se e a gemer suavemente, mas Conar não se deteve. Depois de um momento, deitou-se sobre ela e decidiu que essa noite queria algo mais.

— Diga que me deseja Melisande. Ela o olhou com os olhos úmidos, desenfreados, e com uma expressão de recriminação.

— Não...

— Vai dizer-me que não pode — interrompeu ele secamente. — Mas pode sim, Melisande, pode sim.

Acariciou-a com a mão sem deixar de olhá-la aos olhos.

— Desejo você — murmurou olhando-o furiosa.



— Meu nome, Melisande.

— Desejo você... Viking!

Conar soltou uma gargalhada rouca, mas voltou a sussurrar em seu ouvido.

— Meu nome, Melisande.

Ela soltou um grito abafado e lhe cravou as unhas nos ombros enquanto afundava o rosto em seu peito.

— Desejo você Conar.

— Tem, querida, tem — disse ele erguendo-se sobre ela.

CAPÍTULO 17

A viagem de volta para casa foi muito mais agradável que o trajeto de ida a Rouen. Curiosamente, apesar das constantes exigências de Conar, algo tinha mudado, para melhor, entre eles.

Passou muito mais tempo com ela, sempre disposto a lhe propor uma cavalgada até a colina mais próxima, e inclusive a parar toda a comitiva se ela parecia estar gostando de maneira especial de algum dos riachos onde tinham parado para descansar. Sentava-se com ela junto à água e se descalçava como Melisande para refrescar os pés.

Entretanto, as coisas não demoraram a mudar uma vez que chegaram em casa. O destino parecia mesclar-se de múltiplas maneiras em suas vidas.

Ao descer pelas escadas na primeira manhã após sua chegada, Melisande viu que Brenna saía sem fazer ruído do grande salão. Seguiu-a até o pátio inferior, não podia evitar perguntar-se se Conar tinha cumprido realmente sua palavra.

Não deveria perguntar.

— Brenna.

A mulher de Dubhlain se deteve consciente de que Melisande estivera seguindo-a voltou-se lentamente.

— Sim, condessa?

Melisande sabia que não podia lhe fazer essa pergunta bruscamente.

— As runas, — murmurou — guardou-as tão precipitadamente o outro dia...

Por quê? Que runas eram?

— Não sabe? — perguntou Brenna arqueando as sobrancelhas com surpresa.



Melisande franziu o cenho.

— Que runas eram? — repetiu. Brenna a olhou em silêncio.

— Duas — disse — Injuz e Jera.

Melisande moveu a cabeça sem compreender.

— Ragwald conhece as runas. — disse — Me explicou o significado de algumas delas quando era menina, mas acredito que não Recordou o dessas duas. O que significam?

— De verdade não sabe?

— Não!

Brenna piscou e os cílios dourados lhe cobriram os olhos por um momento.

— Então faça suas contas, condessa, e pense atentamente.

— Não entendo...

— São as runas da fertilidade, Melisande.

— Não...

— Está esperando um filho de Conar! — disse Brenna com impaciência.

Para Melisande a notícia foi como uma martelada. Estava assombrada. Depois se sentiu como uma estúpida porque, assim que Brenna acabou de falar, recordou que já estava há muitos dias atrasada.

— Não... Não pode ser. Não sinto nada — disse negando com a cabeça.

Brenna encolheu os ombros e esboçou um sorriso.

— Então é afortunada, e é provável que o parto seja fácil.

Nenhuma das duas disse nada durante um momento. Depois Brenna franziu o cenho, ao ver que Melisande estava branca como papel.

— Que te aflige? Seu marido ficará contente. De fato, Odo e a metade do país se congratularão disso, porque, em muitos casos, um filho é a argamassa que mantém unido um casamento.



— Ele sabe? — espetou Melisande perguntando-se ao mesmo tempo se seria essa a causa da repentina consideração que lhe tinha demonstrado Conar. Da expressão risonha que às vezes abrandava suas duras feições. De sua ternura.

— Bom, parece que você não lhe disse nada — respondeu Brenna.

— E você? — perguntou Melisande—. Você sabia e serve a ele. Estou segura de que acha que ele deve saber.

Brenna a olhou atentamente.

— É você quem deve dizer, não eu.

Melisande deu um pulo e agradeceu estar tão perto do muro da torre principal porque se encontrou de repente apoiada nele.

— Não diria? — perguntou com receio. Brenna emitiu um suave suspiro e baixou a cabeça. Em seguida olhou Melisande nos olhos.

— Sirvo a Conar — admitiu sem elevar a voz—. Se você ou a criança estivessem em perigo, então... — deu de ombros, e em seguida se endireitou bruscamente. — Não sou sua inimiga, Melisande. Nunca fui.

Melisande mordeu o lábio e observou atentamente à bela mulher que tinha evitado durante tantos anos.

— Você...?

— O que?

— Deixou de se deitar com ele?

— Deitar com ele!

Melisande soltou um grito de exasperação.

— Não vai me dizer que jamais passou a noite com ele?

— Passei muitas noites com Conar. Sempre viajamos juntos. Dormimos juntos em seu navio quando fazemos longas travessias, sob as árvores quando viajamos por terra...



Melisande achou que vomitaria apesar de tudo, voltou-se. Havia se sentido perfeitamente bem até esse momento. Nunca acreditou que pudesse experimentar semelhante consternação.

Tinham-lhe vindo umas náuseas terríveis.

Uma mão pequena pousou em seu ombro.

— Melisande, passei muitas noites com ele, mas está interpretando mal minhas palavras. Swen também dormiu com ele muito freqüentemente, e te asseguro que nenhum dos dois sente o menor interesse por outros homens ou por meninos. Nunca fiz amor com Conar. Não posso deixar de fazer algo que nunca comecei.

Melisande, atônita, voltou-se para ela.

— Como diz?

— Não me olhe assim. Eu teria feito, se ele quisesse. E se alguma vez me buscasse... — Sua voz foi se apagando. — Mas é pouco provável que o faça, pois encontrou em você o que desejava.

— É verdade! — sussurrou Melisande. — Encontrou uma imbecil.

— O que quer dizer?

— Não importa Brenna. — endireitou-se, uma fúria incontrollável tomou conta dela. Seu magnífico trato! Conar não podia lhe haver feito nada pior. Como devia ter rido! Ela se entregara a ele em troca de sua promessa de que não voltaria a deitar-se com uma mulher a que nunca havia tocado!

— Melisande...

— Obrigado por sua sinceridade, — disse suavemente. Dirigiu-se para a torre e subiu o primeiro lance de escadas. Deixou-se cair na primeira cadeira que viu no grande salão e tentou recordar palavra por palavra o que ele havia dito aquela noite em Rouen. Tinha exigido que parasse de dormir com Brenna. E claro, ele tinha jurado que não dormiria com ela.



Melisande tinha cumprido completamente sua parte do trato.

Conar não estava dormindo com Brenna. Nunca tinha dormido com ela.

Tinha-a tomado por uma imbecil! Embora ela o tivesse procurado.

Nunca, jamais lhe falaria de seu filho. Se é que existia realmente! Talvez Brenna estivesse zombando dela.

Mas não. Bastava fazer as contas, estava claro que seu atraso remontava ao dia em que Conar foi procurá-la no riacho, em Wessex.

Apoiou a cabeça na mesa. Isto era o que ele queria. Precisamente o que queria. E como sempre, ela o daria.

Jurou que esta vez Conar não se daria bem.

Tentou comer algo, mas não tinha fome. Estendeu a mão para pegar uma cerveja, mas recordou que o que tinha que beber era leite de cabra. Marie do Tresse sempre dissera que era bom para as mulheres grávidas.

“Não pode ser verdade”, disse a si mesma uma vez mais. Levantou-se e voltou para seu dormitório. O dormitório de seu pai. De Conar. “Meu”, pensou.

Deitou-se na cama e ficou olhando fixamente o teto. Pensou que a criança seria loira, apesar de sua cabeleira negra, apesar da cabeleira negra da mãe de Conar.

Loiro e com olhos azuis, como os de Conar. Porque ele sempre obtinha o que queria.

Melisande decidiu que isso acabou.

Sentou-se e se prometeu que teria uma menina morena. Inadvertidamente, balançou-se na cama, enquanto experimentava a primeira onda de emoção e de assombro.

Um bebê.

Dele.

De ambos.



Dele.

Levantou-se e perambulou pelo quarto. Não sabia se contaria ou não; imediatamente decidiu que não. Não depois de como zombou dela!

O bebê também era dele. Era o neto de seu pai. Lamentou mais que nunca que Manon tivesse morrido.

Se ele estivesse ali, tudo seria diferente.

Decidiu bruscamente que não podia permanecer mais tempo em casa e sem pensar mais correu escada abaixo; em lugar de procurar o garoto, agarrou umas bridas que penduravam de um gancho e as pôs em seu cavalo, e alguns segundos depois estava sobre ele. As portas do castelo estavam abertas: não havia perigo algum esse dia; os animais estavam no prado e os camponeses iam e vinham ocupados em seus afazeres diários.

Atravessou o prado a galope, sem saber para aonde se dirigia. Mas o riacho parecia chamá-la. Tinha esquecido seu encontro com Geoffrey. Tinha esquecido tudo.

Acabava de chegar à borda, quando alguém interrompeu com brutalidade seus pensamentos.

— Melisande!

Conar tinha saído a galope atrás dela. Ali estava montado sobre Tor, olhando-a com uma cólera selvagem e nova. Tremia-lhe a voz de ira.

— Melisande, prometeu que não voltaria a pôr sua vida em perigo de uma maneira tão insensata.

Ela se endireitou e o olhou. Tinha todo o corpo tenso.

— Deu-me sua palavra! — insistiu ele.

Melisande não tinha pensado em quebrar sua promessa, mas se perguntou colérica que promessa devia a ele.



— Ou veio aqui procurando o imbecil do Geoffrey?

Sua intenção não tinha sido quebrar sua promessa. Tampouco tinha pensado em nenhum momento em Geoffrey. Apenas pretendia acalmar a emoção febril que tomara conta dela.

— Deixe-me em paz, maldito viking! — exclamou e correu para Guerreiro, mas Conar desmontou de um salto e a deteve.

— Que demônios se passa?

— Minha palavra! Minha palavra! É um descarado! — gritou lhe batendo com os punhos.

— O que? — perguntou ele, confuso— . Que promessa quebrei?

— Que promessa não devia me fazer jamais?

— Eu... — interrompeu-se, pois de repente entendeu o que tinha ocorrido. Deu um passo atrás e cruzou os braços. — Esteve falando com Brenna sobre mim?

— Sim, fiz-lhe algumas perguntas e descobri que me enganou como uma estúpida.

— Realmente demonstra ser isso ao vir sozinha até aqui depois de tudo o que ocorreu!

— Então retornarei ao castelo. Mas você fica aqui! — disse elevando a voz.

— Em efeito, voltará para castelo.

Agarrou-a nos braços e a sentou na garupa nua de Guerreiro. Ela esporeou ao cavalo, que saiu ao galope antes que Conar pudesse montar Tor.

Mas nem sequer a tremenda força de Guerreiro impediu Conar de segui-la de perto.

Entrou na fortaleza, saltou do cavalo diante das quadras, lançando as rédeas a um dos garotos, e subiu correndo a seu quarto. Recordou então que Conar a tinha ameaçado um dia lhe tirando a formosa cota de malha, o presente de seu pai.



Correu a procurar no baú, decidida a escondê-la antes que ele chegasse, mas acabava de pegar a espada com o brasão dourado quando Conar irrompeu no quarto.

— Uma espada contra mim? — disse olhando-a com as sobrancelhas arqueadas.

— Sou excelente com ela, senhor — replicou friamente.

— Ah, sim?

Melisande seguiu pinçando no baú, mas quando Conar caminhou para ela, ergueu-se rapidamente com a espada levantada.

— Peguei-a, Melisande.

Ela negou obstinadamente com a cabeça.

— Não se aproxime. Pode ser o grande Senhor dos Lobos, mas é de carne e osso e eu sou muito hábil no manejo desta arma.

— É hábil no manejo de muitas armas. — replicou ele—. Não posso acreditar!

— murmurou de repente. — Tudo isto porque não me deito com outra mulher?

— Tudo isto porque mentiu!

— Não menti.

— Porque acha que pode me dar ordens constantemente. Porque seus tratos são argúcias. Por que... Deixe-me em paz de uma vez! — exclamou, ameaçando-o com a arma.

Conar negou com a cabeça lentamente.

— Não voltará a levantar a espada contra mim, Melisande, juro. — Tirou bruscamente sua espada. Ela retrocedeu de um salto, assombrosamente Conar estava disposto a brigar com ela, ali e nesse mesmo instante.

— Solte a espada, Melisande.

Sentiu-se empalidecer. Mas era boa na luta. Não retrocederia.



Conar deu um passo para ela dando um golpe brusco e violento contra sua espada. Melisande se estremeceu ao sentir a força do choque, mas o parou com sua arma.

Tinha praticado com o irmão de Conar, e graças a ele, conhecia os movimentos de seu marido.

Melisande brigava bem. Lutou com habilidade saltando em cima da cama para parar um golpe, ou sobre o baú e dele ao chão para devolver outro. Podia enfrentar Conar! Mas não lhe dava trégua, seus olhos não se apartaram em nenhum momento dos dela, suas estocadas não se detinham.

Melisande começou a sentir o cansaço do braço. O esforço de levantar uma e outra vez a espada era um suplício para ela.

— Rende-se, condessa?

— Nunca.

Alguém esmurrou a porta com insistência.

— Conar! — gritou Swen com ansiedade. — Está tudo bem?

— Sim! — exclamou. — Estamos perfeitamente bem.

— Melisande! — gritou Ragwald a seguir.

— Estou bem! — respondeu ela, parando com dificuldade um golpe de Conar.

— Deixem-nos em paz! — ordenou Conar secamente. Sorriu e voltou a avançar para ela.

Era evidente que Conar tinha estado brincando com ela desde o começo. Melisande se defendia bem, mas ele não tinha brigado até então com toda a rapidez de que era capaz. Agora avançava para ela sem piedade.

Melisande parou um golpe, mas sua espada saiu voando pelos ares. Apertou os dentes, e seu olhar foi rapidamente de Conar ao lugar onde tinha caído a arma. Ele



sorriu e lançou uma estocada rápida que quase lhe roçou a pele, mas não chegou a tocá-la. Só lhe rasgou o vestido do pescoço ao umbigo.

— Maldito viking! — amaldiçoou, e se inclinou bruscamente para recuperar sua arma.

Ele deixou que a recolhesse, mas voltou a atacar imediatamente, sem lhe dar descanso. Sua espada se chocou com força com a de Melisande e, por um momento, seus braços ficaram entrelaçados. Logo Conar demonstrou todo seu poderio forçando Melisande a baixar a mão com que empunhava a espada.

— Solte-a — advertiu.

Seus dedos trêmulos e exaustos acabaram por ceder à pressão, e a arma caiu ao chão.

Conar se inclinou, recolheu a espada de sua mulher e a lançou para o baú.

— Acabou-se, Melisande. Acabaram-se as espadas, as cotas de malha e as brigas comigo.

Ela tentou recuperar o fôlego. Respirava agitado e seus seios descobertos subiam e baixavam ao ritmo das aceleradas batidas de seu coração. Odiava-o. Detestava-o.

Mas, ao mesmo tempo, sentia-se tão viva! Queria continuar brigando, medir suas forças com ele, tocá-lo...

Deu um grito afogado quando Conar voltou a elevar a espada, pois, por um momento, pensou que ia dar um último golpe e parti-la em duas. Entretanto, Conar se limitou a rasgar o que restava de seu vestido. Melisande deu um passo atrás enquanto o fulminava com o olhar.

— Tem sorte de ser o filho de um rei poderoso e de haver usado isso para fazer um casamento muito vantajoso. Do contrário, sua esposa sempre andaria por aí nua.

— Nua é como a quero — replicou ele com os olhos acesos.



— Não! — exclamou ela. Fez menção de fugir, mas Conar tinha segurado o tecido rasgado e esse movimento bastou para que Melisande perdesse o que ficava do vestido. Correu para a porta, mas se deteve o ouvir como Conar ria a suas costas.

— Será capaz minha querida esposa de correr nua até o salão onde estão Swen e essa horda de vikings?

— Sim! — exclamou. Mas não iria a nenhum lugar, e sabia. Como soube, quando a mão de Conar a tocou, que toda sua cólera, sua raiva, não significavam nada. Desejava-o nesse momento como jamais o desejara.

Entretanto, seus olhos se encheram de lágrimas quando ele a levantou do chão.

— Canalha! — disse lhe golpeando o peito com os punhos.

— Porque Brenna não é minha amante?

— Porque me enganou.

— Quer que me deite com você para te acalmar?

Tentou esbofeteá-lo, mas Conar lhe segurou o braço rapidamente e se sentou escarranchado sobre ela. Melisande se debateu para liberar-se.

Conar a beijou.

— Não! Desta vez não se dará bem!

Melisande ardia de paixão. Ele a acariciou com suavidade e com uma destreza mágica. Demoraram poucos segundos em encontrar-se tombados na cama fundidos em um só corpo.

Foi depois, muito depois, quando jazia exausta junto a ele, que recordou que tinha algo que lhe dizer.

Não!

Depois do que tinha passado, nunca diria.

Conar se sentou a seu lado e lhe acariciou o cabelo. Seu rosto adquiriu de repente uma expressão dura e preocupada.



— Pode se zangar comigo, Melisande — disse olhando-a com gravidade. — Odiar-me. Detestar-me quanto quiser. Mas não pode sair do castelo sozinha. Não importa que outras promessas nos tenhamos feito e tenhamos podido cumprir ou não. Não deve sair do castelo sozinha.

— Geoffrey estava na cerimônia! Sabe que sou sua esposa e que não pode conquistar a fortaleza — protestou amargamente.

— Geoffrey é perigoso.

— Como pode continuar sendo perigoso?

— Sei que é.

Melisande lhe deu as costas. Conar lhe acariciou o ombro e falou em um tom repentinamente suave.

— Melisande...

— Não tenho nada a dizer. Enganou-me como a uma tola.

— Não havia má intenção...

— Claro. O que teria acontecido se eu tivesse enganado dessa forma ao poderoso senhor? — perguntou. Engoliu em seco e continuou: — O que aconteceria se a situação fosse inversa? Se você se perguntasse com quem me deito? Ah, me perdoe! Posso me deitar com quem quiser. Há uma diferença entre deitar-se e fazer amor!

Conar se levantou subitamente, e Melisande se sobressaltou quando a fez voltar-se para ele com um violento puxão e apoiou a ponta da espada em sua pele.

— Não me ponha a prova, Melisande. Matarei qualquer homem que se atreva a te tocar, e provavelmente a você também!

Voltou-se e agarrou sua roupa. Calçou com uma rapidez insólita as meias e as botas.

— Claro! — disse ela olhando-o colérica. — É algo muito próprio dos vikings.



— É verdade — replicou ele enquanto vestia uma camisa de linho de mangas longas.

Foi então quando começaram a esmurrar a porta de novo.

— Deixem-nos em paz! — gritou Conar furioso.

— Não posso Conar — respondeu Brenna suavemente. — chegaram navios de Dubhlain.

Conar franziu o cenho. Melisande levou os lençóis até o queixo, pois sabia que ele ia abrir a porta nesse mesmo instante. Realmente, abriu-a. Brenna estava ali, e atrás dela havia dois homens altos. Não eram vikings, mas irlandeses de cabelo escuro. Melisande se ruborizou quando inclinaram respeitosamente a cabeça ao vê-la. Desejou poder arrastar-se sob a cama, mas teve a certeza de que não davam muita importância a sua situação. O senhor Conar estava em seu direito de desejar a sua mulher em pleno dia.

O olhar de Brenna se deteve um momento em Melisande.

— O que aconteceu? — perguntou Conar.

— Seu pai pede ajuda, senhor — disse o mais jovem dos dois homens fazendo uma profunda reverência. Hesitou um momento. — Seu tio Niall desapareceu no norte do país, e os reis estão juntando suas forças em Dubhlain para reunir um grande exército e exigir a Maelmorden, o rei da costa ocidental que o tomou como refém, que o libere. Seu pai roga que zarpe sem demora.

Melisande respirou profundamente e observou Conar.

— Meu tio vive? — perguntou sem elevar a voz.

— Sua mãe acredita que sim.

— Como está ela?

— É forte e tem a seu pai. Como filha do Ard-Ri, sabe o que é a guerra. Niall é seu irmão, e seu pai deve sair em sua defesa.



— Eu também. — replicou Conar. — Eu também.

— O rei ficará grato — disse o mensageiro. Conar assentiu e fechou a porta. Olhou-a com expressão ausente.

— Então zarpamos de novo — murmurou. Ela se sentou na cama aferrando os lençóis com força.

— Zarpamos? — perguntou. — Eu devo ficar aqui, Conar.

— Virá comigo.

A idéia de voltar a partir quando mal acabava de retornar a seu lar era insuportável.

— Odeio você — lhe recordou. Sentia-se profundamente infeliz. Os olhos encheram de lágrimas. Ia chorar de novo.

Não queria que ele se fosse, mas tampouco desejava voltar a passar dias e dias em Dubhlain esperando sua volta. Não era que não gostasse do Eire, que não lhe importasse o que estava acontecendo. Mas o que ocorria em sua casa lhe preocupava da mesma forma. Os irlandeses estavam sempre em guerra. Ela e Conar tinham que ficar na fortaleza! Era evidente que Odo precisava dele!

Conar se inclinou sobre ela, segurou-lhe o queixo e enxugou suas lágrimas. Por um muito breve instante, pareceu que ia enternecer-se.

Mas soltou uma praga cheio de impaciência.

— Condessa, não me atrevo a deixá-la aqui. Não me atrevo! Será que não entende? Virá comigo! Não há outra opção.

Voltou-se e saiu batendo a porta. Melisande ficou sozinha.

CAPÍTULO 18

Não houve tempo para longas despedidas. E desta vez houve uma separação clara das duas casas.

Swen e Brenna zarparam com eles, enquanto que Ragwald, Philippe e Gastón ficaram na fortaleza, assim como Marie do Tresse, embora esta tivesse jurado a Melisande que partiria feliz com ela.

Por mais agradável que pudesse ser ter a alguém de sua própria gente com ela, Melisande decidiu que queria ir sozinha com Conar. Se decidisse cometer algum ato temerário, não queria que ninguém a detivesse. O que fizesse uma vez que Conar partisse para a batalha dependeria unicamente dela.

Não tinha nada planejado. Mas Conar a tinha deixado sozinha antes, e ela já era uma mulher adulta. Tinha voltado para sua casa. Embora seu marido fosse uma figura importante no castelo, ela tinha assumido muitas funções. Sua estadia em outras terras lhe tinha ensinado muito. Em Dubhlain havia sentido o calor da hospitalidade irlandesa e tinha aprendido as leis que exigiam que se acolhesse com amabilidade aos estrangeiros e aos viajantes. Sempre que estes não estivessem saqueando as costas.

De Rhiannon tinha aprendido que a gentileza e o refinamento podiam existir em tempos de paz. Tinha aprendido a usar tapeçarias finamente bordadas para combater o frio em uma fortaleza que tinha sido dirigida durante muito tempo por um homem sozinho.

Deste modo tinha a experiência suficiente para celebrar audiências a fim de resolver pequenos litígios entre servos e arrendatários, indenizar a quem tinha sido



ofendido e castigar a quem tinha ofendido. Não queria sair de casa. Esse era seu lugar e queria ficar ali. Tampouco queria que Conar fosse a uma guerra que não era dele.

Tentou convencer-se de que, para ele, não era assim. Seu pai o chamara, seu tio era o Ard-Ri. Melisande sentia um profundo afeto por sua sogra e desejava sua felicidade. Mas a idéia de que Conar voltasse a partir era muito dolorosa. A partir e a abandoná-la. Não podia comunicar seus sentimentos a Conar. De fato, tinha evitado falar com ele após chegada dos mensageiros. Tinha arrumado as coisas que ia levar e tinha passado no passadiço as primeiras horas da noite com Ragwald, olhando as poucas estrelas que salpicavam o firmamento. O ancião tinha observado sombriamente a bruma que rodeava a lua e disse que choveria no dia seguinte.

Melisande lhe prometeu que desta vez não demoraria tanto a voltar. Ragwald a estreitou em seus braços, enquanto ela passeava o olhar pelas terras envoltas na escuridão, apenas levemente iluminadas por uma lua brumosa, que rodeavam a fortaleza. Teve que morder os lábios para não chorar. Se fosse ter um filho, esse filho devia nascer ali, em sua terra. Se Conar a deixasse sozinha muito tempo, voltaria para casa sem ele, sem lhe importar que corresse atrás dela louco de ira. Mas se a abandonasse...

Sentiu uma pontada no coração ao recordar que Brenna a avisara de que faria tudo o que Conar lhe pedisse.

Quando seu marido chegou ao dormitório, já era tarde, Melisande estava deitada de lado, de costas a ele. Manteve os olhos fechados e ficou em silêncio. Ele ficou um longo momento de pé diante da cama como se fosse dizer algo.

Depois suspirou, afastou-se e se despiu. Entretanto, quando se deitou, não a tocou.



A manhã chegou muito depressa. Como Ragwald havia predito, era um dia triste e úmido. Ouviu o tamborilar da chuva muito antes de abrir os olhos, antes de dar-se conta de que Conar estava acordado e olhando-a.

— O que foi? — murmurou intrigada, mordendo o lábio inferior.

Ele a acariciou ligeiramente com o polegar, enquanto estudava seu rosto.

— Nada. — disse suavemente. — Me perguntava se teria que te envolver em um lençol outra vez.

Melisande se encolheu e se afastou dele. Depois olhou para o baú onde guardava sua cota de malha, essa caixa de madeira parecia conter toda sua infância. Mas a espada que descansava sobre o cofre era de verdade. A cota ainda cabia nela. Era surpreendente que Conar não lhe tivesse tirado as duas coisas.

Estava segura de que seu marido não lhe permitiria ficar.

— Não será necessário que me envolva em um lençol — disse com voz lenta.

Sentiu o dedo de Conar percorrer o arco de suas costas e estremeceu involuntariamente. Que estranho! O contato de sua mão lhe fez sentir um tremor quente em seu interior, um estranho desejo. Queria voltar-se para ele e abraçá-lo, mantê-lo perto de seu corpo. Sabia que não suportaria vê-lo partir porque odiaria estar sem ele. Sentiria falta de suas carícias à noite, sua força, seu calor. Sentiria falta de seus braços estreitando-a enquanto dormia.

Não se voltou. Ele iria à guerra sem importar o que ela dissesse ou fizesse. E não a levaria com ele, como levava Brenna. A deixaria sozinha em uma casa que não era a sua, por maior que fosse a gentileza com que a tratassem.

— Algumas esposas se alegram de estar com seus maridos — disse Conar.

— Mas eu não estarei com você.

— Estará até que saíamos para o norte.

— E então irá embora.



— E sentirá minha falta, querida? Melisande guardou silêncio e Conar respondeu por ela em tom zombador.

— Claro que sentirá minha falta! Deitaria com qualquer demônio para poder voltar para casa. Estará contando as horas que faltam para que retorne são e salvo, só para voltar para casa. — Virou-se e se levantou do outro lado da cama. Melisande se voltou para ele e admirou a magnífica estrutura de suas costas, a amplitude de seus ombros, sua musculatura, a fina cicatriz que chegava até seu quadril, a curva dura e tensa de suas nádegas, a longitude e a força de suas pernas.

— O que ocorrerá se não voltar? — murmurou.

Conar rodeou a cama até onde estava ela e levantou seu queixo.

— Pediria que desse as costas a meu próprio pai, Melisande?

Ela não respondeu imediatamente. Depois suspirou e lhe afastou a mão desviando o olhar.

— Não. Mas se coloca em perigo. Põe em perigo a mim...

— Entendi. O que aconteceria se eu morresse? Choraria por mim? Ou se apressaria a romper as cadeias que lhe ataram com tanta força e zarparia para aqui para governar cheia de alegria?

Melisande o encarou e pestanejou rapidamente.

— É cruel ao sugerir semelhante coisa. Nunca desejei a morte de ninguém.

— De ninguém? Não me pareceu que a morte de Gerald te enchesse de pesar.

— Bom, talvez eu desejasse a morte de Gerald, mas só porque assassinou meu pai — disse.

— Também acho que lembro — murmurou — que empunhou a espada contra mim.



Melisande se separou dele e se sentou no outro extremo da cama. Levantou-se e pôs-se a andar, mas ele caminhou para ela e, agarrando-a pelo braço, obrigou-a a olhar para ele.

— Não quero discutir. — disse ela.

— Mas eu sim. — replicou Conar lhe pondo as mãos nos ombros. — Talvez não haja nada a temer. Voltarei Melisande, juro-lhe isso. Não morrerei. Já sabe que nunca a deixarei.

— Tampouco meu pai pensava me deixar — disse ela suavemente.

Conar arqueou as sobrancelhas e seus olhos azuis brilharam com um estranho ardor quando a olhou.

— Isso significa que eu te importo um pouco?

— Não zombe de mim!

O rosto de Conar se tornou inexpressivo, como se o houvesse coberto com uma máscara.

— Não zombo de você.

— E você o que? Será que o tirano começou a se importar um pouco com sua súdita?

— Já lhe disse várias vezes, e cada vez com mais sinceridade, que não há nada que deseje tanto como desejo você.

— “Desejo” — murmurou ela, baixando o olhar. Ele apertou seus braços com mais força.

— Voltarei. — prometeu de novo — Juro que nunca a deixarei ao alcance de Geoffrey. E não penso morrer até que tenha um filho que possa manter longe qualquer pretendente.

“Diga-lhe” gritou uma voz em seu interior.



Mas não podia. A única prova que tinha eram as palavras de Brenna e um suspeito atraso. Não se sentia mal. Não tinha engordado nem um grama.

Passada uma semana, seu atraso seria já de dois meses, então poderia estar segura, razoavelmente segura.

Ele tinha prometido que retornaria. Quando retornassem para casa, diria.

— O que ocorre? — perguntou Conar suavemente. Ela negou com a cabeça.

— Melisande, por favor, não passe a vida se escondendo de mim! — Suplicou. Ela viu em seus olhos um brilho febril, de paixão. Amava-a?

Não. Desejava-a. Até que se cansasse dela.

Conar se inclinou para ela. Deu-lhe um beijo provocador, temperado, apertando meigamente os lábios contra os seus. Melisande, inconscientemente, ficou nas pontas dos pés, deslizou os braços sobre seu pescoço e afundou os dedos em sua cabeleira loira.

Alguém bateu na porta bruscamente. Afastaram-se e ficaram olhando-se.

— Senhor! — disse Swen pigarreando constrangido. — Temos que nos apressar ou perderemos a maré.

— Já vou — disse Conar.

Melisande já se virara. Lavou-se e vestiu com rapidez, sem voltar a lhe dirigir a palavra.

Quando chegaram à praia, Conar lhe perguntou se queria levar Guerreiro, mas ela negou com a cabeça.

— Esta é sua casa. — disse — Não está acostumado a sua curiosa maneira de transportar cavalos.

Invadiu-a uma sensação de confusão; na realidade não queria levar Guerreiro porque sabia que lhe seria difícil trazê-lo de volta para casa mais adiante.



Quando zarparam, quando se despediram de Ragwald, que ficou na praia, teve a certeza de que não tinha intenção de esperar por Conar.

Ela voltaria para casa muito antes dele.

Rezaria para que retornasse são e salvo, mas faria isso da costa francesa.

O mar estava agitado, mas Melisande não enjoou em toda a travessia. Perguntou-se se Brenna teria se equivocado, e se seu atraso não se deveria simplesmente a agitação da sua vida nos últimos tempos.

Brenna a olhava de vez em quando, e quando seus navios se aproximavam o suficiente lhe perguntava como estava passando.

Detiveram-se brevemente na costa meridional da Inglaterra para aprovisionar-se de água e mantimentos, e logo seguiram direto para Dubhlain.

Ela teria gostado de realizar a viagem se não estivesse tão preocupada com sua casa. Erin a recebeu calorosamente e pediu que contasse tudo o que tinha ocorrido desde a última vez que se viram. Rhiannon e Eric estavam ali, porque seu cunhado também tinha respondido à chamada de seu pai e tinha ido lutar por seu tio.

O primeiro dia na cidade murada de Dubhlain foi maravilhoso, mas também exaustivo. Por mais doce que fosse o reencontro com toda aquela gente de quem ela gostava tanto, Melisande sentiu certa tensão no ambiente, porque todos sabiam que, assim que todas as tropas chegassem, os homens partiriam.

Eric passou o dia reunido com seu pai, seus irmãos, seus cunhados e diversos primos e tios. Melisande esteve toda a tarde com Erin, Rhiannon e suas cunhadas no salão das senhoras, uma sala larga, ensolarada e bem ventilada que o viking Olaf mandara construir em sua casa em honra de sua esposa e de seu país adotivo.

Rhiannon perambulava ansiosa de um lado a outro e Daria viva e ágil, estava como sempre em constante movimento. Erin e suas outras filhas se achavam sentadas tranqüilamente trabalhando em delicados bordados. Katherine, a esposa de



Conan, lia em voz alta um manuscrito com uma bela capa que relatava a história dos antigos habitantes do Eire e a formação de suas estruturas sociais. Falava de são Patrício, que havia lhes trazido a fé cristã e tinha expulsado da ilha a todas as serpentes.

Melisande escutou um instante, mas logo deixou vagar sua imaginação. Ao cabo de um momento, percebeu que os olhos verde esmeralda de Erin, em cuja beleza o tempo não tinha feito estrago, estavam fixos nela.

— Como consegue? — murmurou Melisande. — Como consegue ficar sentada tão tranqüila sabendo que nossos homens vão partir para lutar?

Erin sorriu e estendeu uma agulha a Daria.

— Enfie a linha, por favor. Minha vista já não é o que era.

— Sua vista é excelente, mãe! — exclamou Daria.

— Melisande, já que Daria está se comportando como uma menina malcriada poderia enfiar você a agulha? — Sua voz seguiu sendo tranqüila. Daria que estava a suas costas, passou-lhe os braços ao redor do pescoço.

— Tome cuidado, mãe! Dizem que sou a que mais se parece com você.

— Meu deus! Pergunto-me se fui alguma vez tão selvagem como você, filha.

— Dizem que foi muito mais selvagem — replicou Daria com doçura.

Erin deu de ombros e olhou para Melisande sorrindo.

— Estou tranqüila porque os vi partir para a guerra muitas vezes. Sou afortunada, porque sempre retornaram. Ou quase sempre... — murmurou. — Perdi entes queridos. E cada vez que Olaf vai, algo em mim morre um pouquinho. Leith, o mais velho, foi o primeiro a acompanhar seu pai, e pensei que, se não voltasse, não suportaria. Mas sou afortunada, retornou. Cada vez que vejo um de meus filhos partir para a guerra, morre algo dentro de mim. Mas aprendi faz muito que não podia proteger aos homens de minha vida lhes obrigando a ser fracos. Meu pai foi capaz de



conservar quase toda esta ilha porque contou com o respaldo de meus irmãos, que eram homens fortes, e porque forjou alianças sólidas entre sua gente. Quando teve a certeza de que não podia libertar à ilha de Olaf, casou-me com ele. Seremos fortes enquanto permanecermos unidos. — inclinou-se para Melisande e a olhou com ternura. — Conar voltará, pode estar segura.

— Ele me disse — murmurou. Havia dito que voltaria porque ainda não tinha sucessor.

— Está contrariada porque o chamaram quando acabavam de chegar a sua casa?

— Não! — replicou Melisande imediatamente. Mas se perguntou se Erin saberia que mentia. Baixou o olhar bruscamente, sabia que, embora estivesse esperando um filho, não podia sentir ainda nenhum movimento em seu ventre. E, entretanto...

Sentiu como um leve bater de asas. Perguntou-se o que seria de seu filho, se seria um menino, se seria leal, decidido a lutar por seu pai e sua terra a todo custo. Ela teria lutado por seu pai, teria dado tudo por ele.

Voltou a olhar para Erin e repetiu seu protesto.

— Não, de verdade. Estou... Estou contente de voltar a vê-los, porque não tive ocasião de me despedir como desejava.

Erin sorriu e deixou seu trabalho.

— Sempre será bem-vinda aqui. Para mim, é como se fosse de meu próprio sangue. — Acariciou a bochecha de Melisande. — Criei a uma moça muito bela — disse docemente. Em seguida se dirigiu às demais. — Terão que me perdoar, mas há muita gente em casa e tenho que cuidar do jantar.

Certamente, a casa estava cheia de gente e de animação. Bryan e Bryce estavam desejando ver Melisande, e para ela foi um prazer abraçá-los de novo. Levantaram-na nos braços e a fizeram dar voltas no ar um após o outro. Havia muitas pessoas a



quem saudar: todos os filhos e filhas do rei e da rainha de Dubhlain estavam ali, acompanhados de seus próprios filhos, e na casa não parecia haver lugar para ninguém mais.

Na hora do jantar, os mais jovens já estavam deitados, e o salão se achava perfeitamente organizado para quando os adultos fossem tomando assento ao redor da mesa. O jantar foi abundante: verduras do verão, aves, carne de javali, gamo, pescado, enguias... Os serventes foram trazendo as bandejas e estas foram passando de mão em mão. Para beber, havia vinho, cerveja e hidromel.

A comida era abundante, mas o entretenimento foi mínimo essa noite: só um músico tocou o alaúde enquanto jantavam, e Melisande não demorou em descobrir o porquê.

Conar e ela tinham sido os últimos em chegar a Dubhlain. Os homens partiriam no dia seguinte, por isso essa noite deviam retirar-se cedo.

Olaf foi o primeiro a levantar-se. Estendeu a mão a Erin para que o acompanhasse. O tempo lhes tinha tratado bem, quase sem tocá-los. Continuavam formando um belo casal, ele loiro, ela esplendidamente morena.

Erin tomou sua mão e olhou seu marido nos olhos. Melisande afastou o olhar, tomada pela súbita certeza de que, apesar de ter tido tantos filhos, apesar do passar dos anos, os dois se retirariam juntos e passariam a noite unidos em um abraço terno e apaixonado que duraria até o amanhecer.

— Melisande.

Conar lhe estendia a mão, e ela vacilou um breve instante, pois sentia uma aguda pontada de dor. Nesse momento desejou algo que estava muito perto, quase a seu alcance, mas que lhe escapava.

Queria tudo que um viking tinha.

O que compartilhavam o rei e a rainha de Dubhlain.



Mordeu os lábios e em seguida aceitou a mão de Conar.

Sair do salão abarrotado de gente não foi muito fácil. Conar tinha que despedir-se de suas irmãs e dar boa noite a seus irmãos e companheiros de armas.

Quando por fim saíram, ele se deteve um instante a falar com Eric. Enquanto esperava, Melisande acreditou ver uma figura familiar.

Era Mergwin!

Lançou uma exclamação de alegria e se jogou sobre ele, para abraçá-lo

— Não sabia que estava aqui!

— Não ficarei muito tempo. — disse ele — Sou muito velho para ir à guerra. Brenna tem uma vista muito mais aguda que a minha e detecta melhor os sinais de alerta que Deus nos envia. Mas senti um grande desejo de voltar para casa e decidi zarpar com Eric e Rhiannon. Teremos tempo para conversar — prometeu.

— Fico feliz — disse Melisande após lhe dar um beijo na bochecha.

— Seu marido a chama — disse Mergwin. Melisande se Voltou e viu que Conar estava esperando-a, saudando de longe ao Mergwin, por isso deduziu que este provavelmente tinha passado o dia reunido com outros homens.

— Boa noite, Mergwin. Verei você amanhã — disse Melisande.

Ele a reteve em seus braços um momento.

— Conar retornará — disse.

— Isso diz ele.

— Não mente. Dizem-no as runas.

— Alguma vez se equivocam?

— Quando eu as leio, muito raramente.

— Obrigada — disse ela com um sorriso.

— Melisande — murmurou quando ela fez menção de ir-se.

— Diga Mergwin.



— É um menino.

— Como?

— Seu filho será um menino. Você já contou a ele?

Melisande empalideceu.

— Nem sequer estou segura ainda — exclamou. Depois acrescentou em voz baixa: — Você vai dizer?

— Não, querida. É...

— Já sei. — interrompeu ela — Sou eu quem deve fazê-lo. — De novo se voltou para partir.

— Melisande — murmurou Mergwin outra vez.

— Sim?

— Quando os lobos escolhem uma parceira, conservam-na por toda a vida.

— O que quer dizer?

— Os lobos — repetiu com gravidade — e seus filhotes, e os filhotes de seus filhotes, têm apenas uma parceira e a conservam toda a vida.

Melisande sorriu e se perguntou como podia o ancião ler seu coração com tanta facilidade. Rezou para que ninguém mais tivesse essa faculdade.

— Às vezes tenho tendência a divagar. — disse Mergwin.

— Sei. — replicou ela sorrindo. Voltou a beijá-lo e pôs-se a andar. Aceitou a mão que Conar lhe estendia e subiram juntos ao quarto que iam compartilhar essa noite.

Era um quarto amplo. Da janela se via a lua, que já não era cheia. Melisande estava lutando sem muito êxito com um dos botões que lhe fechavam o vestido às costas quando sentiu as mãos de Conar sobre ela. Ficou rígida e deixou que lhe desabotoasse o vestido.



— Sei que está zangada. — disse Conar suavemente — Mas... Vamos brigar esta noite? — inclinou-se sobre ela e Melisande sentiu sua respiração, como fogo líquido, quando a beijou na nuca nua.

Manteve-se imóvel um instante e depois se voltou para ele. Seus olhares se cruzaram.

— Não. — respondeu suavemente— Não.

Essa noite não. Não quando a esperavam tantas noites sozinha.

Não, porque sabia que ia desobedecer-lhe.

Porque ele ia partir... Com Brenna.

Não, essa noite não. Essa noite o amaria como lhe ensinara, com tudo o que Deus lhe dera. Agarrou-se a ele e lhe devolveu seus beijos com ardor. Aconchegou-se contra Conar acariciando seu corpo com a cabeleira sedosa, brincando com ele e roçando sua pele com os lábios, os dentes, a língua, deslizando seu corpo sobre o dele em movimentos descendentes.

Conar enroscou os dedos em sua cabeleira negra e a deixou fazer o que quisesse enquanto sua respiração ficava cada vez mais ofegante. Ela se desfez de seu abraço e ficou a suas costas e, elevando-se sobre a ponta dos pés, beijou-lhe os ombros, ao mesmo tempo em que acariciava seu peito e percorria sua pele com os lábios em movimentos sempre descendentes, deslizando-se sobre ele, lhe tocando, tomando-o em sua boca.

Conar se abandonou ao prazer de suas carícias. Ao cabo de um momento a levantou em seus braços e a levou para a cama sem apartar os olhos dos dela. Mas, apesar do ardor e da força de seu desejo, não a possuiu logo, mas sim lhe fez amor muito lentamente.

Saboreou seu sabor como se não pudesse saciar-se dela, acariciou-a como se pudesse gravar todos os poros de sua pele em sua memória, e, finalmente, quando



ela se estendeu na cama tremendo de desejo, cobriu-a e uniram seus corpos até que uma onda de prazer os arrastou a ambos.

Voltaram a fazer amor essa noite, de joelhos sobre a cama, um frente ao outro, entrelaçaram seus dedos e seus lábios se uniram em um beijo sem fim, enquanto a veemência de seu desejo aumentava lenta e deliciosamente.

E explodiram de novo em um prazer tempestuoso que os deixou aconchegados juntos, trêmulos e exaustos. Melisande agradeceu o contato de seu corpo, feliz de que Conar a abraçasse mantendo-a muito perto dele, de que a envolvesse com sua perna, caprichosamente enroscada nas suas. Fechou os olhos. Quando despertou, Conar estava virtualmente vestido. Não podia acreditar que tivesse dormido até tão tarde, com todo o barulho de homens e cavalos que chegava do pátio.

— Aprese-se. — disse Conar — Estão quase prontos para partir.

Ela se levantou, lavou-se apressadamente, prometendo-se que acabaria mais tarde, e se vestiu.

Quando se voltou, Conar tinha acabado de vestir-se. Usava sua cota de malha, a espada ao cinto e o capacete na mão. Assim vestido, atraiu-a de novo para ele e bebeu profundamente de seus lábios uma vez mais.

— Retornarei Melisande. Estarei de volta muito em breve.

Melisande sentiu um calafrio. O encarou e assentiu. Conar, como maravilhado de sua beleza, acariciou-lhe a face.

— Melisande, ouviu?

— Sim. Tenho que esperar sua volta.

— Obedeça-me desta vez.

— Sim! — exclamou ela.

— O que é esse fulgor em seus olhos? Paixão ou ódio? Melisande afastou o olhar, mas ele a abraçou com força.



— Melisande!

— Suplico que...

— Sou eu que suplica. Suplico que obedeça as minhas ordens.

— Eu tenho escolha?

— Nenhuma. — replicou Conar em tom cortante. Voltou-se para sair.

Ela o seguiu. Conar se deteve, deu meia volta e voltou a pegar sua mão. Desceram juntos até o pátio onde Swen já o esperava, segurando Tor junto a seu próprio cavalo. Conar tomou as rédeas de seu garanhão e estreitou uma vez mais Melisande em seus braços. Ela perdeu o fôlego e sentiu que seria incapaz de manter-se em pé quando ele a soltasse. Conar esperou que recuperasse o equilíbrio antes de soltá-la, e uma corrente de lágrimas subiu espontaneamente aos olhos de Melisande.

— Que Deus o acompanhe! — sussurrou de repente. — Que Deus o acompanhe!

— E a você, Melisande. — Acariciou-lhe a face um instante com a mão e depois montou em seu cavalo. Melisande sentiu uma mão em seu ombro, era Rhiannon. Ambas se afastaram dos cavaleiros, e Melisande observou o grupo que formavam os homens da família.

Ofereciam uma imagem esplêndida e aterradora. Estavam dispostos em uma fila que parecia interminável, Olaf no centro, flanqueado por seus loiros filhos, Eric e Conar, altos e impressionantes com seus capacetes vikings e com esse brilho azul nórdico que, mesmo a distância, desprendiam seus olhos. Os outros também estavam ali, Conan, Bryan, Bryce e Leith. E Michael e Patrick, os genros, junto com vários dos irmãos e primos de Erin, e o outro Eric, puro viking, o irmão de Olaf.

Por um instante ficaram ali imóveis, um grupo cativante e mágico. Depois o chão a começou a retumbar. Puseram-se em marcha.



Os cavaleiros foram desaparecendo em ondas cruzando as portas da cidade murada.

Passaram as semanas e Melisande continuava em Dubhlain perguntando-se quando chegariam notícias.

Todo dia chegavam mensageiros à cidade, mas não havia notícias de que as coisas estivessem mudando: Continuavam negociando com Maelmorden, exigindo a liberação de Niall. Erin lhes lia as cartas no salão das mulheres. A espera continuava.

Melisande não sentiu mal-estar algum com o passar dos dias nem experimentou sintomas que indicassem alguma mudança em seu organismo. Mas já tinham passado dois meses e continuava sem menstruar.

Sonhava com seu filho, e já não lhe parecia tão terrível que fosse um homem e que pudesse parecer com seu pai.

Chegaram cartas de sua casa que a encheram de alarme. Ragwald lhe contava que estavam acontecendo coisas estranhas: Em algumas manhãs cavaleiros se reuniam e observavam a fortaleza do alto da colina. E isso ocorria cada vez mais freqüentemente.

— Há problemas? — perguntou Erin.

Melisande ansiava poder lhe dizer que sim, mas não se atrevia a ser sincera com sua sogra, porque estava procurando com angústia a forma de esperar por seu marido em sua casa, e não em Dubhlain.

— Nada de importância. — respondeu — Notícias de minha gente. Nascimentos, mas também mortes. Ragwald me conta que um dos pastores morreu de febre. De resto, tudo vai bem. Reina a paz.

Uma semana depois Rhiannon lhes informou que voltava para casa, pois o rei Alfredo tinha enviado navios mercantes a suas terras e ela devia retornar a Wessex.

Aquilo pareceu a Melisande uma oportunidade única.



— Talvez vá com você — murmurou.

— Vai me deixar sozinha? — perguntou Erin observando Melisande. — Acha que é prudente ir com Rhiannon?

Melisande achava muito difícil mentir para Erin. Baixou a vista.

— Espere outra semana — sugeriu Erin.

Esperou. E Rhiannon esperou com ela. Mas Ragwald continuava enviando más notícias, notícias aterradoras. Pedia-lhe que apressasse o retorno de Conar.

Os dinamarqueses estavam juntando um enorme exército perto de Bruges e em outros lugares. Odo tinha ido à fortaleza, também ele ansiava a volta de Conar.

Melisande se sentou essa noite para escrever uma carta a Conar. Disse-lhe que entendia que ele tinha obrigações, mas que precisavam dele urgentemente na França. Implorou-lhe que voltasse e a levasse a sua fortaleza.

Esperou de novo. Passaram-se os dias.

Por fim chegou a breve resposta de Conar: retornaria muito em breve, estava seguro, mas ainda não.

Ela devia esperar.

Essa mesma noite Melisande disse a Rhiannon que iria com ela. Zarparam à manhã seguinte.

Melisande mentiu a Erin. Disse-lhe que queria voltar a ver os filhos de Rhiannon, que estaria segura na casa de sua cunhada, porque ela contava com o amparo de Alfredo, e poucos homens ousavam desafiar ao rei de Wessex.

Quando chegaram às terras de Eric, Melisande estava segura de que seu plano funcionaria. Tinha escrito a Ragwald lhe comunicando que os navios de Conar estavam detidos devido à guerra no norte do Eire.

Um navio ligeiro e elegante chegou a Wessex para recolhê-la.



Não lhe custou muito trabalho convencer Rhiannon de que não havia nenhum problema em que ela retornasse a França, pois nunca tinha lhe falado das dificuldades que havia em sua casa, Então Rhiannon ficou triste ao vê-la partir, mas compreendeu quão ansiosa estava Melisande para voltar.

Pouco mais de um mês depois de sua partida, conseguiu retornar. Enquanto o navio se aproximava da terra, Melisande observou o céu, a água, a praia, mas nada lhe produziu a felicidade esperada.

Ao contrário, porque ao chegar à praia, pela primeira vez sentiu náuseas, umas náuseas terríveis. Conar se enfureceria quando descobrisse o que tinha feito. Voltaria-se contra ela, a olharia com desdém. Talvez procurasse consolo nos braços de outra mulher, nos da sempre disposta Brenna.

Quando desembarcou, a metade dos habitantes do castelo a esperava na praia. Ali estavam Philippe, Gastón, Ragwald e Marie, junto com as leiteiras, os pastores, os camponeses e os soldados; todos lhe deram as boas vindas. Receberam-na com honras.

Tinha retornado para lhes comandar na ausência de seu marido.

Ela saudou todo mundo. Depois, durante o jantar que compartilhou com Ragwald, Philippe e Gastón, ouviu notícias mais inquietantes sobre as hordas de dinamarqueses que tinham desembarcado nas praias próximas. Resolveu um litígio entre dois servos a respeito de uma vaca que tinha adoecido e morrido. Ocupou-se da correspondência com Odo e outros nobres. Por último, quando ficou tarde, subiu a seu quarto.

O quarto que tinha compartilhado com Conar. Deitou-se na cama e tentou dormir.



De alguma forma, tinha vencido a todos. Não tivera que discutir com ninguém. Despediu-se primeiro das pessoas de Dubhlain, e depois de Wessex, e tinha voltado para casa.

Continuava tendo um nó no estômago. As lágrimas escorriam por suas bochechas.

Pareceu-lhe que o pranto a estava afogando. Levantou-se e chegou à bacia bem a tempo para vomitar. Sentia-se muito infeliz e terrivelmente enjoada.

Sua primeira noite em casa! Era a condessa, e estava tomando as rédeas de sua vida.

Nunca se havia sentido tão assustada.

Nem tão sozinha.

Tinha saudades da presença de Conar com uma veemência que lhe era desconhecida, apesar de saber que ele estaria furioso.

E talvez esse fosse seu castigo.

Ao fim estava em casa! Tinha desejado tanto!

Não tinha se deitado com o diabo para consegui-lo. Limitou-se a vender seu coração e sua alma.

CAPÍTULO 19

Tinham reunido um enorme exército, mas a maior parte dos soldados se limitaram a sentar-se a esperar.

As negociações com Maelmorden pareciam intermináveis. Só tinha havido um par de escaramuças sem importância entre as tropas.

O exército de que formava parte Conar superava em número ao do Maelmorden, mas este tinha sequestrado seu tio Niall, o Ard-Ri, e se chegasse a morrer em cativeiro, Maelmorden poderia reivindicar o título, pois embora o filho do Ard-Ri estivesse acostumado a suceder a seu pai, o título não era necessariamente hereditário. Qualquer homem que demonstrasse sua valia podia ser Ard-Ri.

Os filhos do Niall ainda eram jovens e ficaram em casa, longe dos combates.

No mundo cristão, já era costume comprar a paz aos vikings. Maelmorden, que tinha chamado a seus antigos inimigos, os dinamarqueses, para que fossem lutar junto a ele, não perseguia uma recompensa, só queria que os reis menores reconhecessem sua autoridade e lhe rendessem homenagem.

Depois de longas semanas de inatividade, Conar voltou a encontrar-se com Leith, Eric, seu pai e seus outros irmãos no campo de batalha, para enfrentar a Maelmorden e seus mercenários dinamarqueses. Uma vez mais, Olaf exigiu a liberação do Niall e disse a Maelmorden que nunca reconheceria sua autoridade, nem a de seu filho quando ele morresse. O rei de Connaught lançou um grito de apoio ao Olaf e os outros reis se somaram a ele.

Maelmorden foi às nuvens e jurou que a Niall restava pouco tempo de vida.



Depois de um momento, as duas partes iniciaram a retirada. Os ânimos estavam muito acesos e houve algumas lutas, mas não explodiu uma luta aberta entre os dois lados, e os soldados retornaram a seus respectivos acampamentos.

Conar dormiu essa noite ao ar livre. As estrelas que brilhavam no firmamento lhe trouxeram Ragwald à memória e com a lembrança do ancião mentor veio a de Melisande, embora ela raramente abandonasse seus pensamentos. Conar era plenamente consciente de que estavam em uma situação precária, além disso, todos sabiam que os dinamarqueses estavam reunindo grandes exércitos nas costas francesas e nas da Frísia.

Perguntou-se se podia ter dado uma resposta melhor à carta de Melisande, mas não lhe ocorreu outra.

Sentia terrivelmente a falta dela. Apesar de todas as coisas que tão frequentemente eles enfrentavam entre si, sentia falta dela com todo seu coração e sua ausência lhe produzia uma dolorosa sensação de vazio que o acompanhava dia e noite.

A noite era o pior porque, ao fechar os olhos, suas tropas desapareciam e lhe parecia ouvir sua voz lhe sussurrando e vê-la nua atravessando o quarto para ele; então tinha a sensação de que, se estirasse o braço, podia tocá-la.

Na longa desolação da noite, quando tentava alcançá-la, suas mãos tocavam o sujo chão no lugar que ela deveria ter ocupado.

Havia mulheres no acampamento, mas ficou surpreso ao descobrir que o que necessitava não era simplesmente aplacar o desejo que ardia nele: Melisande lhe tinha enfeitiçado, mas não lhe tinha roubado só os sentidos, mas também o coração. Estava apaixonado por ela. Era uma estranha emoção, nem sempre doce, porque às vezes trazia consigo uma dor torturante. Sonhava com ela, tinha saudades do seu corpo. Ela ocupava seu pensamento durante os longos dias e as intermináveis noites.



Estava acostumado a ter sonhos agradáveis, mas essa noite sonhou que corria atrás dela na escuridão, mesmo sabendo que a tinha perdido. Ouvia os selvagens batimentos de seu próprio coração, sua respiração era entrecortada e ofegante, doíam-lhe os músculos. Gritou seu nome e correu ainda mais depressa; ouviu-a responder, mas não pôde vê-la.

Havia hordas de inimigos frente a ele. Deteve-se e se transformou de repente em parte de uma velha árvore que estava perto, assim metamorfoseado, não podia avançar entre seus inimigos. Buscou-a de novo por toda parte. Ouviu sua voz.

Tinham-na enterrado em algum lugar muito profundo. Sua voz lhe chegava muito apagada. Melisande! Ela estava chorando e dizia que queria retornar para casa para reunir-se com ele.

Quase podia tocá-la. E ela continuava lhe chamando. Por mais numerosos que fossem os inimigos que a rodeavam, a encontraria.

Despertou sobressaltado e bateu a cabeça no tronco de uma árvore. Tor estava a seu lado olhando-o fixamente. Conar lançou um grunhido e se ergueu enquanto movia a cabeça de um lado a outro. Não muito longe de ali se achava seu irmão Leith, que também tinha decidido dormir ao ar livre com a sela por travesseiro.

Eric estava deitado a seu lado.

— Conar!

Voltou-se. Leith era um homem adulto, e não o menino que se divertia roubando a espada de brinquedo do seu irmão observava-o atentamente, com o cenho franzido e uma expressão de perplexidade.

— O que houve? Está bem?

Conar assentiu.

— Por que pergunta? — disse olhando seu irmão.

— Passou toda a noite dando voltas e gemendo.



Conar não se ruborizava com facilidade, mas sentiu uma onda de calor no rosto. Amaldiçoou Melisande por ser a culpada de não poder ocultar seus pesadelos dos outros.

Vacilou um momento e depois ficou em pé. Sentiu ao fazê-lo que todo seu corpo, duro pelo sono, rangia-lhe. Sem deixar de olhá-lo, Leith e Eric se levantaram também. Eric, mais familiarizado com seus problemas, perguntou-lhe se estava preocupado pelo que pudesse estar ocorrendo em sua casa.

— Sempre estou. — replicou. Encolheu os ombros e esboçou um sorriso. — E quando estou em casa, preocupo-me com o que possa estar acontecendo aqui. — interrompeu-se e em seguida acrescentou: — Tive um sonho interessante que talvez nos seja útil.

— Conte-nos — disse Leith.

— Reunimo-nos várias vezes com o exército do Maelmorden, mas talvez fosse melhor que descobríssemos o lugar em que escondeu Niall... E nos limitássemos a resgatá-lo.

— Como?

— Um homem poderia introduzir-se em seu acampamento sem ser descoberto. Um só homem passará inadvertido, porque o que esperam é um grande exército.

— Pode ser que tenha razão — murmurou Leith e olhou Eric em busca de sua aprovação.

Chamaram a seus outros irmãos e a outros parentes próximos e foram em busca de Olaf. Antes de lhe comunicar seu projeto, tinham enviado já um espião para descobrir o lugar onde Niall estava cativo.

— Um homem só arrisca a vida. Além disso, pode ser capturado, torturado, o que atrasaria ainda mais as negociações — disse Olaf.

— Pai! Quanto mais durará esta situação? — protestou Conar.



Olaf olhou inquisitivamente ao redor.

— Leith?

— Acredito que a idéia de Conar é boa. Pai podem nos reter aqui nos dando desculpas indefinidamente. Não podemos acelerar o assunto, nem cercar combate com eles como deveríamos, porque, se matarmos Maelmorden, os dinamarqueses assassinarão Niall em represália.

— Quem iria? — perguntou Olaf.

— Eu, — respondeu Conar, consternado pelo calafrio que lhe percorreu as costas. — Foi meu sonho, minha idéia. Eu irei.

— Como?

— Disfarçado com uma batina.

— Meu irmão o monge! — murmurou Eric, e todos riram as gargalhadas. A tensão pareceu diminuir.

— Sim, mas seus hábitos mudaram muito ultimamente, não se deram conta? — continuou Leith. — Que magia terá sido a causa?

— Acredito que é alta e que tem o cabelo negro como o azeviche...

— E é extremamente obcecada e desobediente. — completou Conar olhando desafiador a todos os seus irmãos — Podemos voltar para assunto que nos ocupa?

— É obvio — disse Leith.

— Pai, ao princípio minha incursão precisará da maior discrição por parte de todos, mas logo necessitarei do exército em alerta, já que poderei chegar até certo ponto sozinho, entretanto para finalizar a operação com êxito precisarei de ajuda.

— É provável que Niall esteja fortemente vigiado.

— Só nas defesas exteriores, dentro do acampamento, não acredito que haja mais de um ou dois homens o vigiando. Mas descobrirão logo seu desaparecimento, e será então quando necessitarei ajuda.



— O que fará se Niall estiver ferido e não puder caminhar? — perguntou Olaf.

— Estou disposto a correr esse risco.

— Esperemos até que nossos homens voltem e nos digam o que averiguaram.

— disse Olaf— Conar espere um pouco. Quero falar com você.

Outros saíram, e Conar ficou sozinho com seu pai na cabana de madeira que tinham construído para albergar o centro de comando. Olaf passeou um instante pela sala pensativo e depois se voltou para o Conar.

— Soube algo de sua mulher ultimamente? Conar sentiu que lhe invadia uma onda de frio, que um martelo caía sobre ele.

— Não. — respondeu— Não, ultimamente. Escreveu-me depois de ter recebido uma carta de Ragwald que a informava da concentração de dinamarqueses que se está produzindo na costa francesa. Respondi-lhe, mas não soube nada dela depois. O que houve?

— Talvez nada. Erin me comunica em uma de suas cartas que Melisande foi com Rhiannon para Wessex. Isso é tudo; pensei que talvez te tivesse escrito para te pedir permissão.

Conar se enfureceu imediatamente e o medo intensificou sua cólera. Ficou com a boca seca.

— É livre de voltar para casa se o desejar, Conar. Outra pessoa pode levar a cabo seu plano. Se...

— Não, pai. Eu o farei. Hoje. Amanhã ficarei livre para ir.

Olaf refletiu um momento antes de assentir.

— Pode ser que tenha razão. Se o fizermos hoje, todos ficaremos livres.

Os espiões não demoraram para retornar. Explicaram que Niall se achava encerrado na casa de Maelmorden, logo depois das linhas de defesa. Havia muito



movimento, gente que entrava e saía entre eles sacerdotes, mercados e serventes. A linha defensiva que rodeava a mansão era o único amparo que tinha.

Eric acompanhou Conar até as defesas exteriores. Conar deixou Tor a seu cargo, com a segurança de que sua família estaria lhe esperando, que não lhe falhariam. Em seguida, disfarçado com seu hábito de monge e com a cabeça coberta pelo capuz, avançou para o acampamento inimigo.

Diante dele tinha soldados irlandeses e dinamarqueses, alguns com calças folgadas, outros com meias que chegavam aos joelhos e deixavam descobertas as panturrilhas peludas.

Muitos usavam peles para se proteger do frio, mas todos portavam suas tochas de guerra.

Um homem caolho coberto por um enorme casaco de pele de urso se aproximou dele.

— O que faz aqui?

— Vim velar pela alma da pessoa que têm cativa.

— Niall?

— Assim é. Assim como você espera alcançar as portas do Valhalla, meu senhor Niall espera um paraíso diferente e talvez necessite um conselheiro espiritual neste momento.

O homem lançou um grunhido e lhe ordenou que esperasse. Voltou para pouco depois e lhe disse que entrasse. Maelmorden não tinha se preocupado que um monge vestido de negro entrasse em seus domínios.

Conar percorreu rapidamente a distância que lhe separava da mansão, que estava ao fundo da zona protegida pelas linhas defensivas. Havia, na casa de um rei, galinhas e porcos em toda parte. Conar nunca tinha visto um lugar mais



desorganizado. Comparou-o mentalmente com a magnífica mansão de seu pai, protegida pelas muralhas, e com sua própria fortaleza...

A moradia de Maelmorden, de madeira e palha, apresentava estranhas construções mais recentes feitas de tijolo cru e varas.

Atravessou o pátio sem problemas. Um menino de olhos grandes lhe saudou.

A porta de entrada era baixa e só a vigiavam dois homens que não lhe prestaram a menor atenção. Afastaram-se para lhe deixar entrar e depois continuaram conversando.

Conar se inclinou para cruzar a soleira da porta e entrou na sala principal da casa. Na lareira ardia um fogo de turfa e o véu de fumaça que enchia o lugar fez que seus olhos lacrimejassem. O chão era de terra e estava coberto com juncos. Encontrou-se com meninos sujos e meio nus brincando de correr pela sala. Maelmorden estava sentado ante uma mesa no centro do salão assinalando diversos lugares em um áspero mapa a alguns homens que se achavam atrás dele. Deteve-se e elevou a cabeça quando Conar entrou.

Maelmorden era um homem alto e fornido, bem proporcionado, com uma desordenada cabeleira ruiva e olhos escuros. A Conar, desde o primeiro momento em que o viu, tinha-lhe inspirado um grande desprezo, havia algo desagradável em seus olhos, pequenos e extremamente juntos, que brilhavam de cobiça a menor ocasião.

Maelmorden olhou ao Conar e sorriu abertamente.

— Não é um de meus, irmão, nem parece um clérigo, mas soube que veio cuidar do Ard-Ri, e não serei eu quem lhe negue seu direito à absolvição.

Conar lhe fez uma reverência.



— Não vou lhe dar os últimos sacramentos, Maelmorden. Sou um monge, não um sacerdote. Só vim lhe fazer companhia e lhe oferecer conselho espiritual nestes difíceis momentos.

— O que precisa é um sacerdote — disse Maelmorden, e todos seus homens explodiram em gargalhadas.

Conar se perguntou se não teria chegado bem a tempo, se não estariam planejando nesse mesmo instante assassinar seu tio.

— Se deseja um sacerdote agora, enviarei um em meu lugar — disse Conar.

Maelmorden pareceu decidir que já tinha perdido suficiente tempo com o monge e fez um gesto com a mão a uma mulher magra e morena que se encontrava em um canto do salão.

— Leve-o ao nosso... Convidado — ordenou.

A mulher o conduziu por um corredor longo, frio e úmido até uma pesada porta de madeira ante a qual estava sentado um enorme viking.

— O monge tem permissão para entrar — disse ela, e depois o deixou sozinho com o viking, um dinamarquês de cabelo vermelho como o fogo que não pareceu sentir o menor interesse por ele.

O guardião, praguejando entre dentes, abriu a porta de um empurrão. Conar entrou em uma pequena sala sem janelas, fria e coberta de turfa. A escuridão era quase impenetrável, mas Conar viu uma figura sentada em um leito de juncos sobre o chão, com as costas apoiada na parede.

— Bem vindo, irmão — disse suavemente Niall ao cabo de um momento. — Espere um pouco antes de entrar. Estou aqui há muitos dias e tenho os olhos acostumados à escuridão.

Conar avançou rapidamente para seu tio e se inclinou sobre ele.



— Veio levantar-me a moral, irmão? Não precisa, não estou desmoralizado. O que ocorrer será vontade de Deus. Maelmorden me matará, mas nunca vencerá. Quando deixar de me ter como refém, minha família o esmagará. — A voz do Niall se parecia surpreendentemente a de seu pai, o avô de Conar. Aed Finnlaith tinha sido um homem muito especial, capaz de apoderar-se tranqüilamente de tudo o que podia dominar e de desafiar ao destino quando este parecia estar contra ele.

— Sim, Ard-Ri. — disse Conar suavemente— Mas sua família não tem intenção de deixar que ninguém ponha fim aos seus dias.

— Quem é? — perguntou Niall com um sussurro.

— Sou eu, Conar.

Sentiu que os dedos de seu tio lhe apalpavam o rosto.

— Bendito seja Deus, Conar! Veio sozinho? Que loucura! Estou velho já, filho, minha morte não seria uma tragédia. Você, em troca, é jovem e tem toda uma vida por diante.

— Tio, não temos tempo para discutir agora. Pode se manter em pé? Pode andar?

Niall se levantou rapidamente. Seu passo era firme e seguro.

— Se não nos apressamos cairá sobre nós a cólera de todos os deuses! — murmurou Conar.

— De Deus, filho, do único Deus. Está em Eire. Seu pai se converteu ao cristianismo.

— Tio! — suspirou Conar.

— Sim, já sei, há pressa. Qual é o plano?

Conar estava tirando a batina apressadamente.

— Vista-se,

— Mas você...



— Primeiro acabarei com os dias do dragão que guarda a porta, depois, com sua armadura posta, o escoltarei até a saída. Compreendeu?

— Sim, pode funcionar, pode funcionar.

— Não deve ser de outro modo!

Conar se dirigiu à porta, observou ao guarda e desencapou lentamente a adaga que usava presa à panturrilha.

Abriu a porta de um empurrão.

O dinamarquês o viu e seus olhos testemunharam seu pânico. Tentou desembainhar a espada, mas, exatamente quando a estava tirando, a faca de Conar lhe cortou o pescoço.

Agarrou ao enorme dinamarquês nos braços para frear sua queda, despojou-o rapidamente da cota e do capacete chifrudo, e em seguida se apoderou de sua faca, sua maça e sua espada.

Correu de volta ao quarto onde Niall o esperava. Já não podiam demorar-se, e a velocidade era sua melhor arma.

Niall tinha posto o hábito e aceitou em silêncio as armas que lhe oferecia seu sobrinho. Depois o olhou fixamente e disse:

— Ninguém te reconhecerá.

— Vamos.

Conar agarrou a seu tio pelo braço o guiou pelo longo corredor até chegar ao salão central onde Maelmorden continuava queixando-se da força de seus inimigos.

As línguas nórdicas se pareciam muito entre si, mas, dado que existiam sutis diferencia entre as palavras que utilizavam os dinamarqueses e os noruegueses, Conar foi tão direto como pôde ao explicar que ia acompanhar o monge até a saída.

— Tem a alma em um punho, verdade, irmão? — disse Maelmorden entre gargalhadas. Conar apertou o braço de seu tio e puseram-se a andar. Percorreram



rapidamente a longa distância que separava a casa da linha de guardas que a defendiam.

Tinham entrado já no campo de visão de seu pai, seus irmãos e outros reis irlandeses aliados, que desta forma souberam que a primeira parte do plano tinha funcionado.

Só restava cruzar a linha.

Foi então quando ouviram à suas costas um selvagem grito de fúria. Conar se voltou para trás e viu que Maelmorden saía correndo da casa. Chiavam-lhe os dentes e parecia que ia a jogar babas pela boca. Tinha tirado a espada e corria para eles, seguido por seus homens, ao mesmo tempo em que uivava a seus soldados que os matassem.

Mas também se ouviram gritos vindos de fora. As tropas de seu pai saíram do bosque e cavalgaram com grande estrondo para a linha de defesa e para a casa de Maelmorden. Conar viu que Eric se aproximava a galope e empurrou seu tio para ele. Seu irmão ofereceu seu braço a Niall, e este, despojando do hábito, estendeu a mão a seu sobrinho e saltou à garupa de seu cavalo empunhando com firmeza a espada do dinamarquês morto que Conar lhe tinha dado.

Foi uma sorte que Niall estivesse já com sua família, porque o inimigo os tinha alcançado. Eric e seu tio abriram caminho a machadadas e golpes de espada do alto do cavalo.

Conar enfrentou a pé aos homens que se jogavam contra ele. Com sua espada desenhou no ar um amplo arco que lhe permitiu silenciar a vários homens de um só golpe, enquanto se mantinha sempre de costas ao cavalo de Eric.

Um segundo depois um inimigo conhecido se equilibrou sobre ele.

Era Maelmorden.



O rebelde irlandês, um rei guerreiro, bem treinado e muito curtido, estava fora de si. Conar teve que fazer uso de toda sua destreza, fruto dos anos de treinamento, para fazer frente aos constantes golpes de seu inimigo. Suas espadas se chocavam e tremiam ao separar-se. Maelmorden exibia seus dentes quebrados em um amplo sorriso enquanto lutava como um possesso, jogando espuma pela boca.

Conar recordou então que, quando menino, seu pai lhe tinha advertido que nunca se deixasse levar pela cólera durante o combate.

O poderoso Maelmorden voltou a lançar-se sobre ele, mas desta vez Conar se limitou a afastar-se; quando o rei irlandês se adiantou, o Senhor dos Lobos elevou a espada e a desceu com força sobre ele.

Maelmorden caiu ao chão e o olhou com seus olhos pequenos enquanto esboçava um sorriso.

— Oxalá pudesse ir a seu Valhalla, onde os homens travam combates todos os dias!

Seus olhos se fecharam e de seus lábios brotou um fio de sangue. Tinha morrido.

— Conar! — Leith galopava para ele levando Tor pelas rédeas. Conar montou de um salto e Cavalgou para onde outros homens seguiam lutando.

Não ficava muito por fazer. Com a morte de Maelmorden, tinha desaparecido a força que unia a resistência, e a liberação de Niall tinha restaurado a ordem. A maioria dos dinamarqueses fugiram e os irlandeses abandonaram as armas e se inclinaram ante Niall para jurar fidelidade no campo de batalha onde seus companheiros jaziam mortos.

Finalmente tudo tinha terminado.

Essa noite jantaram na casa de Maelmorden, e Conar recebeu as felicitações de seu pai, seu tio e seus irmãos e de outros reis.



— Que favor posso fazer para te recompensar, sobrinho?

— Não quero favores, tio. Só sua bênção para zarpar em seguida. Desejo chegar a minha terra o mais rápido possível.

— Melisande está em Wessex — disse Eric franzindo o cenho.

— Não. Melisande utilizou Rhiannon para chegar a Wessex e, dali, ordenou que seus próprios navios viessem buscá-la. Estou extremamente preocupado pelo que possa estar passando na França.

— Tem mais que minha bênção, Conar. Pode contar com todo meu apoio. — Ihe prometeu Niall. — As terras de Maelmorden lhe pertencem agora e estarão sempre a sua disposição se decidir retornar.

Conar lhe agradeceu e se retirou. Despertou cedo a Swen, Brenna e o resto de seus homens e partiu com eles a galope para Dubhlain onde seus navios os esperavam. Obrigou-os a viajar depressa e percorreram mais de cinquenta milhas em um dia.

Em Dubhlain descobriu o que já esperava. Rhiannon tinha escrito a Erin para lhe dizer que Melisande tinha decidido ir para sua casa.

Melisande também escrevera para informar que a situação na fortaleza francesa não demoraria em se tornar desesperadora se não chegasse ajuda.

Erin lhe tinha respondido fazia pouco e em sua mensagem lhe comunicavam que os homens ainda não haviam tornado do norte e que Niall continuava cativo.

— Escreverei de novo agora mesmo — disse Erin.

— Não precisa. Zarpo agora mesmo. Vou para casa com minha esposa.

— Deve estar ansioso para abraçá-la!

Mas seu olhar era frio. Melisande o ferira profundamente, e estava mais decidido que nunca a ocultar seus sentimentos.



— Estou ansioso para lhe cortar o pescoço — replicou Conar. Erin ficou em silêncio e o beijou na bochecha.

— Dê-he uma chance...

— Mãe, rogo a Deus que chegue a tempo de fazê-lo!

Zarpou imediatamente, sem esperar à maré. Não necessitava que Brenna ou Mergwin lhe advertissem que não podia perder um instante.

Os dias passavam lentamente para Melisande. Estava muito preocupada com o estado das muralhas, que pareciam continuar mostrando pontos fracos. Ordenou a alguns homens que trouxessem pedras das ruínas romanas e que as amontoassem no pátio da fortaleza, sem saber ainda muito bem como devia levar a cabo os reparos.

Recebia freqüentemente notícias de Odo, que parecia inquieto por sua segurança. Também lhe tinham chegado às cartas de Erin, e sabia que nada tinha mudado no norte do Eire.

Parecia que estava a uma eternidade separada de Conar. Sua ausência lhe partia o coração, embora às vezes o sentisse tão longínquo e distante que seus traços se tornavam imprecisos na memória. Não soubera absolutamente nada dele, mas tinha certeza que estaria furioso, com aquela cólera fria que lhe era tão peculiar, e que a desprezaria mais que nunca pelo que tinha feito.

Talvez decidisse não retornar. Era muito leal a sua própria pátria. Entretanto, não entendia que a França era sua terra e que ela, ainda que com o risco de sua vida, e a de seu filho, tinha que cuidar da fortaleza e defendê-la.

Eire era muito grande. Ali sempre haveria lugar para Conar. Mas esta era a terra de Melisande e devia defendê-la.

Mal tinham passado três semanas desde a sua volta quando as circunstâncias a obrigaram a lutar por sua gente. Estava lendo uma carta de Rhiannon, tentando ler



entre linhas se Eric tinha mencionado em suas missivas algo sobre Conar ou sobre ela, quando Philippe entrou no grande salão. Melisande levantou a vista ao ouvir sua respiração ofegante, e o capitão lhe explicou que um grupo de guerreiros estava saqueando uma pequena aldeia de pescadores ao norte do castelo.

— O que fazemos condessa?

Ela vacilou um instante antes de responder.

— Defendê-los. — disse ficando em pé— Irei com você.

— Condessa, não sei se é muito prudente. — replicou Philippe entrecortadamente.

Ragwald irrompeu então no aposento.

— Não só não é prudente. É uma insensatez! O conde ficará furioso.

— Mas o conde não esta aqui. — respondeu Melisande friamente — Irei com você.

Correu para seu dormitório, abriu o baú, vestiu a cota de malha e empunhou sua bela espada.

Tremeram-lhe as mãos ao recordar a última vez que a usara. Nesse momento uma saudade terrível se apoderou dela, mas a reprimiu.

A essas alturas ele devia saber que tinha voltado para a França. Mesmo assim, tinha decidido não ir a seu lado. Apesar de ter jurado repetidas vezes que nunca a deixaria sozinha.

Contudo, era ela quem o tinha abandonado, e talvez Conar tivesse decidido que nem Melisande nem a fortaleza eram dignos de tanto esforço. Em qualquer caso, a angústia que a invadia não tinha nenhuma importância. Se Conar decidisse voltar, seria para matá-la. Sim, era tão temível como o pior inimigo.

Reprimiu um calafrio e correu escada abaixo. Ragwald e Philippe seguiam discutindo com inquietação sua atitude.



— Será que vou ter que ir sozinha? — perguntou.

Philippe saiu atrás dela.

Partiram a galope para o lugar da batalha. Melisande sabia que granjeava a lealdade de seus homens e que lhes infundia valor cavalgando a frente deles.

Não demoraram em derrotar ao pequeno grupo de dinamarqueses, cujo único propósito tinha sido saquear o povoado e violar as mulheres, em nenhum momento tinham pensado em ficar ali, assim, logo que viram chegar aos cavaleiros, retiraram-se a toda pressa para seus navios.

Philippe salvou a uma formosa menina das mãos de um dinamarquês que tentava levá-la em sua fuga e a devolveu aos braços de sua mãe chorosa. Gastón, seu velho, mas destro companheiro esquivou habilmente os golpes da tocha de guerra da cabeça antes de matá-lo atravessando-lhe o estômago com sua afiada espada.

Melisande viu tudo e detestou cada instante da batalha, que só lhe produziu náuseas. Mesmo assim, sentiu que não havia mais remédio a não ser cavalgar a frente de seus homens.

Conar nunca estaria de acordo com ela.

Se é que chegou a inteirar-se.

Se ainda vivia.

Se decidisse retornar.

Dias depois um bardo irlandês desembarcou na praia. Foi ao castelo e lhe explicou que ia cantar para ela um poema novo do qual gostaria muito.

Falava de uma grande batalha no norte que acabava de terminar. Niall tinha sido libertado. O bardo só sabia o que dizia o poema, porque não se sabia ainda os detalhes. As únicas notícias que tinham se deslocado como a pólvora até o sul do país era que o Ard-Ri vivia, que as forças irlandesas tinham vencido Maelmorden e resgatado Niall, e que Conar tinha matado o rebelde e tinha recebido em



recompensa as terras do rebelde irlandês com o título de soberano que tinha ostentado este.

Melisande agradeceu ao bardo as notícias.

— Agora retornará — disse Ragwald.

Melisande moveu a cabeça, não sabia o que pensar. Se voltasse, ela teria que lutar contra ele. Não. Precisava dele.

Mas como a castigaria depois de sua fuga?

— Não voltará. Querem fazer dele um rei no Eire.

— Tem uma esposa.

— No Eire qualquer homem pode abandonar a sua esposa se desejar — replicou ela.

— Voltará — insistiu Ragwald. Entretanto, não foi sua chegada o que a despertou na manhã seguinte.

Era Gastón quem irrompeu em seu quarto.

— Meu deus, condessa! Aconteceu finalmente. Geoffrey nos ataca! Seu exército se alinhou no alto da colina disposto a atacar. E é uma linha interminável!

Melisande estava gelada. Gelada e rígida. O calabouço subterrâneo do Geoffrey era um lugar úmido e horrível e escuro.

Tinha tentado lutar contra o medo, com suas lembranças.

Um enorme exército em formação, preparado para o combate! Parecia mentira que tudo aquilo tivesse ocorrido essa mesma manhã.

Assim tinha começado o dia. Pôs-se uma vez mais a cota de malha para lutar contra Geoffrey. Ragwald estava certo, e ela se equivocou.

Conar havia tornado em suas magníficos navios, derrotado às tropas de Geoffrey e irrompido na fortaleza derrubando as muralhas.



Tinha voltado para ela, reclamando-a para si, e tinha falado aos homens junto com ela.

Melisande, uma vez mais, lutou contra ele. Havia-lhe dito que o detestava quando, em realidade, amava-o com toda a alma.

Conar havia tornado a tocá-la, a levá-la ao paraíso, havia tornado a lhe fazer amor.

Tinha-lhe repetido uma e outra vez que jamais a deixaria, mas o que podia fazer Conar agora?

Melisande se cobriu com a capa e se sentou no calabouço frio e úmido onde Geoffrey a tinha encerrado. Conteve com muita dificuldade o pranto e a vontade de gritar, embora não houvesse ninguém que pudesse ver suas lágrimas nem ouvir seus gritos.

Fechou os olhos. Só desejava que Geoffrey demorasse muito, muito tempo em ir até ela, porque se a tocasse ela desejaria morrer.

Não podia morrer. Estava esperando um filho.

E se dissesse a Geoffrey? A notícia o deteria?

Não, simplesmente o convenceria de que devia matá-la rapidamente.

Ficou em pé. A escuridão era absoluta. Envolveu-se na capa e tentou andar. Estava descalça com os pés ensangüentados e cheios de ferimentos. Deu um passo com muito cuidado.

Ouviu o chiado de um rato e o sangue gelou.

Tinha que fugir. Se Deus voltasse a lhe dar uma oportunidade, faria...

O que faria?

“Boa pergunta. — disse a si mesma — Voltar e lhe dizer que o amo e que vamos ter um filho? Que a maioria das vezes em que o feri e desobedeci foi porque



ele não entendia o motivo de minha rebeldia? Acreditei que podia lutar sozinha, mas agora sei que sempre precisarei dele.”

Recordou sua ternura, suas carícias.

Melisande pensou que morreria se Geoffrey viesse: se ele não a matasse, ela o faria.

“Que imbecil fui!”, pensou. Devia continuar lutando, fugir; devia encontrar a saída.

Mas um ruído a fez deter-se. Ouviu o rangido da velha porta. Ouvia sons estranhos, ouvia-os na escuridão, porque estava há muito tempo encerrada.

Nas pontas dos pés, e apoiada na parede úmida, tentou escutar. Conteve a respiração e notou os batimentos enlouquecidos de seu coração.

Não estava sozinha.

Alguém tinha entrado nas trevas do calabouço e estava ali, com ela.

Alguém que fechou a porta silenciosamente a suas costas passou o fecho e se encerrou com ela.

De sua garganta brotou um grito abafado.

TERCEIRA PARTE

DEPOIS... CORAÇÕES ASSEDIADOS

CAPÍTULO 20

..Primavera do ano 885 Costa da França

Era já noite fechada. Depois de examinar a muralha à luz de uma tocha, Conar descobriu o lugar onde se produziram os danos mais graves.

“Na muralha e em nossas vidas”, pensou esgotado. Tinha sido um dia espantoso. Ao ver que a fortaleza estava sendo atacada tomou conta dele um medo terrível; não recordava haver sentido nunca semelhante angustia.

E o medo tinha exacerbado sua cólera.

Deus! Ficou tão furioso! Sobre tudo ao chegar e ver que tinha faltado muito pouco para que Melisande caísse nas mãos de Geoffrey, tão traidor como seu pai.

O que teria ocorrido se não tivesse chegado a tempo?

A mera idéia fez que um suor frio lhe cobrisse a testa e fechou os olhos um instante, tentando fazer que a tensão que o dominava amainasse um pouco. E sua mulher! Estavam mais separados que nunca!

Deu ordem de que escorassem a muralha essa mesma noite e se afastou das ruínas. Sentiu uma presença a suas costas e ao voltar-se viu Brenna, que o olhava atentamente com seus olhos enormes, comovedores.



— O que há? — perguntou cruzando os braços. Brenna moveu a cabeça e respirou profundamente.

— Não deveria ser tão duro com ela. Conar arqueou as sobrancelhas.

— Brenna — disse suavemente— retornou aqui desobedecendo minhas ordens, e isto poderia ter sido um desastre.

— Mas ela sabia que atacariam a fortaleza...

— Esta fortaleza não é mais que madeira e pedra. Se tivesse caído, a teríamos reconstruído.

— Aqui está toda sua gente — lhe recordou ela. Conar lhe deu as costas sem saber o que responder.

— Desobedeceu-me. Além disso, não sei por que a defende, ela segue desconfiando de você.

— Só porque está cega a uma verdade. — disse Brenna com um sorriso— Não entende que você não lhe permite viajar com você porque a mera idéia de que lhe ocorra algo te aterroriza. Eu sou mais dispensável.

— Brenna...

— Eu estou a seu serviço, como Swen e outros. Conar guardou silêncio. Conhecia Brenna e sabia que ia dizer lhe algo mais.

— Confio em que... Não lhe fez nada, não é?

— Fazer nada? — repetiu Conar. Sua voz se converteu então em uma espécie de grunhido, embora não gritasse — Quanto tempo faz que nos conhecemos, Brenna?

— perguntou— Que mal acha que poderia lhe fazer?

— Nunca o tinha visto tão zangado. — Vacilou— Nem tão ferido.

— Não, não lhe bati. — disse Conar com um suspiro



— Não lhe fiz mal. Confesso que estou confuso. O que faço com ela? A tranco em sua torre? Tenho que encontrar alguma maneira de fazê-la compreender que sua atitude é uma temeridade, que se expõe a enormes riscos.

— Riscos... — murmurou Brenna.

— Do que está falando agora? — perguntou Conar exasperado, com o cenho franzido. — por que se preocupa tanto o que possa lhe haver feito? A que risco te refere?

Brenna afastou bruscamente o olhar, mas já era muito tarde.

— Brenna, diga-me isso agora mesmo — ordenou sem elevar a voz.

— Ela não lhe contou nada?

Conar elevou os braços em um gesto de frustração.

— Brenna, ela não me recebeu precisamente com os braços abertos!

— Estou segura de que tampouco você a saudou com um tenro beijo.

— Entretanto, tentou lhe dizer que estava ansiosa para que voltasse para casa.

— Eu não podia abandonar o meu pai, meu tio e meus irmãos.

— Ela devia estar aqui para defender a sua gente.

— Está bem, Brenna. Quero saber o que é o que está tentando não me dizer. O que é o que te inquieta? Por que está tão preocupada? Ainda não estou seguro de que não deva açoitar-lá. Assim se houver alguma razão pela qual não deva fazê-lo...

— Está esperando seu filho.

Conar ficou sem fôlego, atônito, como se lhe tivessem jogado um jarro de água fria. Sempre tinha desejado um filho, era natural. E os filhos eram o resultado normal da única coisa que ele e Melisande pareciam fazer bem juntos.

Mas nunca lhe tinha passado pela imaginação que ela pudesse estar grávida. Provavelmente porque Melisande não queria um filho, porque não queria saber de nada dele.



Engoliu em seco. Não. Melisande não lhe havia dito nada Nenhuma palavra.

Brenna pareceu ler seus pensamentos.

— Talvez não esteja segura ainda. Pode ser que queira assegurar-se primeiro de que não perderá o menino.

— Também pode ser que me odeie tão profundamente que não tenha intenção alguma de me dizer isso.

— Melisande não te odeia.

— Odeia-me, detesta-me, despreza-me... Acredito que essas são suas palavras.

— O ódio, Conar, parece-se muito ao amor. E a paixão é quase sempre sua companheira.

Conar se perguntou se Brenna conhecia todos seus sentimentos para com Melisande. Certamente sim, embora nenhum dos outros soubesse com que firmeza reinava aquela beleza francesa em seu coração.

— Não tema. — disse ao fim— Nunca tive a menor intenção de espancar a minha mulher. Não me pergunte o que vou fazer com ela, porque não sei. Mas nunca se me passou pela cabeça espancá-la E agora... — interrompeu-se, porque estava tremendo violentamente. Um filho. Um bebê. Uma preciosa criança como seu sobrinho Garth ou sua pequena sobrinha.

Mas dele.

Uma criança a qual ele teria que criar e educar. Uma criança com uma herança tão enorme. Uma criança para acariciar, embalar, querer.

— O que posso fazer com ela? — perguntou ao fim a Brenna.

— Amá-la? — Sugeriu ela.

Conar sorriu lentamente e a abraçou pela cintura.

— Tentarei. — murmurou dando de ombros. — Quem sabe, talvez ainda possamos salvar a enorme distancia que agora nos separa. Temos tempo por diante.



Temos... Um filho! — Conar fechou os punhos com tanta força que os nódulos dos dedos ficaram brancos. Em que estaria pensando Melisande? Por que não lhe havia dito nada? Ela adorava as crianças, sabia por que a tinha visto com os filhos de seu irmão e com os de seus sobrinhos e sobrinhas e primos. Mas este filho... Este filho era dele.

— Um filho viking. — murmurou— Será que Melisande vai amar um filho viking?

— Só é viking em uma quarta parte; a outra quarta parte é irlandesa, e a metade, totalmente francesa.

— Tem razão...

— Além disso...

— Sim?

— O filho que vou ter com Swen será meio viking por ambas as partes, e meio irlandês, por ambas as partes também.

— Swen e você...?

— Queremos nos casar. Temos sua bênção, Conar?

Ele a beijou na bochecha e a estreitou entre seus braços.

— Bênção? Isso é pouco, insistirei em que se casem. Desejo o melhor a vocês dois. De todo coração.

— Obrigado, Conar. Será uma decepção para Mergwin — disse enrugando o nariz. — Ele sempre achou que minhas faculdades aumentariam se me entregasse a uma vida de castidade.

— Sim, mas esse velho patife nunca contou com o poder do amor.

Brenna sorriu. Conar lhe passou um braço pelos ombros e a conduziu para a fortaleza. Swen estava no grande salão bebendo cerveja e conversando animadamente com Philippe e Gastón. Conar se serviu imediatamente uma taça de



cerveja, e convidou a todos os presente a brindar por Swen e Brenna. Todos beberam a sua saúde.

Conar se sentou à mesa e escutou só pela metade a conversa de seus homens sobre a situação nos reino francos.

Melisande estava lá em cima, no dormitório. Conar estava desejando subir, despertá-la, lhe perguntar por que o rechaçava com tanta veemência. Queria estreitá-la meigamente em seus braços, acariciá-la, lhe fazer amor de novo, sentir o ardor e a força exuberante de seu corpo junto ao dele, seu desejo, seu gozo, o simples prazer de dormir a seu lado.

Tinha-lhe ameaçado com não estar ali quando ele retornasse. Não tinha descido ao salão. Será que finalmente o temia? Melisande?

Estaria perambulando pelo quarto? Esperando furiosa, assustada... Ansiosa?

— Sim, Swen, — ouviu Gastón murmurar— estou de acordo em que têm graves problemas no Eire. Mas pensa em nossa história recente! No ano 860 os vikings atacaram Jeufosse, uma ilha do Sena ao norte de Paris. Carlos o Calvo tentou expulsá-los e seu irmão Lotario lhe prestou ajuda com seu exército. Mas então o outro irmão do Carlos, Luis, invadiu do sudeste, e aquele teve que abandonar Lotario para enfrentar a seu outro irmão... E os vikings conseguiram afiançar seu poder. Mas, como já sabemos todos, os vikings são gente empreendedora, e outro grupo deles ofereceu seus serviços a Carlos para expulsar da ilha aos invasores, pela módica quantidade de cinco mil libras de prata! Além de comida e sustento e, é obvio os melhores vinhos disponíveis. Carlos, pouco amigo de pagar os serviços de mercenários, decidiu construir uma fortaleza como a nossa. Todo o país está salpicado delas. O vikings não gostam de atacar fortalezas.

— É verdade. — concordou Philippe— Vocês têm seus problemas, mas os nossos só aumentam. Quando o rei Alfredo conseguiu seu grande triunfo na



Inglaterra no ano 878, os vikings decidiram atacá-lo, mas depois optaram por centrar sua atenção em nós. E o reino do Lotario se dividiu entre dois reis que levavam o mesmo nome: Luis. O nosso, o soberano dos francos orientais, triunfou em uma grande batalha no Saucourt, perto do rio Somme. Mas logo perdeu a vida perseguindo uma juvenzinha. Seu irmão, Carlomán, morreu o ano passado, nos deixando a mercê do Carlos o Simples, que já nos vendeu várias vezes aos invasores. Só o conde Odo o enfrenta, e por isso nós somos leais ao Odo.

Conar sorriu divertido pela forma em que os francos se referiam a seus reis. Carlos o Gordo, Carlos o Calvo... Estava contente de que não ocorresse o mesmo em sua família. O Maximo que tinham chamado a seu avô materno tinha sido Aed o Justo. O nome pelo que se conhecia seu pai, ao pai de seu pai e a ele agora, era Senhor dos Lobos.

Graças a Deus! Não lhe teria gostado de nada que lhe tivessem conhecido por seus defeitos. Sorriu ao recordar os ápodos de alguns vikings aos que conhecia: Roder o Calvo, Hak o Coxo, Raup Perna de Pau...

Talvez nenhum deles tivesse sido especialmente bondoso. Teria que cuidar de não ficar calvo.

Como lhe chamaria Melisande em sua ausência?

“O viking.” Sempre seria o viking para ela, mesmo renegasse a todos os seus antepassados e seu amado pai. Perguntou-se se algum dia poderia fazê-la compreender que todos os homens, qualquer que fosse sua origem, deviam ser julgados pelo que eram pela vida que levavam e pelos ideais que defendiam. Mas talvez isso fosse pedir muito a uma mulher cujo povo tinha vivido durante muito tempo aterrorizado pelos vikings.

E, entretanto, isso era precisamente o que esperava dela, o que exigia dela, o que desejava com toda sua alma. Tinha que fazer que compreendesse, para que



pudessem chegar a um entendimento. E por que negar, também para que o obedecesse, porque corria um enorme perigo se não o fizesse. Devia conseguir que Melisande...

O amasse? Teria Brenna dado à única resposta possível, a mais singela de todas?

Percebeu de repente que Philippe o estava olhando, de que havia dito algo.

— Me perdoe Philippe. Estou cansado e me distraí.

— Estamos muito contentes de que tenha retornado senhor. Todos nós sentimos sua falta, assim como Melisande.

— Obrigado. Eu também estou contente de estar aqui — disse Conar esboçando um sorriso. Estes homens não eram tolos; deviam saber que, embora Melisande se alegrasse, por pura necessidade, de sua volta, também devia havê-la temido.

— É verdade, senhor. — disse Gastón — Todas estas semanas vagou pela fortaleza como uma sombra de si mesma, pálida como um fantasma. Sei que está contente de que tenha voltado para casa.

Sim, essa seria sua casa de agora em diante. Era duro sentir-se dividido entre duas pátrias, estar tão intimamente ligado a sua terra natal e agora a França.

A terra de Melisande.

Não. A de ambos.

Talvez Melisande tivesse razão. Se quisesse reivindicar seus direitos sobre essa terra, devia viver nela. Oxalá pudesse fazê-lo no futuro!

Ragwald entrou no salão com uma expressão estranha, preocupada.

— O que ocorre? — perguntou Conar suspirando. Sem dúvida, se Brenna estava preocupada com o tratamento que ele pudesse haver dado a sua esposa, Ragwald estaria duplamente inquieto. Entretanto, Conar era plenamente consciente de que o ancião mentor se alegrou com sua volta.



Ragwald estava satisfeito pelo rígido controle que mantinha sobre Melisande... Quando ele conseguia.

— Não sei. — murmurou Ragwald com certa hesitação— Não é nada. Ou talvez sim. Algo ocorre. Algo me ronda a cabeça há horas. — Vacilou e franziu o cenho— Senhor onde está Melisande?

Nesse preciso instante Brenna lançou um grito abafado e se inclinou como se houvesse sentido uma súbita pontada de dor. Swen e Conar, assustados, correram a seu lado.

— Está bem? — perguntou Swen.

— É o bebê? — disse Conar.

Ela negou com a cabeça tocando Swen com um gesto tranquilizador. Swen se sentou a seu lado e a abraçou.

— Estou bem. Foi um pressentimento como o de Ragwald.

De repente, o fato de que não se ouvisse ruído algum no piso de cima foi como um sinal de alarme para Conar. Ficou em pé de um salto, pôs-se a correr para as escadas e subiu a grandes passos. Irrompeu no dormitório.

E o encontrou vazio.

Melisande não estava ali! Conar a amaldiçoou. Havia-lhe dito que voltaria, e ela tinha replicado que não contasse com encontrá-la no quarto quando retornasse.

— Maldita seja! — gritou — Maldita seja! Sentiu como se uma adaga lhe estivesse atravessando o coração. Tinha tentado fugir dele de novo?

— Não, Conar, não! — gritou Brenna, que o tinha seguido frenética escada acima — Olhe a cama! Está revolta, houve uma briga!

Conar correu para o leito e comprovou que Brenna tinha razão. Tirou de um puxão o lençol que restava. Jogou a cabeça para trás e pronunciou seu nome com um



grito que rasgou a noite, com uma violência tal que as paredes da fortaleza pareceram tremer.

— Melisande!

Retrocedeu cambaleando, doente de raiva e de medo. Por um momento, aterrorizado pela sorte de Melisande, sentiu-se incapaz de manter-se em pé. Tinha que ser forte. Não podia fraquejar. Mas como? Tinha chegado bem a tempo, tinha vencido ao inimigo, tinha lutado tanto, tão duramente, havia-a tocado, tinha-a tido outra vez entre seus braços. Tinha temido tanto não chegar a tempo! Entretanto, tinha conseguido, tinha abraçado seu corpo perfumado, selvagem, suave como a seda. Melisande!

Como tinham podido...?

Claro! Da mesma forma em que ele tinha enganado ao Maelmorden no Eire, alguém os tinha enganado em sua fortaleza. Um homem sozinho. Não, vários. Um homem só não teria podido tirar Melisande dali sem ajuda! Estava seguro de que ela havia resistido como uma fera.

— Melisande não saiu do dormitório por sua própria vontade, juro! — gritou Ragwald apaixonadamente com a voz tremula pela emoção.

Conar inclinou a cabeça em um intento de dominar seu medo e sua raiva. Era indispensável que o fizesse para poder pensar com clareza.

— Geoffrey. — disse.

— Mas como? — perguntou Philippe.

— A batalha tinha acabado. As pessoas pululavam de um lado a outro, havia uma abertura na muralha, mas toda a gente estava ocupada. Viu-me sair da torre, e veio pegar Melisande.

Gastón se benzeu. Havia lágrimas em seus olhos.

— Como a resgataremos? Como? Conar se voltou para Swen.



— Envia a um de nossos homens ao lugar em que estão os prisioneiros dinamarqueses. Que se inteire de onde podem tê-la levado. Encerre-o como se fosse um prisioneiro, alguém que possa passar por um deles. Rápido!

Swen correu a cumprir suas ordens. Conar não podia suportar ficar no dormitório. Olhar a cama onde fazia tão pouco lhe tinha feito amor.

Da qual tinha sido raptada fazia alguns minutos.

A raiva se apoderou dele ao pensar na possibilidade de que Geoffrey a houvesse tocado. Nada do que esse homem pudesse lhe fazer mudaria seu amor por Melisande, mas se a machucasse ele o mataria de uma forma lenta, lenta e dolorosa.

Seu olhar se deteve na cota de malha. Na espada delicadamente gravada.

Não podia ficar ali. Desceu ao salão e passou impaciente de um extremo a outro da sala, tentando acalmar-se enquanto esperava a informação.

Não teve que esperar muito. Seu homem, Jute, chegou uns instantes depois com Swen e falou em seguida.

— Os dinamarqueses sitiaram Paris dentro de pouco tempo. — disse rapidamente— Têm um exército enorme, e Geoffrey Sur-le-Mont lhes pagou em prata para que lutem a seu lado. Estão acampados nas velhas ruínas romanas das quais Melisande tirava as pedras para a muralha. Geoffrey a tem ali. Os alicerces são profundos e há corredores e poços que entram na terra, e catacumbas. O lugar é um autêntico labirinto e não necessita muitos guardas.

— Irei buscá-la — disse Conar.

— Dispomos de suficientes homens? — perguntou Philippe.

Conar negou com a cabeça.

— Irei sozinho.

Philippe emitiu uma exclamação abafada.

— É uma loucura, senhor! Um ato de coragem insensato.



— acrescentou rapidamente— Servirá de algo?

— Geoffrey veio buscá-la sozinho. Isso foi o que lhe permitiu passar despercebido entre nós. É um estratagema que utilizamos recentemente no Eire, e não acredito que Geoffrey espere que o usemos agora contra ele. Conheço essas ruínas. Ali foi onde meu tio me apresentou ao conde Manon quando era quase um menino, e cavaleguei pelos arredores várias vezes depois. Lembro a disposição do lugar... E o aspecto da região.

Dirigiu-se à mesa e afastou as taças com o braço. Depois foi arrumando-as para mostrar a disposição das ruínas.

— Esta é a antiga torre. Há um passadiço debaixo que leva às catacumbas. Existe outro corredor aqui que termina no que devia ser uma despensa. — deteve-se e colocou outra taça sobre a mesa— Aqui é onde devem tê-la encerrado. E neste lugar

— disse assinalando outra taça— devem estar acampados os homens de Geoffrey, depois dos escombros da velha muralha, de onde podem vigiar o caminho. Vocês, amigos, devem me esperar aqui com nossos homens. Quando aparecer com Melisande, devem estar preparados para atacar.

— Caso consiga aparecer com ela. Deus! Somos tão poucos em comparação a eles! — disse Gastón preocupado.

— Não, conde Conar, não acredito que nos superem em número! — Conar se voltou ao ouvir estas palavras e viu Ragwald de pé na entrada. Estava sem fôlego. Era evidente que não lhes tinha seguido até o salão quando todos desceram, pois tinha o cabelo e a barba revoltos pelo vento; o ancião tinha estado lá fora.

Ragwald se voltou para as escadas e subiu correndo. Conar e outros o seguiram perplexo. Chegaram à torre de Melisande atrás do ancião.

A noite era escura, mas se via o mar. A praia estava dedilhada pela luz de numerosas tochas que iluminavam uma legião de navios.



— meu deus! Mais dinamarqueses! — gritou Philippe. Mas Conar sorriu lentamente.

— Não, amigos. Ragwald está certo. Já não nos faltam homens.

— Mas o que...? — começou Philippe.

— Minha família — disse Conar suavemente.

Quando derrotaram Maelmorden, seu pai lhe havia dito que todos ficariam livres.

Assim foi.

E assim como ele sempre tinha ido em sua ajuda quando necessitavam dele, eles iam lutar junto a ele, antes inclusive de que tivesse pensado em chamá-los.

— Minha família! — repetiu— chegaram! — Assinalou com o dedo os navios que se viam com maior clareza à medida que se aproximavam.

Uma vez mais, como se tivesse pedido ajuda ao céu, as nuvens se dissiparam e permitiram que a lua iluminasse a chegada dos navios.

Sim, vinham em sua ajuda. Eric, seu pai, Leith, Bryan, Bryce, seus cunhados, primos, tios e primos por afinidade.

Voltou-se bruscamente para os presente.

— Swen, vá recebê-los. Devo me apressar e chegar onde está Melisande antes que se machuque tentando fugir de Geoffrey. — "Ou de mim", pensou— diga-lhes qual é o plano. Eles saberão o que devem fazer. Já fizeram antes.

Pôs-se a andar para as escadas.

— Conar! — chamou Swen. Conar esperou.

— Como entrará nas ruínas? Que disfarce usará?

Conar sorriu abertamente.

— Um que uso com muita desenvoltura. E que não destoará.

— Qual?



— Irei vestido de viking, Swen — disse após emitir um suspiro— . De viking.

Saiu do quarto e os deixou uma vez mais. Em poucos minutos estava cavalgando sozinho na escuridão, exatamente quando um enorme exército desembarcava na praia para ajudá-lo.

Estava-lhes profundamente agradecido. Necessitava seu apoio mais que nunca.

Mas também tinha que chegar até ela, rapidamente e sozinho.

Era a única forma de salvá-la. Só restava confiar em que os homens de sua família o seguissem.

CAPÍTULO 21

Melisande não via nada, nem sequer uma forma na escuridão. A escassa luz que se tinha filtrado no calabouço quando a porta abriu tinha desaparecido quando esta se fechou.

Ficou escutando imóvel.

E ouviu o som de uma respiração ofegante, entrecortada.

Geoffrey? Tinha retornado?

Não, Geoffrey teria trazido uma tocha para observar a consternação em seu rosto quando ela o visse aparecer.

A pessoa que tinha entrado não trazia luz. Tinha entrado furtivamente.

— Onde está? — perguntou uma voz baixa em língua escandinava. Melisande sentiu uma onda de terror frio. Geoffrey tinha negociado com violadores e ladrões. E agora seus ladrões queriam lhe roubar a recompensa que ele mesmo tinha obtido.

Melisande guardou um silêncio absoluto e notou que alguém se movia perto da porta. O dinamarquês tinha entrado, tinha descido os degraus e agora media na escuridão com seus braços fortes e musculosos, tentando dar com ela.

Agachou-se bem a tempo e sentiu o sussurro do ar quando suas mãos se moveram a algumas polegadas de seu rosto. O homem cruzou o quarto e iniciou a busca de novo.

Um rato chiou aos pés de Melisande. Ela mordeu o lábio enquanto os batimentos de seu coração se aceleravam; agachou-se mais e se afastou quase sem respirar quando o homem caminhou de novo para ela.



Ouviu uma risada abafada, rouca, um som que lhe gelou o sangue na escuridão.

— Quieta querida condessa Melisande.

Melisande retrocedeu alguns milímetros até apoiar-se na parede. Por um instante lhe pareceu que o homem apoiava as mãos na pedra úmida da parede oposta. Conteve a respiração de novo. Aproximava-se dela descrevendo um círculo, assim devia mover-se de novo ou a alcançaria.

Preparou-se. Ele não a ouvia, porque ia golpeando a parede com as mãos.

Seguiu seu percurso.

Melisande se perguntou com desespero quanto tempo poderia esconder-se desse homem na escuridão. Poderia durar este jogo eternamente?

Pensou em dirigir-se para a porta. Talvez se tratasse do guarda. Mas talvez não. Podia ser outro dos dinamarqueses, e se ousasse chegar até a porta, talvez tivesse que fugir de dois homens em lugar de um. Não sabia o que fazer.

O indivíduo lançou uma maldição, e Melisande ouviu uns passos pesados, impaciente, que atravessavam de novo a sala.

Tinha subido pelas escadas não muito longe de onde ela se encontrava, e abriu um pouco a porta para que entrasse na cela a luz das tochas do corredor subterrâneo. Mesmo assim, quase não se via nada, apenas as silhuetas e as sombras.

Sua própria silhueta, uma sombra nítida sobre a parede.

— Ah! — exclamou o homem.

Saltou para ela. Melisande lançou um grito abafado e se esquivou deslizando-se junto a ele. Tentou chegar até a porta, mas o homem a alcançou nas escadas e a agarrou. Melisande lhe golpeou com os punhos ao mesmo tempo em que gritava. Tampou-lhe a boca com a mão e a lançou ao chão. Melisande lutou e mordeu os dedos carnudos do indivíduo, que a amaldiçoou e a esbofeteou até deixá-la



atordoada. Tinha-lhe aberto a capa, o único objeto que tinha para cobrir-se, e sentiu o toque áspero da roupa do homem em sua pele nua, sentiu suas mãos, seu peso.

Encheram-lhe os olhos de lágrimas. Ele se ergueu um instante para despojar-se da roupa que lhe incomodava para seus propósitos, e Melisande lhe deu um chute com todas suas forças.

Ouviu um grito entrecortado e depois um bramido. Melisande rodou rapidamente pelo chão e voltou a ficar de pé de um salto. O homem estava detrás dela. Agarrou-a e a atirou ao chão de novo, então Melisande sentiu o chiado de sua respiração quando voltou a tombar-se sobre ela.

Mas de repente alguém o levantou e o lançou com força contra a parede do outro lado do calabouço. Ouviu-se um golpe e uma maldição, e o homem voltou a ficar em pé.

Havia dois desconhecidos com ela na cela. Dois dinamarqueses. Brigavam. Eram duas sombras escuras no chão que se golpeavam grosseiramente. Ouviu o ruído dos golpes e depois, na escuridão, algo mais.

Facas. Facas que entrechocavam movendo-se como sinais de multiplicação nas trevas.

Melisande se arrastou lentamente para a porta, mas se deteve de repente ao ouvir um som diferente. O de uma faca afundando-se na carne. Conteve a respiração. Tinha visto duas figuras em pé.

Uma delas caía agora lentamente até o chão.

Ficou quieta, sem atrever-se a respirar. O vencedor se voltou para ela.

Melisande deu um salto desesperado tentando chegar até a porta.

— Não, Melisande!



O terror lhe impediu de reconhecer a voz que tinha pronunciado seu nome. Estava disposta a correr até que ficasse sem forças.

Mas, uma vez mais, dedos aferraram sua capa e a puxaram com força: Melisande seguiu lutando.

— Não, não...!

O homem a voltou para ele com brutalidade, empurrou-a contra a parede e lhe tampou a boca com a mão.

— Melisande, sou eu!

Conar!

Melisande ficou imóvel, sem forças, incapaz de acreditar no que ocorria. Ouviu a batida de seus próprios dentes. Tremia tão violentamente que não podia manter-se em pé. Desabou, mas ele a segurou antes que caísse no chão e, levantando-a nos braços, levou-a até onde a luz se filtrava pela porta entreaberta iluminando as sombras. Com ela ainda em seus braços, ajoelhou-se no chão.

Sim. Era ele. Estava com o torso coberto com peles de lobo que tampavam sua cota de malha. O capacete cônico que lhe ocultava a cabeça e o nariz deixava ver seus ferozes olhos azuis. Conar se inclinou para olhá-la e viu a tosca capa, a sujeira que cobria seu corpo, as lágrimas em seus olhos. Falou de repente com um sussurro apaixonado e cheio de raiva.

— Juro por todos os deuses que se lhe tiverem feito mal...!

Melisande negou com a cabeça freneticamente, tentando recuperar seus sentidos. Nunca na vida havia sentido semelhante pavor, nem tinha sido tão intensamente consciente de sua própria debilidade. Mas Conar estava com ela. Apesar de tudo, tinha ido buscá-la.

Tentou dizer algo, esforçou-se para parar de tremer, para conter as lágrimas que caíam de seus olhos e deslizavam por suas bochechas.



— O trajeto a cavalo até aqui foi duro e este buraco é frio e úmido. Mas Geoffrey me encerrou aqui e se foi, e você... Chegou antes que esse homem pudesse me fazer muito dano.

As mãos de Conar percorreram bruscamente seu corpo, tocaram-lhe as bochechas, queria assegurar-se que estava sã e salva. Acariciou sua nudez e ela se aconchegou e se aferrou a ele, então um soluço entrecortado escapou de seus lábios.

— Melisande... — Conar acariciou-lhe o cabelo um instante, mas a seguir a separou dele com um gesto firme e a encarou — Pode andar? Pode manter-se em pé?

Melisande o olhou assustada, pois nesse momento compreendeu que tinha vindo sozinho, vestido de pés a cabeça como um viking. Recordou que ao chegar tinha visto muitos dinamarqueses dispersos pelas ruínas à luz da lua.

— Pode manter-se em pé? — repetiu ele.

Melisande assentiu e conseguiu se levantar apoiando-se em seus ombros.

Continuava tremendo, mas se soltou e comprovou que não caía. A capa deslizou sobre seu corpo e a cobriu de novo.

Ficaram frente a frente.

— Como chegou até aqui? — sussurrou ela. Viu um vivo brilho em seus olhos azuis.

— Já te disse que nunca a deixaria partir — disse olhando-a.

Melisande apertou os punhos com tanta força que as unhas cravaram nas Palmas das mãos.

— Não tentei fugir, Conar. Não escapei. Eles vieram. Chegaram à torre, subiram até o quarto...



— Cale-se! Já sei. Não diga nada. Agora tenho que pensar na forma de sair daqui.

— Vai lutar sozinho com todos os dinamarqueses que estão aí fora?

Conar negou lentamente com a cabeça.

— Vou atravessar o acampamento a pé tranquilamente, como fiz para chegar até aqui. Agora me escute, tem que atuar como se eu fosse um deles, um odioso inimigo. Pode ser que não seja muito difícil pra você.

Melisande estremeceu e baixou os olhos.

— Conar...

— Sinto muito, condessa. Não temos tempo para recriminações. Tem que parecer que continua sendo uma prisioneira e eu apenas um guarda que a escolta para algum lugar. Compreendeu?

Melisande assentiu. Conar abriu a pesada porta. O corredor estava vazio. O único guarda que custodiava a cela jazia morto no chão.

Melisande respirou profundamente e Conar a pegou pelo braço.

— Rápido! — disse ele.

Ela atravessou o corredor correndo enquanto amarrava a capa ao pescoço. Tinham chegado ao final do corredor, onde as antigas pedras formavam degraus desiguais que conduziam ao ar fresco e ao suave refúgio da noite, quando uma voz os deteve.

— Quem vem aí?

Um homem com sandálias de couro e calças curtas, coberto com peles, descia pelas escadas correndo.

— Aonde vai com a mulher de Geoffrey?

— Amigo, vou levá-la um momento — disse Conar suavemente.

— Espere!



O dinamarquês desembainhou a espada.

— levá-la aonde?

— Pra casa! — anunciou Conar. Empurrou-a para trás com força e empunhou sua espada com rapidez. O dinamarquês atacou. Conar também e do primeiro golpe lhe afundou a espada no estômago.

— Pra casa, amigo! — repetiu enquanto o homem caía no chão. Recuperou a espada e acrescentou— : Não é a mulher de Geoffrey, mas a minha.

O dinamarquês estava morto. Conar rodeou o corpo caído, mas Melisande ficou olhando-o petrificada.

— Temos que seguir — disse Conar Ela pôs-se a andar para as escadas.

— Não, por aqui não. Por esse corredor.

Melisande se deteve. Seus olhares se cruzaram e Conar pegou sua mão. Até então ela não tinha percebido a existência desse buraco negro que dava passagem a outro corredor.

Conar a conduziu por ele. Os olhos de Melisande demoraram para acostumar-se à escuridão. Tropeçou com os pés descalços com um objeto que não pôde ver e que lhe cravou na carne. Cambaleou de dor e se inclinou para tirá-lo.

Era um osso. Um osso humano.

Escapou-lhe um grito de horror.

— Cale-se! — disse Conar rapidamente lhe tirando das mãos o fêmur que tanto a tinha assustado e lançando-o longe.

— Que lugar é este?

— São umas catacumbas romanas. Vamos. A saída é muito mais perto do bosque.

Melisande voltou a respirar profundamente. Deu um passo cautelosamente antes de soltar outro grito entrecortado, porque o chão estava cheio de ossos



dispersados. Olhou ao redor e descobriu que também os muros estavam cobertos de ossos.

A sua esquerda havia fileiras de corpos alinhados em perfeita simetria. Alguns deles eram apenas esqueletos. Outros conservavam ainda farrapos suas antigas roupas. Havia corpos em processo de putrefação sem um mero lençol que cobrisse os estragos da morte.

— meu deus! — sussurrou — Me trouxe para um ossuário!

— Querida, estou tentando te tirar daqui! — recordou-lhe. Melisande voltou a gritar ao pisar em outro objeto agudo, então, finalmente, Conar a pegou nos braços. Seus olhares voltaram a se cruzar — Supõe-se que não deveria se queixar por como o faço.

Continuava aterrorizada, mas suas palavras lhe arrancaram um sorriso.

— me perdoe! A próxima vez que me sequestrarem, terei o cuidado de levar os sapatos.

— E a roupa — disse ele secamente.

— Acabava de sair quando chegaram — replicou Melisande.

Melisande sabia que o perigo não tinha passado ainda de modo algum. Mas, quando ele a olhou, voltou a desatar-se em seu interior um violento tremor. Sentia-se incrivelmente segura nesse momento, protegida, quente, a salvo.

Incrivelmente feliz.

Conar tinha ido procurá-la!

Rodeava-a com seus fortes braços e lhe transmitia o calor de seu corpo.

Por que lhe tinha ocorrido escapar?

Porque ele foi à guerra.



Mas Melisande sabia agora que se equivocara. Por maior que tivesse sido a saudade que sentia de sua terra, equivocou-se. Queria dizer-lhe, mas Conar caminhava muito depressa. Não era o momento nem o lugar.

Mas teriam ocasião de encontrar o momento e o lugar?

Conar guardava silêncio. Atravessou a grandes passos o corredor cheio de cadáveres. Melisande, com os olhos fechados, estava aconchegada contra o frio metal de sua cota de malha.

Ao cabo de um momento, Conar voltou a pô-la no chão e pegou seu braço para que o seguisse. Tinham chegado à outra escada, degraus de pedra branca levavam ao exterior, à noite escura iluminada só pela lua.

— Suba as escadas! Rápido! — ordenou, e ela subiu como pôde os degraus escorregadios cobertos de líquen.

Chegaram fora, à luz da lua. Melisande ficou paralisada de terror.

Havia dinamarqueses por toda parte. Formavam grupos ao redor das pedras ou descansavam nos restos das antigas muralhas.

Havia fogueiras acesas.

Melisande fechou os olhos um instante tentando não ver as coisas que a escuridão da noite não chegava a ocultar.

Os vikings podiam ser de uma crueldade fria e brutal. Às vezes se divertiam torturando os seus cativos antes de matá-los. Outras os matavam muito lentamente, os atavam a uma árvore, tiravam-lhes as vísceras e lhes deixavam morrer. Dizia-se que preparavam suas refeições nos estômagos de seus inimigos mortos.

Havia corpos atados às árvores, corpos retorcidos. O aroma de sangue enchia o ar. E estavam sozinhos em meio daquele horror. Se lhes capturassem, Geoffrey a encerraria de novo, e mataria Conar da forma mais espantosa possível.

Sentiu que lhe dobravam as pernas. Conar a agarrou pelo cotovelo.



— Não! Não pode me falhar agora. Melisande negou com a cabeça.

— Caminha! Vê ali em frente onde se levanta a muralha? Iremos por detrás. Caminha depressa. Tem que parecer que sigo ordens e te estou custodiando.

Melisande assentiu e pôs-se a andar. Percorreram assim uma boa distância. Conar queria chegar onde acabava a muralha romana e o bosque tinha invadido as antigas ruínas.

Quando já estavam andando há um bom tempo, uma mão posou no ombro de Conar. Parou e se voltou para trás rapidamente. Havia três homens frente a ele.

— Aonde a leva?

— Geoffrey quer vê-la.

— Geoffrey quer vê-la? Pois vai em direção contrária.

Conar encolheu os ombros. Então um deles pôs-se a rir.

— Não é como se a condessa não tivesse conhecido um homem, não é? Não tem nada que reservar para o francês!

— Estando casada com um viking, — concordou o outro — não saberá o que fazer com a triste espada de Geoffrey.

— vamos levá-la, repartí-la e voltar a prendê-la. — disse o terceiro — Ninguém se inteirará. — Solto uma gargalhada — E se alguém se inteirar, tanto faz. Não nos paga o suficiente para nos manter afastados de um bocado tão tentador.

— Repartiremos murmurou Conar. Melisande o olhou aterrorizada, mas ele a ignorou por completo — Vamos àquele arvoredo, o que está logo após nossas linhas. Vamos levá-la ali.

Melisande ia protestar, mas Conar lhe pôs a mão na boca, e os três homens o rodearam rapidamente para que ninguém pudesse ver que a arrastava. Ela lutou porque a mão de Conar a impedia de respirar, então ele a levantou do chão e a jogou ao ombro.



Passaram as rochas onde descansavam e bebiam os dinamarqueses em lugar de montar guarda. Chegaram ao final da muralha ruída, cruzaram-na e penetraram no arvoredado.

— Aqui! — disse um dos homens.

— Mais à frente! — propôs Conar— Os outros não devem ouvir seus gritos.

— Tem razão — disse o outro.

Seguiram entrando no bosque, na escuridão. Ao fim chegaram a uma clareira onde o chão estava coberto de agulhas de pinheiro. Ainda se viam as fogueiras, mas estavam a certa distância.

— Aqui! — voltou a dizer o mais alto dos três, que, como Conar, Usava uma cota de malha e um capacete adornado com asas que lhe deixava o nariz a mostra. Era um homem pesado e de uma constituição não tão perfeita como a de muitos de seus compatriotas. O segundo era mais baixo, mas fornido e dotado de uma notável musculatura, enquanto que o terceiro era magro e bem proporcionado.

— Sim, aqui...

Melisande, aterrorizada, abriu desmesuradamente os olhos quando Conar a desceu de seu ombro e a deixou imediatamente no chão para desencapar a espada e voltar-se para os três homens.

— O que...? — disse o mais gordo.

— Amigos, é minha.

— Por todos os demônios! É nossa! — exclamou o dinamarquês tirando sua vez a espada e atacando rapidamente. Conar fez um gesto com a mão ao Melisande de que se apartasse, e ela se escondeu detrás de um tronco, com o coração em vello enquanto esperava.

— Então agarrem! — rugiu Conar.



O primeiro homem aceitou a aposta e se equilibrou para ele. Não chegou a haver briga, pois o indivíduo atirou um golpe selvagem para alcançar ao Conar no pescoço, mas este o parou sem dificuldade, liberou a espada e a abateu com força no cocuruto do dinamarquês, que se desabou pesadamente no chão.

Tudo ocorreu muito depressa. Os outros dois tiraram suas armas — um esgrimia uma maça, o outro uma espada—, e rodearam ao Conar, que, sem perder os de vista, agachou-se quando se lançaram sobre ele. Desta forma, esquivou o golpe da maça, mas a espada lhe alcançou no peito. A força do golpe lhe fez soprar, mas a cota de malha evitou que o aço lhe rasgasse a carne. Retrocedeu cambaleando-se. Um dos homens avançou para ele e Conar o derrubou com uma forte patada no peito. O outro brandiu a maça no ar antes de deixá-la cair com todas suas forças. Conar se tornou a um lado e a pesada cabeça de aço da maça, que ia dirigida a seu crânio, golpeou o tronco de uma árvore.

Conar se voltou rapidamente e alcançou no flanco ao dinamarquês que levava a espada. O homem uivou de dor e se desabou. Conar recuperou sua arma, mas nesse momento o último atacante lhe golpeou no ombro, e a espada saiu disparada.

Melisande gritou aterrorizada enquanto o homem da maça lançava golpe detrás golpe e Conar se agachava e saltava para esquivá-los, sem deixar de olhá-lo, lutando por sua vida.

A espada!

Melisande saiu de seu esconderijo e se agachou para recolher a arma chapeada, brilhante à luz da lua.

O dinamarquês, esquecendo-se por um momento de Conar, precipitou-se sobre ela a grande velocidade. Melisande ficou em pé de um salto disposta a defender-se.

— Melisande! Dê-me isso O dinamarquês abateu a maça sobre a espada com uma força demolidora. Conar correu para eles e Melisande lhe lançou a espada



rapidamente. O dinamarquês voltou a atacar. Conar ficou diante de Melisande e a empurrou de novo para trás. A maça caiu uma vez mais com força, mas Conar se agachou e atingiu a dinamarquês com a espada o alcançando em pleno pescoço. O sangue saiu borbulhando da ferida enquanto o homem desabava de joelhos.

Mas também Conar desabou. Caiu para trás, com todo o corpo, com os olhos fechados.

Melisande correu a seu lado e tentou reanimá-lo lhe dando socos na parte do rosto que o capacete deixava descoberto.

— Conar! — chamou angustiada, sentindo que o coração se partia. Como lhe tinham ferido? Quando? Não tinha visto o golpe. Estaria sangrando? Estaria morrendo? — Conar! — gritou de novo tocando-o no pescoço para ver se seu coração ainda pulsava.

Ele abriu os olhos bruscamente, seus maravilhosos olhos azuis que agora a olhavam fixamente.

— Estou sem fôlego. Esgotado. Devia me haver passado a espada antes.

— OH! Está bem! Conar se ergueu.

— Sim, por enquanto.

— Como se atreve a me assustar assim?

— Querida, precisava me recuperar. Esses dinamarqueses eram bons lutadores, para não mencionar que acabo de atravessar um corredor interminável com você nos braços.

— Tenho os pés destroçados! — protestou ela.

— Sim.

— E ofereceu me compartilhar com esses três!

— Lhe ocorre de que outra maneira podíamos ter escapado? Viu-me alguma vez compartilhar algo tão absolutamente meu como minha mulher?



“Claro que não”, pensou Melisande, consciente de que quase tinha perdido os sentidos de terror.

— Não, não compartilha essas coisas — disse suavemente.

— Mas tenho que repetir que você deveria ter me ajudado um pouco antes.

— Disse-me que me escondesse atrás da árvore.

— E decidiu me obedecer agora? — perguntou.

— Não, simplesmente... — Lançou um bufar, confusa, ruborizando-se, mas ele sorriu. Entretanto, seu sorriso não demorou em desvanecer-se e lhe pôs um dedo nos lábios para fazê-la calar.

— Desviamo-nos muito para o este. Temos que retornar pelo bosque. Rápido. Antes que encontrem o rastro de cadáveres e Geoffrey se dê conta de que você fugiu. — ficou em pé e lhe estendeu a mão. Melisande a pegou entre as suas, mas em lugar de se por marcha, o puxou e o deteve um instante. As lágrimas se amontoaram bruscamente em seus olhos.

— Conar, sei que não temos tempo, mas há algo que devo te dizer. Vamos... Vamos ter um filho. Sou consciente de que nestas condições não deveria ter pegado a espada e comandado a meus homens, mas estava desesperada. Você não estava... Há tantas coisas que o prendem do outro lado do mar! E eu só tenho isto, meu pai me ensinou que devo, sobre todas as coisas, a minha gente...

— Melisande...

— Mergwin me disse que será menino — o interrompeu baixando a cabeça.

— Já sei.

Ela elevou o olhar imediatamente. Não conseguia adivinhar sua expressão porque o capacete lhe cobria o rosto, salvo os olhos e a boca.

— Mergwin lhe disse isso?

— Brenna.



— Sei...

— Melisande, Brenna não me disse nada até esta noite. E se o fez, foi porque sabia que estava furioso e temia que pudesse te fazer mal ou me comportar violentamente com você. Pediu-me que a tratasse com ternura.

— Ah!

— Vamos — disse Conar pegando-lhe braço. — Quero viver para ser pai.

Puseram-se a andar de novo pelo atalho acolchoado de agulhas de pinheiro.

— Ela também está esperando um filho.

Melisande ficou petrificada e ao deter-se o tropeçar. Conar a atraiu para si e a encarou.

Melisande recordou que Brenna lhe havia dito que Conar e ela não eram amantes. Mas também lhe disse que estaria sempre disposta aos desejos de Conar, para servi-lo como ele quisesse. De qualquer forma, Brenna viajava com ele, lutava a seu lado.

Ela tinha ido embora, mas Brenna ficou.

E por mais apaixonado que tivesse sido o reencontro, Conar e ela tinham passado um longo tempo separados.

Tinha ido procurá-la, tinha posto sua vida em perigo, expondo-se a uma sorte espantosa, a torturas e horrores que ele conhecia bem.

Melisande baixou a cabeça e tentou conter as lágrimas.

Conar a agarrou pelo queixo e a obrigou a olhá-lo.

— O que ocorre? Ah, compreendo! — Negou com a cabeça esboçando um sorriso e disse: — O filho que espera é de Swen. Estão pensando em casar-se logo.

Melisande baixou de novo a cabeça, para que Conar não visse o sorriso que lhe iluminava o rosto, para que não percebesse a força dos sentimentos que tomaram conta dela.



— Vamos, temos que nos apressar — disse ele segurando-a pelo braço.

Melisande obedeceu. Seguiu-o cegamente tentando não gritar de dor cada vez que pisava em ramos pontiagudos e pedras cortantes.

— Quase chegamos.

Aonde? Aonde tinham que chegar?

Onde encontrariam ajuda?

Irromperam de repente em uma clareira. Conar se deteve tão bruscamente que Melisande se esbarrou com suas costas. Aterrorizada, aferrou-se a ele e olhou ao redor. O que viu lhe cortou a respiração e fez que o coração desse um salto.

Geoffrey estava frente a eles, rodeado de barbudos guerreiros vikings vestidos com peles de urso. Ao menos dez deles estavam armados com maças, espadas e tochas de guerra.

Geoffrey sorriu lentamente.

— Acredito que a sorte me sorri por fim, viking — disse suavemente.

— Ah, sim? — replicou Conar.

— Sim. Não devia ter vindo buscá-la.

— Sequestrou a minha mulher. Devia resgatá-la.

— Nunca devia ter sido sua, mas minha. Este não é seu país, nem o lugar a que pertence.

— Já que seu pai assassinou ao dela, ela nunca sentiu nenhum afeto por você.

— Sentirá. Cuidarei disso. Quando tiver morrido, Conar, e isso não demorará muito, embora eu vá ter o cuidado de que morra lentamente, Melisande ficará contente por me ter, e você não se interporá mais em nosso caminho.

Então Melisande ficou diante de Conar e, afogando-se de medo e de raiva, espetou ao Geoffrey:



— Nunca! Nunca, seu grande imbecil! Acha que pode me fazer esquecer os anos que passamos juntos? Acha que pode acabar com o amor que nos une?

— Melisande! — Conar a segurou com firmeza e voltou a protegê-la com seu corpo colocando-a atrás dele.

— Morrerá devagar. — prometeu Geoffrey— Quer saber o que preparei pra você? Os quatro cavalos mais velozes. Terá as mãos atadas a dois deles e os tornozelos aos outros dois, e com um golpe de vara, o grande Senhor dos Lobos será esquartejado. Mas, antes disso, acredito que lhe abriremos o estômago e deixaremos que as vísceras fiquem expostas. E quando estiver devidamente esquartejado, faremos uma grande fogueira e assaremos o que restar de você.

Conar não se alterou. Tirou a espada, ainda protegendo Melisande a suas costas.

— Doces sonhos, Geoffrey. São apenas doces sonhos.

— Imbecil! — exclamou Geoffrey— Nem sequer a dois passos da morte lhe...

Mas se interrompeu. Do extremo esquerdo da clareira, onde se elevavam os restos da antiga muralha romana, Melisande ouviu movimento.

Voltou-se para onde provinha o ruído.

E o imenso prazer que a alagou a deixou sem fôlego.

Maravilhada.

Estavam ali. Era tão incrível que parecia um sonho.

Mas era real. Todos estavam ali, toda a família de Conar. Seu pai ocupava o centro de uma fileira de guerreiros que parecia estender-se na noite até o infinito. Flanqueavam-no e o seguiam seus homens, um grande número de guerreiros.

Chegavam a cavalo, montados em animais enormes que davam coices e sopravam jogando um bafo que a lua coloria de cinza. Usavam suas armaduras, e as cotas de malha e os capacetes resplandeciam sob a tênue luz.



Formavam um exército magnífico, invencível. Viu Olaf, Eric, Bryan, Bryce, Conan, e, ali, ao fundo... Mergwin! Não podia acreditar. Tinha que ser uma alucinação devido à bruma da noite e à luz da lua.

Avançaram para eles e, na verdade, eram imponentes. Seus enormes cavalos arrasaram os restos da muralha e abriram sulcos na terra com seus cascos ao lançar-se a galope sobre o inimigo.

Houve um momento de caos. Conar a manteve segura atrás dele, enquanto os guerreiros se aproximavam fazendo retumbar o chão.

— Tenho que tirar você daqui — murmurou.

— Não, não quero deixá-lo! Esta vez não demorarei em recuperar sua espada, juro. Posso esgrimir uma com destreza, embora não possa vencê-lo, posso...

— Melisande! Fique a salvo para que possa pensar com clareza, suplico-lhe isso. Por Deus, me obedeça por uma vez em sua vida! — Não parecia ter escolha, Então a empurrou bruscamente dando gritos e alguém lhe estendeu uma mão.

— Pai! — chamou Conar, e Melisande se encontrou olhando os olhos nórdicos do Olaf, azuis como o gelo, idênticos aos de seu marido. Umas mãos fortes a agarraram levantaram-na do chão e a afastaram do entrecostar das espadas e do estrondo de homens e bestas.

Alguém atacou por trás. O grande cavalo branco sobre cuja garupa estava montada empinou. O rei de Dubhlain baixou a espada sobre o inimigo e esporeou sua montaria, de forma que em poucos segundos estavam longe da refrega. Depois de percorrer uma distância prudente o cavalo se elevou sobre as patas traseiras, deixou-se cair no chão e se voltou para onde se travava a batalha. De onde estavam se podia ver perfeitamente. Os homens brigavam grosseiramente, noruegueses contra dinamarqueses. Mas também havia tropas francesas. O conde Odo estava ali! E Philippe e Gastón. Formavam um grupo impressionante, e superavam em número ao



inimigo. Todos estavam a cavalo, enquanto que só alguns dos mercenários de Geoffrey eram bons cavaleiros. Entretanto, os que tinham cavalos ou os tinham recebido de Geoffrey não tiveram tempo de chegar até eles.

O filho do assassino do conde Manon acreditou que seus dez homens bastariam para recuperar Melisande e capturar e eliminar Conar. Mas não foi assim. Melisande, montada no cavalo branco de seu sogro e protegida por sua força tranqüila, sentiu uma onda de prazer.

Sim, Conar tinha voltado para sua casa respondendo à chamada de sua família, mas esta noite...

— Melisande, você está bem? — perguntou Olaf ao notar seus tremores.

Ela se voltou para ele e olhou atentamente os traços fortes de seu sogro, seus lindos olhos. Assim seria Conar com o tempo, assim envelheceria. Com nobreza. Depois assentiu lentamente e mordendo o lábio inferior disse:

— Só estou dando graças a Deus... — Hesitou um instante, e acrescentou— pelos vikings de minha família. Olaf sorriu sob a viseira de ferro de seu capacete.

— Tudo está a ponto de acabar — disse suavemente.

Realmente, a batalha pareceu interromper-se de repente, não porque tivesse acabado realmente, mas sim porque os homens de Geoffrey se renderam. Então Melisande viu que os guerreiros tinham formado um círculo ao redor de Conar que enfrentava sozinho a seu inimigo.

Conar e Geoffrey, sem deixar de olhar-se, moviam-se lentamente dentro do círculo.

Os homens davam gritos.

Conar e Geoffrey...



— por que continuam lutando? — gritou Melisande alarmada. Estava assustada porque, embora Conar estivesse são e salvo, sabia que devia estar esgotado. Tinha lutado com muitos guerreiros. Tinha-a levado nos braços...

— Tem que acabar com isto — disse Olaf.

— Mas...

— É necessário — insistiu ele e depois ficou em silêncio.

Melisande não teve mais remédio que esperar e observar a briga através do véu de lágrimas que o medo tinha feito ir a seus olhos.



CAPÍTULO 22

Geoffrey atacou imediatamente com ferocidade. Conar parou o golpe. Geoffrey retrocedeu e se voltou para os homens que os rodeavam.

— Um campeão! Necessito um campeão. Você, Horik! — disse a um de seus homens— Jon traga-o Um guerreiro do mar contra outro! O vencedor leva tudo: a vida de Conar de Dubhlain, a mulher, a terra, a batalha. Tudo!

Melisande observou o homem que se chamava Horik. Era quase tão alto como Conar, mais pesado, mais fornido. O terror se apoderou dela.

— Não! — sussurrou.

Entretanto, surpreendeu-se quando Horik fez um gesto de negação com a cabeça agitando sua cabeleira loiro platino.

— Esta é sua briga, Geoffrey. É você quem deve travá-la. Você... E ele.

Geoffrey avançou cego de raiva dele.

— Paguei-te bem, canalha...

— Pagou-me para lutar contra homens, não

Para me pôr em seu lugar frente a este lobo norueguês.

— matou seus camaradas.

— veio por sua mulher. É sua briga.

Geoffrey olhou furioso aos homens que o rodeavam. De repente, Melisande o viu tirar uma adaga que levava no tornozelo.

— Conar! — gritou— Conar tem uma adaga!

Bem a tempo, porque o traiçoeiro Geoffrey acabava de voltar-se para o Conar para lhe lançar sua arma com destreza aos olhos.



O Senhor dos Lobos se agachou e a adaga passou lhe roçando a cabeça. Olhou seu inimigo e desembainhou a espada.

— Venha pegar-me, cão lobo! — impeliu-lhe com raiva Geoffrey, preparado para lutar, com sua arma desembainhada. Era muito hábil com a espada, mas não tinha comparação com Conar.

Melisande recordou como tinha lutado com ela, como a tinha obrigado a manter-se em constante movimento, e comprovou que estava fazendo exatamente o mesmo com o Geoffrey.

Parou tranquilamente todos seus golpes e atacou sem descanso, sem dar pausa a seu inimigo. Suas espadas se cruzaram e se chocaram com um estrondo metálico à luz da lua. Era tudo o que se ouvia, o espantoso chiado do metal contra o metal.

O círculo ia se abrindo cada vez mais. Conar deu um salto para trás para evitar o toco de uma árvore, e Geoffrey quase tropeçou com ele em sua ânsia de alcançar Conar e lançar um golpe mais.

Melisande percebeu que Conar estava perdendo forças.

— Por favor... — sussurrou dirigindo um suspiro de súplica a Deus... Ou aos deuses do Valhalla.

Os deuses guerreiros estavam com Conar, o grande Odin, o poderoso Tor. O Senhor dos Lobos levantou a espada e desfechou um golpe feroz. Geoffrey o parou, mas sua espada caiu. A de Conar descansou então em seu pescoço.

— Mate-o! — pediram os dinamarqueses que tinham sido aliados de Geoffrey, pois um chefe que tinha demonstrado sua debilidade não lhes inspirava piedade alguma.

Conar manteve a espada firmemente apertada no pescoço do traidor.

— Se voltar a olhá-la, Geoffrey Sur-le-Mont, o partirei em rodela como a um javali assado, o esquartejarei membro por membro e jogarei aos abutres.



Depois de dizer isto, dirigiu-se para onde estavam seu pai e sua esposa.

Melisande o encarou, esses imponentes olhos azuis que pareciam atravessá-la, e o coração lhe deu um tombo. Mas então viu com a extremidade do olho que Geoffrey se movia de novo. Agachou-se e tinha a mão na bainha presa em sua bota esquerda.

Levava uma segunda adaga! Uns segundos depois empunhava a arma.

Uma vez mais, Melisande previu o que aconteceria.

_Não! — gritou — Não!

Agora não, não depois de tudo o que tinha passado.

— Conar, tem outra adaga!

Ele se voltou rapidamente para Geoffrey ao mesmo tempo em que se agachava e tirava também uma adaga da bainha atada a seu tornozelo.

Em seguida, lançou-a à velocidade de um raio.

Geoffrey alcançou Conar, mas não lhe fez mais que um arranhão no ombro e no pescoço.

A adaga de Conar acertou o alvo: afundou-se limpamente no coração de seu atacante. Geoffrey o olhou só um instante, e depois desabou morto antes de chegar ao chão. Ficaram os olhos abertos, fixos em Conar até depois da morte.

Mas este não quis olhá-lo e se afastou sereno, do cadáver de seu inimigo. A batalha tinha acabado por essa noite. Os dinamarqueses partiriam sem Geoffrey para guiá-los. Alguns se somariam aos grupos que nesses tempos saqueavam a costa e aterrorizavam à população. Outros voltariam para suas casas. Mas de momento a batalha tinha acabado. Os homens de Conar tinham vencido. A linha irlandesa da casa de Vestfold tinha unido suas poderosas forças e deixado muitos cadáveres e feridos a sua passagem. Faziam estragos.

Odo também satisfeito pela vitória dessa noite.



Para Conar tinha chegado a hora de voltar para casa. Caminhou lentamente até a fileira de cavalos para dar a mão a seus irmãos em sinal de agradecimento. Só faltava Leith, porque alguém devia permanecer em casa. Eric tinha podido deixar Wessex sem perigo, porque a lei do rei Alfredo imperava de momento em suas terras.

Conar chegou até onde estava Mergwin e moveu a cabeça lentamente em um gesto de assombro.

— montou a cavalo para poder lutar! Mergwin encolheu os ombros.

— Tento ler seu futuro e o de seus filhos, jogo as runas, predigo grandes coisas. Uma vez feito isto, — disse com um profundo Suspiro — descubro que às vezes devo dar uma mão ao destino.

Conar sorriu lentamente.

Por fim se aproximou de seu pai. Melisande continuava sentada diante dele no grande cavalo branco.

— Parece que também aqui se acabaram os problemas — disse Olaf. Conar assentiu.

— E está livre.

O conde Odo se aproximou deles.

— Os problemas acabam de começar em nossas

Terras. Os dinamarqueses estão navegando nos rios e se dirigem a Paris, Rouen e Chartres. Nossa luta continua!

— Sim. — disse Conar suavemente— A luta continua.

Para ele continuaria. Eric voltaria para Wessex e seu pai, Conan, Bryan e Bryce retornariam ao Eire, porque sua luta tampouco acabava nunca. Mas essa noite a batalha tinha terminado.



— Obrigado — disse a seu pai. Melisande o olhava fixamente, com os olhos alagados em lágrimas, e Conar se perguntou se realmente tinha temido por ele. O alertando com seus gritos das trapaças de Geoffrey, tinha-lhe salvado a vida duas vezes esse dia. Estava muito bonita montada a cavalo diante de seu pai, apesar da sujeira do rosto e da capa puída que a cobria. O cabelo lhe caía sobre as costas como uma cascata azeviche, encaracolado, ondulante. A capa envolvia sua figura esbelta. Seus olhos, seus enormes olhos azul pálido, misteriosos e cativantes, seguiam lhe olhando.

— Acredito que tenho algo que lhe pertence — murmurou Olaf.

— É verdade — replicou Conar.

Deu um passo para eles e estendeu os braços para pegar Melisande. Teve o cuidado de mantê-la coberta com a capa enquanto a descia do cavalo e a depositava no chão, muito perto dele.

— Deus que marido! — murmurou Olaf— É este o melhor traje que pode você oferecer a sua mulher?

Conar sorriu lentamente e elevou a cabeça para olhar a seu pai.

— Não, pai, juro-te que normalmente a tenho vestida com mais elegância.

— Veremos. — disse Olaf— Aí está Tor. Se não for pedir demais, poderia montar de uma vez e nos escoltar até sua casa. Percorremos um longo caminho para chegar até aqui e foi uma noite dura. Esperamos ansiosamente uma amostra de sua hospitalidade.

— Sim, pai.

Eric, sorridente, aproximou-se de Tor e lhe estendeu as rédeas. Conar envolveu habilmente Melisande na capa e a subiu ao cavalo, e depois montou atrás dela de um salto.

Os dinamarqueses que ainda restavam presenciaram em silêncio sua marcha.



Melisande fechou os olhos e se apoiou no peito de Conar. O coração continuava pulsando com frenesi. Nunca tinha estado tão cansada.

Nem tão acordada...

Sentia-se esgotada, e, entretanto...

Tão cheia de vida. Voltavam para casa.

Juntos.

O trajeto de volta ao castelo era largo, mas não lhe importou. Estava perto dele e isso lhe bastava, bastava-lhe sentir os batimentos de seu coração, seu calor, seus braços fortes e seguros envolvendo-a.

— Então me matem vestida com elegância! — murmurou.

— Acaso não é verdade?

— Não, querido. Tenho mais a impressão de que te dedica a destroçar meu vestuário.

Conar lhe acariciou a orelha com os lábios ao falar.

— Então devemos dar graças a Deus de poder contar na fortaleza com boas costureiras.

Melisande se recostou em seu peito sorrindo. Cavalgaram em silêncio.

Ao fim chegaram à fortaleza.

Ela se surpreendeu gratamente ao encontrar nela Erin e Daria, que também tinham ido em sua ajuda.

Havia um enorme caos na casa. O salão estava abarrotado de gente desejosa de saber o que tinha ocorrido. Erin se apressou a lhes recordar que Melisande tinha passado muitas dificuldades essa noite, que já era quase de dia e que necessitaria sem dúvida um bom banho e um copo de vinho doce quente.

E talvez roupa mais adequada que a capa que a cobria.



Sua sogra a acompanhou ao dormitório onde a esperava Marie, que jogou sabão e azeites na água da banheira, estreitou-a entre seus braços e lhe disse quão contente estava de vê-la sã e salva. Erin ficou com ela, esquentou o vinho na lareira e lhe serviu uma taça.

Melisande se afundou na água quente e sorveu o líquido reanimador com deleite. Foi relaxando e lhe pareceu que com a água desaparecia parte do terror que lhe tinha produzido seu encontro com Geoffrey.

Geoffrey não voltaria a incomodá-los.

Erin estava de pé no outro extremo do quarto olhando atentamente a cota de malha estendida sobre o baú.

Pegou-a e a levou até os pés da cama.

— Tive uma cota muito parecida com esta. — disse olhou para Melisande com um sorriso nos lábios— De fato, ainda a tenho.

— Você? — perguntou Melisande surpreendida. Erin assentiu, levantou a cota, dobrou-a e voltou a deixá-la sobre o baú.

— Foi um presente? — perguntou Melisande. Erin negou com a cabeça.

— Estava resolvida a lutar contra os vikings. — disse — Então tive que me disfarçar.

Melisande se rodeou as pernas com os braços e apertou os joelhos contra seu peito.

— Lutou contra os vikings? — perguntou olhando-a fixamente.

— Lutei contra Olaf.

Melisande soltou um grito de surpresa. Erin rodeou a banheira e ensaboou a cabeça de Melisande. Esta tentou voltar-se para olhá-la, mas Erin lhe ordenou que ficasse quieta com o mesmo tom que teria usado quando Melisande chegou pela primeira vez a sua casa, de menina.



— Mas então...

— Mas então me encontrei casada com ele.

— Sim, mas...

— O que?

— São tão felizes! — exclamou Melisande.

Erin lhe deu uma batidinha na cabeça e ela se afundou na água para enxaguar o cabelo. Quando acabou, ficou olhando fixamente a sua sogra, que assentiu esboçando um sorriso.

— Sim, se pudesse conceder um desejo a qualquer jovem, seria que vivesse uma vida tão doce, rica e plena como a nossa. Tivemos nossas brigas. Os dois somos tão teimosos e obstinados, e Olaf tem um gênio temível. Igual a meus filhos... Mas, como Mergwin te dirá sem dúvida, os lobos são feras selvagens, pois quando escolheram uma presa, caçam-na com avidez e sem descanso. Entretanto, a maioria das vezes...

— Quando escolhem uma parceira, conservam-na por toda a vida. — completou Melisande— São extremamente leais, formam grupos muito unidos e se cuidam entre si de uma maneira estranha. — Elevou o olhar para Erin e esta voltou a lhe sorrir. Envolveu-lhe a cabeça com uma suave toalha de linho e lhe esfregou o cabelo, e ao acabar lhe deu um carinhoso beijo na bochecha.

— Estou muito contente de que um de meus lobos tenha você por companheira, Melisande. Não deixe que seus ferozes grunhidos a façam esquecer a criatura que se esconde atrás dessa máscara.

Quando Erin a deixou sozinha, Melisande saiu da banheira para secar-se. Vestiu um vestido macio e justo, pegou uma escova e se sentou diante do fogo para acabar de secar-se e pentear o cabelo. Estava arrumando-se quando ouviu que a porta se abria de novo, e se voltou para ver quem tinha entrado. Era Conar.



Estava apoiado na porta olhando-a fixamente. Ela ficou quieta. Conar atravessou o quarto e lhe pôs as mãos nos ombros um instante.

— Continue Melisande, eu adoro te olhar.

Tentou continuar, mas suas mãos tremiam e não queria que ele percebesse seu nervosismo. Conar estava apoiado no suporte da lareira. Tirou a cota e o capacete e usava apenas uma camisa de linho e calças justas. Tinha um aspecto imponente.

— Conar — murmurou Melisande.

— Sim?

Ela levantou a cabeça para olhá-lo e tentou conter as lágrimas que se amontoaram de repente em seus olhos.

— Quero te pedir perdão por ter voltado para casa. Não o fiz para te desafiar. Acreditei sinceramente que um dos dois devia estar aqui, porque os dinamarqueses estão atacando a França assim como acontece no Eire.

Conar se aproximou da cadeira em que estava sentada, apoiou um joelho no chão e lhe pegou as mãos entre as suas.

— Melisande...

— Estava equivocada.

— Sim, estava equivocada, e também eu. Estava furioso e me comportei como uma fera selvagem. Mas já não importa. Quando descobri sua ausência, senti um medo que nunca tinha experimentado antes. Ao imaginá-la nos braços de Geoffrey, a única coisa em que pensei foi despedaçá-lo com minhas próprias mãos, com os dentes...

Melisande moveu a cabeça. Tinha os olhos úmidos.

— Tive tanto medo de que não viesse me buscar! De que decidisse que, se Geoffrey tinha cometido o engano de me sequestrar, tanto pior para ele!

Conar riu suavemente.



— Não, Melisande, nunca pensei semelhante coisa. Mas agora que o diz...

Melisande levantou a escova e fez gesto de lhe dar um bom golpe. Conar a tirou das suas mãos ficou a suas costas e lhe penteou a cabeleira.

— Os irlandeses podem abandonar a suas esposas se o desejarem — lhe recordou Melisande.

— Significa isso que reconhece que tenho sangue irlandesa?

— Umas gotas.

Conar lançou um grunhido. Ela guardou silêncio deleitando-se com a doce sensação que lhe produziam suas mãos ao penteá-la.

— Conar, foram formidáveis! — disse de repente— Todos vieram para nos ajudar.

— É verdade.

— Seu pai é uma pessoa excepcional — disse voltando-se para olhá-lo.

— Sim.

— E sua mãe também.

— Também.

De novo se fez um silêncio. Melisande ouvia o crepitar do fogo e o som do pente sobre seu cabelo.

— Odo quer que vá com ele imediatamente, — disse Melisande— . Vencemos esta noite, Conar, mas não pode imaginar o que se aproxima. Estão chegando hordas de dinamarqueses, vão para Paris, invadiram os rios, as ilhas... Estamos em graves apuros.

— Sim, sei.

— Não quero que vá com o Odo.

— Terei que fazê-lo.

— E eu...



— E você se comportará como uma esposa obediente por uma vez em sua vida.

Melisande sentiu que lhe dava um tombo o coração.

— Voltará a me mandar para longe...

— Não, não se repararmos a muralha a minha inteira satisfação e a fortaleza volta a oferecer perfeitas condições para uma boa defesa. Não acredito que os dinamarqueses percam agora o tempo com uma posição tão difícil. Geoffrey não nos incomodará mais. — Guardou silêncio um momento e depois acrescentou— E meu filho tem que nascer aqui.

Melisande sentiu uma enorme alegria. Tremeram-lhe de novo as mãos. Entrelaçou os dedos e as manteve firmes em seu regaço.

— Mmm...! — murmurou Conar de repente.

— O que ocorre? Está pensando nas próximas batalhas?

— Não. — disse ele suavemente— É esta cabeleira de ébano, estava pensando em acariciá-la sobre minha pele nua e em olhar como nos envolve em um matagal de seda...

O coração lhe retumbou no peito. Respirou profundamente quando ele ficou frente a ela com um joelho apoiado no chão.

— Há alguma possibilidade de que esta doce visão se faça realidade? — perguntou esboçando um sorriso e olhando-a com seus olhos azuis e penetrantes, da cor do céu em um dia frio e ensolarado.

— Está perguntando? — murmurou.

Sorriu abertamente e encolheu os ombros.

— Sim, querida. Odiaria perder todas as minhas tendências vikings, mas, sim, neste momento, estou perguntando. — Sua voz se fez mais rouca— Você teve uma noite muito dura. Claro que, pensando bem, eu também. Imagine! Minha mãe está



preocupadíssima por você. Será que lhe importam as feridas que sofri para te resgatar? — ele deu um suspiro— Não há justiça no mundo.

— Eu poderia ter lhe dito isso faz muitos anos! — disse Melisande sorrindo.

— E bem?

Melisande se levantou lentamente e o ajudou a ficar em pé frente a ela.

— Banhada e perfumada — sussurrou e lhe roçou os lábios com um beijo. Caminhou até a lareira e com um movimento rápido desabotoou o vestido, que caiu a seus pés formando uma suave poça branca, depois deu um passo para Conar.

— Preciosa — murmurou ele.

— Estou ficando sem roupa.

— Que estranho!

— A camisa, Conar.

— Perdão?

— A camisa.

— Ah! — Despiu-a rapidamente e a deixou cair sobre o vestido.

— O resto.

— Como você quiser.

Em poucos segundos estava nu. Seus músculos reluziram com um brilho dourado à luz do fogo. Ela percorreu seu corpo atentamente com o olhar e se deteve um instante em sua virilha. Custou-lhe um esforço elevar a vista com calma para olhá-lo nos olhos.

Tinha os braços cruzados sobre o peito, e a olhava arrogante com intenso interesse.

— E agora?



Melisande se aproximou dele. Quando Conar ia abraçá-la, esquivou-o e se colocou atrás dele, percorreu suas costas com as mãos e acariciou delicadamente com os lábios velhas feridas e cicatrizes.

— Banhada e perfumada. — repetiu, ficou nas pontas dos pés, beijou-lhe o pescoço, lambeu-lhe sensualmente o lóbulo da orelha— Preparada e disposta...

Deslizou as mãos em um suave movimento ascendente sobre os músculos duros de suas nádegas, colou-se a seu corpo, lhe esfregando sensualmente as costas com os mamilos e lhe fazendo cócegas sem piedade com seu negro pêlo púbico. Em seguida ficou frente a ele e lhe passou os braços pelo pescoço.

— Preparada, disposta... Ávida, ofegante, impaciente... — disse quando seus lábios estavam a apenas alguns milímetros dos de Conar.

Suas bocas se fundiram em um beijo úmido, ardente, apaixonado. Melisande se sentiu eufórica e sem forças ao mesmo tempo quando ele a levantou nos braços. Olharam-se fixamente enquanto a levava para a cama, estendia-a no leito e se deitava sobre ela.

— Agonizante — murmurou— suplicante...

O beijo de Conar a impediu de seguir. Entrelaçou seus dedos com os dela e lhe prendeu os braços na cama, por cima da cabeça. Seu corpo pareceu fundir-se com o de Melisande. Depois suas mãos grandes e firmes a acariciaram acendendo sua pele onde tocavam. Pôs a mão no triângulo aveludado de seu púbis, deslizou os dedos em seu interior, separou os lábios e a acariciou. Melisande gemeu e se retorceu enquanto pronunciava seu nome apaixonadamente.

Beijou-a de novo na boca, e em seguida se ergueu.

— Nenhum homem em seu juízo perfeito, irlandês ou viking, abandonaria jamais a uma esposa como você! — assegurou acalorado.



Melisande o olhou e pôs-se a rir ao ver o sorriso zombador que curvava seus lábios.

Mas sua risada se interrompeu, sua respiração se deteve, porque ele a estava penetrando, brusca e profundamente. Melisande inspirou profundamente, estremeceu-se e tremeu ao senti-lo dentro dela. Conar começou a mover-se e seus movimentos foram fazendo-se progressivamente mais violentos, arrastando-a com o ritmo de suas investidas. Ela se agarrou a ele com todas suas forças, enquanto ele a levantava pelas nádegas, amassando-as com suas mãos, excitando-a cada vez mais. Conar apanhou um mamilo entre seus lábios e deslizou uma mão até seu sei, que acariciou sem deixar de mover-se.

Sentiu-se transportada por uma onda de prazer, doce e demolidora. Abraçou-se a ele e apertou o rosto em seu ombro mordendo ligeiramente a pele. Seus lábios deixaram escapar um suave gemido no preciso instante em que ele, com o corpo rígido e ligeiramente erguido, penetrou nela com tal violência que lhe pareceu que formavam um só corpo, enquanto o mercúrio líquido de Conar, quente e doce, entrava nela.

Ele se estendeu a seu lado e, segundos depois, Melisande sentiu a carícia suave e terna de seus dedos em seu braço.

— Poderia me repetir essas palavras? — murmurou ele— Ávida, ofegante, impaciente... E tudo isso o diz a mesma adorável harpia que me detestava faz menos de vinte e quatro horas.

— Não tente a sorte, viking — advertiu ela suavemente.

— Ah! Reconheço-te de novo.

Ela se voltou e se ergueu apoiando-se nos braços para encará-lo.

— De verdade, Conar, peço-te perdão por muitas coisas.



— De verdade, Melisande, — disse ele lhe acariciando o braço— não é necessário. Não te amaria tanto se não fosse tão harpia!

Melisande lançou um grito abafado, baixou os olhos um instante e logo voltou olhá-lo.

— Me... Ama-me?

— Só um cego não se teria dado conta — replicou Conar solenemente.

— Nada disso! Poderia ter enganado ao mais perspicaz dos homens... E das mulheres!

— Você acha? — perguntou ele com ironia cruzando as mãos debaixo da cabeça para estudar seu rosto— Pode ser que tenha razão...

— O certo é que nunca tinha pronunciado essas palavras antes. A estas alturas, já deve saber que às vezes necessito que me repitam as coisas!

Conar se ergueu e a deitou- sobre seu regaço.

— Amo você, Melisande. — disse afastando as longas mechas negras e úmidas que lhe cobriam o rosto— Com toda a alma. Acreditei que se a perdesse só ansiaria morrer, chegar ao doce porto do paraíso cristão ou às portas do Valhalla. Não sei bem quando comecei a te amar, porque sempre foste tão selvagem, independente, hostil... E tão desobediente! Aliás, sempre percebi em você sua doce valentia, seu ânimo indomável, sua beleza sensual que me arrastava, seduzia-me, cativava meu coração. Amo você. Ouviu-me agora?

— Sim — sussurrou ela lhe acariciando a bochecha, as linhas duras e formosas de seu rosto— Te ouvi.

— E você, condessa?

— Amo você! — murmurou.

— Assim simplesmente? Depois da declaração que acabo de fazer?



Melisande sorriu um sorriso breve primeiro, que se transformou depois em uma expressão de uma vez doce e travessa.

— Não, não tão simples — exclamou. Empurrou-lhe sobre o travesseiro e lhe beijou suavemente os lábios, o pescoço, os dedos, o peito... — . Amo você... — Suspirou profundamente— . Preciso de você, necessito sua presença, seu corpo, adoro você...

Conar a interrompeu com um grito de júbilo e a estreitou entre seus braços.

Tinha amanhecido e eles seguiam repetindo aquelas doces palavras. Dia, noite; nada importava, porque ali, neste quarto e neste momento, estavam abraçados.

E se amavam.

EPÍLOGO

Outono do ano 887

Os dias foram fazendo-se mais frios. Ao entardecer, o ar se tornava frio e seco, e a água do riacho estava realmente gélida. Para Melisande não parecia importar. Adorava sentir a água gelada nos pés, porque agora sempre lhe doíam.

Recostou-se na árvore cujas raízes velhas e retorcidas avançavam até o rio e elevou a vista para os ramos inclinados. As folhas estavam lindas. O sol mortiço lhes arrancava reflexos de fogo e cores radiantes, laranjas e dourados, amarelos e vermelhos. Logo começariam a cair, com a chegada do inverno, morreriam com o ano que acabava. E que ano!

Os dinamarqueses tinham levado a cabo uma invasão sem precedentes com a chegada do verão. Vieram aos milhares; segundo alguns, congregaram um exército de trinta mil guerreiros, embora suas hostes se multiplicassem com a adesão de mercenários: suecos, noruegueses, qualquer que quisesse unir-se a eles. Alagaram os rios com seus navios, subiram o Sena e sitiaram Paris.

A fortaleza tinha sido atacada em três ocasiões, mas em todas elas seus homens repeliram o ataque rapidamente vertendo azeite fervendo e lançando flechas das muralhas.

Melisande dirigia a defesa do castelo junto com seu cunhado Bryce, que era para ela como um irmão e tinha demonstrado uma lealdade absoluta a Conar. Tinha decidido ficar com ela, constituindo-se espontaneamente em seu defensor quando Conar tinha que abandonar a fortaleza. Seu marido tinha organizado



cuidadosamente suas defesas, tinha ensinado a Melisande como as utilizar e lhe tinha dado todo o assessoramento necessário, insistindo na importância de todas e cada uma de suas ações. Mas ele não tinha estado presente durante nenhum dos ataques dos dinamarqueses, porque tinha partido com Odo, e tinha feito bem.

O rei Luis não estava na capital quando começou o ataque. Os vikings tinham devastado Rouen e em seguida se dirigiram a Paris. Ali, o conde Odo, o bispo Joscelyn, Conar e, no máximo, outros duzentos nobres tinham defendido a cidade do ataque de setecentos navios vikings com suas correspondentes tripulações. Paris ardeu em chamas, e grandes nuvens laranja se elevaram para o céu, mas os defensores resistiram. Os dinamarqueses saquearam grande parte da campina com o passar do ano que durou o assédio, mas o conde Odo e seus homens repeliram todos e cada um dos ataques à cidade. Embora a guerra parecesse interminável, Conar deu um jeito de voltar para casa. Cada uma de suas visitas foi uma ocasião de felicidade e júbilo para Melisande. Apesar do passar do tempo, descobriu que ainda lhe acelerava o coração quando o via chegar a cavalo ao castelo; o suave fogo de Odin parecia correr por suas pernas e teria dado a vida para estar entre seus braços.

Conar sempre encontrou a forma de retornar a seu lado quando sua presença era realmente importante. Esteve ali no final do outono do ano 885, quando nasceu seu filho, e foi ele quem insistiu em que se chamasse Manon, como seu avô, Manon Robert. Entretanto, por alguma razão, todos começaram logo a chamá-lo de Robbie.

Seu filho era tudo o que Melisande tinha desejado que fosse tudo o que Conar teria pedido que fosse.

Tinha os olhos azul céu e o cabelo dourado como o sol, com tons quentes e intensos. Foi desde o começo um menino grande, robusto e cheio de vida, e a força de seu pranto foi motivo de júbilo e risadas no castelo. Conar esteve ali durante as longas horas que durou o parto, embaixo, no salão, bebendo com seu pai, porque



Erin, Olaf e Daria combinaram para estar presente quando chegasse a hora, assim como Mergwin. Em meio de um caos absoluto, conseguiram que reinasse a paz. Conar tinha decidido que queria estar ao lado de Melisande no momento em que o bebê nascesse, apesar de que ela tentou expulsá-lo lhe dirigindo todos os insultos que vieram a sua mente, enquanto Erin lhe assegurava que nesse momento estava autorizada a insultá-lo quanto quisesse, porque tudo ficaria esquecido e perdoado imediatamente.

Melisande o chamou de muitas, muitas coisas. Conar se limitou a assentir, aceitando tudo, e segurou a mão dela entre as suas enquanto ela as apertava com todas as suas forças. Esteve com ela enquanto gritou e lutou e inclusive enquanto lhe dizia que devia ir-se e deixá-la.

E lhe sorriu enquanto lhe recordava que nunca, nunca a deixaria.

Ao seu devido tempo, enquanto Conar continuava a seu lado, o bebê nasceu.

Nesse momento Melisande perdoou todos os sofrimentos do mundo; tudo se tornou mais doce, mais formoso quando Robbie entrou em sua vida. Toda a família o adorava, e a pobre Marie do Tresse se queixava de que nunca conseguia pegá-lo braços.

Conar adorava ao pequeno. Os momentos de maior felicidade foram aqueles preciosos instantes em que, estendidos na cama com o bebê, Conar e ela se maravilhavam observando os dedinhos de suas mãos e seus pés e teciam seus próprios sonhos sobre seu futuro.

Às vezes Melisande se sentia culpada de ser tão feliz quando tanta gente em todo o país estava sofrendo. Seu lar era um lugar maravilhoso, onde Ragwald e Mergwin passavam as horas discutindo sobre o céu e as estrelas e falando de química, de medicina e do futuro. Todos gostavam de Robbie e a casa estava cheia de



vida e de calor. Nem sequer Melisande recordava ter vivido ali uma alegria semelhante.

Oxalá seu pai tivesse podido ver sua fortaleza agora!

Contudo, o terror que assolava a França às vezes irrompia em suas vidas, e Conar devia abandonar o castelo. Mas no final do ano 886 Luis o Gordo conseguiu retornar a Paris, e embora Odo lhe pedisse que se mostrasse firme, o rei comprou a retirada dos vikings em troca de promessas. Os dinamarqueses abandonaram o lugar e seguiram assolando o resto do país.

O conde Odo foi aclamado por suas ações, assim como Conar, que deixou de ser um príncipe estrangeiro para converter-se em um dos nobres franceses mais queridos, conhecido em todo o país como o Senhor dos Lobos. Odo lhe concedeu novas terras. Embora os dinamarqueses seguissem lhes acoassando, suas forças estavam desorganizadas, e conhecendo a resistência da fortaleza, mantiveram-se a distância.

Erin e Olaf não ficaram muito tempo com Melisande depois do nascimento de Robbie, mas nesse momento se achavam de novo na fortaleza.

Olaf estava cavalgando com seu neto, um menininho de quase dois anos já. Melisande sabia que não estavam longe. Ainda agora não se atrevia a afastar-se muito de casa a menos que alguém estivesse perto dela. Conar fora há vários dias, mantendo importantes conversas com Odo e outros nobres, e Melisande tinha saudades e ansiava sua volta. Seu sogro, que sabia o muito que gostava de estar junto ao riacho e que, com a chegada do inverno, demoraria em poder fazer excursões até ele, tinha decidido acompanhá-la com Robbie até ali. Levaram pão e queijo e odres com leite de cabra e vinho para um lanche sob as árvores.



Mas como Olaf e seu filho foram cavalgar deixando-a sozinha, podia desfrutar da contemplação dos ramos, refrescar os pés, dormitar e sonhar sob o soberbo desdobramento de cores.

Gostava de sua vida junto ao Conar. Era uma vida plena, apesar das tormentas que às vezes explodiam entre os dois, e talvez graças a elas, porque seus sentimentos, suas cóleras, seus desacordos, e também seu amor, eram sempre profundos.

Melisande acreditou ouvir um ligeiro ruído e levantou o olhar.

Ali estava ele. Havia voltado.

O Conar que ela conhecia tão bem, montado tão cômoda e habilmente em seu cavalo negro, com sua cota de malha e com seus largos ombros cobertos por uma capa de um vermelho muito vivo. Ainda usava o elmo, porque corriam ainda tempos perigosos para viajar, e a olhava com seus brilhantes olhos azul céu, que lançavam raios pelas aberturas da viseira do elmo. Parecia tão indomável, um autêntico guerreiro!

Um viking. Loiro como o ouro, alto, impressionante, irresistível. Como sempre, bastava vê-lo para sentir-se alagada pela felicidade.

— Conar! — exclamou tentando levantar-se para aproximar-se dele.

— Espere Melisande! — ordenou ele. Desmontou com agilidade do cavalo e lançou o elmo descuidadamente ao chão enquanto se aproximava dela. Ajudou-a a ficar em pé quando ela cambaleou, porque perdia muito freqüentemente o equilíbrio ultimamente, faltava pouco para que completasse os nove meses de sua segunda gravidez.

— Posso me levantar sozinha — disse.

— É tão teimosa como sempre. Estou aqui para te ajudar. Deixe-me fazê-lo.



Apesar de seu volume e de seu peso, Conar a levantou nos braços rapidamente. Depois se sentou no tronco de uma árvore e a balançou em seu regaço.

— Está bom assim?

— Conar! — Segurou-lhe o rosto entre as mãos com doçura e o beijou nos lábios, lenta e pausadamente, tremendo ao sentir seu calor, seus vivos carícias uma vez mais. Quando Melisande afastou os lábios, ele suspirou suavemente e seus olhos cintilaram enquanto lhe acariciava a enorme curva de seu ventre.

— Ai de mim! Tenha piedade de um marido que está há muito tempo ausente... Mas que vai ser pai de novo dentro de muito pouco.

— Estupendo! Agora se zanga porque estou contente de vê-lo — disse ela fazendo uma careta.

— Jamais! — exclamou ele. Sua voz adquiriu então um tom mais grave— Como te encontra?

— Muito bem — respondeu Melisande sorrindo enquanto se estirava com satisfação em seus braços— E Rubem?

— Acabo de vê-lo com meu pai. Os dois estão bem. Comprovei-o com meus próprios olhos.

Melisande sorriu de novo, mas logo ficou seria.

— E o que passa com nosso mundo, Conar? Como vão as coisas?

— Os nobres estão decididos a destronar ao Luis. — disse ele com um suspiro— Como se pode seguir defendendo a semelhante rei? Lutamos corajosamente por sua causa e, entretanto, ele nos desautoriza constantemente.

Melisande lhe acariciou a face. Sabia que continuava muito magoado pelo que tinha ocorrido em Paris.

— O que ocorrerá então?

— O império de Carlos Magno se desmembrará.



— Estudou seu rosto um instante e depois acrescentou — Odo será rei dos franceses ocidentais, e nós seguiremos lhe sendo leais.

— Isso deveria te fazer feliz.

— Sim, agrada-me. — Guardou silêncio um momento— Nos deram as terras de Geoffrey, e nos outorgaram ainda mais propriedades no leste. Fica feliz com isso?

— Sim e não. — respondeu Melisande estremecendo-se— Nada que tenha haver com Geoffrey me produz grande prazer.

— Sim, entendo o que sente — disse Conar dando de ombros— . Mas também há outra forma de fazê-lo.

— Ah, sim? — perguntou Melisande com curiosidade.

Conar sorriu enquanto lhe acariciava o lábio com um dedo.

— Se não tivesse sido pela traidora determinação de Gerald de te ter, para ele ou para seu filho, eu nunca me teria casado com aquela formosa menina. E se Geoffrey não tivesse decidido te raptar aquela noite, eu nunca teria acreditado que minha hostil e desobediente esposa, minha muito bela esposa, convertida já em uma mulher, poderia me amar.

— Sabia que o amava antes de lhe dizer — Melisande disse.

— É que você já havia dito. Diante de Geoffrey, não te lembra? Queria me esquartejar e jogar meus restos aos abutres, e você se lançou diante de mim e lhe disse que nunca poderia acabar com seu amor.

— Ah! E você me afastou e voltou a me colocar a suas costas.

— Sim, mas essas palavras estavam gravadas a fogo em meu coração — lhe assegurou. Encarou-o e não pôde evitar sorrir uma vez mais, beijá-lo, ávida de seus lábios, de qualquer contato.



Era tão doce! Cada vez que a beijava, Melisande sentia que felicidade a inundava, como uma tempestade, uma estranha agitação. Sentia que o sangue fervia que o estômago dava um nó.

Separou-se dele, pois nesse instante entendeu angustiada que o nó que sentia no estômago não se devia aos beijos de Conar.

— Conar...

— Sim?

— Nada, nada. Tudo bem.

Voltou a beijá-lo, mas o nó se estreitou cada vez mais violentamente. Ficou sem respiração e afastou seus lábios dos dele.

— Minha querida esposa! — sussurrou Conar— Seus beijos também têm um doce efeito em mim.

— Conar...

— Sim?

— Não são seus beijos.

— Ah, não?

Umedeceu os lábios e sorriu.

— Não são seus beijos, mas sim seu efeito, assegurou-lhe isso.

— O que acontece?

— O bebê! — sussurrou.

Conar ficou em pé de um salto e a levou nos braços em grandes passadas até Tor.

— Não há tanta pressa. Ainda pode demorar muito.

— Este é o segundo, assim também é possível que não tarde muito.

— Não é o segundo, Conar. Mergwin me disse que será uma menina.



— Então será a segunda, e pode que não tarde em nascer — disse frenético enquanto montava rapidamente atrás dela.

Poucos minutos depois estavam de volta a fortaleza. E Melisande descobriu com incredulidade, e com certa irritação, que Conar tinha razão, pois sua filha em poucas horas veio ao mundo, e não lhe deu tempo de insultar a seu marido tanto como a vez anterior.

A menina era tão bonita quanto seu irmão. Não era nem morena, nem loira, nasceu com uma abundante e chamejante cabeleira ruiva, e seus olhos eram azuis como um céu do verão, talvez mais profundos ainda.

— Violeta — disse Conar após examinar atentamente à menina. Sentou-se na borda da cama e estudou suas feições enquanto sua mulher descansava com a pequena em braços.

Melisande estava tão docemente esgotada que adormeceu. Erin pegou a menina. Melisande sentiu entre sonhos que Conar se erguia, mas ela reteve sua mão.

— Não, não me deixe — sussurrou.

Ele se recostou na cabeceira e a atraiu para si aconchegando-a em seu regaço.

E Melisande ouviu de novo seu tenro murmúrio.

— Não, Melisande, nunca a deixarei. Ela sorriu e fechou os olhos, exausta, mas feliz. Porque sabia que era verdade.

Viking, irlandês, verdugo, demônio, amigo, guerreiro, protetor.

Marido.

Amante.

Nunca a deixaria.

E ela o amaria sempre, porque era seu Senhor dos Lobos. Amá-lo-ia toda a vida, toda a eternidade.



O tempo lhes pertencia. A vida lhes pertencia. E sobretudo, o amor lhes pertencia, para sempre. Repassou mentalmente com profundo assombro os anos anteriores. Custava-lhe acreditar como tinha lutado contra ele, como o tinha odiado... Ou melhor, como tinha tentado odiá-lo.

Tinha amado e tinha tido medo desse amor.

Mas tinham percorrido um longo caminho! Tinham pagado com juro a felicidade que agora compartilhavam. E compartilhavam tantas coisas! Tinham um ao outro, tinham Robbie... E essa pequena agora.

Perguntou-se o que teria a lhes contar Mergwin sobre sua filha recém-nascida, sobre o futuro que lhes esperava.

Sentindo-se segura nos braços de seu marido, Melisande sorriu e finalmente acabou por dormir.

E começou a sonhar. Sonhos doces, muito doces.

FI M

